Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Ciências Humanas e Naturais
Departamento de Ciências Sociais
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais

Iljorvanio Silva Ribeiro

Entre o *Òrun* e o *Àiyé*: Relação Candomblé e Política na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES

Prof. Dr. Sandro José da Silva
Orientador

Vitória/ES
Dezembro de 2016

Iljorvanio Silva Ribeiro

Entre o *Òrun* e o *Àiyé*: Relação Candomblé e Política na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Sandro José da Silva

Vitória/ES

Dezembro de 2016

Iljorvanio Silva Ribeiro

Entre o *Òrun* e o *Àiyé*: Relação Candomblé e Política na Região Metropolitana da Grande Vitória - ES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em ___/___/____.

Comissão examinadora

_____
Prof. Dr. Sandro José da Silva.
Universidade Federal do Espírito Santo.
Orientador

_____
Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira
Universidade Federal do Espírito Santo.
Membro titular.

_____
Prof. Dr. Alexsandro Rodrigues.
Professor do Departamento de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo/ Docente do PPGP-UFES.

_____
Prof. Dr. Diogo Bonadiman Goltara.
Aluno do Programa de Pós Doutorado da Universidade de Brasília / Docente colaborador do PPGCSO-UFES.

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Anajete Coelho Pinto – Sujeito da pesquisa

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Sandro Cabral Silva – Sujeito da pesquisa

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Carlos Henrique Januário – Sujeito da pesquisa

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Marcos – Sujeito da pesquisa

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Adriana da Silva – Sujeito da pesquisa

UFES

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO

Eu _____, CPF nº: _____, RG nº: _____, depois de conversar e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisador ILJORVANIO SILVA RIBEIRO, aluno do curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), a utilizar em sua dissertação de mestrado intitulada "ENTRE O ÒRUN E O ÀIYÉ - FILHOS DE DOIS MUNDOS: RELAÇÃO CANDOMBLÉ E POLÍTICA NA REGIÃO METROPOLITANA DE VITÓRIA-ES", as fotos que se façam necessárias e/ou a colher depoimentos sem qualquer ônus financeiro a nenhuma parte.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências) em favor do pesquisador acima especificado, obedecendo ao que está previsto nas leis que resguardam os direitos das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei nº: 8.069/1990), dos idosos (Estatuto dos Idosos, Lei nº: 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto nº: 5.296/2004).

Vitória, _____ de _____ de 2016.

_____

Jamba Hoxirenã – Sujeito da pesquisa

Dedicatória

Às multidões do passado, presente e do futuro que possam se sentir contempladas com esta dissertação.

"Se quer ir rápido, vá sozinho. Mas se quer ir longe, vá acompanhado”. (Provérbio africano).

Agradecimentos

Produto de um longo e profícuo devir esta dissertação de mestrado veio selar o meu compromisso com as Comunidades Tradicionais de Terreiro da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV), na condição primeira de membro do *Asè* e depois como futuro pesquisador da Temática das Religiões de Matrizes Africanas, em agradecimento aos ancestrais e demais divindades do universo litúrgico do Terreiro que através de suas intervenções em minha vida me permitiram que eu acessasse a universidade pública e produzisse esta pesquisa.

Gostaria de agradecer também aos muitos *pais*, *mães* e *irmãos-de-santo,* pessoas como eu que compartilham a energia que traz a presença dos *Orixás*, *Nkises* e *Voduns* em suas vidas fazendo-se dela a força propulsora para alcançar nossos sonhos, mesmo que estes a princípio nos possam parecer impossíveis de serem atingidos.

A *Mãe Anajete de Nzaze* por sua valiosa contribuição para a pesquisa, pois desde que a conheci no ano de 2014, em uma festa realizada no seu Terreiro, serviu-me de exemplo de força e determinação me impulsionando sempre a seguir adiante não importando os desafios que devemos enfrentar em nossa caminhada.

Ao *Pai Sandro de Jagun* que em sua simplicidade e parcimônia me ensinou a traçar planos com clareza e aguardar o momento certo de agir para que a minha energia fosse canalizada deveras no objetivo programado e assim evitando tropeços.

Ao *Pai Carlão de Oyá* que pôde me ensinar através de sua própria trajetória de vida o sentido da persistência e da confiança na transformação que só o tempo proporciona em nossas vidas.

Gostaria de deixar registrado os meus profundos agradecimentos aos professores e amigos da UFES que em todos os momentos de minha trajetória na Academia se colocaram ao meu lado colaborando efetivamente com minha formação assim como de outros estudantes. Entre eles destaco o meu orientador Sandro José da Silva que desde que o conheci antes mesmo da aprovação no mestrado, sempre acreditou em minha proposta de estudar o

Candomblé e não mediu esforços e nem exigências para a realização de uma pesquisa de qualidade.

Ao professor Osvaldo Martins de Oliveira que em 2007, momento que o conheci durante uma palestra ministrada no auditório do prédio de desenho industrial, e depois em 2010, no nosso reencontro no grupo de estudos Território Étnico que coordena, sempre me serviu de espelho de dedicação e responsabilidade com o estudo e com as comunidades pesquisadas.

Ao professor Alexsandro Rodrigues quem eu conheci em 2009 e pude acompanhar de perto o trabalho excepcional de fomento que desenvolve na universidade junto a grupos de pesquisa e extensão como o ARAKORIN entre outros.

À professora Cleyde Amorim que somando esforços com os anteriores contribuiu para uma nova dinâmica de apoio aos estudos das Religiões Afro-brasileiras na RMGV que se iniciou durante o período que assumiu a coordenação do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros (NEAB-UFES) perseverando, entre outras ações, através do Projeto Africanidades que coordena atualmente.

Ao professor Diogo Bonadiman Goltara que apesar de conhecê-lo mais recentemente, em relação aos demais, aceitou prontamente meu pedido de participar da banca de mestrado contribuindo sobremaneira com sugestões e críticas valiosas para a realização deste trabalho de pesquisa.

Ao meu grande amigo e companheiro no curso de Pós-Graduação João Marcos, quem eu tive a honra de conhecer em 2013 no Colégio Estadual em Vitória e dividir esforços na preparação para o mestrado. Amigo incondicional que em todos dos momentos pôde se colocar ao meu lado para apoiar e incentivar a minha pesquisa.

A Kaio, Laís e Gustavo, em nome de toda a equipe do Projeto Releitores que, mesmo sobre interferência de adversidades acometidas à população da cidade de Vitória, como recesso na Universidade, paralizações do transporte público e greve da Polícia Militar, agiram com grande ética, disponibilizando tempo e dedicação para a conclusão da correção desta dissertação.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão de bolsa durante grande parte do período de

realização do mestrado, pois sem o recurso não seria possível a realização desta pesquisa.

À minha família e filhos que dividiram comigo as alegrias e as tristezas advindas do curso de Pós-Graduação. Sobretudo a minha esposa Lucia Cândida que teve a paciência devida para suportar minha falta de companheirismo e que comigo pôde acreditar no sonho de realização do mestrado.

Enfim, sou eternamente grato a todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização fazendo esta produção uma obra coletiva que visa constituir-se como porta voz das multidões que são invisibilizadas socialmente devido sua pertença étnica e/ou religiosa.

Jogo de búzios
11 abertos e 5 fechados
Responde os Orixás Exu, Ogum e Oyá.

“Não se deixe abater diante de qualquer dificuldade. Vá à luta por seus ideais. Não espere as coisas acontecerem; faça com que aconteçam. As mudanças que deseja têm que vir de dentro para fora”.

Resumo

A dissertação se filia à temática da Antropologia das populações Afro-brasileiras e tem como problema de pesquisa os processos de interação social que levaram três sacerdotes do Candomblé a ingressarem no campo político partidário. Por meio de uma etnografia, descreveu-se a relação entre as biografias, os diferentes capitais políticos e religiosos e como esta junção favoreceu visões distintas do fazer político no espaço público. Apesar da imagem comum de um Estado Laico, nota-se o crescente interesse em promover as especificidades religiosas no espaço público e a construção de uma agenda cujo espaço político partidário é objeto crescente de disputas.

Palavras-Chaves: Candomblé, Religião, Memória, Lideranças, Atuação Política.

Abstract

The dissertation is concern on the Anthropology of the Afro-Brazilian populations, and focus on the processes of social interaction that led three priests of candomblé to contest municipal elections. Through a etnhographic point of view, it was described as a relation between the biographies, the different political and religious capitals and how this designation favored the visions of the political doing in the public space. Despite the common image of a secular State, there is a increase interest in promoting religious specificities in the public arena, and building a political party agenda is a growing subject of disputes.

Keywords: Candomblé, Religion, Memory, Leadership, Political Action.

Tabelas

Tabela 1 – Hierarquia segundo a *Tradição Yoruba* presente nos Terreiros de Candomblé das Nações *Ketu* e *Efon* 58

Tabela 2 - Atribuições dos grupos de pessoas que integram o Terreiro de Candomblé segundo a *lei-do-santo*..... 59

Tabela 3 - Organização do Candomblé na RMGV segundo as Nações 66

Tabela 4 - A percepção de Pai Sandro de Jagun sobre sua membresia 70

Tabela 5 - A percepção de Pai Carlão de *Oyá* sobre sua membresia..... 70

Tabela 6 - A percepção de Mãe Anajete de Nzaze sobre sua membresia..... 71

Tabela 7 - Calendário de festas do *Nzo Nguzu Nganga Kilumino Nkise Nzaze* do ano de 2015 83

Tabela 8 - Principais fatos ocorridos na trajetória religiosa de Mãe Anajete 91

Tabela 9 - Genealogia de Anajete Coelho 92

Tabela 10 - Genealogia atual de Mãe Anajete no Candomblé Angola..... 93

Tabela 11 - Calendário de festas do *Ibase Omó Jagun* no ano de 2015 95

Tabela 12 - Principais fatos ocorridos na trajetória religiosa de Pai Sandro .. 102

Tabela 13 - Genealogia consanguínea de Pai Sandro..... 103

Tabela 14 - Genealogia atual de Pai Sandro nas RMAs na RMGV 104

Tabela 15 - Calendário de festas do *Ilé Ónminira Ase Ósumaré* no ano de-2015 107

Tabela 16 - Principais fatos ocorridos na trajetória de Pai Carlão no Candomblé 114

Tabela 17 - Genealogia consanguínea de Pai Carlão..... 115

Tabela 18 - Genealogia atual de Pai Carlão no Candomblé na RMGV..... 116

Tabela 19 - Situação atual das organizações que congregam os membros dos Terreiros na RMGV, cujas datas de fundação antecedem o ano de 1990 137

Tabela 20 - Organizações que congregam os membros dos Terreiros na RMGV, cujas datas de fundação são posteriores ao ano de 1990..... 139

Tabela 21 - Relação dos delegados do Espírito Santo convocados para participar da III CONAPIR que ocorreu em Brasília no ano de 2013..... 161

Tabela 22 - Distribuição dos Terreiros associados ao FOMAC em 2014, de acordo com a modalidade de culto e Nação do Candomblé 162

Tabela 23 - Organização por atribuição dos cargos e filiação religiosa dos membros de Terreiro associados ao FOMAC em 2014 167

Abreviações e Siglas

AFROBRAS: Federação das Religiões Afro-Brasileiras.

AIDS: Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

ALES: Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo.

APAE: Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

CAD-ÚNICO: Cadastro Único.

CEP: Código de Endereçamento Postal.

CEPCT: Comissão de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidade Tradicionais do Espírito Santo.

CESAN: Companhia Espírito-santense de Saneamento.

CMAs: Comunidades de Matrizes Africanas.

CNPCT: Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

CNPJ: Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

COMDIM: Conselho Municipal dos Direitos da Mulher.

COMEC: Conselho Municipal de Educação de Cariacica.

CONAPIR: Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial.

CONEGRO: Conselho Municipal do Negro.

CONEN: Coordenação Nacional das Entidades Negras.

CONSEA: Conselho Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional.

CONSERMAES: Conselho Sacerdotal de Religiões de Matriz Africana e Ameríndia do Estado do Espírito Santo.

CRAS: Centro de Referência de Assistência Social.

CTTs: Comunidades Tradicionais de Terreiro.

DOPS: Departamento da Ordem Social e Política.

ECO: Escola de Comunicação.

FEB: Federação Espírita do Brasil.

FEEES: Federação Espirita do Estado do Espírito Santo.

FESCEAB: Federação Espiritossantense de Cultos e Entidades Afro-Brasileiras do Espírito Santo.

FOMAC: Fórum de Matrizes Africanas de Cariacica.

FONSANPOTMA: Fórum Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana.

GEPPIR: Gerência de Políticas de Promoção e Igualdade Racial.

HIV: Vírus da imunodeficiência humana.

IDEMAFRI: Instituto de Desenvolvimento Estadual de Matrizes Africanas.

IFCS: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais.

ILABANTU: Instituto Latino Americano de Tradições Afro Bantu.

IPTU: Imposto Predial e Territorial Urbano.

LGBT: Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis.

LIBLU: Partido Liberdade e Luta.

MNC: Movimento Negro Capixaba.

MR8: Movimento Revolucionário 08 de Outubro.

MUCANE: Museu Capixaba do Negro.

NEAB: Núcleo de Estudos Afro-brasileiros.

OAB: Ordem dos Advogados do Brasil.

PC: Partido Comunista.

PCB: Partido Comunista Brasileiro.

PCdoB: Partido Comunista do Brasil.

PMC: Prefeitura Municipal de Cariacica.

PMN: Partido da Mobilização Nacional.

PMV: Prefeitura Municipal de Vitória.

PNPCT: Política Nacional de Desenvolvimento para os Povos e Comunidades Tradicionais.

PPGA: Programa de Pós-Graduação em Artes.

PPS: Partido Popular Socialista.

PSDB: Partido da Social Democracia Brasileira.

PT: Partido dos Trabalhadores.

RENORBIO: Rede Nordeste de Biotecnologia.

RMAs: Religiões de Matrizes Africanas.

RMGV: Região Metropolitana da Grande Vitória.

S'CEABRA: Sociedade Cultural de Estudos das Seitas Africanistas no Brasil.

SECULT: Secretaria de Estado de Cultura.

SEPPIR: Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.

SESBRAS: Sociedade Espírita Brasileira.

SESC: Serviço Social do Comércio.

SEVENB-ES: Subsecretaria Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil – Seção Espírito Santo.

SUS: Sistema Único de Saúde.

UFES: Universidade Federal do Espírito Santo.

UFRJ: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

UJS: União da Juventude Socialista.

UNEGRO: União dos Negros pela Liberdade.

UNESCAP: União Espírita Capixaba.

US: Unidade de Saúde.

Sumário

1. Introdução 26

1.1. Inserção no campo pesquisado: “você é filho de quem mesmo”?!..... 29

1.2. Definição e emprego do conceito de Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) na pesquisa..... 31

1.3. Justificativa da pesquisa..... 32

1.4. Objetivo principal da pesquisa..... 33

1.5. Definição do conceito de fluxo e emprego na pesquisa 35

1.6. Constituição do campo 38

1.7. Percurso da pesquisa..... 40

1.8. Organização dos capítulos 45

2. Do Terreiro à Encruzilhada Política: os efeitos dos avanços das políticas públicas étnico-raciais na inserção dos afro-religiosos 47

2.1. A organização da “tradição africana” nos Terreiros de Candomblé 49

2.1.2. O Candomblé na RMGV 60

2.2. Do Terreiro à encruzilhada Política..... 72

3. A justiça de *Nzaze*, a liderança de *Jagun* e a sabedoria de *Oyá*: memórias, trajetórias e participação política dos sacerdotes do Candomblé Capixaba 78

3.1. As memórias e trajetória dos Sacerdotes 81

3.1.1. Mãe Anajete de Nzaze: “A gente é escolhido. A gente não escolhe” 81

3.1.2. Pai Sandro de Jagun: “Aí o Caboclo realmente me deu o aval” 94

3.1.3. Pai Carlão de Oyá: “Eu sou Nagô-Vodun!”..... 105

3.2. Os lugares de participação política dos sacerdotes..... 117

3.2.1. O vento semeador de vida: Pai Carlão de Oyá 117

3.2.2. O trovão que caminha com o Vento: Mãe Anajete de Nzaze 122

3.2.3. O guerreiro que veste branco: Pai Sandro de Jagun..... 127

4. Nome, prestígio de sacerdote, Terreiro e Asè: do universo relacional ao universo da representação pública 133

4.1. Das Federações aos Conselhos 136

4.2. Os apoiadores do FOMAC 141

4.3. O Fórum e as condições de sua emergência 147

4.4. A organização do FOMAC 162

4.5. O FOMAC e os Outros 167

5. O trabalho social de visibilidade do FOMAC: "foi aí que começou a luta" 176

5.1. O Projeto de Mapeamento das Casas: "Eu não quero que seja 'Alavantú e Anarriê'" 177

5.2. Elaboração do "Alvará de funcionamento": a busca do Reconhecimento das *Casas* 186

5.3. I e II Arraiá das Matrizes Africanas 188

5.4. I Festa de Yemanjá de Cariacica 191

5.5. I Colóquio das Matrizes Africanas de Cariacica 194

5.6. Lançamento do IDEMAFRI 199

6. Considerações Finais 203

7. Referências 206

8. Vocabulário 210

E foi inventado o Candomblé...

No começo não havia separação entre o *Òrun*, o Céu dos *Orixás*, e o *Àiyé*, a Terra dos humanos. Homens e divindades iam e vinham, coabitando e dividindo vidas e aventuras. Conta-se que, quando o *Òrun* fazia limite com o *Àiyé*, um ser humano tocou o *Òrun* com as mãos sujas. O céu imaculado do *Orixá* fora conspurcado. O branco imaculado de *Obatalá* se perdera. *Oxalá* foi reclamar a *Olorum*. *Olorum*, Senhor do Céu, Deus Supremo, irado com a sujeira, o desperdício e a displicência dos mortais, soprou enfurecido seu sopro divino e separou para sempre o Céu da Terra. Assim, o *Òrun* separou-se do mundo dos homens e nenhum homem poderia ir ao *Òrun* e retornar de lá com vida. E os *Orixás* também não podiam vir à Terra com seus corpos. Agora havia o mundo dos homens e o dos *Orixás*, separados. Isoladas dos humanos habitantes do *Àiyé*, as divindades entristeceram. Os *Orixás* tinham saudades de suas peripécias entre os humanos e andavam tristes e amuados. Foram queixar-se com *Olodumare*, que acabou consentindo que os *Orixás* pudessem vez por outra retornar à Terra. Para isso, entretanto, teriam que tomar o corpo material de seus devotos. Foi a condição imposta por *Olodumare*.

Oxum, que antes gostava de vir à Terra brincar com as mulheres, dividindo com elas sua formosura e vaidade, ensinando-lhes feitiços de adorável sedução e irresistível encanto, recebeu de *Olorum* um novo encargo: preparar os mortais para receberem em seus corpos os *Orixás*. *Oxum* fez oferendas a *Exu* para propiciar sua delicada missão. De seu sucesso dependia a alegria dos seus irmãos e amigos *Orixás*. Veio ao *Àiyé* e juntou as mulheres à sua volta, banhou seus corpos com ervas preciosas, cortou seus cabelos, raspou suas cabeças, pintou seus corpos. Pintou suas cabeças com pintinhas brancas, como as pintas das penas da *conquém*, como as penas da *galinha-d'angola*. Vestiu-as com belíssimos panos e fartos laços, enfeitou-as com jóias e coroas. O *Ori*, a cabeça, ela adornou ainda com a pena *ecodidé*, pluma vermelha, rara e misteriosa do papagaio-da-costa. Nas mãos, as fez levar *abebés*, espadas, cetros, e nos pulsos, dúzias de dourados *indés*. O colo cobriu com voltas e voltas de coloridas contas e múltiplas fieiras de búzios, cerâmicas e corais. Na cabeça pôs um cone feito de manteiga de *Ori*, finas ervas e *Obi* mascado, com todo condimento de que gostam os *Orixás*. Esse *Oxo* atrairia o *Orixá* ao *Ori* da iniciada e o *Orixá* não tinha como se enganar em seu retorno ao *Àiyé*. Finalmente as pequenas esposas estavam feitas, estavam prontas, e estavam *odara*. As *Yaôs* eram as noivas mais bonitas que a vaidade de *Oxum* conseguia imaginar. Estavam prontas para os Deuses.

Os *Orixás* agora tinham seus *cavalos*, podiam retornar com segurança ao *Àiyé*, podiam cavalgar o corpo das devotas. Os humanos faziam oferendas aos *Orixás*, convidando-os à Terra, aos corpos das *Yaôs*. Então os *Orixás* vinham e tomavam seus *cavalos*. E, enquanto os homens tocavam seus tambores, vibrando os *batás* e *agogôs*, soando os *xequerês* e *adjás*, enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam, convidando todos os humanos iniciados para a roda do *Xirê*, os *Orixás* dançavam e dançavam e dançavam. Os *Orixás* podiam de novo conviver com os mortais. Os *Orixás* estavam felizes. Na roda das feitas, no corpo das *Yaôs*, eles dançavam e dançavam e dançavam. Estava inventado o Candomblé. (PRANDI, 2014: 514).[1]

[1] Os grifos no texto original foram feitas pela pesquisa. Da mesma forma foram alteradas as grafias dos termos *Orum, Aiê, Iaôs*, pelos seus respectivos correspondentes: *Òrun, Àiyé, Yaôs* em respeito à maneira com que os mesmos são empregados pelos sacerdotes da pesquisa.

1. Introdução

A separação entre política e religião é um tema clássico nas análises sobre a constituição dos Estados. A propósito da construção de um espaço público, os símbolos religiosos aparentemente foram banidos da vida política, com a promessa de imparcialidade e acesso igual aos recursos públicos por parte dos cidadãos. No entanto, as relações desiguais do espaço público mobilizaram diferentes interesses classificados como "religiosos" na busca por espaço dentro da política partidária, fazendo aumentar o interesse pelo espaço público e a mediação com o Estado. Este processo atingiu católicos, evangélicos e, mais recentemente os chamados Povos de Terreiro, entre os quais, os candomblecistas.

No pleito eleitoral de 2016, quatro sacerdotes de Terreiros de Candomblé se apresentaram como candidatos as câmaras municipais da Região Metropolitana da Grande Vitória (RMGV): *Pai Sandro de Jagun*[2] (PPS[3]-Cariacica), *Mãe Leida de Oxum*[4] (PPS-Cariacica), *Mãe Vera de Oyá*[5] (PCdoB[6]-Vitória) e *Mãe Djinha de Ogum*[7] (PMN-Serra). Todos não obtiveram êxito no final da campanha eleitoral.

Talvez os políticos profissionais que os apoiaram e incentivaram suas candidaturas já previssem que tais candidatos não tinham chances de se elegerem, dado que sua plataforma envolvia temas como a intolerância religiosa, homofobia e liberdade de culto, bem como o acesso a outras políticas públicas que já beneficiam os evangélicos como isenção de IPTU[8], por exemplo.

---

[2] *Jagun* é uma divindade do Candomblé ligado a terra e a cura de doenças. Qualidades do *Orixá Omolu*.

[3] Partido Popular Socialista.

[4] *Oxum* é uma divindade do Candomblé ligada aos rios. No Candomblé Ketu recebe os títulos de "Senhora dos encantos" e "Rainha do Reino dos Pássaros".

[5] *Oyá* é uma divindade ligada aos Raios e aos Ventos. Comumente tem sua figura assimilada ao do búfalo.

[6] Partido Comunista do Brasil.

[7] *Ogum* é uma divindade do Candomblé ligado a "guerra" e a "abertura de caminhos".

[8] Imposto Predial e Territorial Urbano.

No entanto, para os membros dos Terreiros a questão não estava dada desta maneira. Acreditavam fielmente nas propostas que configuram a pauta de uma grande parte do campo religioso atual e contavam com a força de sua representação religiosa para alcançar o sucesso em suas respectivas candidaturas na RMGV. Agiram de acordo com uma convicção do momento que sinalizava a hora de avançar para a política institucional.

Em conversa com agentes políticos, ficou claro que os mecanismos das regras político-partidárias que levaram os sacerdotes a se candidatarem estavam atrelados à busca por "lideranças populares" para cobrir o vazio institucional que o Partido dos Trabalhadores (PT) deixou após uma série de denúncias de corrupção. Apenas *Mãe Djinha de Ogum* apresentava-se como alguém que ia "trabalhar para todo mundo" fazendo referência ao uso de seu mandado para resolver os "problemas do povo", como "saúde, emprego e educação". Os demais candidatos anunciaram apoio às lutas dos Povos de Terreiro em uma agenda afirmativa na defesa da liberdade religiosa.

Embora buscassem ter ao seu lado a "representatividade" de vários segmentos da população, os políticos profissionais sabiam que uma base como essa era favorável à capilaridade que as campanhas adquiriram. O prefeito Juninho, reeleito em Cariacica pelo Partido Popular Socialista (PPS), é evangélico, mas fez com que sua base de apoio religiosa contemplasse também os *Povos de Terreiro*, contra a vontade das demais denominações religiosas pentecostais do município.

Foi assim, em meio a este turbilhão de agendas, interesses, sonhos e desilusões que construí minha etnografia entre as lideranças dos Terreiros do município de Cariacica. Trata-se aqui de analisar não o insucesso no pleito eleitoral, mas sim descrever os caminhos que fizeram com que novas lideranças religiosas que evocavam aos Terreiros de Candomblé surgissem como possibilidade de um novo fazer político. Em que medida eles lançaram mão de seus capitais religiosos na direção de um espaço público partidário?

A presente dissertação tem como problema de pesquisa os processos de interação social que levaram três sacerdotes do Candomblé a ingressarem no campo político institucional. Buscou-se descrever como as biografias e os diferentes capitais políticos de cada um favoreceram visões distintas do fazer

político e como eles estão imbricados em sua trajetória religiosa. Mas, antes de desenvolver o tema, proponho apresentar um percurso pessoal no Candomblé para me situar nas escolhas e posições diante da pesquisa.

A minha primeira experiência com o campo religioso Afro-brasileiro ocorreu no ano de 2003 em ocasião da minha segunda migração para o estado do Espírito Santo, depois de ter vivido quase uma década em Belo Horizonte/MG com parentes.

O meu acolhimento inicial no Terreiro aconteceu em Nova Almeida, no município da Serra/ES, por intermédio de uma *Iyalorixá*[9] do Candomblé que atende pelo nome ritual de Mãe Sirlei, cujo *Orixá de cabeça*[10] é *Obá*[11]. Foi com esta *mãe-de-santo*[12] com quem eu *fiz o jogo de búzios*[13] pela primeira vez. Entretanto, esta não seria a única. Muitas outras se seguiram com o tempo mediante minha imersão no universo afro-religioso que foi se aprofundando.

Permaneci no Terreiro de Mãe Sirlei por três anos quando em julho de 2006 atendendo a orientações médicas a *mãe-de-santo* resolve fechar o Terreiro temporariamente - sem data determinada para reabertura – para tratar a saúde que estava debilitada. Em consequência disso, fui encaminhado junto a outras três pessoas ao *Ílè Àsé Ìgbá Àlágùnnón*[14], onde *Alajarê*[15] ocupa oposto de *Babalorixá*[16]. Cerca de seis meses depois de minha chegada, no dia 06 de janeiro de 2007, ocorreu minha *feitura-de-santo*[17] para *Oxoguiã*[18]

---

[9] Posto feminino mais alto da hierarquia do Terreiro. Corresponde aquela que é responsável pela realização dos rituais no Terreiro de Candomblé. Popularmente é conhecida como *mãe-de-santo*. Sacerdotisa do Terreiro.

[10] Divindade ao qual foi iniciado no Candomblé. O mesmo que *Orixá* de frente.

[11] Divindade do Candomblé ligada à água turbulenta, ao fogo e a guerra. Também é considerada como a esposa de Xangô – divindade do trovão.

[12] Termo popular para *Iyalorixá* ou sacerdotisa do Candomblé.

[13] "Fazer o jogo de búzios". Expressão equivalente a consultar os búzios por intermédio do sacerdote do Candomblé.

[14] A tradução do nome significa "*A Casa onde o poder está contido*", Terreiro de Candomblé *Vodun* localizado na Enseada de Capuba, em Jacaraípe no município da Serra/ES onde Pai Robson (Alajarê) é o *Babalorixá*.

[15] Nome de registro Robson Cuzzuol. Nascido em Colatina/ES de descendência italiana.

[16] Correspondente masculino de *Iyalorixá*. Popularmente é conhecido como *pai-de-santo*.

[17] Ritual de iniciação no Candomblé. Admite como sinônimos as expressões: *fazer o santo*, *raspar a cabeça*, etc.

[18] *Orixá* do Candomblé ligado ao elemento ar. Na mitologia Yorubana é representado pelo jovem guerreiro filho de *Oxolufã,* o patrono na paz.

recebendo como *omoruncó*[19] a designação *Ala Morum*, cujo significado é "O guerreiro que trouxe a paz".

Depois de dois anos no Terreiro e outros dois à busca de novo sacerdote para continuar minha trajetória religiosa no Candomblé fiz nova migração no campo afro-religioso. Desta vez para o *Yle Asé Ygbó Logún-Éde*[20], Terreiro de Candomblé de *Nação Ketu*[21] onde *Arobodê*[22] é o *Babalorixá* permanecendo até hoje. No Terreiro de *Pai Arô* eu fui novamente submetido à *iniciação-de-santo*[23] recebendo de forma agregada ao ritual anterior o *Orixá Oxóssi*[24] e o meu segundo *omoruncó* - *Odé*[25] *Eyn* - que significa "O caçador que traz a felicidade".

1.1. Inserção no campo pesquisado: "você é filho de quem mesmo"?!

Por "campo pesquisado" não estou entendendo os Terreiros em si, isolados, mas um espaço social (Bourdieu, 2005) onde se desdobram determinadas interações e relações sociais marcadas por aprendizados, mas também por relações de força. Minha inserção na temática da dissertação é também pessoal, na medida em que me senti afetado pela mobilização dos sacerdotes por direitos.

O crescente cenário de intolerância religiosa serviu, certamente, de pano de fundo às aspirações de muitos sacerdotes, mas também às minhas. De um ponto de vista mais geral, a inserção no espaço político reorganizou também o

---

[19] Nome ritual que o *Yaô* (noviço) recebe depois de ser iniciado no Candomblé.

[20] A tradução do nome significa *"Casa de força de Logun-Edé".*

[21] Modalidade ou tipo de expressão religiosa que deriva o Candomblé. Também pode se referir à cidade africana.

[22] Nome de registro Vanderlei Rosas Viegas. O Terreiro fica localizado no bairro Santa Paula, município de Vila Velha/ES.

[23] Iniciação no Candomblé.

[24] Orixá rei da Nação Ketu. Ligado às matas e à caça é comumente considerado o Orixá da fartura e da vida próspera e longínqua.

[25] Outro nome que recebe Oxóssi no Candomblé Ketu.

que se entende por Hierarquia nos Terreiros, na medida em que na organização dos capitais políticos, passei a ser uma peça disputada entre os sacerdotes em suas trajetórias políticas, para elaborar um ofício, organizar uma reunião ou mesmo simplesmente ouvir um desabafo ou *fuxico*[26] sobre outra *Casa*.

A hierarquia dos Terreiros se impôs em muitas ocasiões. Como *filho-de-santo*[27] de alguém, via fronteiras sutis entre as *Casa*s, os modos de falar e julgar os outros. Como "mais velho" me sentia com autoridade de falar em determinadas ocasiões e calar em outras. Como universitário e mestrando, buscava articular um saber que era ao mesmo tempo escolar e nativo do mundo dos Terreiros, expondo para amigos e curiosos como se dava este novo universo da política e dos Candomblés.

Com o "enraizamento" no Candomblé o meu compromisso junto aos membros da comunidade e com as várias divindades que constituem sua liturgia (*Orixás, Exus, Caboclos* e outros) também foi se tornando cada vez maior e junto dele minhas inquietações e incongruências. Sentimentos estes que se traduzidos em questionamentos apontam para os conflitos advindos na forma da rígida hierarquia do Candomblé que subalterniza todos os membros do Terreiro em detrimento de um sacerdote; das disputas concorrenciais empregadas pelos mesmos em busca de ampliar rede de dependentes e o seu prestígio social; das corriqueiras dificuldades que se prestam os afro-religiosos para utilizar os espaços públicos na região - como cachoeiras, rios, matas, praias e mercados - para exercitar sua prática religiosa mais elementar como *fazer despachos*[28], coletar ervas e adquirir animais para serem sacralizados; e o mais relevante, das dificuldades encontradas pelos membros dos Terreiros para acessarem as políticas públicas, e por que não dizer, o próprio Estado na RMGV.

---

[26] Importante instrumento de comunicação empregado pelos membros dos Terreiros que, segundo a pesquisa, pode ser equiparado como um catalisador social na promoção de mudanças nas relações pessoais na *família-de-santo*. Está relacionado com as campanhas contestatórias, fofocas e informações contrárias.

[27] O mesmo que membro do Terreiro. Também admite outras expressões sinônimas como "*filho do Asè*", "*membro da família-de-santo*" e etc.

[28] O mesmo que entregar oferendas.

Juana Elbein dos Santos defende como método etnográfico para a realização de pesquisas sobre as Religiões de Matrizes Africanas a necessidade do antropólogo de analisar “por de dentro” através da iniciação ritual no culto e que ainda hoje tem larga aceitação entre os pesquisadores da temática (SANTOS, 1986:18). Ao contrário, minha trajetória construída no Candomblé, pelo que parece, me obrigou a percorrer o caminho inverso. Em outras palavras, deixar de ser “nativo” ao menos em parte, pela busca de estranhar o familiar e fazer do meu próprio grupo social algo a ser descrito e analisado. Embora sempre chamado de *Odesse*, o filho de *Odé*, busquei muitas vezes impor outra identificação, que, em vão, me colocaria em outro patamar de relação.

Assim, o método etnográfico foi ao mesmo tempo auxiliar no distanciamento e apoio para pensar que esta era uma empreitada relativamente inútil, pois haviam outras fidelidades que deveriam ser cumpridas nos momentos da pesquisa.

1.2. Definição e emprego do conceito de Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) na pesquisa

Referente aos conceitos de Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) e Afro-brasileiras, no contexto da pesquisa, estes foram tomados como sinônimos para designar as diversas modalidades da religiosidade africana adaptada no Brasil a partir da diáspora africana que também se encontra presente na RMGV, cuja expressão máxima na atualidade nos é revelada através dos Terreiros.

Ainda sobre o emprego do conceito de “Religiões Afro-brasileiras” na pesquisa, dada a grande proximidade ritual entre os Terreiros de Umbanda e de Candomblé, bem como a intensidade do volume de trocas realizado entre ambos na região pesquisada, optou-se aqui no texto dissertativo em relacioná-los como sinônimos de Terreiro, Candomblé e Macumba. Todas elas categorias nativas correspondentes a modelos generalizantes, que assim como

a expressão primeira, serviu para designar os vários espaços ritualísticos onde se congrega pessoas e entidades para a prática da religiosidade Afro-brasileira.

1.3. Justificativa da pesquisa

Por outro lado, esta preferência também se justifica pelo interesse da pesquisa em aproximar o texto dissertativo da vivência e do conhecimento apreendido através dos membros dos Terreiros durante as várias etapas que se seguiram até o final dos trabalhos de campo. Como se mostrou perceptível nestes momentos, estes vocábulos quando pronunciados pelos *pais*, *mães* e *filhos-de-santo,* todos agentes da pesquisa, tornam-se depositário do *Asè* ganhando assim vida e relevância social no meio. Denotam além do óbvio, sentimentos e emoções como o afeto trazido pelos *Orixás* e demais divindades do culto, o orgulho por pertencer a uma *família-de-santo*[29] e o poder que acreditam possuir capaz de moldar sua vida e dos demais a sua volta.

Da mesma forma, as memórias também se mostram como elemento potencial constituinte das falas dos mesmos. Afinal de contas, como é constantemente proferido e ensinado pelos mais *velhos-de-santo*[30] nos Terreiros, “a palavra tem força”.

Outro aspecto importante a destacar, que me possibilitou a construção das ideias contidas nesta dissertação, além da minha iniciação no Candomblé no passado, foi minha inserção na condição de estudante de graduação em grupos de debate e pesquisa na universidade. Seguindo uma ordem cronológica, destaco entre eles – tendo em vista a relevante contribuição fornecida para a minha formação acadêmica – o Programa Conexões de Saberes; Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB); os grupos de estudos Territórios Étnicos e Religafro; o projeto de pesquisa e extensão “Musicalidade e Corporeidade Afro-brasileira” conhecido como Arakorin; e mais recentemente, já ingresso no mestrado, o “Programa de Extensão Africanidades: Identidades, Religiosidades e Patrimônio Cultural”, coordenado

[29] Corpo de iniciados membros do Terreiro.

[30] Com maior tempo de iniciação no Candomblé.

coletivamente pelos profs. Drs. Cleyde Rodrigues Amorim e Osvaldo Martins de Oliveira, entre outros colaboradores. Estes sem dúvida alguma foram os meus principais fomentos, cujo aprendizado proporcionado no passado me possibilitou o vislumbre necessário para o ingresso no mestrado e a consequente realização desta pesquisa.

Contudo, foi a partir do encontro desses dois universos aparentemente díspares e incomunicáveis, intrínseco na minha pessoa - tanto dos Terreiros quanto da Academia - que nasceu esta proposta de dissertação. Estudo este que almeja propiciar um debate do tipo envolvente em busca de aproximar os dois espaços.

Para alcançar este propósito foi indispensável priorizar o respeito às falas e ao pensamento dos sujeitos entrevistados. Além disto, promover o diálogo incondicional entre estes e a literatura existente sobre a temática das Religiões Afro-brasileiras em seu envolvimento com o Estado. Tentei garantir estas questões a partir do respeito e da vigilância cuidadosa no trato às falas dos sujeitos da pesquisa no processo de construção do texto de análise.

1.4. Objetivo principal da pesquisa

A presente dissertação propõe como debate principal uma reflexão a cerca das relações estabelecidas entre os membros dos Terreiros e o campo político na RMGV. De modo ainda mais específico, pretende-se analisar as motivações que conduziram os membros das Religiões Afro-brasileiras à constituição de um segundo pertencimento com a política. E mediante isso, deixando-se ausentar – ao menos em parte – da vida privada que confere a religiosidade nos Terreiros. Em outras palavras, as novas práticas de agenciamento adotadas pelas lideranças dos Terreiros no que tange a construção de suas próprias candidaturas no campo político partidário.

Na construção da trajetória de pesquisa foram percebidos alguns aspectos que incidem diretamente no modo pelo qual os sacerdotes dos Terreiros conduzem o seu projeto político que visa o acesso à municipalidade. O primeiro diz respeito ao caráter heterogêneo da composição do campo

religioso Afro-brasileiro, o que por sua vez, concorre com a construção de um projeto político coeso que consiga arregimentar todos os seus membros. Há na realidade, uma pluralidade de subgrupos que coletivamente concorrem entre si no campo religioso Afro-brasileiro. Estes reunidos constituem um típico sistema políétnico em equilíbrio instável, cuja estrutura social se organiza através dos costumes e das práticas ritualísticas (LEACH, 1996).

O conceito de campo presente no texto tem como referência o espaço ou sistema estruturado de posições, regido por regras e desafios específicos, no qual ocorrem as disputas entre os diferentes agentes que ocupam-se dele através de posições diversas (BOURDIEU, 2005). A aplicação deste conceito junto à dissertação serve para caracterizar o cenário de competição constituído pelos diferentes líderes de Terreiro na RMGV, que disputam entre si desde o prestígio entre os muitos Terreiros existentes, chegando ao poder concernente ao mediador que negocia com o Estado em nome da maioria.

Os motivos dessa variedade encontrada no campo podem ser atribuídos: à rivalidade existente entre os Terreiros; as disputas de interesses individuais e coletivos reunidos na pessoa do sacerdote; as condições específicas encontradas em cada município em que a religiosidade Afro-brasileira se desenvolveu; e pelo histórico de participação política que cada liderança carrega. Desta forma, sabe-se através das falas dos entrevistados que o movimento de articulação política dos membros dos Terreiros de Candomblé mais antigo reside no município da Serra/ES a partir do surgimento das federações espíritas. E o mais recente tem sua sede no município de Cariacica/ES.

Outro aspecto percebido na região se refere à intensidade do fluxo e das trocas realizadas entre os diferentes subgrupos formados pelos membros do Terreiro existentes na RMGV. Deste modo, todos eles estão em constante interação e coletivamente integram o campo. Esta característica está intrinsecamente relacionada com a antiga ocupação populacional e o surgimento das cidades na região. O que por sua vez, explicaria a grande proximidade física e cultural entre os territórios. Condições estas que ainda hoje favorecem o fluxo entre os mesmos.

Sobre o conceito de fluxo, Ulf Hannerz sinaliza:

> "...um modo de fazer referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões. Scott Lash e John Urry (1994:4,12), teóricos sociais, dizem que as sociedades deste final de século se caracterizam por fluxos de capital, trabalho, mercadorias, informações e imagens". (HANNERZ, 1997:10).

1.5. Definição do conceito de fluxo e emprego na pesquisa

A respeito do conceito de fluxo na dissertação, ele serve para designar os deslocamentos tanto de indivíduos quanto de elementos culturais e símbolos entre os afro-religiosos que atuam e residem na região metropolitana. Já a sua aplicação relacionada com os membros dos Terreiros, serve para indicar o seu trânsito nos diferentes espaços da região que entre outras maneiras, se destacam nos momentos de festas religiosas realizadas nos *Iles*[31]; os eventos religiosos comemorativos realizados em lugares públicos (como as festas de *Yemanjá*[32] que acontecem sempre no dia 02 de fevereiro em lugares diversos da região); manifestações públicas ocorridas na região em que estiveram presentes (audiências e passeatas); bem como encontros, seminários, fóruns de debate, nos quais ocorreu a constituição de "lugares de cultura".

Segundo Leach (1996) pode-se definir o conceito de "lugar de cultura" como uma forma de apropriação dos espaços públicos ou burocratizados (o "não lugar") pelos símbolos e valores de dado segmento social. Na dissertação, ele serve para indicar os momentos específicos em que os sujeitos do Candomblé, estando eles reunidos nestes espaços, os transformam e os ressignificam a partir dos seus elementos ritualísticos emprestando-lhes e servindo-se deles para a reprodução de seus valores.

Como recorte espacial analítico definiu-se a RMGV, em específico o município de Cariacica/ES devido sua relevância em sediar o Fórum de

---

[31] Sinônimo de Terreiro.

[32] Divindade do Candomblé ligada ao elemento água. O culto deste Orixá traz grande referência com o mar e os seres que habitam este ambiente. No Candomblé, recebe os títulos de "Senhora do Ori", "Dona da vidência", entre outros.

Matrizes Africanas de Cariacica (FOMAC), que atualmente reúne sob a presidência de Pai Sandro de Jagun cerca de vinte e três Terreiros associados distribuídos entre os de Umbanda e de Candomblé no mesmo município.

Quanto ao recorte temporal adotado, este compreende o período de tempo estabelecido entre dois importantes acontecimentos que marcaram a trajetória política de significativo número de membros ligados aos Terreiros do município de Cariacica, cujos resultados obtidos vieram influenciar diretamente a organização do campo religioso na RMGV. O marco inicial adotado pela pesquisa foi a realização do "I Seminário Municipal de Povos e Comunidades de Matrizes Africanas" que ocorreu em março de 2014, cujo produto pertinente para este estudo foi o lançamento do FOMAC. E, como marco final, a filiação em massa de membros dos Terreiros atuantes no mesmo município ao Partido Comunista do Brasil (PCdoB) sob a liderança de Pai Sandro de Jagun. Investida esta, que depois de pouco mais de dois meses leva o sacerdote a posição de vice-presidência do referido partido.

A presente pesquisa se desenvolveu a partir da observação participante, a realização de entrevistas e análises de memórias dos sacerdotes dos Terreiros em diferentes lugares de interação, bem como em reuniões do FOMAC, eventos públicos e o acompanhamento do cotidiano dos três Terreiros selecionados em que as ocasiões de festas receberam destaque na pesquisa.

Quanto aos eventos públicos, a etnografia se configurou a partir da observação do jogo de performances que envolvia tanto os participantes do FOMAC quanto os sujeitos do Estado. Ocasiões em que luxuosas indumentárias em meio ao "caleidoscópio" de cores e de ritmos trazidos pelos agentes políticos dos Terreiros conseguiram se sobrepor às falas articuladas de políticos partidários.

Soma a estes também, os diversos encontros sem agendamento prévio em que através de conversas amistosas com os *filhos-do-Asè* foi possível levantar informações que ajudaram no desenvolvimento da pesquisa.

Da mesma forma, muitas foram as contribuições adquiridas por meio de trocas de mensagens eletrônicas e telefonemas diversos com os membros dos Terreiros, que de forma assertiva, serviram-me de igual relevância para a construção da análise posterior que se apresenta no estudo das relações dos

membros do FOMAC com os demais membros políticos de outras instituições na RMGV. Nesse sentido, a grande contribuição adquirida por meio desses recursos colocados à disposição pôde ser aqui sintetizada pelo fato de proporcionar o contato direto com os agentes da pesquisa (MALINOWSKI, 1978). Dito de outra maneira, cada um desses recursos contribuiu para proporcionar à pesquisa uma visão abrangente das partes que integra o todo concernente ao capital político posto em movimento pelos afro-religiosos na região.

A pesquisa procurou relacionar o campo pesquisado em comum acordo com a concepção integrada de sociedade, na qual pressupõe a inconformidade perpétua do sistema social (LEACH, 1996). Da mesma forma se propõe, também, em pensar a ação dos agentes políticos do FOMAC segundo uma ordem integrada na RMGV ao invés de restringir ao município de Cariacica, onde surgiu a instituição do Fórum.

Assim esperou-se reunir o maior número de informações sobre os distintos grupos formados por integrantes de Terreiro na região destacada, bem como criar as condições necessárias para que a pesquisa pudesse acessar os objetos de interesse em disputa na região. Além disso, tornou-se imperativo nesta construção relacionar as ações dos membros do Fórum ao contexto político externo.

Contudo, deste percurso investigativo proposto tem como foco central promover o estudo das ações dos membros dos FOMAC pautadas na interação com a sociedade (BARTH, 2000) que, por outro lado, também se constituiu enquanto método da pesquisa responsável por auxiliar as sucessivas investidas no campo.

Segundo essa ótica constituída a partir de múltiplas fontes integradas, as ações dos agentes políticos locais, bem como as relações desenvolvias entre esses e com os demais grupos de Terreiro atuantes na região, puderam ser apreendidas.

Desta forma, o debate sobre o avanço das políticas públicas de cunho étnico promovido nos três últimos mandatos presidenciais – período de treze anos em que os representantes do Partido dos Trabalhadores (PT) estavam no comando do Brasil – emerge na pesquisa como ponto de inflexão para que se

possa entender a conjuntura política favorável que serviu de motivação para que os agentes ligados aos Terreiros modificassem sua prática política. Passando, então, a investir em candidaturas próprias ao invés de permanecer substanciados por candidatos políticos que são estranhos ao pertencimento religioso às doutrinas Africanas e Afro-brasileiras.

Neste sentido, o cerne do debate promovido pela pesquisa encontrou na municipalidade os seguintes questionamentos:

a) de que maneira o amplo debate promovido pelo conjunto de medidas que integram a referida Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) tem afetado as organizações formadas por membros dos Terreiros existentes na RMGV?

b) qual e de que maneira se dá a participação dos membros do FOMAC nesse debate desenvolvido internamente no município?

c) quais as ações perpetradas por esses agentes no município de Cariacica/ES que apontam para a alteração do seu comportamento político em direção à construção de candidaturas próprias?

d) de que forma tem se estabelecido a interação entre esse mecanismo de representação civil com a instância imediata da gestão pública da prefeitura municipal de Cariacica?

1.6. Constituição do campo

O modelo de constituição política existente entre os diferentes subgrupos de agentes do Candomblé na região, de modo geral, estão submetidos à liderança do *pai-de-santo* do Terreiro de maior prestígio social, condição que está relacionada com o alcance adquirido pelo Terreiro na figura do seu responsável e com a tradição do *Asé* herdada. Diante desta percepção do campo, o *tempo-de-santo*[33] do agente político do Terreiro passa a ser uma condição delineadora, porém não exclusiva para definir sua posição. Ainda sobre a organização do campo, é preciso destacar que nos casos analisados é

[33] Tempo de iniciação no Candomblé contabilizado em anos e ou número de obrigações realizadas no Terreiro.

unânime o recorte masculino e racial branco na figura das lideranças dos Terreiros na região analisada, sendo raro no corpo da elite política dos Terreiros a figura de negros em posição de destaque.

Ao propor esta dissertação, o interesse do pesquisador, enquanto negro e membro participante do Candomblé capixaba, foi o de romper com o estereótipo social fundamentado no colonialismo que coloca os povos e as comunidades tradicionais de Terreiro (o mesmo se aplica às culturas indígenas) na condição de "imigrantes clandestinos" (SAYAD, 1998:11). Em outros termos, sujeitos apolíticos vivendo nos interstícios do estrato social, estando em constante movimento.

Segundo este imaginário estereotipado e discriminatório construído socialmente e reproduzido pelo senso comum, a comunidade formada pelos membros dos Terreiros de Candomblé, propriamente dito, é constituída exclusivamente por negras e negros sem algum tipo de instrução, alheios à realidade dos fatos do cotidiano e que pouco ou nada têm a colaborar com o desenvolvimento brasileiro. Ademais, são comumente idealizados em Terreiros-ilhas que, estando isolados e distantes dos centros urbanos e da vida, de modo geral nada têm a oferecer.

Deste modo, a partir do estudo sobre a participação política do *povo-de-santo*[34] nas organizações políticas contemporâneas da RMGV-ES, é compromisso desta dissertação contribuir para o combate a toda forma de preconceito e de discriminação que tem se voltado para a população Afrodescendente e a cultura Afro-brasileira, em especial àquela que se encontra diretamente intrínseca aos membros dos Terreiros.

Como recorte espacial, definiu-se o município de Cariacica-ES, devido sua relevância em sediar o FOMAC, principal organização política formada pelos membros dos Terreiros na RMGV atualmente. Além disso, a escolha se justifica pelo considerável avanço da organização junto ao estado, principalmente com os agentes da prefeitura do município de Cariacica/ES.

Por outro lado, o encontro com os sacerdotes sujeitos da pesquisa corroborou para que outras questões fundamentadas no preconceito, nos

[34] Referência ao conjunto dos membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CCT's) residentes na região pesquisada.

estereótipos e discriminações construídos, tanto internamente nos Terreiros quanto fora deles, viessem à tona a ponto de fomentar o debate sobre a representação que o meio social (acadêmico e senso comum) concebe a figura dos representantes das Religiões de Matrizes Africanas na atualidade.

Neste sentido, com a intenção de negar todas as formas reguladoras que teimam em categorizar esses sujeitos em casta sociais rígidas e intransponíveis desconectando-os do meio social onde estão inseridos, a pesquisa se orientou segundo as noções de "sujeito fragmentado" e de "identidades plurais na pós-modernidade" (HALL, 2005).

Conforme já explicitado no início, o trabalho etnográfico buscou acompanhar as atividades diárias desenvolvidas pelos sacerdotes tanto nos espaços do Terreiro onde atuam junto de seus muitos *filhos-de-santo*, quanto também às atividades ligadas ao FOMAC e realizadas em demais locais na região metropolitana de Vitória/ES. Ao empregar essa metodologia, espera-se compreender os vários nuances dos entrevistados em relação à sua agremiação ao Fórum.

No entanto, esse método também contribuiu para que pudesse ser analisado o trânsito a ser percorrido pelos colaboradores da pesquisa e o seu papel social nos diferentes espaços. Desta forma, tenderam ao fluxo constante sempre oscilando em direção aos extremos: ora *pai/mãe-de-santo,* ora membro do Fórum. O objetivo principal aqui foi o de verificar, a partir de suas performances, os momentos conjunturais em que essas "duas pessoas públicas" alteravam de lugar.

1.7. Percurso da pesquisa

O percurso da pesquisa foi desenvolvido a partir de dois momentos distintos. O primeiro nos Terreiros selecionados através da etnografia realizada e o segundo a partir das reuniões e eventos promovidos pelos membros dos FOMAC.

A etnografia realizada nos Terreiros selecionados compreendeu, desde o acompanhamento e registro de suas atividades cotidianas, como a cobertura

dos momentos festivos, até a realização de entrevistas com os respectivos sacerdotes do Candomblé.

Essa etapa foi de suma importância para a pesquisa, pois através dela foi possível estabelecer o afetamento com os sujeitos pesquisados, o que, por sua vez, favoreceu de forma acentuada a aquisição de informações. Além disso, garantiu de maneira eficiente e segura a realização da pesquisa junto ao muitos *filhos-de-santo* pertencentes às *Casa*s.

Assim, a etnografia pretendeu conhecer as trajetórias históricas de Pai Sandro de Jagun, Mãe Anajete de Nzaze e Pai Carlão de Oyá no campo político local, no que tange a busca, enquanto membros do FOMAC, por acesso às políticas públicas.

Para além dos momentos de observação explicitados acima, há de se destacar também os frequentes e, ao mesmo tempo, fortuitos episódios passados em companhia dos *filhos-de-santo* nos Terreiros visitados. Estando os *Babás* e *Iyás*[35] impossibilitados de me receberem em determinadas ocasiões devido suas funções ritualísticas no Terreiro, foram seus *filhos-de-santo* quem o fizera com exatidão. Eram eles os responsáveis pela hospitalidade enquanto eu aguardava para ser atendido. Entre um gole de café e outro, aproveitávamos o tempo com conversa. Falávamos de tudo, de história de vida referente ao pertencimento religioso à *fuxicos* envolvendo membros de outros Terreiros da região e, às vezes, de onde estávamos. "*Puro Ejè*[36]", como nós do Candomblé denominamos o ato fofocar sobre pessoas ausentes.

A duração das conversas com os *filhos-de-santo,* em geral, eram reguladas pelo fluxo de pessoas e de trabalhos religiosos programados para o dia. Assim, poderiam variar de alguns minutos a horas de conversa. Desta forma, o grupo era constantemente alterado, o que, por sua vez, contribuiu com a diversidade de assuntos tratados. Sempre vigiados, em algumas ocasiões, o sacerdote se aproximava para saber o teor da conversa para depois voltar às suas ocupações. Em geral, as conversas corriam livres e sempre que eu me interessava por um assunto, investia fundo para saber a opinião dos demais. No final, pude reunir informações importantes sobre o campo. Talvez, a mais

[35] *Babás* e *Iyás* são abreviações nativas para *Babalorixá* e *Iyalorixá* respectivamente.

[36] O termo nativo *Ejè* no sentido literal significa "sangue".

relevante seja sobre o modo com que enxergam o momento político contemporâneo no qual a organização do Fórum está inserida.

O "*Ibasé Omo Jagun*", Terreiro de *Nação Efon,* cujo *Babalorixá* é Pai Sandro de Jagun, foi o primeiro a ser pesquisado. O acompanhamento das atividades do Terreiro ocorreu, na maioria dos casos, aos fins de semana. De modo geral, eu fazia contato com Pai Sandro ao longo da semana e no sábado me dirigia ao seu Terreiro. Estando lá, observava as pessoas e suas práticas para, mais tarde, fazer anotação no caderno de campo. Caso tivesse alguma festa agendada para o dia, me antecipava para ajudar no que fosse necessário, mas quase nunca era solicitado. Na hora das refeições, todos nós comíamos juntos. Depois de todos alimentados, caso me aproximasse da cozinha para ajudar a lavar as louças, eu era impedido. Tudo se passava na maior naturalidade. Neste episódio, entre outros ocorridos durante a pesquisa, servira-me para indicar o status do pesquisador, emprestado a mim, pelos membros dos Terreiros.

No "*Ibasé Omo Jagun"* convivi quase dois meses com os membros do Terreiro. As visitas eram semanais, sempre nos fins de semana e feriados e duravam em média o dia todo. Em dia de festa, elas se estendiam até o término das atividades após o momento da grande confraternização.

O segundo Terreiro visitado foi o "*Nzo Nguzu Nganga Kilumino Nkise Nzaze*", de *Nação Angola-Banto,* cuja *Nengua*[37] é a Mãe Anajete de Nzaze. Ao contrário do Terreiro anterior, que eu não conhecia até o momento da pesquisa, este segundo espaço já era familiar. Já o havia visitado muitas outras vezes ao longo do ano de 2014. As visitas sempre se deram em ocasião de festas ou toques relacionados às divindades da Umbanda e do Candomblé cultuadas no Terreiro.

Assim, a partir dessa maior proximidade com o Terreiro de Mãe Anajete e com seus *filhos-de-santo*, o trabalho etnográfico privilegiou a realização de entrevista com a *mãe-de-santo* e a cobertura de algumas das festas realizadas

[37] Categoria nativa do Candomblé Angola que serve para indicar tanto "Mãe" como "aquela que é a primeira mãe do *Nzo*", ou seja, com mais *tempo-de-santo.* Para isso, basta que varie o contexto em que o termo está inserido. Os correspondentes mais próximos nos Candomblés *Nagôs* (*Ketu, Efon e Ijexá*) e *Daomeanos* (*Jeje*) é *Iyalorixá* e *Doné,* respectivamente.

no Terreiro, como saídas de *Muzenza*[38] e outras. Seguindo o mesmo modelo etnográfico anterior realizado no Terreiro de Pai Sandro, a pesquisa na *Casa* de Mãe Anajete se concentrou aos fins de semana.

O terceiro Terreiro de Candomblé etnografado foi o *"Ilé Ónminira Ase Ósumaré"*, localizado no bairro Mucuri, município de Cariacica/ES. O Sr. Carlos Henrique Januário, mais conhecido por Pai Carlão, é o *Babalorixá* do Terreiro. O trabalho etnográfico aqui, em nada se difere dos dois anteriores. Entretanto, há de se destacar que por se tratar de Pai Carlão, nossos encontros se realizaram tanto em seu Terreiro quanto em locais externos como em Congressos, Seminários, Audiências públicas, reuniões da Subcomissão da Verdade sobre a Escravidão no Espírito Santo (SEVENB-ES) na qual fomos integrantes e em outros eventos públicos. O fato da etnografia relacionada a Pai Carlão ter ocorrido também no espaço externo do Terreiro se deve ao seu grande envolvimento com os movimentos sociais urbanos, desde seu período de adolescente em Belo Horizonte/MG e sua maior disponibilidade de tempo.

Este percurso, contudo, constituiu um exercício epistemológico ainda a se construir na teoria Antropológica contemporânea. Como alguém poderia deixar de ser nativo, ao menos em parte, para tornar-se algo diferente? Bem como defende Goldman (2003) com o auxílio da Antropologia Simétrica, o contrário, o "tornar a ser nativo" também é problemático. Segundo essa teoria, a grosso modo dizendo, a distinção entre nós e os outros é inexistente e não aparece na análise a ser construída pelo antropólogo. Essa forma de pensar, entretanto, evidencia o caráter desestabilizador do modelo tradicional dominante do fazer antropológico, ao enfatizar que o conhecimento não é absoluto e nem neutro. Ao invés disso, é definido como parcial-fragmentado e com interesses implícitos construídos na interlocução com aqueles entre os quais se estuda.

Cada vez mais, procuro me desvencilhar das ideias que relacionam Antropologia e Poder nesta experiência etnográfica (Wolf, 1992) que, basicamente, referem-se a uma imposição quanto à maneira com que devo

[38] Designação dada aos recém-iniciados no Candomblé Angola. Equiparado aos *Yaôs* no Candomblé Nagô.

enxergar o Candomblé: a Antropologia do controle, do colonizador e do poder de nomear.

Retomando as incongruências relacionadas ao meu processo de iniciação no Candomblé, de longe o que mais me causava desconforto e que continua a fazê-lo ainda hoje, encontra-se metamorfoseado na antiga e ao mesmo tempo atual, condição de inferiorização e de invisibilidade social que há muito vem acompanhando membros das RMAs e, de modo mais abrangente, a cultura e a história dos Afro-brasileiros no Brasil como um todo.

Por outro lado, este período que se segue a atividade junto aos Terreiros de Candomblé na RMGV foi marcado por intensa alteração do cenário nacional, com ainda frágeis significações locais. Entre estes acontecimentos estão destacados na pesquisa: a criação da lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da História Africana e Afro-brasileira em todas as instituições de ensino do país; a criação da Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), em 2006 e a subsequente implementação da política nacional, que seguindo o documento oficial busca:

> "O reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental e cultural dos povos e comunidades tradicionais, levando-se em conta, dentre outros aspectos, os recortes etnia, raça, gênero, idade, religiosidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, entre outros, bem como a relação desses em cada comunidade ou povo, de modo a não desrespeitar, subsumir ou negligenciar as diferenças dos mesmos grupos, comunidades ou povos ou, ainda, instaurar ou reforçar qualquer relação de desigualdade (CNPCT, 2006)".

Tratando-se previamente da dissertação, ela consiste em um intenso debate entre dois universos aparentemente díspares que muito tem aquecido o debate acadêmico nestas últimas décadas: a relação estabelecida entre os pensamentos Pós-moderno e tradicional. Dito de outro modo mais específico e localizado, a relação estabelecida entre os agentes políticos locais responsáveis, respectivamente, de um lado pelo poder legal do Estado e de outro, pelo poder tradicional ligado aos Terreiros de Candomblé situados na RMGV-ES.

1.8. Organização dos capítulos

O primeiro capítulo da dissertação que traz como título *"Do Terreiro à Encruzilhada Política: os efeitos dos avanços nas políticas públicas étnico-raciais na inserção dos afro-religiosos"* tem como objetivo descrever o cotidiano dos Terreiros de Candomblé a partir de um lado, do modelo de organização considerado "tradicional", que fundamenta as interações sociais dos membros sendo concebido mediante transmissão do conhecimento pela oralidade e na convivência no espaço ritualístico. E de outro, no contexto da adoção do comportamento político-partidário, a nova relação estabelecida entre os Terreiros e o campo dos políticos profissionais que tem propiciado o constante trânsito de agentes do Candomblé entre o universo privado do Terreiro e o espaço público da política institucional. Ação que tem em vista a disputa de capitais políticos com os outros segmentos religiosos cristãos evangélicos.

No segundo capítulo, *"A justiça de Nzaze, a liderança de Jagun e a sabedoria de Oyá: Memórias, trajetórias e participação política dos sacerdotes do Candomblé Capixaba"*, tem como objetivo principal a descrição das trajetórias pessoais de três sacerdotes do Candomblé, nos campos religioso e político, tendo em vista compreender, respectivamente, o peso da influência dos parentes intergeracionais na tomada de suas decisões e o modo peculiar com que cada um dos agentes entrevistados organiza sua prática religiosa atualmente nos Terreiros. E, por outro lado, conhecer o histórico de envolvimento dos *pais* e *mães-de-santo* entrevistados no campo político e a influência de suas respectivas trajetórias religiosas na realização de suas escolhas políticas.

Neste percurso, descrito pelos sacerdotes, a pesquisa priorizou as ações relativas ao campo político local da RMGV, em especial aquelas que contribuíram para a constituição do FOMAC.

O terceiro capítulo, *"Nome, prestígio de sacerdote, Terreiro e Asè: do universo relacional ao universo da representação pública"*, tem por finalidade descrever a criação do FOMAC como um evento significativo para a organização da representação política, da formulação dos discursos em torno

da política partidária dos sacerdotes e de seus Terreiros no universo da disputa político-partidária no município de Cariacica/ES.

Em sentido amplo, os debates em torno da criação e funcionamento do FOMAC configuram a existência de um emergente campo político-religioso, ainda que os capitais disputados sejam incipientes para seus agentes.

O último capítulo, *"O trabalho social de visibilidade do FOMAC: foi aí que começou a luta"*, tem como objetivo descrever como as campanhas desenvolvidas pelos membros do FOMAC, em parceria com outras agências na RMGV, constituem sua agenda política que se alicerça no combate à intolerância religiosa no município de Cariacica, na busca pelo reconhecimento das RMAs e cultura ancestral de origem africana compartilhada entre os membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTs).

Outro objetivo do capítulo é descrever como ocorre o controle dos sacerdotes mediante à instituição de Fóruns de debates que, embora em muitas ocasiões pareça que não resultem em nenhum fim, mostram como os mesmos produzem o controle sobre a ação dos agentes políticos profissionais, como são os assessores do prefeito, candidatos políticos, etc. Ou seja, trata-se de descrever como os sacerdotes constroem sua posição social diante das relações de força que o campo político apresenta, investindo seu tempo e sua reputação no desenvolvimento de um espaço social que não é mais aquele de seu ofício religioso, nem da representação política no sentido restrito.

2. Do Terreiro à Encruzilhada Política: os efeitos dos avanços das políticas públicas étnico-raciais na inserção dos afro-religiosos

Tia Ciata

Tia Ciata era *mãe-de-santo* do Candomblé que nasceu na Bahia e depois foi morar no Rio de Janeiro. Na época era famosa na região da Praça Onze por vender seus quitutes e por abrigar sambistas e boêmios cariocas em seu Terreiro que buscavam refúgio contra a perseguição policial. As pessoas, ainda hoje, contam que o seu Terreiro era muito requisitado por artistas que buscavam sua *Casa* para participar de incansáveis e luxuosas festas de samba de roda que perduravam a semana inteira atraindo a atenção da polícia. Por causa disso para enganar a polícia, impedindo assim, que ela invadisse o Terreiro e levasse as pessoas presas, Tia Ciata costumava organizar os cultos nos dias de festas. Desta forma, eram duas festas no mesmo dia. Uma na parte de trás com os *filhos-de-santo* reunidos para cultuar as divindades do Candomblé, e outra, nos na entrada do Terreiro, onde os artistas e as pessoas de seu prestígio se reuniam para festejar a moda do samba de roda. Depois de enganar os policiais, os dois grupos sempre se juntavam para comemorar e o samba se alongava por dias. As pessoas contam que Tia Ciata ficou ainda mais conhecida quando curou o presidente da república, Wenceslau Brás, que tinha uma ferida na perna que os médicos não conseguiam curar. Segundo as pessoas mais velhas relatam, o presidente sabendo da fama de Tia Ciata enviou um mensageiro seu, lá de Brasília, solicitando que trouxesse Tia Ciata para vê-lo em sua casa e o mensageiro foi. Mas chegando ao Terreiro, no Rio de Janeiro, Tia Ciata se recusando a sair para se encontrar com o presidente em sua casa em outro estado e respondendo ao mensageiro disse: *"aquele quem precisa de caridade que deve se dirigir ao Terreiro e não o contrario"*. E o mensageiro meio que em desagrado com a resposta da *mãe-de-santo* retorna sozinho para casa. Dias depois, o presidente em pessoa vai ter-se com Tia Ciata e esta prontamente começa a tratar da ferida, retornando tempos depois ao Terreiro para recompensar a sacerdotisa. Questionada sobre a recompensa, Tia Ciata, para a surpresa do presidente, não exige valor em dinheiro senão um cargo no departamento de polícia do Rio para seu filho mais velho como forma de se proteger da perseguição policial, o que foi concedido pelo presidente. Então, a história de Tia Ciata demonstra o poder dos sacerdotes e o jogo de influências destes com o meio político. Ela desbancou até o presidente ao se recursar a sair dali e fazer com que o presidente viesse atrás dela no Terreiro. Poder que transcende o espaço ritualístico. Fato que fez mais tarde o prefeito Pedro Ernesto legalizar as escolas de samba e os desfiles de rua dos blocos de carnaval no Rio de Janeiro. Pra você vê o tamanho da força da cultura dos Terreiros. (relato de Aissa Afonso Guimarães[39] no estacionamento da Ufes, em 2015).

[39] Doutora em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO/UFRJ); mestra em Filosofia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ); e graduada em Filosofia pelo mesmo instituto federal (IFCS/UFRJ). Atualmente, professora associada da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGA/UFES) e atuante no campo do patrimônio cultural imaterial brasileiro, com ênfase nas artes populares, culturas e tradições Afro-brasileiras.

Este capítulo foi desenvolvido com base na revisão da literatura existente sobre o Candomblé e demais Religiões Afro-brasileiras, e também a partir de dados encontrados no campo de pesquisa através da etnografia realizada nos Terreiros de Candomblé na RMGV.

Entre os autores principais utilizados nesta composição estão: Reginaldo Prandi (2003; 2005), que corrobora com o debate sobre o modelo de organização dos Terreiros; Roberto DaMatta (1987) que nos ajuda a pensar a relação simbólica entre o espaço privado do Terreiro com o espaço público representado metaforicamente pela Encruzilhada[40]; Muniz Sodré (1988) que nos auxilia a respeito da territorialização do patrimônio simbólico étnico-africano, que no caso específico da pesquisa, se aplica em extensão ao campo político; e Cleber Maciel (1992) que colaborou com a história do Candomblé na região assinalada com destaque a iniciação dos primeiros *Yaôs*[41] e o surgimento dos Terreiros de Candomblé na RMGV.

Este capítulo objetiva descrever o cotidiano dos Terreiros de Candomblé a partir de dois ângulos distintos: de um lado, de acordo com o modelo de organização considerado "tradicional" que se fundamenta na ideia defendida de que há uma transmissão do conhecimento a partir da oralidade e na convivência no Terreiro, e de outro, no contexto da adoção do comportamento político-partidário, a nova relação estabelecida entre os Terreiros e o campo dos políticos profissionais que tem propiciado o constante trânsito de agentes do Candomblé do universo considerado privado, do Terreiro, e o espaço considerado público, da política institucional. Trânsito este, intencionado a construção de um campo partidário, com a finalidade de disputar os capitais políticos com os outros segmentos religiosos cristãos evangélicos.

A estruturação adotada neste capítulo em seções tem como finalidade descrever os fatores que contribuíram para a adoção de comportamento político-partidário dos afro-religiosos na RMGV, bem como as tensões advindas desse novo rearranjo de posições nos campos religiosos e político.

---

[40] Referente ao espaço público e a rua. Também serve para designar caminho ou trajetória.

[41] Refere-se aos iniciados do Candomblé. Também indica aqueles que ainda não completaram o ciclo ritual de sete anos.

Na primeira seção, “Organização dos Terreiros de Candomblé”, explora-se o cotidiano das *Casas* onde procura destacar a *hierarquia-do-santo*[42] e os laços de fidelidade construídos a partir do parentesco ritual que reúnem todos os membros em um modelo de família extensa denominada de *família-de-santo*. Tal organização confere um sentido de pertencimento aos seus membros como “parentes-de-santo”, de maneira que ela é utilizada como balizador para avaliar a autoridade dos Terreiros vizinhos tomando como base os ensinamentos ditados por uma “tradição religiosa africana herdada”.

Esse modelo de organização é importante, pois conforme foi percebida nos encontros dos membros de diferentes Terreiros a *hierarquia-do-santo* era comumente acessada para legitimar ou desqualificar os sacerdotes quanto ao seu interesse de representar o grupo no campo político.

Descreve-se, na segunda seção, a relação entre as mudanças ocorridas no cenário político-institucional nacional (de forma específica, no que tange os direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais no Brasil que engendraram o debate sobre as políticas públicas de cunho étnico e racial destacadas durante todo o governo do PT), e a maneira pela qual os integrantes dos Terreiros da RMGV se apropriam de elementos desse campo político nutrindo-se dela para desenvolver e implementar suas agendas políticas junto as agências locais do Estado.

2.1. A organização da “tradição africana” nos Terreiros de Candomblé

Esta seção tem por objetivo relacionar a estrutura das *Casas* etnografadas com a organização do campo político de seus sacerdotes, em direção ao campo político institucional. Por estrutura entende-se a organização formal para a realização dos cultos e a reprodução da mensagem religiosa nos Terreiros, de acordo com o modelo de tradição que cada sacerdote tem como referência. Como descrito por Leach (1996) a estrutura não é algo rígido, mas

[42] Conjunto de normas e códigos de conduta que regulamenta e organiza o convívio social nos Terreiros de Candomblé.

que recebe a influência de eventos relacionados aos sujeitos que dela tomam parte. Neste sentido, a estrutura pode ser considerada "uma região na qual as culturas se interpenetravam dinamicamente, por intermédio de diversos esquemas de natureza política, ecológica, econômica e de parentesco" (HANNERZ, 1997).

Fazem parte da tradição um número determinado de ofícios que devem ser desempenhados pelos membros filiados ao Terreiro para com sua própria membresia e para um público externo, que consiste em *consulentes*[43] em busca de pequenos serviços religiosos sem relação no sentido restrito com a iniciação religiosa.

"Terreiro" é um termo utilizado tanto pelos membros das religiões Afro-brasileiras quanto pelos visitantes em geral para designar o espaço físico ou lugar, e ao mesmo tempo os grupos religiosos relacionados com as práticas ritualísticas das Religiões de Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras. Essa nomeação comumente varia de acordo com a modalidade religiosa adotada como referência e o tipo de filiação ritual ou *raiz-do-Asè*[44] da qual descende a *família-de-santo*.

No campo afro-religioso da RMGV, entre os umbandistas é comum encontrar, além do termo Terreiro, outros, como *Casa*, *Centro*, *Centro Espírita*, *Tenda*, *Tenda Espírita* e *Gongá* para indicar esse espaço. Já entre os Candomblecistas estão *Terreiro*, *Ile*, *Ile Asè*, *Ibase*, *Abassa*, *Nzo*, *Barracão*, *Roça* e *Casa* como sinônimos do primeiro utilizados com mais frequência (MACIEL, 1992; 95) [45].

Os significados do Terreiro que nos afetam nesse trabalho tem relação, também, com a desconstrução da linearidade da escrita gráfica, da história ocidental e do eurocentrismo ao apontar a composição múltipla desse espaço constituída a partir de elementos interrelacionados tais como a música, a arte cênica, a dança e a comensalidade que remetem para uma estética da convivialidade. Daí, as relações de poder em sua versão política não serem

---

[43] Pessoas que buscam o Terreiro para fazer consultas ao *jogo de búzios* do sacerdote. Em certa medida pode-se considerar o mesmo que *Cliente*.

[44] Tronco originário, descendência, *família-de-santo* de pertencimento.

[45] Obra pioneira que trata dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro no estado do Espírito Santo.

contraditórias com a estética mitológica do Candomblé, cujo espaço tem sido descrito também como uma forma de resistência ao racismo e de reflexão sobre a diáspora negro-africana.

No que se refere à ocupação e distribuição do espaço físico dos Terreiros pesquisados, todos os três podem ser caracterizados segundo a existência de duas áreas distintas e complementares quanto sua importância para o desenvolvimento de suas atividades cotidianas. A primeira delas é indicada por um espaço livre utilizado tanto para cultivar ervas a serem empregadas nos rituais religiosos, como para realizar rituais específicos que exijam ambiente ao ar livre apropriado. A segunda, indicada pela área construída e segmentada internamente por várias repartições que se destinam a realização de cerimônias religiosas específicas, ao recolhimento de *filhos-de-santo*[46] para cumprimento de obrigações junto às divindades (*Orixás, Nkises*[47] *e Voduns*[48]) e acomodação de visitantes quando em períodos de *funções*[49] ou de festas.

Além da estruturação do ambiente físico, os Terreiros de Candomblé são caracterizados por possuir organização social rígida com base no parentesco mítico. Crença essa que é reafirmada cotidianamente no convívio social e renovada nas sucessivas *obrigações* em que o *filho-de-santo* é submetido no Terreiro (ALMEIDA, 2011).

Segundo o princípio de parentesco mítico que fundamenta a hierarquia do Terreiro, o corpo de iniciados ou *família-de-santo* é constituída a partir de laços de fidelidade aos Ancestrais ou Deuses Africanos; ao *Babalorixá* ou *Iyalorixá* responsável pelo Terreiro e detentor do saber ancestral capaz de fazer a intervenção com as divindades; aos membros da *família-de-santo* que acolhem os noviços em momento oportuno disponibilizando seu tempo livre e ajudando na realização das obrigações; por fim, a comunidade formada pelos

---

[46] Membros do Terreiro.

[47] Divindade do Candomblé Angola. Equivalente aos Orixás no Candomblé Nagôs.

[48] Divindades do Candomblé daomeano (Jeje).

[49] Período em que a *família-de-santo* do Terreiro se reúne para a realização de rituais de maiores complexidades como *obrigação-de-santo* e festas destinadas às divindades cultuadas no Terreiro que exigem maior número de iniciados.

membros dos vários Terreiros associados que obedecem a uma rotina de auxílio mútuo a qual o Terreiro de filiação está inserido.

Esse último aspecto pôde ser percebido em alguns momentos da pesquisa em que os sacerdotes entrevistados paralisaram todas as suas rotinas diárias - incluído trabalho externo, convívio com a família e atividades no próprio Terreiro – para auxiliarem na promoção de rituais ou festas na *Casa* do *Pai* ou *Mãe-de-santo,* a quem devem submissão ritual, e ou de seus *filhos-de-santo,* que possuem Terreiro aberto, quando solicitam auxílio aos sacerdotes.

De acordo com o princípio da hierarquia do Terreiro, o tempo de iniciação ou *idade-de-santo* é o elemento balizador que determina a posição em que o *filho-de-santo* ocupa na escala de comando do Terreiro. Desta forma, maior *tempo-de-santo* implica, necessariamente, em maior poder e respeito. Segundo a ortodoxia do Candomblé, todos do Terreiro estão submetidos à *hierarquia-do-santo*, desde os *zeladores*[50], que já passaram pelo *ritual de iniciação* há mais tempo, ao noviço que foi submetido à *feitura-de-santo* mais recentemente.

Segundo Prandi (2005), a cada nova obrigação o status do *filho-de-santo* se eleva, podendo, com o passar do tempo e das obrigações, assumir cargos rituais. Passar pelas obrigações iniciáticas significa ganhar poder no grupo e subir na escala hierárquica do Terreiro.

A partir dessa leitura em que o autor coloca a "tempo" e "número de obrigações realizadas" como fundamento da hierarquia do Candomblé, a *família-de-santo* pode ser dividida em dois grupos de pessoas: aqueles que entram em transe ou incorporam as divindades – *adoxús* - e aqueles que não o fazem.

No primeiro grupo e no topo da hierarquia, encontram-se o *Babalorixás* e a *Iyalorixás,* que popularmente são conhecidos pelas designações *Pai* e *Mãe-de-santo.* Logo em seguida, encontram-se os *Ebomes*, os *filhos-de-santo* com mais tempo de iniciação, ou seja, aqueles que já passaram pela obrigação de sete anos ou *Decá*. Por último, no nível mais baixo da hierarquia social dos Terreiros, situam-se os *Yaôs,* correspondentes aos *filhos-de-santo* que ainda

[50] O mesmo que sacerdote, *pai* ou *mãe-de-santo*.

não cumpriram com sua obrigação de sete anos. No segundo grupo, encontram-se as *Ekedes* e os *Ogans,* que correspondem a cargos de confiança com atribuições específicas destinadas, respectivamente, às mulheres e aos homens do Terreiro que *não incorporam* (PRANDI 2005).

Pertencer efetivamente à *família-do-Asè* implica a submissão aos vários ritos do Candomblé e a *hierarquia-do-santo*, que orienta as atribuições destinadas a cada *filho-de-santo* no ritual praticado no Terreiro. Essas condições quase sempre contam como o reconhecimento dos Terreiros vizinhos (PRANDI, 2005).

Os múltiplos ritos que conduzem uma pessoa à *feitura-de-santo* começam, geralmente, com as revelações trazidas pelo jogo de búzio do *pai* ou *mãe-de-santo,* seguido por sucessivos *Ebós*[51] que objetivam a purificação e fortalecimento. Em seguida, realiza-se a cerimônia do *Bori* que compreende o ritual de fortalecimento do *Orí* ou cabeça do iniciado para receber o *Asè* ou força proveniente do *Orixá*. Logo depois, passa-se para a *feitura-de-santo* ou iniciação propriamente dita. Findada as etapas iniciais, o desenvolvimento do *filho-de-santo* recém-nascido para a *família-do-Asè* segue-se com as obrigações de um, três e sete anos. Essa última compreende o momento em que o *filho-de-santo* atinge a senioridade ritual no Candomblé deixando a antiga condição de *Yaô* para se tornar *Ebome* – filho mais velho – conquistando prestígio entre os demais membros do Terreiro. Encontrando-se nessa nova condição os votos passam a ser reafirmados a cada sete ou 21 anos seguindo até o fim de sua vida[52] (PRANDI, 2005; 11).

Além do corpo de iniciados, que constitui a *família-de-santo*, encontramos outros dois grupos de pessoas que ainda não passaram pela *feitura-de-santo,* mas que estão presentes no universo dos Terreiros de Candomblé. O primeiro é representado pelos *Clientes,* denominação dada pelos integrantes da *família-de-santo* às pessoas que buscam o Terreiro para

[51] Rituais realizados nos Terreiros.

[52] Nos Candomblés de Nação *Ketu* e *Efon,* as sucessivas obrigações do culto que se seguem a formação do iniciado no Terreiro são denominadas, respectivamente, de: *confirmação de um ano*, *Odu Etá* ou *obrigação* de *3 anos*, *Odu Ejé, Decá* ou *obrigação de 7 anos*, *Odu Iká* ou *obrigação de 14 anos* e *Bori Odu* ou *obrigação de 21 anos*. Concluído esse ciclo, o *Bori Odu* poderá ser repetido a cada sete anos ou quando for julgado necessário para o fortalecimento do iniciado até o fim de sua vida.

jogar os búzios[53] e depois, se necessário, submeter-se a *Ebós* e rituais de purificação, restauração e fortalecimento. Entretanto, diferentes dos demais grupos que frequentam o Terreiro, convive nesse espaço isento de compromisso com a religião e com o próprio *pai* ou *mãe-de-santo* que lhe prestou cuidados. Na maioria dos casos, pagam pelos serviços espirituais prestados e retornam ao Terreiro quando lhe parecem conveniente (PRANDI, 2005; 12).

O segundo grupo é formado pelos *Abians* que, em tese, correspondem àquelas pessoas que deixaram a condição de *Cliente* por terem sido apontadas pelo *jogo de búzios*[54] do *pai* ou *mãe-de-santo* como futuros *Yaôs* devido à *cobrança de Orixá*[55] ou tipo de *Odu*[56] que regem suas vidas. O termo *Abian* admite significados distintos no Candomblé, mas sempre está relacionado com a condição de fragilidade daquele(a) que se destina à organização do Terreiro. Assim, uma tradução literal do termo *Abian*, de acordo os ensinamentos dos membros do Candomblé, se refere *"àquele(a) que ainda não nasceu para o culto"* ou, no mesmo sentido, *"àquele(a) que começa um novo caminho"*.

Desta forma, entre as atribuições conferidas aos sacerdotes, a partir do saber ritualístico adquirido nos sucessivos estágios, combinado ao manuseio do *jogo-de-búzios* ou oráculo no Candomblé, destaca-se, entre outras possíveis nesse contexto, a importante função de aliciar o agenciamento de novos membros para o Terreiro, ação que, por sua vez, pôde ser percebida de duas formas distintas: no espaço privado do Terreiro, por meio do aumento do poder de comando do sacerdote pelo incremento de novos *filho-de-santo* e no espaço público da representação política do sacerdote em relação aos Terreiros vizinhos e aos olhos das agências do Estado a partir do número de membros que a *Casa* congrega.

Segundo esse raciocínio, o quantitativo populacional é a chave aplicada tanto aos sacerdotes, que almejam inserção no campo da política partidária,

---

[53] Fazer consulta ao *jogo-de-búzios* do sacerdote.

[54] Instrumento de comunicação com as divindades utilizado pelos sacerdotes no Terreiro de Candomblé.

[55] Obrigações junto às divindades do culto.

[56] Mapa astral de uma pessoa. No Candomblé, tem referência ao caminho ou destino traçado para cada *filho-de-santo*.

quanto aos políticos ligados aos partidos, que buscam o apoio dos membros dos Terreiros.

Os *Abians* são facilmente reconhecidos nos Terreiro por realizar atividades simples, como lavar, limpar e, principalmente, por apresentarem uma situação ou estado de direito diferenciado, pois está localizado no plano limítrofe entre pertencer à *família-de-santo* e não pertencer. Deste modo, seu acesso a determinados ambientes do Terreiro é restrito assim com sua participação em rituais é circunstanciada pela indicação do sacerdote.

De modo geral, as categorias nativas *Cliente* e *Abian* independem da procedência étnica, da idade e das condições sociais e materiais que uma pessoa possa ter. Deste modo, ser negro ou branco, criança ou adulto, abastado ou miserável não isenta qualquer pessoa de passar por esses dois estágios, muito embora essas condições combinadas possam interferir no tempo de duração de cada estágio por se tratar do Candomblé, uma religião dispendiosa de tempo e de recursos financeiros (PRANDI, 2005).

Contudo, como regra geral, as categorias iniciais estão relacionadas ao tempo de vivência junto ao Terreiro de Candomblé e, principalmente, ao lugar ocupado na organização religiosa. Ambos constituem estágios transitórios que antecedem o pertencimento à *família-de-santo,* cujo tempo de duração de um estágio para outro, isso é de *Cliente* para *Abian* e de *Abian* para *filho-de-santo*, é variável podendo durar cada etapa dias, meses, anos ou mesmo não vir a se concretizar no futuro.

Os *Clientes* e *Abians* contribuem para a reprodução ritual e manutenção dos Terreiros. O recurso financeiro proveniente de ambos constituiu a principal fonte de arrecadamentos do Terreiro empregado para saldar as suas despesas. Ainda pesa o fato de que a maioria dos sacerdotes não exerce outra atividade senão se dedicarem exclusivamente às atividades do Terreiro, sendo assim importante esse recurso para garantir-lhes o próprio sustento e o de sua família consanguínea.

Prandi (2005) considera apenas os *Clientes* como principal fonte de arrecadamento financeiro dos Terreiros. Com a pesquisa, pude constatar que essa condição também pode ser aplicada aos Abians, especialmente porque estão entre uma categoria e outra, pagando pelos serviços religiosos em

ambos os casos. Embora os *filhos-de-santo* contribuam com os eventos coletivos, a maior parte de seu recurso é destinado às suas obrigações individuais, as quais arcam sozinhos com os gastos.

O Candomblé é uma religião onerosa que demanda recursos variados para a realização do culto. Necessita desde um corpo especializado de iniciados aptos para preparar as mais diversas *oferendas*[57] e *Ebós* utilizados no dia-a-dia do Terreiro, ao recurso financeiro empregado para o custeio de despesas indispensáveis à sua sobrevivência, como taxas de luz, água e outros impostos. Além disso, a maior parte desse recurso é empregado na promoção de rituais de maiores complexidades relacionadas com as divindades patronas do Terreiro que atraem grande número de visitantes e quase sempre culminam em grandes festas públicas. Aliás, a musicalidade, a dança e a comensalidade são três outras características típicas das religiões Afro-Brasileiras.

Os cultos e festas são animados pelo toque dos atabaques e cantigas entoadas que juntos conduzem o ritmo das danças e os momentos de incorporação ou transe. Geralmente, após as celebrações sempre há *bamirê*[58] farto onde todos são convidados a compartilhar do *Asè-da-Casa*[59] contida nos alimentos ofertados no banquete.

Sobre as festas ou cerimônias púbicas, é importante ressaltar o seu caráter de promover trocas entre os membros do Terreiro e os visitantes. Essas sempre ocorrem de maneira relacional funcionando como eficiente mecanismo de comunicação entre os dois meios, contribuindo de um lado, com a territorialização do patrimônio simbólico dos afro-religiosos e de outro, trazendo informações atualizadas para o Terreiro, como política, projetos governamentais e etc.

A hierarquia do Candomblé, por outro lado, também é utilizada para organizar a relação entre os diferentes Terreiros existentes numa dada região. Atuando a partir da isonomia concernente à *lei-do-santo*[60] todos os Terreiros

---

[57] Equivalente à presentes. Geralmente são ofertados alimentos às divindades.

[58] Refeição coletiva.

[59] A expressão serve para designar o tipo de energia que circula no Terreiro. Esta é determinada a partir da família ritual que descende.

[60] Sinônimo de hierarquia do Terreiro.

têm garantido sua autonomia. Condição essa, que se traduz na adoção de dinâmicas próprias de culto ou funcionamento dos Terreiros.

Segundo esse modelo dito pela autonomia, cada unidade de Terreiro, *Barracão* ou *Casa* é responsável por desenvolver seu próprio calendário anual de obrigações e festas, e a prestar auxílio ao Terreiro de seu *pai* ou *mãe-de-santo* de onde descende o seu *Asè*[61]. A noção de *Casa* é fundamental aqui porque revela a possibilidade de descrever o universo singular que cada grupo de Candomblé desenvolve de forma independente, em parte, de sua filiação de *Asè* - *família-de-santo* ou *linhagem* - ou Nação do Candomblé - *Angola, Nagô, Ketu, Jeje, Efon* e etc.

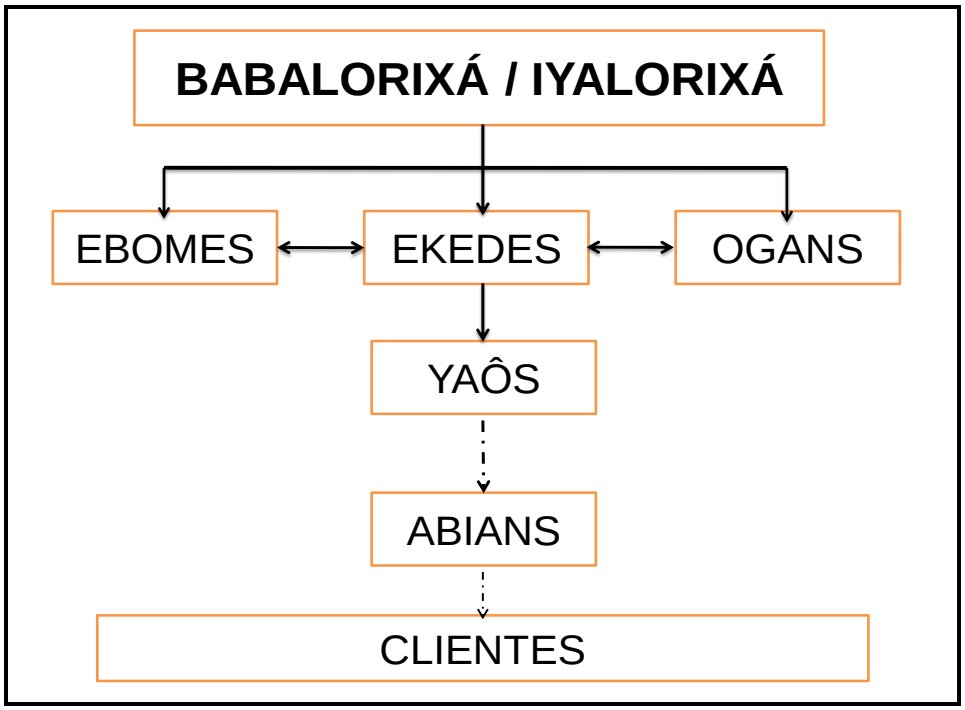
Assim, estão em relação tanto à "herança" (o tipo de filiação e o modo com que os membros a relacionam em termos de "tradição" e "poder"), quanto à "prática" (as soluções cotidianas diante das eventualidades da vida de cada *filho-de-santo*, demandas e destinos que o sacerdote tem que responder), na construção das *Casas*.

Tal perspectiva pode nos ajudar a entender um aspecto visto pelos sujeitos da pesquisa como uma prática imoral bastante recorrente, ou seja, um clima de disputa entre os Terreiros que não se resume às disputas no mercado de bens religiosos (Bourdieu, Prandi), mas a própria constituição do prestígio de cada *Casa*. Eles concorrem por quase tudo: *filhos-de-santo, Clientes, prestígio social, poder,* e *etc.* Não é de se estranhar, que em meio às conversas sobre os modos de fazer este ou aquele ritual, surjam pequenas desavenças envolvendo os Terreiros de Candomblé.

A seguir, trataremos do Candomblé que se constituiu na RMGV ressaltando a relação existente entre os Terreiros e o envolvimento de seus membros com o campo político local.

[61] Tomado isolado, o termo *Asè* é utilizado pelos membros dos Terreiros para designar a força ou energia que descende dos ancestrais africanos. Ideia de fluxo de energia em movimento.

Tabela 1 – Hierarquia segundo a *Tradição Yoruba*[62] presente nos Terreiros de Candomblé das Nações *Ketu* e *Efon*



O quadro mostra a organização dos membros do Terreiro de Candomblé, segundo o princípio hierárquico ou *lei-do-santo* defendida pelos sacerdotes do pesquisados. Nele, as linhas contínuas indicam os diferentes grupos que constituem a *família-de-santo* do Terreiro, a partir do parentesco ritual onde todos os membros são definidos pelos laços de fidelidade e subordinação ao *Babalorixá* ou *Iyalorixá*. Já as linhas descontínuas, indicam que o pertencimento via obrigação ritual ainda é inexistente, o que confere aos representantes desses dois grupos mais liberdade em relação aos demais membros da *família-de-santo*. Entre os *Abians* e os *Clientes,* a diferente densidade com que é representada a linha que os une aos demais grupos indicados serve para indicar o seu grau de comprometimento ritual. Assim, conforme indicado no quadro, os *Clientes* gozam de maior liberdade em relação ao envolvimento ritual do que os *Abians*, cujo "destino" junto ao Candomblé já foi revelado através do *jogo-de-búzios* do sacerdote.

[62] Patrimônio simbólico ensinado nos Terreiros *Nagôs* (*Ketu, Efon e Ijexá*).

Tabela 2 - Atribuições dos grupos de pessoas que integram o Terreiro de Candomblé segundo a *lei-do-santo*

Status no Terreiro	Principais Atribuições
Iyalorixá e Babalorixá	Comando de todas as atividades rituais a ser realizado no Terreiro; zelar pela vida espiritual da *família-de-santo* colocados sob seu julgo; organizar calendário anual de festas e de obrigações de seus *filhos-de-santo;* atender os *Clientes* que buscam por cuidados; ensinar e garantir que todos sigam a *lei-do-santo* e zelar para o bom relacionamento entre todos no Terreiro.
Ebomes	Responsáveis pela preparação dos alimentos utilizados no Terreiro; auxiliar o *pai* ou *mãe-de-santo* na realização dos rituais podendo, com o devido consentimento prévio, substituí-lo em determinadas ocasiões; ensinar a *lei-do-santo* aos mais novos; recepcionar os visitantes servindo-se de mediador entre esses e o sacerdote e representar o Terreiro em reuniões externas quando solicitado pelo *pai* ou *mãe-de-santo*.
Ekedes e Ogans	Além das atribuições indicadas para os *Ebomes,* são responsáveis pelo tratamento dos *assentamentos*[63] e *Ibás* do Terreiro; pelo cuidado aos membros da *família-de-santo* que se encontrarem em transe ou incorporados (*Ekedes*); pelo toque dos atabaques (*Ogans*) e por guardar os Terreiros, principalmente nos momentos de festa pública quando os demais membros se encontrarem sob influência das divindades do culto (*Ekedes e Ogans*).
Yaôs	Participar das atividades realizadas no Terreiro auxiliando na realização de tarefas; aprender e respeitar a hierarquia do Terreiro; manter suas obrigações em dia e ajudar na organização e realização das festas públicas.
Abians	Embora não tenha sido submetido à iniciação do Candomblé, contribui com a organização e manutenção do Terreiro realizando tarefas simples, como lavar e limpar. Tem seu acesso limitado no Terreiro sendo impedido de adentrar determinados espaços e participar de rituais específicos.
Clientes	Grupo grande de pessoas não iniciadas que buscam o Terreiro para a realização de trabalhos espirituais, como consultar o *jogo de búzios* do *pai* ou *mãe-de-santo*, submeter-se a *Ebós* e rituais de purificação, restauração e fortalecimento. Não possuem qualquer compromisso com a religião e com o próprio *pai* ou *mãe-de-santo* que lhe prestou cuidados. Geralmente pagam pelos serviços espirituais prestados e retornam ao Terreiro quando lhes convém. Constituem a principal fonte de arrecadação dos Terreiros.

[63] Objeto que é sacralizado que serve como representação da divindade no Terreiro.

2.1.2. O Candomblé na RMGV

O conceito de Religiões Afro-brasileiras é empregado para designar as novas formas da religiosidade africana constituídas de maneira sincrética no Brasil, sobretudo em dois momentos distintos de sua história. As mais antigas datadas do século XIX, no contexto da diáspora africana no país, a partir do paralelismo religioso recriado entre as divindades africanas - *Orixás, Nkises* e *Voduns* - e os santos Católicos, no qual resultam o Candomblé da Bahia, Xangô de Pernambuco, Tambor de Minas do Maranhão, Batuque do Rio Grande do Sul, entre outras existentes. Todas elas reunidas em uma categoria única de classificação denominada "Candomblé". Em um segundo momento mais recente, a partir do século XX, com o surgimento da Umbanda. Essa reconhecida como a "religião brasileira" por excelência por se tratar do sincretismo operado em sua construção que conseguiu reunir as três principais matrizes religiosas existentes no Brasil: os espíritos divinizados da cultura indígena, a tradição dos *Orixás* dos negros africanos e o catolicismo branco europeu. Presente em todo o território nacional, a Umbanda encontrou na região sudeste do país sua expressão de maior destaque. Isso se considerado o número de seguidores e o grau de fortalecimento social (PRANDI, 2003).

No caso do estado do Espírito Santo, Cleber Maciel pesquisou os membros das religiões Afro-brasileiras contemporâneos de sua época que definiram o Candomblé como *"o culto dos Orixás dividido em nações e considerado uma seita. Síntese de diversas religiões de origem africana"*; e a Umbanda compreendida a partir de combinações muito diversas e por vezes contraditórias com influências do Candomblé, do Catolicismo, de práticas religiosas indígenas, kardecistas ou outras práticas espiritualistas percebidas com intensidade diferenciadas no Terreiro (MACIEL, 1992: 26 e 113).

A obra do autor que foi escrita no início da década de 1990 é importante, pois revela uma parcela do preconceito e da discriminação de sua época que era dirigida às Religiões de Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras desqualificando-as a partir da adjetivação de termos como "mistura", "seita" e "contradição" que também aparecem nas falas dos próprios membros dos Terreiros, tanto de Umbanda como do Candomblé entrevistados na época.

Por outro lado, a obra de Cleber Maciel se mostra relevante, pois a própria escolha do tema que antecede o trabalho de pesquisa e a posterior publicação do livro, já servem para sinalizar o projeto político do autor tendo em vista o resgate da memória, registro e valorização das práticas religiosas dos membros dos Terreiros na RMGV.

De acordo com os sacerdotes pesquisados, entre as práticas das religiões Afro-brasileiras presentes na região assinalada, na atualidade, são encontrados quatro modalidades principais de culto. A *Umbanda branca*, com maior número de *Casas* e de seguidores na região, cuja diferença das demais religiões Afro-brasileiras existentes deve-se à grande influência da teologia do Espiritismo kardecista europeu. Nos Terreiros dedicados a essa religião é predominante o contingente de praticantes brancos, sendo rara a utilização de atabaques, de bebidas alcoólicas pelas entidades[64] incorporadas e, na maioria dos casos é vedado a sacralização de animais em rituais.

A *Umbanda africanizada ou Quimbanda* apresenta número menor de Terreiros, estando mais presente nas periferias da RMGV. Trata-se de uma religião de maioria de praticantes negros, que através dos seus ritos buscam recriar as relações existentes entre as comunidades negras rurais do passado. A divindade representada pela figura do *Preto Velho* funciona como importante ícone da continuidade celebrada nos seus ritos.

O *Omolocó*[65] é denominado pelos membros do Candomblé local para nomear a combinação resultante entre a Umbanda Africanizada e o Candomblé, modalidade religiosa em que é bastante comum encontrar características das duas religiões originárias. Nesses Terreiros, as divindades da Umbanda e do Candomblé convivem em harmonia e possuem pesos equivalentes nos ritos. Assim, é muito comum que um mesmo *filho-de-santo* venha a ter várias incorporações ou transes de divindades, aparentemente antagônicas uma da outra, em uma mesma ocasião ou festa. Da mesma forma que no Candomblé, os *filhos-de-santo* do Terreiro também estão sujeitos ao

[64] Sinônimo de divindades.

[65] A respeito do *Omolocó*, Cleber Maciel (1992) utiliza como sinônimo a denominação *Umbandomblé*. Tratando-se das modalidades religiosas de influência africana encontradas no estado do Espírito Santo, o autor indica, além das mencionadas no texto, a prática da *Cabula* predominante na região do norte do estado.

recolhimento para a realização de rituais de iniciação. Outra característica que une estas duas religiões é a aquisição de objetos ritualísticos como *Ibás, assentamentos* e estátuas para representação das divindades religiosas, bem como o desenvolvimento de calendários anuais de festas.

Por fim, encontramos o *Candomblé Capixaba* que muito se parece com o Candomblé praticado no estado do Rio de Janeiro por apresentar acentuado hibridismo com a Umbanda. A composição mista dos seus ritos pôde ser percebida, ao longo da pesquisa, nas ocasiões das festas públicas em dois dos três Terreiros pesquisados, sendo indicada principalmente pela presença de *Gongá* ou altar sagrado[66] e a realização de *giras*[67] ou *rodas* dedicadas a *Caboclos*, *Boiadeiros*, *Pretos Velhos, Ciganos, Marujos* e outras divindades que no passado eram tidas como específicos da religião Umbanda.

A grande aproximação do Candomblé realizado na RMGV com aquele praticado no Rio de Janeiro é justificada, pelos sujeitos pesquisados, em decorrência da forte corrente migratória ou fluxo que une estas duas regiões brasileiras. Trânsito que acontece em ambas as vias e que teve as décadas de 1970 e 1980 o seu período de auge com a migração em massa de sacerdotes do Candomblé fluminense para o estado do Espírito Santo.

Sobre o Candomblé praticado na RMGV, Cleber Maciel (1992) já apontava a forte influência com a Umbanda e a rede de troca no qual ele está inserido junto de outros estados brasileiros, principalmente, Rio de Janeiro e Bahia, contemporâneos à sua obra. Neste mesmo sentido, sobre a história do Candomblé na RMGV, Pai Sandro de Jagun[68] corroborando com a ideia do autor relata:

> O Candomblé ele veio pra cá. A primeira *Casa de Candomblé* em Vitória. Não foi em Vitória, foi em Vila Velha, foi à *Casa* de Angola de

[66] Típico do Terreiro de Umbanda. Consiste em uma mesa de tamanho variável onde são depositadas inúmeras imagens e estatuetas de santos católicos e de divindades Afro-brasileira. Nos dias de *gira*, isto é, de celebrações, velas acessas são postas sobre a mesa dando início à sessão.

[67] Sessão de culto. Também serve para designar a formação circular formada pelos membros na ocasião das celebrações nos Terreiros.

[68] Pai Sandro de Jagun foi iniciado por Pai Rogério de Iansã (importante sacerdote do Candomblé Capixaba que participou da pesquisa realizada por Cleber Maciel no período da elaboração do livro).

Dona Cenira, Cenira de *Oxum*[69]. Hoje essa *Casa* não existe mais. Ela foi derrubada porque ela *[Dona Cenira]* é uma senhora de idade. Ela foi a primeira *Yaô* daqui. Uma das primeiras *Yaôs* que foi iniciada aqui já em Vitória pela *mãe-de-santo* dela que era…. Dona Cenira, Dona *Indebeleuí [filha-de-santo de Dona Cenira]* que era ali próximo de Santa Rita no Alecrim *[Vila Velha]* também... *Oniacã*[70]*. Oniacã* era a *mãe-de-santo* delas que veio a ser irmã *[de santo]* do meu falecido *pai-de-santo*[71] *Oyá Kendala* que na época era de Angola. Ela vinha do Rio para o Espírito Santo para dar obrigação. A primeira *Casa* que nasceu foi de Dona Cenira. *[Isso]* há mais de cinquenta anos. Tinha Cenira, *Indebeleuí*, *filhas-de-santo* de *Oniacã*. Ali nasceu a *Casa* do falecido *Alá Jhe By*[72] *[Evanil Rodrigues]* de Cocal *[Vila Velha/ES]*, Ketu. Nasceu a *Casa* de *Rogério de Iansã*[73] que na época ele era filho de "*Oyá Ruanjí"* do Rio de Janeiro. Tinha a *Casa* do falecido *Roberto do Obaluaê*, Ketu em Viana/ES que é até meu padrinho de *oruncó*. Eram as *Casas* funcionais. Aí nasceu *Ganzuarê*, falecido "*Ganzu"*, filho de Dona Cenira. Nasceu…. A Grande Vitória era regida por Angola e Ketu. Veio para o Jeje a falecida Létinha. Tinha a falecida *Fia [Fomo de Oxóssi]* no bairro Araçás. Létinha era em Vila Isabel *[Cariacica/ES]* e a falecida Fia no bairro Araçás *[Vila Velha/ES].* As duas *parentes-de-santo* de Jeje. Então Vitória tinha Angola que predominava *Rogério de Iansã [serra/ES]* e Cenira *[Vila Velha/ES]*. Ketu o falecido *Alá Jhe By* e o falecido Roberto do Obaluaê *[Viana/ES]*. Nos anos noventa que foi chegando a Vitória outros Axés do Rio *[Rio de Janeiro]*. Veio o *Asè Osumarê*, veio *Efon* para Vitória, mas a regência toda era Angola e Ketu, Angola e Ketu… Hoje em dois mil e quinze nós não temos mais *Casas*, praticamente, do Axé Angola. Nós temos Anajete *[…]*; nós temos o Dauro *[…]* de Areinha, Viana; Rogério de Iansã ele, me parece que hoje ele toca Ketu. Então nós não temos mais ... A *Casa* de Dona Cenira que era matriarca se rompeu. Porque o filho que tocava a *Casa* morreu, foi assassinado. Dona Maria do Cabral[74] era aqui em Campo Grande, ali

---

[69] Nome de registro, Cenira Ferreira Castelo. Atendia também pelos seguintes nomes rituais: *Iyadolamin, Cenira de Oxum e Dona Cenira,* como ficou mais conhecida pelos membros do Candomblé na RMGV. Atualmente com idade bem avançada, mora no município de Guarapari/ES próximo à *Casa* de alguns de seus *filhos-de-santo* se restringindo apenas a acompanhá-los em sua prática religiosa.

[70] Nome de registro, Ilda Ferreira dos Santos.

[71] Termo popular empregado para designar o sacerdote do Candomblé. Equivalente a *Babalorixá* (*Ketu*), *Taatá* (*Angola*) ou *Doté* (*Jeje*).

[72] Veio de São Paulo e em 23/04/ 1978 fundou o *Ilè Tory Asè Oxolufan*, Terreiro de Candomblé de Nação Jeje localizado no município de Vila Velha/ES. Faleceu em 13/11/2003 sendo o Terreiro herdado por sua filha consanguínea conhecida pelo nome ritual de *Odé Dadau Akeran Aunsy* (Luzinete Bezerra Rodrigues). A última atividade realizada no Terreiro foi em julho de 2014 em ocasião da festa de Oxóssi. Atualmente, ele se encontra desativado e o imóvel posto a venda.

[73] *Iansã, Matamba* ou *Oyá* são denominações distintas que servem para indicar divindades correspondentes do panteão afro-religioso, variando-se, para isso, apenas a modalidade religiosa. Contudo, ambas as definições indicam a energia responsável pelo movimento da Terra e transformação dos seres vivos. Comumente, tem sua figura assimilada ao búfalo sendo conhecida como a "Dona dos Raios" e "Senhora dos Ventos".

[74] *Oyá Tolá, Maria Baiana* e *Dona Maria do Cabral* eram os nomes rituais com que era conhecida a senhora Maria do Cabral. Segundo o livro de Cleber Maciel (1992) ela era *filha-de-santo* de "*Seu Luiz da Muriçoca*" ligado ao Candomblé Ketu. Na RMGV sua prática religiosa foi marcada tanto pela Umbanda quanto Candomblé.

> atrás do Posto Valentim. Dona Maria do Cabral tocava Angola. A *Casa* dela quem recebeu foi o neto Pablo de herança. *Pablo de Jagun* que tomou *[obrigação]* de sete anos. Hoje ele até veio a ser *irmão-de-santo*[75] de *Geraldinho de Oxum [Terreiro em Valverde, Cariacica/ES]*. Mas o Pablo, ele não tocou a *Casa*. Ele só tomou obrigação. *Dona Maria do Cabral*, ela é antiga dessa época mesmo de reinado de Angola e Ketu. Mas era uma senhora que mexia muito com Umbanda e raramente ela mexia com Candomblé. O *pai-de-santo* dela era de fora também e eu não sei te dizer se ela foi iniciada aqui em Vitória. Tinha *Seu Luiz da Muriçoca*[76]. Ele veio a ser *pai-de-santo*… Se eu não me engano eu acho esse *Seu Luiz da Muriçoca* era *pai-de-santo* do lado Jêje daqui. Ele não morava aqui e vinha, se eu não me engano, do Rio de Janeiro porque tinha *filhos-de-santo* aqui. E mais outros Axés, eles entraram aqui nos anos noventa que veio *Pai Kendalá* pra Vitória; veio *Marcelo do Oxoguian* do Rio de Janeiro. Mas o predomínio mesmo em Vitória era totalmente Angola e Ketu. (Pai Sandro de Jagun, 08 de dezembro de 2015).

A forte influência de sacerdotes do Candomblé de outros estados no Espírito Santo, como defende Cleber Maciel (1992), engendra o nascimento dos primeiros *Yaôs* na RMGV e com eles a constituição inicial dos Terreiros de Candomblé da região. Nomes importantes do Candomblé Capixaba derivam dessa época como *Iyadolamim (Cenira Ferreira Castelo), Oyá Tolá (Maria do Cabral), Diaguerembê (Rogério de Iansã), Alá Jhe By, Fomo de Oxóssi (Fia), Roberto do Obaluaê, Ganzuarê* e outros retomados através da pesquisa de campo. A maioria deles já falecidos hoje.

Somado ao postulado pelo autor, o trecho da entrevista de Pai Sandro destaca outro dado referente à corrente migratória de sacerdotes do Candomblé para a RMGV que se operou no passado, principalmente a partir da década de 1970, que da mesma maneira contribuiu para a constituição e modelo de prática religiosa para o Candomblé Capixaba. Esse aspecto levantado pelo sacerdote foi percebido no campo de pesquisa a partir das entrevistas realizadas com os *zeladores-de-Orixá*[77] pelo Programa de Extensão Africanidades da Ufes[78], em que procurou-se abranger todos dos Terreiros de Candomblé residentes na RMGV.

---

[75] *Filhos-de-santo* membros de um mesmo Terreiro.

[76] Segundo outros dados adquiridos na pesquisa, *Seu Luiz da Muriçoca* era representante do Candomblé de Nação Ketu. Cleber Maciel (1992) também sinaliza essa informação em seu livro. Era da Bahia e vinha para o Espírito Santo atender as pessoas do Candomblé.

[77] Equivalente a sacerdote do Terreiro.

[78] O *Programa de Extensão Africanidades: Identidades, Religiosidades e Patrimônio Cultural* iniciado em 2015 com previsão de término para início do ano de 2017. É coordenado pela

Segundo os sacerdotes entrevistados no Programa de Extensão Africanidades, entre os motivos que alimentou as migrações de sacerdotes do Candomblé para a RMGV a partir desse período, fazendo dessa forma repercutir o histórico de grande parte dos entrevistados pelo programa, estão destacados a busca de melhores condições para morar e instalar os seus futuros Terreiros tendo em vista que muitos deles não possuíam *Barracão* próprio na localidade de origem; e a crescente demanda dos *filhos-de-santo* criada na RMGV que careciam de cuidados para dar seguimento no Candomblé e que quase sempre tinham que buscar por ajuda em Terreiros distantes. Ainda pesa o fato de que esse período também foi marcado pelo avanço das teologias pentecostais e o consequente aumento da reincidência de casos de intolerância religiosa contrária aos membros dos Terreiros de Matrizes Africanas nos grandes centros urbanos, principalmente no sudeste brasileiro como Rio de Janeiro e São Paulo, assinalando, assim, o incentivo à migração para outras regiões do país.

A relevância desse contexto apresentado está na maneira com que se constituiu a formação dos grupos de pertencimento dos afro-religiosos no passado e sua contribuição deixada na atual organização do campo religioso do Candomblé na RMGV. Deste modo, Cleber Maciel apresenta a seguinte distribuição dos Terreiros de Candomblé do passado, segundo as nações e tronco de pertencimento ritual:

Prof.ª Dra. Cleyde Rodrigues Amorim e contam com a participação de um grupo formado por professores e estudantes da Ufes. Tem como objetivo principal a valorização da História e Cultura Africana e Afro-brasileira, a qual as Comunidades de Matrizes Africanas são portadoras, se colocando como uma ação afirmativa eficaz para o subsídio e cumprimento do ordenamento legal no que tange estas populações. Pretende fazê-lo em parceria com os sacerdotes dos Terreiros de Candomblé na RMGV por meio da identificação, do mapeamento e da cartografia social dos mesmos.

Tabela 3 - Organização do Candomblé na RMGV segundo as Nações[79]

Nações do Candomblé	Principais troncos em 1992
Angola	Consistia na maior expressão do Candomblé da época. Entre os principais membros na RMGV, Maciel destacou a *Iyalorixá Oniacã* que era a *mãe-de-santo* de *Iadolamin (Cenira de Dandalunda)*; *Diaguerembê* (Rogério de Iansã) que na época era do Candomblé Angola; A *Iyalorixá Mavunilé filha-de-santo* de *Tatá Oxanirê*; e a *Iyalorixá Kilungi de Amzambi,* da raiz *Bate Folha* e *filha-de-santo* de *Mambanzo de Amzambi*.
Ketu	Segunda maior modalidade do Candomblé, em número de praticantes, na RMGV. Destaque para os seguintes membros: *Iyalorixá Oiatolá (Maria do Cabral) filha-de-santo* de *Luiz da Muriçoca (BA)*, *Alá Jhe By, Wilson de Oxóssi, Nelsinho de Oxóssi*, *Gelson de Xangô Airá*, *Dofona de Omolu*[80] (Saturnina da Conceição), *Roberto de Obaluaê* e *Dona Beth*.
Jeje ou Jeje Nagô	*Iyalorixá Fomo de Oxóssi (Fia)* que era *filha-de-santo* de *Dirceu de Oxalá (Dofono)*; *Dirce e Betinha*, respectivamente em Porto de Santana e Caratoíra (bairros de Vitória/ES).
Efõ	*Cristo de Oxóssi* e *Nelson de Oxalá*
Candomblé de Caboclo	*Nenel Baiano*
Omolokô	*Gangalembi* (Euzinho Francisco) *filho-de-santo* de *Luiza da Costa Godoí de Oxóssi* (RJ).

Figura 1 – Fonte: Cleber Maciel 1992.

Por meio da pesquisa, foi possível perceber mudanças importantes no campo religioso atual do Candomblé na RMGV. Muitos dos sacerdotes do Candomblé identificados por Cleber Maciel no passado, hoje se encontram falecidos e seus antigos Terreiros extintos. Entre aqueles que permanecem vivos, com registro nas entrevistas, estão *Iadolamin (Cenira de Dandalunda), Diaguerembê (Rogério de Iansã), Iyalorixá Mavunilé e Wilson de Oxóssi.* Dos

[79] Foram conservadas as grafias dos nomes rituais dos membros do Candomblé da mesma forma proposta pelo livro.

[80] Divindade do Candomblé ligado ao elemento terra e ao poder da cura.

quatro sacerdotes destacados, apenas dois ainda permanecem com seus Terreiros em funcionamento, ambos no município da Serra/ES - *Rogério de Iansã* e *Wilson de Oxóssi*. Os outros dois, devido à idade avançada em que se encontram, não exercem mais o cargo de *Iyalorixá* e os seus antigos Terreiros foram extintos.

No que diz respeito aos sacerdotes retratados no livro e que atualmente se encontram falecidos, existem aqueles que os seus antigos Terreiros se encontram fechados permanecendo apenas a antiga edificação (*Alá Jhe By);* os que foram extintos, sendo o loteamento vendido a terceiros (*Iadolamin e Mavunilé);* o que foi extinto e o imóvel passa atualmente por implacáveis disputas judiciárias entre os herdeiros (*Iyalorixá Oiatolá)*; ou ainda, na maioria dos casos, aqueles que foram desativados do lugar habitual não deixando registro sobre do seu paradeiro *(Kilungi de Amzambi, Gangalembi, Roberto de Obaluaê, Dona Beth, Iyalorixá Fomo de Oxóssi, Dirce, Betinha, Cristo de Oxóssi, Nelson de Oxalá, Nenel Baiano, Nelsinho de Oxóssi, Gelson de Xangô Airá e Dofona de Omolu).*

Em todos os casos referidos nesse último grupo, o falecimento do sacerdote e a grave crise de sucessão desencadeada após sua morte, são os principais motivos que explicam a extinção dos Terreiros.

No que diz respeito à distribuição atual dos Terreiros de Candomblé na RMGV por Nações e números de seguidores, segundo a comparação feita pelos sacerdotes entrevistados na pesquisa, a partir do presente com a época em que o livro de Cleber Maciel foi escrito, também foram percebidas algumas alterações. O antigo predomínio do Candomblé Angola indicado no passado há muito foi superado pelo atual Candomblé Capixaba de maioria pertencente à Nação Ketu.

Os principais motivos que explicam esse fenômeno estão no crescente destaque conquistado pelos antigos Terreiros da Bahia representantes da Nação Ketu desde as últimas décadas no cenário nacional e a conseguinte dispersão de Terreiros filiados em grande parte do território brasileiro. Essa campanha contou com as contribuições de notáveis intelectuais ligados aos Candomblés Ketu da Bahia, cujas obras repercutiram no campo religioso Afro-

brasileiro, resultando na construção de um modelo ideal de ortodoxia (CAPONE, 2004: p.20[81]).

Outro aspecto relacionado às práticas religiosas Afro-brasileiras na atual RMGV refere-se à composição racial dos membros dos Terreiros. Conforme foi possível perceber, antes mesmo da realização da pesquisa, sendo posteriormente apontado nas entrevistas dos três sacerdotes pesquisados, o percentual de brancos nos Terreiros, tanto de Umbanda como de Candomblé, é superior ao de negros. Tal fato é atribuído pelos sacerdotes ao acirramento do preconceito racial e à discriminação religiosa contraria as Religiões de Matrizes Africanas (RMAs) que de forma mais pontual atingem mais os membros negros do que os brancos, funcionando, em certa medida, como um reforço negativo para a condição de negritude.

Neste sentido, os comentários advindos dos membros dos Terreiros pesquisados, como: *"Os negros são os maiores culpados pela intolerância religiosa que vivemos, pois eles são os primeiros a negarem sua origem africana[82]"*, ou "*os negros de hoje estão em sua maioria nas igrejas evangélicas ajudando a acabar com os nossos Terreiros[83]"*, entre outros encontrados durante a realização da pesquisa que, tomados como consenso da maioria dos integrantes das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTs) da região, encontram vazão nas entrevistas dos sujeitos da pesquisa, fazendo destes propensos porta-vozes das referidas comunidades em suas investidas no campo político municipal.

A aplicação dessa ideia no campo pesquisa explicaria, ao menos em parte, a maior possibilidade dos políticos profissionais em construir alianças publicamente com sacerdotes brancos assim como os investimentos em suas campanhas, viabilizando, assim, maior participação política dos sacerdotes brancos em detrimento dos negros, que carregam duplo estigma - étnico e religioso. Este foi o caso envolvendo Pai Rogério de Iansã no pleito eleitoral de

---

[81] Sobre a participação de intelectuais filiados aos Candomblés baianos do passado, cujas obras contribuíram para a promoção do Candomblé Ketu e conseguinte alteração do campo afro-Religioso no Brasil, Capone destaca Nina Rodrigues, Arthur Ramos, Édson Carneiro, Ronald Pierson, Roger Bastide, Vivaldo da Costa Lima, Marco Aurélio Luz, Pierre Verger, Juana Elbein dos Santos e outros.

[82] Pai Jamba, Terreiro de Mãe Anajete.

[83] *Filho-de-santo* de Pai Sandro de Jagun.

2012 e, mais recentemente, Pai Sandro e Mãe Leida, no município de Cariacica/ES.

> Hoje realmente a religião Afro-brasileira ela proporcionou ao branco estar inserido na religião de negros. Então quer dizer: eu me sinto privilegiado de ter essa visão de mistura de raças porque eu não desqualifico ninguém, entendeu? Mas eu acho assim, que o negro, ele tem seu lugar. Eu acho que ele se valoriza muito pouco. Muita das vezes, o negro ele se sente ameaçado. Eu não gostaria de ver esse negro com essa fala de que ele está se sentindo ameaçado. Eu não gostaria de ver esse negro se sentindo é ... diferente, inferior. Ele é igual a todo mundo. Eu não me sinto melhor do que ninguém porque eu sou branco narigudo. Entende? Eu acho que oportunidade existe para todos, mas o preconceito não parte de mim. Ele vive solto por aí. Então, eu acho que estou dentro de uma religião de negro e que, por ser branco, me coloco à disposição de ir para essa luta junto. Para essa batalha (Entrevista realizada com Pai Sandro em 08/12/2015)

Por outro lado, os estigmas que atingem os negros dos Terreiros, com suas devidas ressalvas, também contribuem para explicar o melhor posicionamento dos brancos no campo político conferindo à maior abertura para a negociação com as agências do estado.

Sobre o maior percentual de brancos nas Religiões Afro-brasileiras na RMGV, outro motivo apontado pelos sujeitos da pesquisa para justificar o fenômeno relaciona-se ao histórico de pertencimento à Umbanda na região associado ao frequente trânsito de umbandistas para o Candomblé.

Entretanto, para a pesquisa, o trânsito de membros da Umbanda para o Candomblé é concebido a partir da busca de melhor posicionamento no campo afro-religioso. No caso dos brancos que estão em busca de distinção social, o discurso da “pureza” do Candomblé oferece uma boa oportunidade de atingir seu objetivo.

Contudo, a partir de Pierucci (2006), o incremento de branco nas Religiões Afro-brasileiras pode ser justificado pela universalização dos cultos a partir da perda da antiga barreira étnico-cultural para a construção de outras, baseadas em padrões mais flexíveis e condizentes com a expansão dos centros urbanos do sudeste brasileiro.

De acordo com os três agentes da pesquisa, os perfis gerais dos membros do Candomblé Capixaba no próprio Terreiro e nos demais Terreiros localizados no município de Cariacica são, respectivamente, percebidos da seguinte maneira:

Tabela 4 - A percepção de Pai Sandro de Jagun sobre sua membresia

Pai Sandro de Jagun	***Próprio Terreiro***	***Município de Cariacica***
Raça/cor	Maioria Branca 30% negros 70% pardos e brancos	Maioria Branca: 40% de negros; 10% pardos e 50% brancos
Sexo	Predomínio Masculino	Predomínio Masculino
Idade	Media de idade entre 30 a 40 anos.	Representada pela juventude com média de 25 a 30 anos
Escolaridade	A maioria com ensino médio completo.	A maioria com ensino fundamental
As três atividades ocupacionais mais frequentes	Profissões diversas: auxiliar de serviços gerais; profissionais liberais e funcionários públicos.	Não soube responder
Trânsito religioso	A maioria oriunda da Umbanda.	A maioria oriunda da Umbanda,
Nível social	Classe Média	Classe Média
Os pobres do Candomblé	Os negros	Não sabe
Clientes do Terreiro	Branco, entre 35 à 45 anos, católico.	Não sabe

Tabela 5 - A percepção de Pai Carlão de *Oyá* sobre sua membresia

Pai Carlão de *Oyá*	***Próprio Terreiro***	***Terreiros de Cariacica***
Raça/cor	50% negros 50% pardos	70% brancos 20% pardos 10% negros
Sexo	Masculino	Masculino
Idade	Maioria de jovens de 25 a 35 anos.	Maioria de jovens de 30 a 40 anos.
Escolaridade	Baixa escolaridade nível fundamental	Baixa escolaridade nível fundamental um.
As três atividades ocupacionais mais frequentes	Auxiliar de serviços gerais, motorista e domésticas.	Auxiliar de serviços gerais, domésticas.
Trânsito religioso	Maioria oriunda da Umbanda seguida do catolicismo.	Maioria oriunda da Umbanda.
Nível social	Baixo, de 2 a 3 salários mínimos.	Não sabe
Os pobres do Candomblé	Os assalariados, que são a maioria.	Não sabe
Clientes do Terreiro	Negros, 25 a 35 anos, oriundos de outros Terreiros.	Não sabe

Tabela 6 - A percepção de Mãe Anajete de Nzaze[84] sobre sua membresia

Mãe Anajete de Nzaze	*Próprio Terreiro*	*Terreiros de Cariacica*
Raça/cor	Negros 20% Pardos 70% Brancos 10%	Negros 50% Pardos 40% Brancos 10%
Sexo	Feminino.	Feminino
Idade	20 a 30 anos.	20 a 30 anos
Escolaridade	Maioria ensino médio completo, sendo poucos os que têm ensino superior.	Ensino médio incompleto
As três atividades Ocupacionais mais frequentes	Auxiliar administrativo, motorista e auxiliar de serviços gerais.	Auxiliar de serviços gerais, pedreiro domésticas.
Trânsito religioso	Provenientes do catolicismo, protestantes (Assembleia de Deus) e depois Umbandistas.	Umbanda, católicos e protestantes.
Nível social	De 1 a 2 salários mínimos.	De 1 a 2 salários.
Os pobres do Candomblé	Os desempregados, negros, jovens de 20 a 30 anos.	Desempregados, negros, jovens de 20 a 30 anos.
Clientes do Terreiro	Brancos, 30 a 40 anos, prendas do lar (do lar), Mulheres Evangélicas.	Evangélicos, pardos, de 30 a 40 anos.

Vimos acima o modo pelo qual os membros dos Terreiros se organizam a partir do conjunto simbólico disseminado sobre o que vem a ser "Tradição Yoruba", que transcende o espaço dos *Barracões* e o modo com que o Candomblé capixaba foi constituído na RMGV a partir do jogo de influências tanto da Umbanda quanto do Candomblé oriundo de outros estados, graças ao desempenho de importantes sacerdotes do passado.

O objetivo da seção anterior foi o de fazer emergir o lugar de afetamento nativo, ou seja, o seu universo simbólico que serve de orientação para guia-los no meio interacional, cujo alcance transcende o cotidiano dos Terreiros onde se reúnem com seus pares para o exercício religioso, fazendo-se sentir também em outros "cantos" da vida social como no campo de participação política, por assim dizer.

Na seção seguinte, serão tratados, com o auxílio da análise da agenda política étnico-racial, desenvolvida após a constituição de 1988 no Brasil, e especialmente nos governos petistas, nos quais os mecanismos legais

[84] Palavra de origem *Bantu* que serve para indicar a divindade ligada à justiça representada na natureza pelo elemento fogo. No Candomblé *Ketu* e *Efon*, é representado pelo Orixá Xangô.

serviram de sinal para os sacerdotes para a possibilidade de trânsito entre os campos Religioso e Político que, por sua vez, vem corroborando para a expansão dos direitos e liberdades religiosas nos Terreiros.

2.2. Do Terreiro à encruzilhada Política

Òrisà Esù

A pàdé olóònòn mo juba Òjísè
Àwa sé awo, àwa sé awo,
àwa sé awo Mo júbà Òjisè.

Orixá Exu (tradução)

Vamos encontrar o Senhor dos Caminhos,
Meus respeitos àquele que é o mensageiro,
Vamos cultuar, vamos cultuar, vamos cultuar
Meus respeitos àquele que é o mensageiro.
(Cantiga do *Orixá Exu* entoada nos Terreiros de Candomblé)

Parte do trabalho religioso cotidiano dos Terreiros é alimentar as divindades como *Orixás*, *Nkises* e *Voduns*. O primeiro a comer, por várias razões, é sempre *Exu*. A primeira razão é para que ele não "atrapalhe" os rituais, e a segunda, entre outras, é para que as oferendas sejam entregues aos seus verdadeiros destinatários, que são as divindades. A saudação para que isso aconteça consiste em ofertar alimentos para esse *Orixá* com os portões do Terreiro abertos em uma clara referencia ao espaço da Rua.

Assim, para *Exu,* é necessário estabelecer uma relação com a rua ou um plano considerado exterior, fundamental na construção do espaço ritual dos Terreiros.

No plano dos sacerdotes, controlar esse aspecto é essencial e implica uma série de saberes. Durante as entrevistas, me perguntei como seria um espaço público imaginado por eles e como se daria o controle desse universo político, cujas regras são um desafio ao neófito. Ao usar seus nomes religiosos, os sacerdotes apostam em um trânsito entre o universo que eles dominam nos Terreiros e aquele que se apresenta no espaço político partidário. Como eles fazem isso?

A oposição entre Terreiro e Rua pode ser explorada na dicotomia espaço privado/público, já desenvolvida por Roberto DaMatta (1987). Como se sabe, esse autor concebe a sociedade brasileira de maneira relacional, ou seja, resultado de um sistema social no qual convivem diferentes concepções de sociedade, de política e de economia (DaMatta, 1987: 87).

Ao enfocar a atividade dos sacerdotes no ambiente político, pareceu-me importante considerar essa perspectiva, uma vez que "acredita-se que a sociedade brasileira seja um sistema marcado por redes de relações pessoais que atuam de modos altamente formalizado e instrumental, sem qualquer referência diretamente ligada a posições econômicas e ideológicas" (Idem: 89).

A definição do DaMatta é analítica e relacional, a Casa não existe sem a Rua e vice versa. Ele apresenta esse tema porque quer entender a cidadania nos moldes de uma sociedade como a brasileira. Quer descobrir, portanto, como é a cidadania no Brasil.

A proposta do DaMatta tem a ver com esta pesquisa na medida em que os sacerdotes transitam por esses universos e constroem seus capitais religiosos e políticos a partir deles, visto que a presente etnografia considera que não há uma oposição entre Casa e Rua, mas uma correlação ou uma relação de complementaridade desses dois universos, especialmente se considerarmos os aspectos litúrgicos e ritualísticos e, mais recentemente, a dimensão da representação pública das Terreiros de Candomblé.

A Casa é composta pelo Terreiro, onde se materializam as personalidades, as trajetórias pessoais e onde se desenvolvem a nova pessoa do iniciado e esses dois espaços são construídos de maneira em que a Rua baliza os comportamentos e expectativas em relação ao sagrado, a ordem e ao poder dos sacerdotes.

Os capitais religiosos dos sacerdotes são desenvolvidos nesse universo relacional, no qual desenvolvem a capacidade de controlar tanto o espaço da Casa (Terreiro) e da Rua (espaço público). A Rua e o que ela representa para os mesmos, neste sentido, é imprescindível, uma vez que faz parte da cosmologia do Candomblé.

> Rua para nós é o que? Nós chamamos de *Pambu ijila*. *Pambu* quer dizer caminho e *ijila* encruzilhada. Caminho da encruzilhada. Então, a "Rua", a encruzilhada é que vai definir qual Rua você vai pegar, que

> caminho que eu vou tomar. Eu costumo dizer que tem gente que nasce com uma encruzilhada só e outras nascem com sete, oito. Ele vai caminhar até lá e voltar de novo até pegar a Rua certa que ele vai andar. Então, a Rua para nós é o caminho. É a abertura. (Mãe Anajete, 08 de março de 2016).

> Nós tínhamos uma ideia de ir alí em Cariacica Sede, na Igreja Católica de São João Batista, conversar com o Padre que as escadas dele é pequenininha. A gente queria lavar aquelas escadas e fazer um toque para *Oxalá* na igreja. Nós pretendemos fazer isso em janeiro. Eu queria usar o dia vinte um de janeiro pra fazer aquele movimento, aquela marcha da intolerância religiosa. Seria à noite ou de tardezinha e fazer esse evento na porta da igreja. Carlão está amadurecendo a ideia comigo da gente ir lá bater um papo com esse padre. Não sei se vai ter aceitação. A necessidade é dar visibilidade às Comunidades de Terreiro e a sua cultura. É de ir pra Rua vestido de branco e cantar. Entendeu? É uma questão de trazer para as pessoas esse amadurecimento do que é a nossa religião, entendeu? De combater esse rótulo negativo que as pessoas falam sem conhecer de fato o que é pertencer às Religiões de Matrizes Africanas. (Pai Sandro, 08 de dezembro de 2015).

O que acontece quando a Rua da qual se fala nos Terreiros não é mais a Rua, no sentido controlado pelos sacerdotes? O que acontece quando os sacerdotes passam a interagir com esta outra Rua, marcada por outros jogos de interesse, ética e moralidade próprias? Ou ainda, o que acontece quando os sacerdotes passam a interagir com esta outra Rua, cuja definição “igualitária”, “democrática”, “republicana”, “do voto”, contrasta com a imagem comum de uma hierarquia parental marcada pela distância temporal como símbolo de autoridade?

Segundo os sacerdotes entrevistados na pesquisa, a categoria Rua é definida como o espaço além dos muros dos Terreiros que se caracteriza pela imprevisibilidade, insegurança e domínio daquele que não pode ser controlado ou contido – em uma referência à *Exu*, divindade do culto Afro-brasileiro e patrono deste ambiente. Por outro lado, a concepção de Rua também traz consigo a ideia de “possibilidade”, de “tentativa e acerto”, do desafio necessário ao crescimento em relação vida pessoal e pública.

Constitui um saber comum ensinado pelos membros mais velhos dos Terreiros que o lugar de *Exu* é na Rua e com ele a “justiça dos homens”, ficando a *Casa* a encargo das demais divindades e cabe aos iniciados promover essa distinção. Esse saber denota que há o mundo da “justiça dos

homens” e um “mundo dos *Orixás*” com outra lógica própria e comunicação episódica entre eles, como vimos no caso dos rituais para *Exu*.

Esse saber é posto à prova atualmente pelos vários episódios de intolerância religiosa assinalados durante a etnografia. Em um deles, o Terreiro de Pai Paulo de *Oxoguiã* sofreu uma tentativa de invasão quando, durante a realização de um ritual na porta do Barracão, um grupo de evangélicos tentou impedir sua ação ao ameaça-lo com a destruição dos seus assentamentos. Ou, em outra ocasião, na qual, mesmo sob ameaça de um grupo de traficante armados de revolveres, Pai Sandro, em companhia de seus *filhos-de-santo,* resolve concluir o ritual religioso iniciado numa cachoeira próximo à região de Maracará, no município de Cariacica.

Em face desses eventos, os integrantes das CTTs buscam se fortalecer, sobretudo, a partir do agenciamento de uma legislação e de uma agenda pública relativa aos direitos dos Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiro. Alguns de seus membros encontram nessa legislação e eventos públicos meios para resignificarem a Rua não mais como um espaço incógnito e perigoso, mas como aliada na elaboração de uma nova agenda pública dos Terreiros e de suas próprias concepções do que seja o espaço público.

Entre os eventos realizados na RMGV durante o desenvolvimento da pesquisa, estão o “I Seminário Nacional de Cultura, Saúde, e Educação para as Mulheres dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas” e o “V Encontro Regional dos Povos e Comunidades Tradicionais”. O primeiro deles realizou-se entre os dias 13 e 16 de março de 2014, em Nova Almeida, no município da Serra/ES, programado a partir da Coordenação Nacional das Entidades Negras (CONEN). O segundo, referente ao encontro regional dos Povos e Comunidades Tradicionais, ocorreu entre os dias 16 e 18 de setembro de 2015, em Vitória/ES.

No plano nacional, podemos relacionar uma série de outros eventos que tornam significativa a emergência dos sacerdotes aqui etnografados, tais como a III Conferencia Nacional de Promoção da Igualdade Racial (III CONAPIR), em 2013 e o II Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais em 2014, realizados em Brasília. Tais eventos repercutiram localmente promovendo o

aumento do interesse pelo espaço público como forma de garantir o exercício da liberdade religiosa.

A nível estadual, registramos também o I Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo, realizado pela Secretaria de Estado de Cultura (SECULT), em Aracruz/ES, no ano de 2012; a criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidade Tradicionais do Espírito Santo (CEPCT), em 2013; a Conferência Intermunicipal de Promoção da Igualdade Racial Cariacica – Vila Velha, em 2013; o I Seminário de Povos e Comunidades Tradicionais de Cariacica, em 2014; e a Criação do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional do Espírito Santo (CONSEA/ES), com ênfase na discussão sobre segurança alimentar nos Terreiros.

Como veremos em seguida, as biografias dos sacerdotes mostram uma forma específica de participação política que não obedece inicialmente a filiações partidárias, mas às organizações, ainda que rudimentares, calcadas na identificação religiosa. Participar desses fóruns requer um saber específico do espaço político, mas também da capacidade dos sacerdotes de impor seus conhecimentos que, por sua vez, faz da política um jogo arriscado.

Não há uma participação homogênea dos sacerdotes, especialmente porque eles têm trajetórias distintas. Embora busquem traçar suas filiações religiosas no plano mítico, nota-se que entre eles há capitais políticos e culturais distintos até mesmo na elaboração da cosmologia religiosa. Em muitas situações pude ouvir *fuxicos* que buscavam atingir a honra de meus interlocutores ou mesmo brincadeiras jocosas entre eles que expunham a busca pela imposição de pequenas vitórias públicas. Quanto mais eles alçavam seus voos em direção à representatividade de seu grupo, não somente sua *Nação* de pertencimento no Candomblé, mais isolados e próximos de uma imagem da política partidária eles alcançavam entre seus pares.

Vou descrever a atuação de três sacerdotes e buscar mapear a como eles constroem suas trajetórias políticas lançando mão de estratégias específicas, ligadas à sua biografia. Ademais, essa estratégia tem por finalidade demonstrar que não estamos em busca de um modelo de análise

geral, mas da detecção das condições de possibilidade da relação entre saberes políticos e sua interface religiosa, como nova dimensão indenitária.

Para muitos sacerdotes não abordados neste trabalho, a ponte política já existia, mas era um meio ocasional de conseguir algum tipo de apoio institucional ou financeiro. Para outros, no entanto, a inserção no universo da política parecia mesmo uma aventura a ser encarada com as armas que se tinham em mãos.

3. A justiça de *Nzaze*, a liderança de *Jagun* e a sabedoria de *Oyá*: memórias, trajetórias e participação política dos sacerdotes do Candomblé Capixaba

Meu interesse pela descrição das trajetórias dos sacerdotes teve início quando, durante o trabalho de campo, observei que os *pais e mães-de-santo* têm grande interesse em traçar uma biografia pessoal. Tal "interesse", que apareceu logo no início das entrevistas ou conversas informais, tem a ver com a constituição do valor da oralidade para os sujeitos, mas, também, se relaciona à maneira de construção da reputação nos contextos de interação social em que eles se apresentam.

No contexto das candidaturas a cargos de representação, expor e defender a própria trajetória são aspectos bastante valorizados pelos sujeitos, exatamente porque tais trajetórias denotam os investimentos e os sacrifícios que fizeram e estão dispostos a fazer pelas suas comunidades, seja no plano do Terreiro ou da câmara municipal.

Contar a própria vida como um percurso com os percalços que o cotidiano nos impõe, sublinhar as vitórias, ainda que em pequenos detalhes que se refiram ao campo religioso, é uma estratégia importante para construir publicamente uma reputação. A trajetória de vida, nesse sentido, aparece como algo pronto e acabado, cujo centro é o presente dos sujeitos, varrendo para outros cantos biográficos toda forma de dubiedade e contradição que, de fato, se faz presente em qualquer narrativa (BOURDIEU, 1998).

A criatividade desses momentos é bastante singular, o que denota que a biografia e a trajetória de vida, a despeito de serem apresentadas em uma coerência aparentemente impecável, é um gênero narrativo que tende a ser singularizado nas situações de interação ou nos contextos sociais em que é acionado para conferir eficácia simbólica. Isso ocorre, por exemplo, no discurso dos sacerdotes sobre suas origens humildes no cristianismo, sobre a herança familiar de avós já iniciados ou sobre "o povo" a quem se pretende representar.

Neste sentido, a possibilidade de representar uma comunidade religiosa, uma *Nação*, uma *Casa*, uma filiação, faz com que a trajetória dos sacerdotes seja pensada como a própria biografia de um grupo, o que coloca questões

sobre as formas de reposicionar as identificações sociais no Candomblé. Questões relativas à construção da linhagem ancestral são bastante ressaltadas na edificação biográfica, porque representam valores que fundam a noção de pertencimento a um Terreiro, mas, também, porque servem de abertura ao ingresso de novos adeptos, significando formas de proselitismo religioso.

Por último, é a mitopráxis (SAHLINS, 2001) envolvida na fusão entre os horizontes religiosos e biográficos que suscita a construção da trajetória pessoal como um diálogo em eterno devir com o mundo espiritual dos ancestrais que se materializa via conquistas e desafios de seus continuadores no *Àiyé*. Tal cosmologia diminui o estranhamento sobre o ingresso dos sacerdotes no mundo da política partidária, especialmente se ele estiver inscrito no *Odu* do *pai* ou *mãe-de-santo*.

Neste capítulo, são as próprias categorias sociais dos sujeitos que importam ao pesquisador, incluindo aí a perspectiva de hierarquização do tempo, dos sujeitos protagonistas e das condições de emergência dos temas e assuntos que configuram os eventos significativos das trajetórias. Ou seja, trata-se de enfocar a própria construção da experiência pessoal como "política" na vida dos *pais* e *mães-de-santo* que, muitas vezes, são vistos apenas como sacerdotes de suas religiões, abstraídos de outros planos de interação social em suas comunidades.

Bourdieu (1998) narra tais eventos como uma forma de "ilusão biográfica". Não se trata de uma mentira, mas de uma forma específica de organizar temas, assuntos e eventos que de outra forma se perderiam no emaranhado de eventos que perfazem uma vida. Trata-se aqui menos de buscar uma verdade sobre o que os sujeitos narram e mais deter-se na construção e encadeamento que organizam os fatos significativos para os sujeitos.

Assim, a linha reta quase naturalizada da "vida", que é traçada pelos sujeitos, importa ao pesquisador especialmente o que diz respeito aos temas e aos marcadores eleitos no processo dialógico da entrevista e as situações de interação que dão, no espaço desenvolvido aqui, o sentido das relações de poder entre os sacerdotes.

Buscando me afastar do meu próprio círculo de relações religiosas, elegi três sacerdotes que ocupam posições distintas na organização política no município de Cariacica/ES. Minha intenção não foi instituir qualquer objetividade na pesquisa, mas provocar meu próprio estranhamento e buscar constituir a alteridade como ponto de inflexão para a descrição do que significam as relações de poder e o ingresso no que definem como a vida política de suas comunidades.

Considerando a posição no campo político, elegi uma *Iyalorixá* e dois *Babalorixás* que, devido às suas trajetórias de vida, ajudam a perceber as nuances e a diversidade da organização social do Candomblé Capixaba. Eles são *Mãe Anajete de Nzaze*, *Pai Sandro de Jagun* e *Pai Carlão de Oyá*. Todos eles são responsáveis por dirigir seu próprio Terreiro de Candomblé localizado no município de Cariacica/ES. Mantive as informações dos sacerdotes na dissertação, após discutir com eles os destinos da pesquisa, deixando-os cientes de que os dados pessoais seriam preservados integralmente podendo, futuramente, serem usados para outros fins.

Tendo em vista uma melhor compreensão dos dados provenientes das entrevistas realizadas com os três sacerdotes sujeitos da pesquisa, o presente capítulo organiza-se em duas seções. A primeira é intitulada de "As memórias e trajetória dos sacerdotes", na qual foram priorizados os dados sobre o envolvimento dos entrevistados com campo religioso Afro-brasileiro; o peso da influência dos parentes intergeracionais na tomada de suas decisões; e o modo peculiar com que cada um dos agentes entrevistados organiza sua prática religiosa atualmente nos Terreiros.

A segunda seção, "Os lugares de participação política dos sacerdotes", tem como objetivo descrever o histórico de envolvimento dos *pais* e *mães-de-santo* entrevistados no campo político, bem como o peso de suas respectivas trajetórias religiosas na realização de suas escolhas políticas. Neste percurso, descrito pelos sacerdotes, a pesquisa priorizou as ações relativas ao campo político local da RMGV, em especial aquelas que contribuíram para a constituição do FOMAC.

O intuito em adentrar na objetivação do capital social e político dos sacerdotes visa conhecer o modo pelo qual cada um deles se posiciona no

jogo de forças definido por agentes públicos e partidários da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC). Sobre a organização da seção, a alteração da ordem com que são apresentadas as trajetórias políticas dos entrevistados, se comparado com a seção anterior, tem com intenção indicar a ideia de que o campo se encontra em movimento, ou seja, ocorrência de alternância de posições dos diferentes agentes em relação ao campo.

3.1. As memórias e trajetória dos Sacerdotes

3.1.1. Mãe Anajete de Nzaze: "A gente é escolhido. A gente não escolhe"

Uma mitologia de *Nzaze*

Nzaze era um senhor muito rico e dono de um vasto rebanho de carneiro. Ele tinha carneiro espalhado por todo o lado em seu reino e todos respeitavam ele em reino que ficava aqui na Terra. Todos tratavam ele com grande admiração. Um dia, *Nzaze* viu o seu reino ser ameaçado por inimigos que se aproximavam. Os inimigos queriam roubar as suas terras e, então, *Nzaze* foi obrigando a sair apressadamente para a guerra para defender as suas terras. Como *Nzaze* gostava muito de seu rebanho de carneiro, ele foi até o reino do céu conversar com *Lembá*. Chegando lá ele convenceu *Lembá* de cuidar de seu rebanho enquanto ele estivesse na guerra. *Nzaze*, então disse para *Lembá*: *"Eu te peço que cuide de meu rebanho e não deixe que nada de ruim aconteça com meus carneiros que eu preciso defender meu reino na terra e, quando retornar, vou te recompensar pelo seu trabalho!"*. Então prontamente *Lembá* acatou o pedido de *Nzaze*. Então Nzaze logo em seguida sai para a terrível guerra contra os inimigos. Terminada a batalha *Nzaze* retornou vitorioso aos domínios de *Lembá*. Chegando lá, *Nzaze* percebeu que tinha alguma coisa errada. O reino de *Lembá* estava todo bagunçado porque o número de carneiros havia se multiplicado por milhares e invadiu todo o reino no céu. Aí você sabe né, era aquela bagunça danada. Era tanto carneiro que o barulho de seus chifres, dos carneiros lutando uns contra os outros, era tão alto que poderia ouvir e longo – "cabrum, cabrum". Ninguém aguentaria isso só mesmo *Lembá,* porque você sabe né, *Lembá* é da paz. Depois que *Nzaze* chegou *Lembá* diz: *"Eu não posso mais ficar com esse seu rebanho. Exijo em troca de meus serviços apenas um casal de carneiros!"* Depois disso, *Nzaze* deixou *Lembá* no seu reino no céu e retornou para a terra com o restante de seu rebanho. Chegando em casa Nzaze andando em suas terras encontra um velho pedindo as coisas e ordena que seus guardas o prendesse, deixando o velho por sete anos na masmorra. Passado todo esse tempo e já tendo se esquecido do acontecido, *Nzaze* resolveu andar pelo seu reino e quando ele chegou à masmorra, ele encontra o velho todo sujo e maltratado e então reconhece o seu rosto. Você acredita que era *Lembá*? Imediatamente *Nzaze* ordenou que soltasse *Lembá* e que o

> recompensasse com vestes dignas de realeza. Já todo limpo e bem vestido *Lemba* chega para *Nzaze* e diz: *"por causa do seu engano todos os filho-de-santo feitos terão que esperar sete anos para receber a independência e você, por causa de sua arrogância, vai carregar o meu pilão pela eternidade"*. A partir desse dia, todo o assentamento de *Nzaze* tem que levar o pilão de *Lembá* como símbolo de reverência pelo erro cometido por *Nzaze*. (Lenda de *Nzaze* contada por Mãe Anajete, 12 de março de 2016).

A senhora Anajete Coelho Pinto, que também atende pelos nomes rituais de *Mameto Luango Oiasi*[85]*, Mãe Anajete de Nzaze* ou apenas *Mãe Anajete,* como prefere ser chamada, nasceu no dia 10 de julho de 1957, no município de João Neiva/ES, cidade localizada a 78 km de distância da capital Vitória/ES. Proveniente de uma família de berço religioso cristão[86], aos três anos de idade, migrou com os pais para a RMGV.

Professora e mestre em educação aposentada, Mãe Anajete atualmente distribui seu tempo entre a pequena padaria que administra, a atividade política que exerce em Cariacica/ES, e o exercício religioso ligado ao Terreiro de Candomblé que dirige com a ajuda dos membros da sua família consanguínea. Mãe Anajete é *Nengua* do Terreiro de Candomblé de Nação *Angola-Bantu*[87]*,* conhecido como "*Nzo Nguzu Nganga Kilumino Nkise Nzaze*[88]*"*, localizado na Rua D, sem número, Bairro Planeta I, município de Cariacica/ES.

Segundo a *Nengua*, o Terreiro foi fundado em 1995 e conta hoje com 50 *filhos-de-santo* assíduos e um número maior ainda de pessoas iniciadas. O *Nzo*[89] realiza atividades rituais regulares ligados tanto a Umbanda como ao Candomblé e tem seu calendário ritual anual distribuído da seguinte forma:

---

[85] O significado do seu nome ritual é *"O trovão (raio) que acompanha o vento".*

[86] Os seus pais consanguíneos, José Tibúrcio e Maria Britto Coelho, se autodeclaravam, respectivamente, seguidores das doutrinas presbiteriana e católica.

[87] Modalidade ritual específica do Candomblé Angola. Também são encontradas outras como: *Angola-Kongo*, *Angola-Muxicongo*, *Bate-Folha* e etc.

[88] Expressão Bantu que significa *"Casa de Força do Senhor dos Raios da divindade Nzaze"*.

[89] Sinônimo de Terreiro, Casa, Barracão ou Roça. Lugar de culto às divindades.

Tabela 7 - Calendário de festas do *Nzo Nguzu Nganga Kilumino Nkise Nzaze* do ano de 2015[90]

Comemoração	***Mês do ano***
Festa de Nkise Ngunnzo e Festa de Caboclo	20 de Janeiro
Festas da Nkise Kaia, Marujo e de Boiadeiro	Fevereiro
Makundé[91] para Nkise Nkose	Março
Festa do Nkise Nkose Jamba (Festa do Pão)	Abril
Festa de Nzaze, Nkise de Mãe Anajete	Maio/junho
Kongo Aluandé e banho de pipoca (Nkise kavungo)	Agosto
Festa de Kitembo – O rei da Nação Angola	Setembro
Festa de Nkise Hangolô	Outubro
Festas de Nzila, das Almas e de Preto Velho	Novembro
Festa das Mametos ou Iyabás (Nkises femininos)	Dezembro

O meu primeiro encontro com Mãe Anajete se deu no início de 2014, mediante a realização de uma festa no seu Terreiro, na qual, por intermédio de uma amiga universitária e também *filha-de-santo* do *Barracão*, recentemente iniciada para a *Nkise Matamba*[92] fui convidado. Lembro-me ainda de ter comparecido ao Terreiro de Mãe Anajete outras duas ou três vezes antes de iniciar a pesquisa de campo. Todas as visitas ocorreram nas mesmas circunstâncias de que a primeira.

Nessas ocasiões, tive a oportunidade de estar com a zeladora e perceber, ainda que de forma incipiente, o seu temperamento amigável e

[90] O fato das "comemorações" serem indicadas antes do "mês do ano" nesta e demais tabelas que tratam do calendário festivo dos Terreiros pesquisados se justifica pela grande importância atribuída às festividades pelos integrantes dos Terreiros, o que faz com que muitos *pais* e *mães-de-santo* sirvam-se desses momentos como demarcadores de tempo para organização do exercício religioso.

[91] Comida preparada a base de feijão e carne de porco que se assemelha a "feijoada".

[92] Divindade conhecida como a "Dona dos Raios e dos Ventos" responsável pelo movimento e transformação dos seres vivos. Comumente tem sua figura assimilada ao do búfalo.

acolhedor que dispensava a todos, estando ela sempre solicita a esclarecer as eventuais dúvidas dos convidados sobre o Candomblé Angola e sua prática religiosa no Terreiro.

No percurso da pesquisa, foi realizado um total de três entrevistas de longa duração com gravação de áudio; participação de outras quatro festas ocorridas no Terreiro ao longo dos anos de 2014 e 2015; participação em eventos e reuniões organizadas pelos membros dos Terreiros em que Mãe Anajete estava entre os presentes e findável número de ligações telefônicas e de mensagens no Facebook que tornaram possível a realização da pesquisa.

No curso das entrevistas, tentei focalizar a trajetória de vida de Mãe Anajete procurando destacar, impreterivelmente, seu histórico familiar, o ingresso nas RMAs e os lugares de participação política.

A trajetória de vida de Mãe Anajete na RMGV inicia-se com a transferência do seu grupo familiar para a região durante a década de 1960. Esse fato também marca a sua primeira experiência com as "desconhecidas" religiões Afro-brasileiras. Contudo, conforme a entrevistada acredita hoje, o fato de ter sido uma criança proveniente de um período de gestação incomum era indício de que, mesmo antes do nascimento, sua relação com o sagrado Afro-brasileiro já existia. Essa crença, por outro lado, serviu como apoio importante para justificar seu pertencimento predestinado à religiosidade.

> Eu sou um bebê de onze meses. Eu nasci em João Neiva, em 1957. Um parto difícil por que passou muito tempo. Até os médicos ficaram apavorados com isso. Dois meses a mais de barriga comprovado pelos médicos e tudo. Fiquei até os três anos de idade em João Neiva*[ES]*. Aí viemos para Vitória*[ES]*. Morei em Itaquarí e então meu pai comprou um lote e fez um "barraquinho" para nós em Alto Laje[93]. Quando eu estava com cinco anos eu comecei a conversar com os mortos. Eu via que os mortos se aproximavam de mim e falavam coisas. Como eu venho de uma religião católica - meu pai inclusive era sargento militar e proveniente de uma família presbiteriana e minha mãe católica - começaram a falar que aquilo era coisa do diabo. Na época se falava isso. (Mãe Anajete de Nzaze, 08 de maio de 2015).
>
> Eu sempre fui diferente. Eu era diferente! Todo mundo dizia! Eu sou um bebê de onze meses. Eu sou de quarenta e quatro semanas. Não é à toa que eu esperei pra poder vir *[nascer]*. Alguma coisa eu vou mudar. (Mãe Anajete de Nzaze, Idem).

[93] Ambas regiões, Itaquarí e Alto Laje, se referem a bairros de periferia pertencentes ao município de Cariacica/ES.

Depois de se estabelecer na RMGV, Mãe Anajete, ainda criança, passou a ter "problemas" com sua família devido ao que ela, mais tarde, veio a denominar ser o *afloramento de sua herança ancestral.* Segundo o universo simbólico compartilhado pelos membros do Candomblé e da Umbanda na região pesquisada, a expressão serve para indicar a crença depositada na agência dos ancestrais em suas trajetórias de vida. Essa ação sempre os impulsiona para a aceitação do patrimônio cultural deixado pelos antepassados. Tal condição ultrapassa o sentimento de pertença religiosa ao se ligar a ideia mais ampla de predestinação. No caso narrado por Mãe Anajete, as "manifestações" aconteciam por meio dos transes ou incorporações levando-a ao estado de completa inconsciência.

À primeira vista, sem causar grandes constrangimentos à família, com o tempo, os transes ou *manifestações,* como nomeou Mãe Anajete, tornaram-se mais frequentes e intensos obrigando a família a buscar ajuda. Inicialmente os seus pais consanguíneos recorreram ao auxílio médico. Diante do parecer clínico recebido e a circunstância em que a filha se encontrava, recorreram ao Terreiro a contragosto:

> Quando eu completei onze anos de idade eu tive a *[minha]* primeira *manifestação*[94]. A entidade *[Maria Pombu*[95]*] pegou minha cabeça*[96]*.* Pegou o meu corpo com onze anos de idade. A gente era católico, praticante e essa coisa. Aí os meus pais me levaram para médicos, psiquiatras… O psiquiatra pegou e falou assim: *"O caso de sua filha não é doença. Ela não é doente. A sua filha tem problemas espirituais. A senhora tem que cuidar dela no Centro Espírita"*. Foi quando eles *[seus pais]* começaram a se alertar para isso. Tanto que na família eu sou a única. (Mãe Anajete de Nzaze, Idem).

Apontado por Mãe Anajete e presente em vários momentos em seu relato de memória, a herança ancestral ou ancestralidade[97] é utilizada para justificar seu duplo pertencimento às Religiões Afro-brasileiras na atualidade.

---

[94] Estar ou ficar sob o julgo de alguma *divindade.* No contexto específico em que o termo foi empregado por Mãe Anajete, podemos considerar como sinônimo outras duas categorias nativas: *incorporar* e *receber divindade*.

[95] Divindade específica que integra o *Culto das Mães Ancestrais* nos Terreiro.

[96] O mesmo que incorporar ou entrar em transe ficando sob a influência de alguma divindade pertencente às Religiões Afro-Brasileiras.

[97] Termo que traduz a crença na continuidade da vida que coloca o presente em íntimo contato com o passado com projeção para o futuro; Ideia de *"princípio contínuo e inacabado"*.

Primeiro na Umbanda, no período de sua infância e depois no Candomblé, já em fase adulta.

> Eu sou neta de africano porque minha avó era filha de português com africano. Quando eles fugiram da fazenda carregaram minha avó e minha bisavó junto. E ela *[bisavó]* teve Vó Tereza, Vó Maria e Tio Luiz. Isso por parte de mãe. Por parte de pai meu avô era catimbozeiro, um Xamã da tribo do *Crena-Couro*[98] lá na Paraíba. Ele fugiu e veio para o Espírito Santo. Ele era marinheiro e foi botado no navio porque ele era "levado" e *[então]* veio para o Espírito Santo. Já meu avô materno era *esotérico*[99], *esoterista*. Mas nossos pais não deixavam a gente se aproximar deles porque era "coisa do diabo" e aquela coisa toda. Muitas coisas meu avô materno e paterno deixou para a gente e eu herdei toda essa herança que ninguém queria. Eu herdei isso aí e relutei porque a gente é escolhido. A gente não escolhe. Relutei muito. Eu não queria. E quando chegou numa época de minha vida eu tive um câncer. Eu estava muito mal e foi quando eu *virei*[100]. Eu *recolhi*[101]. *[…]* Eu estava com vinte dois anos. Dia dezoito agora *[18/05/2015]* eu faço trinta e cinco anos *de iniciada* no Candomblé. Com doze anos fomos para a Umbanda. Meu pai e minha mãe viram que não tinha jeito a não ser cuidar. Então eu passei a receber as minhas *entidades* de Umbanda e depois eu fui para o Candomblé Angola. Porque minha situação era séria. Até aquele momento eu era de *Matamba*, *Iansã*. Mas como eu estava grávida de minha filha que é até *Kota*[102]. Eu estava grávida e fizeram todo o ritual para ela *[Matamba]* e *Nzaze tomou minha cabeça*[103]*.* (Mãe Anajete de Nzaze, Idem).

Outro aspecto relevante que aparece relacionado à herança ancestral nos relatos de Mãe Anajete, diz respeito às patologias ou males ocasionados pela não aceitação do destino pré-determinado junto às RMAs. Neste sentido, segundo a interpretação da entrevistada, os períodos de maior incidência de enfermidade ocorridos em seu histórico de vida são atribuídos à negação do seu grupo familiar do patrimônio cultural deixado pelos ancestrais. Assim, as doenças surgiram como meio de alerta e convencimento dos pais, e dela

---

[98] Não foi encontrada nenhuma referência sobre a Tribo *Crena-Couro* nas pesquisas que se seguiram após a realização da entrevista com Mãe Anajete. A grafia do termo apresentada é insegura.

[99] Segundo Mãe Anajete, o termo serve para indicar as pessoas que praticam a doutrina da "comunhão do pensamento", ou seja, a ligação com os astros. Está relacionado com a prática da telepatia.

[100] Entrar em transe ou ficar sob influência de divindades. Incorporar.

[101] Submeter-se aos rituais de iniciação do Candomblé.

[102] Correspondente à *Makota*, isto é, cargo feminino conferido às mulheres do Terreiro de Candomblé de Nação Angola que não *recebem* (incorporam) *Nkise*. Denominação semelhante à *Ekede utilizado* nos Terreiros Nagô.

[103] Expressão comumente utilizada no Terreiro que pode ser substituída, sem prejuízos à semântica, por "tomar o controle". Indica que houve incorporação ou transe.

própria na época, da gravidade da questão e a necessidade urgente de aceitação da herança deixada pelos parentes do passado sobre pena, caso contrário, de atentar sobre a vida da filha.

O drama social vivenciado pelos pais de Mãe Anajete, conforme pôde ser percebido a partir da fala da entrevistada, antecede o seu próprio nascimento. Esse teve o seu início com os seus bisavôs maternos e estendido à família com os avós paternos, mediante o não reconhecimento das crenças e práticas religiosas trazidas por eles, somado à incidência de quadros discriminatórios e de intolerância religiosa. O drama teve o seu acirramento com a filha que desde a infância passa a demonstrar sinais da herança deixada pelos antecessores.

No que diz respeito aos processos sociais de comando da cultura, Barth (2005) aponta o controle, silenciamento e apagamento como os três processos principais que visam inibir seu senso expansivo. Empregado no caso de Mãe Anajete tais mecanismos, de um lado são atribuídos à tentativa dos pais de impedir a propagação da herança cultural dos antepassados. E de outro, funcionando como uma moldura do novo modelo de cultura adotado e imposto pelos pais impedindo que aspectos do passado venham à tona.

Sobre o envolvimento de Mãe Anajete com seus antigos parentes e a tentativa fracassada dos pais em romperem com a cultura trazida pelos antepassados, Mãe Anajete relata:

> Foi assim que a minha vida espiritual começou. Foi vendo meus avós. Não com muito contato porque era um contato proibido! Meu pai dizia assim: "*Meu pai além de ser preto, pobre, é feiticeiro*[104]". Os estigmas eram muito fortes dentro dele. De racismo mesmo. Preto, pobre e feiticeiro. Então meu pai achava assim, que aquilo não era um legado bom para nós. Não era um legado bom. Mas aí o que adiantou? Eu que sou a preta, pobre e feiticeira e fui para a universidade e tenho um pensamento crítico. Os outros que foram para outro segmento *[religioso]* pararam. Aceitam tudo e tudo é muito fácil.
>
> *[…]* Meu pai foi criado em família presbiteriana. Minha avó era presbiteriana e meu avô feiticeiro. Meu avô era catimbozeiro. Ele era um Xamã pelo jeito que fazia uns rituais que eu me lembro. Quando ele se foi *[faleceu]* eu tinha nove anos, mas me lembro dos rituais que ela fazia. Ele pintava, cantava e tudo. Se você fosse mordido de cobra, naquela época era muito comum, meu avô pegava uma pedra, fazia a reza dele lá e puxava o veneno todinho. Ele era bom! Ele era

[104] Aquele (a) que possui o conhecimento ou os fundamentos necessários para interceder na vida de uma pessoa.

> bom no feitiço[105]. Eu não sei se tinha alguma coisa de especial naquela pedra porque a gente não tinha nem tanto contato. Mas toda vez que tinha um problema chamavam ele.
>
> *[…]* Ele falava assim: *"Oh minha filha. Eu vou te ensinar isso aqui assim"*. E meu pai não gostava. Meu pai falava: *"vocês não vão nessa macumba de papai não"*. E Vô Odinon, ele fazia orações. Vamos supor, meu avô orava pasto e a sua casa. Se o pasto estava infestado de cobra, *[alguém]* vinha e dizia: *"Oh Odinon! O senhor reza meu pasto?*" Aí de casa ele fazia as orações. Ele *[o avô]* conversava comigo por telepatia. Isso aconteceu com cinco anos de idade. Com cinco anos a gente começa a se aproximar tanto que meu avô Odinon passa a fazer as orações debaixo da escada porque minha avó discriminava porque eles eram católicos praticantes e meu avô me ensinava. Meu avô rezava qualquer coisa. Você pegou bicho no pé ele ia lá com agulha, fazia oração, costurava e tudo. Olhava! Infestação de qualquer animal ele rezava! E meu pai e minha mãe não quiseram a herança. Na família nem do meu pai, nem da minha mãe ninguém quis. Aí sobrou pra mim. Eu digo que fui escolhida. Eu herdei. Eu tive que cumprir uma missão que seria de muitos que ficou. Minha irmã também era espírita. A Tereza hoje é falecida. Meus irmãos são assim… Simpatizantes. Um agora é evangélico. Ele rezava de tudo e agora é evangélico. Rezava de tudo. Agora não reza mais! (Mãe Anajete de Nzaze, 08 de março de 2016).

Mãe Anajete teve sua iniciação ritual no Candomblé em 1979, aos vinte e dois anos de idade, cerca de onze anos depois de ter ingressado na Umbanda. Foi iniciada por *Oyá Mavunile*[106] que na época tinha seu Terreiro de Candomblé Angola localizado no município da Serra/ES. Descende da *raiz-do-Asè* de *Miguel Grosso*[107] que também era conhecido pelo nome ritual de *Miguel de Tempo*, personalidade famosa ligada aos Terreiros de Candomblé da Bahia, cujo principal representante de sua linhagem no estado do Espírito Santo é a *Iyalorixá Iadolamim*, Cenira Ferreira Castelo que está viva até hoje (MACIEL, 1992:113).

Sobre o Terreiro de Candomblé Angola onde se iniciou e a *Raiz-do-Asè* que descende, Mãe Anajete relata:

> A minha *mãe-de-santo* era *Oyá Mavunile* daqui da região de Vitória. Foi a "*Oyá"* quem me iniciou. Eu venho da raiz de *Iadolamim* que era *filha-de-santo* de *Oniakan*, que era *filha-de-santo* de *IIê* que era *neta-de-santo* de Miguel Grosso. Miguel de Tempo. Minha linhagem é essa. Aí minha mãe tomou obrigação com *Tata Oxanirê* do Rio de

[105] Poder de intervenção. Popularmente conhecido como "magia".

[106] Nome de registro, Hilda Farias. Nasceu no estado do Rio de Janeiro e migrou para o município da Serra/ES onde fundou seu Terreiro de Candomblé de Nação Angola.

[107] Miguel Grosso, Miguel de Tempo (*Nkise Kitembo*) e *Tata Deuandá* eram os nomes ritualísticos adotados por Miguel Arcanjo Paiva.

> Janeiro que era pai-de-santo de *Arobodê*[108]. O Terreiro onde eu fui iniciada era em São Sebastião. Hoje eu nem sei mais qual é o nome do bairro. Ficava ali em frente à entrada da CST na Serra*[ES]*. Antigamente era São Sebastião. Acho que agora é Cidade Continental. *[…]* O Terreiro não existe mais. Existe o prédio, mas o Terreiro dela *[da sua Nengua]* não. Minha *mãe-de-santo* começou a viajar muito. Ela foi viajando, viajando e aí ficou um tempo em Serra Dourada III. A nossa *Casa* foi para lá. Eu tomei sete anos de santo lá ainda. Aí depois minha mãe viajou o mundo todo. Hoje ela não tem *Barracão*. Só tem um lugar assim, pra ela cuidar da gente. Ela não tem mais *Barracão*. E eu continuo com ela. Na mesma *Casa* onde eu nasci. (Mãe Anajete de Nzaze, 08 de maio de 2015).

Outro aspecto pertinente percebido nos relatos de Mãe Anajete refere-se à forte influência exercida pelos *Nkises Matamba* e *Nzaze* em sua trajetória de vida, o que faz com que os eventos ocorridos no passado sejam confundidos com a agência das próprias divindades que traz no Candomblé. Desta forma, o seu período de gestação incomum tem duração de onze meses; aos onze anos tem o seu primeiro transe; aos doze ingressa na Umbanda e quase onze anos depois é iniciada no Candomblé. Segundo indicado pela numerologia do *jogo de búzios* utilizado no Candomblé, o número onze corresponde à *Matamba* e o doze a *Nzaze,* os mesmos *Nkises* que foram conferidos à Mãe Anajete no momento de sua iniciação no Candomblé. Já depois de ter ingressado no ritual, foi a vez de *Nzaze* tomar à frente passando a moldar o comportamento da entrevistada e a regular o ritmo de sua vida.

> Eu sou conhecida como a “ricona”. Eu não sou “ricona”! Eu simplesmente quero dar o melhor para meu *Nkise*. Se eu puder dar uma fazenda para o *Nzaze* eu vou dar. Você já viu povo de *Nzaze*, de *Xangô* não ser farto? Da licença! Nós temos aquela coisa. É tudo de madeira, mesa de mármore, por quê? Porque nós temos esse espírito de rei. O meu ancestral é rei! *[…]* Eu sou assim. Eu posso ouvir tudo, tudo, mas eu tenho que dar meu voto de minerva. Se eu achar que aquilo ali é muito difícil, você tem que me convencer que não. Mas também eu sou muito reservada. Eu sou calada. O povo de *Nzaze* é muito calado. Eles falam que nós somos usura. Eu devo ser uma exceção porque eu não sou! Eu não sou! Eu gosto muito de compartilhar. Eu acho que se eu tenho uma coisa e não dividir, eu nem mereço ter aquilo. Eu gosto de compartilhar. Talvez isso seja pela criação que eu tive. Meu pai sempre foi de compartilhar, mas dizem que povo de *Nzaze* é usura. Nós somos turrão, arrogantes e prepotentes. (Mãe Anajete de Nzaze, 08 de março de 2016).

---

[108] Vanderlei Rosas Viegas, mais conhecido por *Arobodê* ou *Pai Arô de Logun-Edé*. Natural do Rio de Janeiro, migrou para a RMGV durante meados da década de 1980, ocasião em que conseguiu reunir um pequeno grupo de seguidores e fundar o *Ylê Asè Ygbo Logun-Edé,* Terreiro de Candomblé de Nação *Ketu* localizado no bairro Santa Paula, no município de Vila Velha/ES.

Outro aspecto importante facilmente identificável entre os membros dos Terreiros e que também está presente no trecho destacado da entrevista de Mãe Anajete, refere-se à identificação ou simetria parcial estabelecida entre os membros e divindades cultuadas. Desta forma, servindo-se do relato de Mãe Anajete, essa ideia de aproximação entre afro-religioso e divindades está estabelecida tanto no seu comportamento, quanto nas suas preferências pessoais. Assim, apesar de que não se reconheça como abastada, as suas atitudes e o seu espírito são de realeza, pois seu ancestral, nesse caso o *Nkise* para quem foi iniciada, é rei.

Em seguida, está apesentada uma tabela composta pelos principais acontecimentos destacados por Mãe Anajete nas entrevistas sobre sua trajetória religiosa. Em sequência, estão exibidas as genealogias consanguínea e de pertencimento religioso no Candomblé Angola da entrevistada.

Tabela 8 - Principais fatos ocorridos na trajetória religiosa de Mãe Anajete

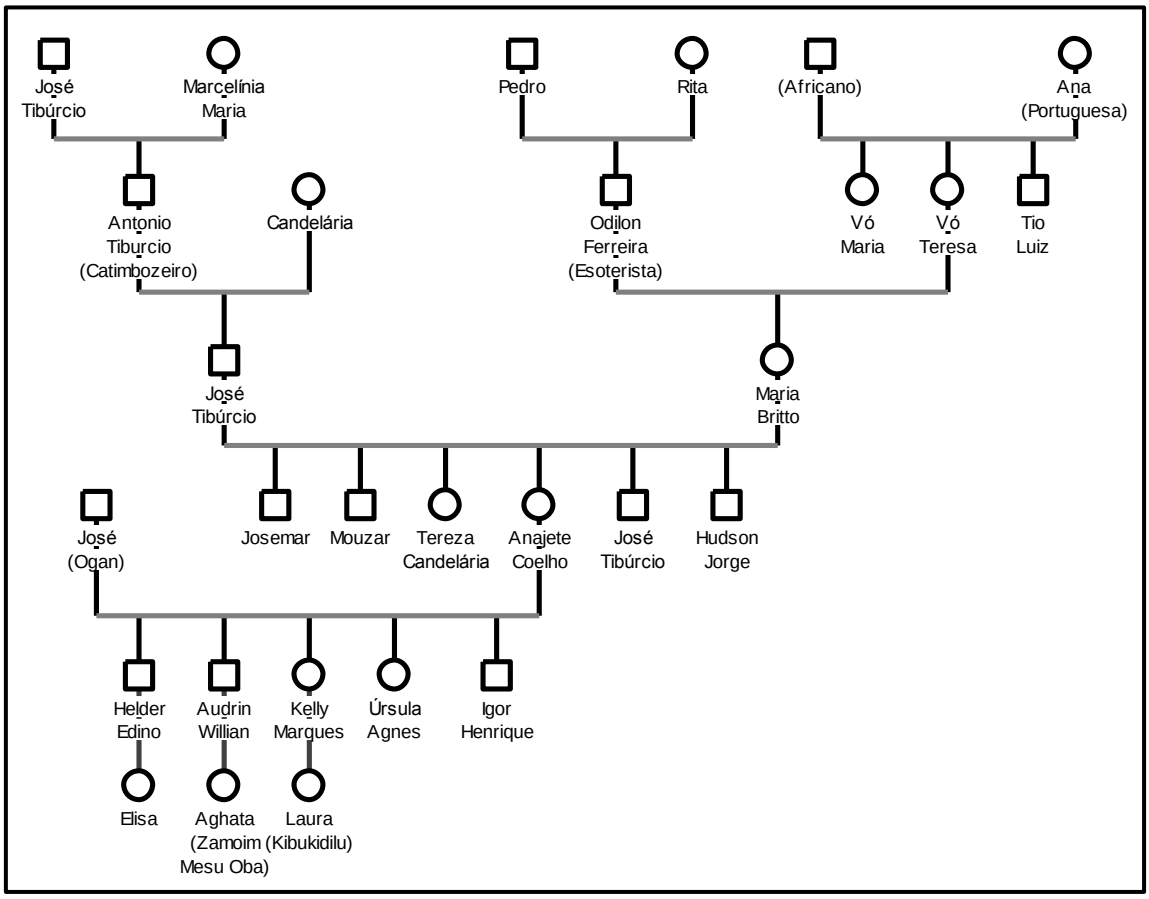
Ano	***Realizações***	***Sacerdote responsável***	***Local***
1962	Com cinco anos de idade passa a ter experiência com mortos.	Inexistente.	Na própria residência onde morava com a família em Alto Laje, Cariacica/ES.
1968	Com 11 anos de idade acontece a primeira incorporação de Mãe Anajete, sendo logo em seguida encaminhada ao Centro Espírita a partir da orientação de médicos especialistas que diagnosticaram "problemas espirituais".	1) Dona Ilda (falecida em 2016) 2) Dona Rosa e Seu Orestes (falecidos)	1) Centro Espírita localizado no bairro Itaquarí, Cariacica/ES 2) Tenda Espírita Caboclo Pedra Negra localizada no bairro Alto Laje, Cariacica/ES.
1969	Com 12 anos é levada pelos pais ao Centro de Umbanda para fazer desenvolvimento espiritual mediante a aceitação da herança ancestral.	Dona Maria de Lurdes e outros médiuns	Centro Espirita Tabajara localizado no bairro Tabajara, Cariacica/ES
1980	Iniciação no Candomblé Angola, já com 22 anos de idade, como meio alcançar a cura de um câncer.	*Oyá Mavunile* que na época era *filha-de-santo* de *Iyadolamin*[109]. Depois de algum tempo, *Oyá Mavunile* toma obrigação com *Tata Oxanirê*[110] passando a ser sua *filha-de-santo.*	Terreiro localizado em São Sebastião, atual bairro Cidade Continental, Serra/ES.
1990	Realização da obrigação de sete anos no Candomblé.	*Oyá Mavunile*.	Terreiro localizado no bairro Serra Dourada III, Serra/ES.
1995	Fundação do próprio Terreiro de Candomblé de Nação Angola.	Mãe Anajete junto de seus filhos consanguíneos. Todos eles já iniciados no Candomblé.	No bairro Santo Antônio, Cariacica/ES.
2004	Compra o Terreiro de Candomblé desativado de seu irmão-de-santo *Oyá Tundê*[111] e migra com sua *família-de-santo* para o novo espaço.	Mãe Anajete.	No bairro Planeta, Cariacica/ES, onde atualmente está instalado seu Terreiro de Candomblé.

[109] Nome de registro Cenira Ferreira Castelo, *filha-de-santo* de *Oniakan* (Ilda Ferreira Santos). Importante personalidade do Candomblé Capixaba, sendo apresentada no livro de Cleber Maciel (1992).

[110] Possuía Terreiro de Candomblé de Nação Angola no estado do Rio de Janeiro. Era *pai-de-santo* de *Arobodê.*

[111] Nome de registro Sebastião Clein. Deixou a RMGV no final da década de 1980 para morar em Linhares/ES, permanecendo seu Terreiro fechado.

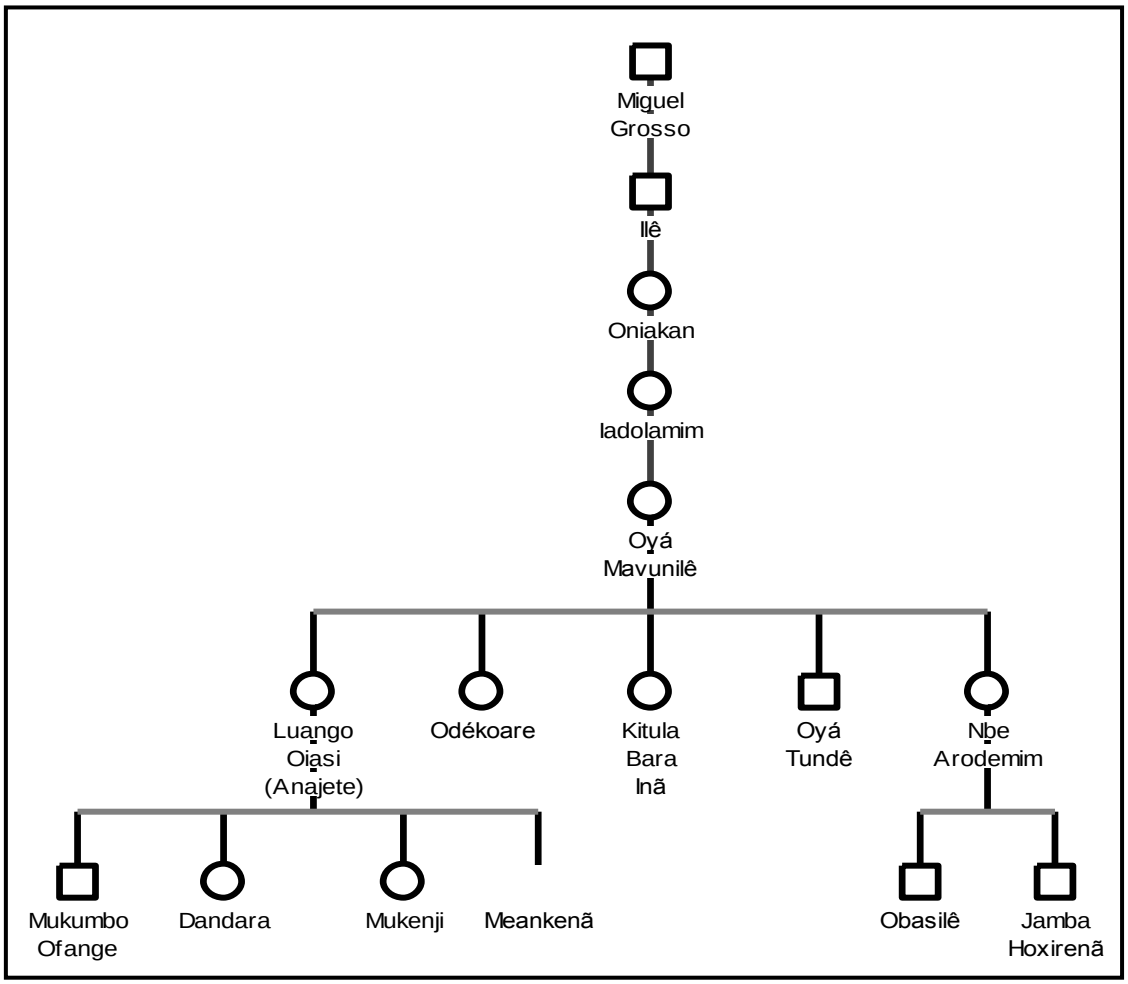
Tabela 9 - Genealogia de Anajete Coelho



Destaques em relação aos laços de parentesco com Anajete Coelho (Mãe Anajete).

1- Antônio Tibúrcio (Avô paterno): Catimbozeiro, espécie de xamã da tribo dos *Crena-Couros* da Paraíba.
2- Odilon Ferreira (Avô materno): Esoterista.
3- Tereza (Bisavó materna): filha de pai africano e mãe portuguesa. Fugiu da fazenda levando a mãe e a irmã junto dela.
4- José Tibúrcio (Marido): Iniciado no Candomblé Ketu como Ogan.
5- Helder Edino: Obasilê (1º filho): Herdeiro do Terreiro. Foi iniciado por Nbe Arodemim, *irmã-de-santo* de Mãe Anajete.
6- Audrin Willian: Jamba Hoxirenã (2º filho): Também iniciado por Nbe Arodemim.
7- Kelly Marques: Kilembula (Filha adotiva): Iniciada por Mãe Anajete.
8- Úrsula Agnes: Kitula Bara Inã (3ª filha): Iniciada como *Makota* ainda na barriga de Mãe Anajete.
9- Igor Henrique: Ajebelunjinã (Filho adotivo): Iniciado por Mãe Anajete.
10- Elisa (Neta): 3 anos de idade.
11- Aghata (Neta): 11 anos de idade. Foi iniciada no Candomblé aos 6 anos (5 *anos-de-santo*).
12- Laura Helena (Neta): 13 anos de idade. Foi iniciada no Candomblé aos 9 anos (4 *anos-de-santo*).

Tabela 10 - Genealogia atual de Mãe Anajete no Candomblé Angola



1- *Miguel Grosso* ou *Taata Deandá* (Salvador/BA).
2- *Lelê* Pires Fernandes – Roça Xangô de Ouro (Rio de Janeiro).
3- *Oniakan*: Ilda Ferreira dos Santos (Rio de Janeiro).
4- *Iadolamim*: Cenira Ferreira Castelo (Vila Velha/ES).
5- *Oyá Mavunilê*: Hilda Farias (Serra/ES).
6- *Luango Oiasi*: Anajete Coelho Pinto (Cariacica/ES).
7- *Odé koare*: Joana (Cariacica/ES).
8- *Kitua Bara Inã*: Úrsula Agnes – filha consanguínea de Mãe Anajete (Cariacica/ES).
9- *Oyá Tundê*: Sebastião Clein (Linhares/ES).
10- *Nbe Arodemim*: Deusa Maciel (Cariacica/ES).
11- *Mukumbo Ofange*: Ailton Santos (Macaé – RJ). Acompanha há 8 anos – Candomblé.
12- *Dandara*: Maura Santos (Macaé – RJ). Acompanha há 8 anos – Candomblé.
13- *Mukenji*: Marcia (Serra – ES). Acompanha há 2 anos – Candomblé.
14- *Meankenã:* (Porto Seguro – BA). Acompanha há 1 ano – Candomblé.
15- *Obasilê*: Helder Edino, filho consanguíneo de Mãe Anajete e herdeiro do Nzo (Cariacica/ES).
16- *Jamba Horixenã*: Audrin Willian, filho consanguíneo de Mãe Anajete e Tata Pokó do Nzo (Cariacica/ES).

3.1.2. Pai Sandro de Jagun: “Aí o Caboclo realmente me deu o aval”

> *Jagun*, o senhor da Terra.
>
> “*Jagun* é um *Orixá* à parte. Ele veste branco e anda a cavalo com uma bandeira do tamanho do próprio corpo. Como *Omolu,* tem a terra como o seu domínio. É um guerreiro que veste branco e que desce à Terra no sol de meio dia. Permanece oculto no solo até que seja solicitado para interceder por seus filhos na Terra. Quando sai do chão, deixa um enorme buraco onde com seu *Asè* é enterrado todos os males que aflige o ser humano (pobreza, doenças, conflitos e mazelas em geral). Jagun vem para a Terra mais uma vez para brilhar o sol”. (Itan[112] de *Jagun* contado por Pai Sandro de Jagun em 22 de abril de 2016).

Sandro Cabral Silva, mais conhecido pelo nome ritual de *Pai Sandro de Jagun*[113], nasceu em Vitória/ES, no dia 30 de abril de 1970. Filho primogênito do casal formado por Edmar Neto Silva e Luíza Regina Cabral Silva, que na época praticavam a Umbanda. Desde muito cedo conheceu os ensinamentos e valores da religião e ainda hoje continua a praticá-los no Terreiro onde atua como *Babalorixá*.

Atualmente com 46 anos de idade, Pai Sandro de Jagun tem 30 anos de iniciado na Umbanda e 26 no Candomblé. Exerce diferentes atividades na RMGV como a de psicólogo, que executa em seu próprio consultório; a realização de palestras e cursos de formação continuada para a rede pública de educação; o seu trabalho junto à presidência do FOMAC e do Conselho Municipal do Negro de Cariacica/ES (CONEGRO), onde é vice-presidente; o atendimento e consultoria em Recursos Humanos que presta a diversas empresas na capital e no interior do estado do ES; e o exercício religioso junto ao Terreiro de Candomblé que mantém com a ajuda de seus muitos *filhos-de-santo, clientes* e amigos.

A respeito da atividade religiosa realizada por Pai Sandro, esta se concentra nos fins de semana e feriados. Momentos em que se dedica ao

---

[112] Histórias africanas comumente reproduzidas nos Terreiros que dizem respeito aos feitos dos Orixás.

[113] Colocando desse modo adjetivado na composição final do nome ritualístico do sacerdote, o termo iorubano *Jagun* indica o Orixá com quem mantém maior compromisso ritual por ser considerado filho desse ancestral. Por outro lado, tomado por sua forma subjetivada, o mesmo serve para indicar uma entre as demais qualidades que o *Orixá Omolu* assume nas Religiões Afro-brasileiras ligadas ao Candomblé.

ofício de *Babalorixá* se colocando a frente do *Ibase Omó Jagun*[114] - Terreiro de Candomblé de *Nação Efon* situado na Rua A, lote 40, loteamento Planeta II, Bairro Planeta, no município de Cariacica/ES. Pertencente à *Raiz*[115] *Omin Olokê t' Efon*[116], atua junto ao Terreiro desde a sua fundação em março de 1992. Atualmente o Terreiro acolhe 80 *filhos-de-santo* iniciados, dentre os quais seis são sacerdotes e possuem seu próprio Terreiro.

O exercício religioso de Pai Sandro está relacionado tanto com a Umbanda quanto ao Candomblé no Terreiro em que é responsável. Entretanto, conforme o entrevistado mesmo afirma, a parcela maior de seu tempo é dedicada ao Candomblé e ao atendimento de *consulentes*, ou seja, pessoas que buscam o seu Terreiro visando auxílio espiritual. O calendário anual de festas do Terreiro é distribuído da seguinte forma:

Tabela 11 - Calendário de festas do *Ibase Omó Jagun* no ano de 2015

Comemoração	***Mês do ano***
Festa conjunta de *Ogum* e *Oxóssi*	Sempre em abril
Festa de Preto Velho	13 de Maio
Festa de Xangô	Junho ou Julho
Olubajé e Festa de *Exu*	Agosto
Festa de Cosme e Damião	Setembro
Festa de Marujo e festa das *Iyabás*	Dezembro
Umbanda	Sempre que necessário

O meu primeiro encontro com Pai Sandro de Jagun se deu em fase anterior à pesquisa na ocasião de uma reunião realizada junto ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros na Universidade Federal do Espírito Santo (NEAB-

[114] Expressão em ioruba que dá nome ao Terreiro de Pai Sandro de Jagun, cuja tradução significa *"Casa de Axé do filho de Jagun"*.

[115] O mesmo que tronco litúrgico que descende ou tradição seguida no Terreiro.

[116] Expressão equivalente a *"Efon Águas da Árvore"* e indica o tronco litúrgico (raiz) que descende o Terreiro. Em outras palavras, a origem do seu *Asè.*

UFES), no início de 2014. Na época, Pai Sandro recém-eleito presidente do FOMAC encontrava-se acompanhado por uma equipe de funcionários da PMC, liderados por Adriana Silva[117], que buscavam apoio do núcleo para desenvolver ações conjuntas com o público integrante dos Terreiros no município de Cariacica. Depois disso, voltamos a nos encontrar mais uma vez no estacionamento da prefeitura de Cariacica, momento em que saia do *"I Seminário Municipal de Povos e Comunidades de Matrizes Africanas[118]",* evento de importância impar que conseguiu reunir políticos partidários e integrantes de Terreiros do município. Nessa ocasião, eu pude levar ao conhecimento de Pai Sandro a realização da pesquisa e fazer agendamento para nosso próximo encontro.

Durante a realização da pesquisa, principalmente nos momentos em que eu pude me sentir integrado ao grupo formado pelos membros do FOMAC, foi possível perceber, entre outros aspectos, o lugar de destaque que Pai Sandro ocupa na agremiação do fórum. Não poderia deixar de mencionar, também, o esforço com que tem buscado garantir a coesão do grupo mediante o jogo de disputas que é inerente aos campos politico e religioso pesquisados.

No que tange à realização do trabalho de campo no Terreiro de Pai Sandro, não pude deixar de perceber a hospitalidade e o otimismo com que eu fui recebido com o projeto de pesquisa pelo *Babalorixá* e demais membros da *Casa*. Todos dispostos a promoverem pequenos ajustes em suas rotinas cotidianas para atenderem aos questionamentos provenientes da pesquisa.

Sobre a sua iniciação na Umbanda, Pai Sandro afirma que mesmo tendo nascido em uma família de forte tradição umbandista[119], apenas passou a frequentar de forma assídua o Terreiro a partir do período da adolescência. Segundo o entrevistado relembra, o seu ingresso no campo religioso Afro-brasileiro foi motivado pelos parentes que possuíam o próprio Terreiro de

---

[117] Na época, responsável pela Gerência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (GEPPIR) de Cariacica/ES.

[118] Detalhes sobre o "I Seminário de Matrizes Africanas" estão no capítulo III dessa dissertação.

[119] Além dos seus pais, haviam outros parentes que também praticavam a Umbanda. Entretanto, essa não era a única tradição religiosa existente na família, também eram encontrados católicos, evangélicos e kardecistas. Muitos deles, inclusive ainda hoje, praticam mais de uma tradição religiosa como a própria trajetória de Pai Sandro nos revela.

Umbanda localizado na Barra do Jucu[120], município de Vila Velha/ES. Local onde, segundo o entrevistado, todos os familiares se reuniam para a prática religiosa. A respeito desse período específico de sua trajetória de vida, Pai Sandro relata a partir de sua memória:

> Aos dezesseis anos, eu conheci o Espiritismo *[fazendo referência a Umbanda]*.... [Eu fui] levado pelos meus pais porque até então a família de meu pai toda, foi a família que estruturou aquele *Centro Espírita Orixalá*, ali na Barra do Jucu. Do *[Caboclo]* Ubiratan[121]. O médium do Ubiratan, o Senhor Oloídes, é tio de meu pai.
>
> *[…]* Meu pai, vovó a mãe dele e isso parte paterna. Na parte materna, meu avô era pastor de igreja e vovó era umbandista que atendia em casa. Mas nunca tiveram atritos perante isso. E minha mãe também seguiu o espiritismo até uns quinze anos atrás. Hoje ela é evangélica. Hoje ela é missionária. Aí eu me iniciei nessa prática de Umbanda aos dezesseis anos. Eu fui médium desenvolvente do *Caboco* é... Ali não sei se você conheceu na Barra do Jucu. Do *Caboco Sumaré*. É um *Centro*[122] antiguíssimo na Barra do Jucu que hoje não existe mais. Foi uma das primeiras *Casas* na Barra do Jucu de Umbanda. [*Casa*] do *Caboco Sumaré* da falecida Dona Titéia. Lá eu fui médium dela. Lá desenvolvi. (Pai Sandro de Jagun, 20 de março de 2015).

Pai Sandro permaneceu estritamente na Umbanda até completar dezenove aos de idade, quando, conforme o entrevistado aponta, passou a ter problemas espirituais que incidiram diretamente em sua saúde física obrigando-o a buscar ajuda no Terreiro de Candomblé.

> Eu fiquei lá por uns bons anos. Uns seis anos. Logo, em seguida houve a necessidade de... Eu não digo nem de conhecer. Eu fui levado à questão *[de] nação*. A questão religião Candomblé. Eu comecei a ter problemas espirituais... *[Isso]* dentro da Umbanda. Eu tinha chegado a um ponto que eu não recebia mais *Entidade*[123]. Meu corpo parecia que estava fechado. É... Eu passava mal. E a saúde muito conturbada e aquela coisa. Tinha dezenove anos. Quer dizer então, já tinha três anos que eu estava dentro da Umbanda. Isso começou aos dezenove. E, através do convite de um amigo, ele falou

---

[120] Bairro de destaque localizado no município de Vila Velha/ES, na RMGV, situado a partir do encontro do Rio Jucu (de onde herdou o nome) e do Oceano Atlântico. Área litorânea caracterizada pelo antigo processo de ocupação populacional e pela forte interação entre as culturas negra e indígena, dando origem, entre outros aspectos, a tradição do Congo, e etc.

[121] Divindade da categoria dos *Caboclos* que acredita-se tratar dos grandes índios do passado que viveram e morreram em solo brasileiro.

[122] Equivalente a *Casa*, *Barracão* ou *Terreiro*. Todas elas categorias nativas utilizadas para indicar o espaço ritualístico dedicado à prática das religiões Afro-brasileiras.

[123] O termo utilizado desta maneira no texto indica uma generalização servindo para apontar todos os "seres mágicos" que habitam e produzem agência no Terreiro: *Orixás, Exus, Pombagiras, Caboclos, Marujos, Pretos Velhos, Ciganos, Baianos* e outros.

> assim: *"Ah, Sandro! Vamos jogar um búzio*[124] *com um conhecido meu. Porque eu acho isso tudo na sua vida muito estranho"*. Conversei com a *chefe do Terreiro*[125] *[Terreiro de Umbanda que frequentava]*, ela me orientou que pudesse jogar. Cabia a mim pedir permissão para ela, porque eu era médium da *Casa* dela. Aí o Caboclo realmente me deu o aval. Permitiu que eu fosse e fui jogar os búzios pela primeira vez. (Pai Sandro de Jagun, Idem).

E em seguida comenta:

> Eu tinha dezenove anos. Quer dizer: isso já tem vinte e cinco anos. Eu jogando com Rogério de Iansã[126], que na época não tinha *Barracão*. Ele atendia ali na Rua Marechal Campos *[…]* na casa de uma *filha-de-santo* dele. Na época, minha mãe me acompanhou. Que ela na época não era evangélica e Rogério, ele chegou a me falar é... clarezas. Mas ao mesmo tempo ele me deixou um pouco assim... perturbado diante da fala dele. Em questão de ter que fazer. Ter que me iniciar. Foi uma proposta que de início me deixou receoso da religião. Por que? Porque eu já ouvia falar do Candomblé como uma religião pesada. Que matava bicho. Que fazia magia. E você sabe que todo o umbandista, quando ele é um umbandista "fechado" ele acredita na Umbanda unicamente. Ele não cai por outro lado. *[...]* Não porque na Umbanda branca não tem nem atabaque! Onde homem não recebe *Pombagira*! Onde não existe *sacralização*[127] para *Exu*! A gente não faz *padê* nem nada! É bicho assado até para as festas de *Exu*, mas nunca *sacralização*. A gente tinha a imagem do *Exu* da gente. Ía pra cachoeira, lavava a cabeça, arriava-se os sete caminhos de Umbanda e voltava. *[…]* Fazia a camarinha e pronto! Umbanda mesmo! Fechada! Nada vinculada ao Candomblé. Então, quer dizer: eu tinha aquela mente focada naquilo que eu me iniciei. Então o Candomblé veio a ser um novo perturbante. Até aquela fala dele *[Rogério de Iansã]*, ele me deixou intimidado. Ele me botou na parede. Ele alegava que eu tinha problemas de saúde relacionados ao mundo espiritual. Que eu tinha cobranças sérias. E que eu deveria tomar um posicionamento. (Pai Sandro de Jagun, Idem).

O episódio recobrado a partir da memória de Pai Sandro marca o momento de sua primeira aproximação com o Candomblé. Contudo, não ajuda

---

[124] Consultar um *pai* ou *mãe-de-santo*. No entanto, *jogo de búzio* é o instrumento utilizado nos Terreiros para desvendar os mistérios da vida de uma pessoa, do seu cotidiano ou grupo familiar. Compreende um método adivinhatório, com base matemática, no qual são utilizados dezesseis (16) búzios (ver Sales, 2010).

[125] Sinônimo de *mãe-de-santo*, zeladora, sacerdotisa quando feminino *e pai-de-santo*, *zelador* e *sacerdote* quando masculino.

[126] Nome de registro Rogério Orsí. Importante sacerdote do Candomblé Capixaba, cujas referências estão presentes no livro de Cleber Maciel (1992). Possui seu Terreiro de Candomblé no bairro Vista da Serra, no município da Serra/ES, onde atualmente reside. Entretanto, na época que iniciou Pai Sandro tinha sua residência localizada próximo à Avenida Marechal Campos, na cidade de Vitória/ES, servindo-se também desse espaço para atender o público que o procurava para consultar seu *jogo de búzios*.

[127] Ritual sagrado caracterizado pela ofertada de animais vivos que, depois, serão utilizados como alimento pelos membros dos Terreiros.

a explicar de maneira prudente os motivos que o conduziram ao duplo comportamento religioso adotado. Por outro lado, seu relato traz à tona outras questões ligadas às práticas religiosas das Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras que, de maneira unânime, pode ser percebida nos lugares onde estão presentes: o senso de depreciação e até mesmo de não reconhecimento da religião do Candomblé por parte de membros do próprio segmento representado genericamente pelas RMAs; e, de outro lado a crença na predestinação religiosa ligada ao Candomblé, para a qual a incidência de doenças não diagnosticáveis, na maioria das vezes, funciona como catalisador colocando o agente na direção do pertencimento ritual. Em última análise, essa crença é interpretada por muitos praticantes como o único meio de restauração da saúde física e mental.

Contudo, trazendo o debate para a empiria assistida nos Terreiros em geral, pode-se perceber que a questão da predestinação ao Candomblé e a condição de saúde do noviço não são as únicas variantes envolvidas neste contexto. O interesse do *pai* ou *mãe-de-santo* em estender o número de *filhos-de-santo* sob seu controle e o prestígio do Terreiro em relação aos Terreiros vizinho também deve ser levado em consideração. Pois, como destaca Prandi (2005), o prestígio e o poder religioso dos *pais* e *mães-de-santo* são diretamente proporcionais aos números de *filhos-de-santo* e de *Clientes* que consegue reunir sob seu julgo no Terreiro.

> "Filhos de santo e *Clientes* são fonte de prestígio para a mãe de santo. Acredita-se que quanto mais filhos e *Clientes*, maior é o poder religioso da mãe de santo, mais denso e eficaz o seu conhecimento dos mistérios que envolvem a realização dos ritos". (PRANDI, 2005, p.12)

Depois de vivenciado a experiência do *jogo de búzio* pela primeira vez, uma nova jornada é empreendida por Pai Sandro junto à religiosidade Afro-brasileira culminando em sua iniciação no Candomblé pouco tempo depois.

O pertencimento de Pai Sandro ao Candomblé, conforme ele relatou, ocorreu em meio ao conflito, a insegurança e medo, características que na contemporaneidade ele atribuiu ao seu reduzido conhecimento sobre a religião do Candomblé na época de sua iniciação; à difícil adaptação à *hierarquia-do-*

santo e às novas práticas rituais que, no conjunto da obra, distinguia-se dos ensinamentos apreendidos na Umbanda.

> Na época, eu tomei *ebô*, tomei um *obi* à cabeça. Minha mãe também me acompanhou. Nós tínhamos assim, muita ligação um com o outro. Preocupação diante das problemáticas da vida. Nisso, ele *[Pai Rogério de Iansã]* fez os *ebôs*. Depois em seguida jogou de novo. Aí continuou batendo na tecla de iniciação. Marquei de ir. Não fui porque meu coração não falava. Depois continuei passando mal. Aí eu já comecei a conhecer o grupo da *Casa* deles. Aí você acaba... não vou dizer influenciado, mas você acaba sentindo vontade de estar entre eles. Mas eu sempre fui muito receoso. Aí, o quê que acontece? Eu passei a acompanhar um grupo de uma *filha-de-santo* de *Rogério de Iansã* que se chama *Moxidenãn*[128]. Hoje ela até não é mais da *Casa* dele. Essa senhora do *Oxalufãn* recebia cigana em casa, fazia toques de Umbanda em casa e então eu comecei a conhecer esse seu grupo. Logo depois eu fui para ser iniciado. Cumpri todos os preceitos de Angola. *[…]* Aí eu fui feito para o *Orixá Omolu.* Eu fui o segundo barco dessa *"Moxi"*, *filha-de-santo* de Rogério. Quer dizer, Rogério me preparou para ela. Fui o segundo barco dela porque na Nação Angola os sete primeiros filhos era o seu *pai-de-santo* quem fazia. Você não atua sozinho. E minha saída foi no dia 26 de janeiro no Terreiro de Rogério. Foi muito tumultuado…. A questão da energia do *Orixá* o meu corpo não comportava. Existia um tumulto muito grande na minha mente. Receio de ficar recolhido... *[…]* Depois eu tive um preceito conturbado com as influências negativas do período do carnaval. (Pai Sandro de Jagun, 20 de março de 2015).

A trajetória de Pai Sandro no Candomblé construída ao longo dos últimos vinte cinco anos foi marcada pelo trânsito inter-religioso em quatro Terreiros distintos. Desta forma, teve sua iniciação realizada por *Pai Rogério de Iansã* no seu Terreiro de Candomblé de nação Angola, localizado no município da Serra/ES e em companhia de sua *filha-de-santo*, conhecida pelo nome ritual de *Moxidenãn.* Logo em seguida a sua *feitura-de-santo*, passado três meses, Pai Sandro se desvincula do seu iniciador guardando ainda relações restritas com *Moxidenãn* por mais alguns meses.

Completado um ano de *feitura-de-santo*, Pai Sandro migra para o Terreiro de Candomblé de *Pai Arô de Logun-Edé*[129] que, na época, tinha seu pertencimento religioso ligado ao Candomblé de *Nação Efon*. Nesse Terreiro, o

[128] Nome de registro Kátia Cilana da Cunha. Não possuía Terreiro próprio de Candomblé na época, entretanto fazia desenvolvimento de seus *filhos-de-santo* provenientes da Umbanda na residência onde morava, localizada no bairro Novo México, no município de Vila Velha/ES.

[129] O mesmo *Babalorixá* citado por Mãe Anajete em sua trajetória religiosa. *Logun-Edé* se refere à divindade do Candomblé ligado a *Oxóssi* e a *Oxum*.

entrevistado foi submetido às *obrigações* de *um* e *três anos-de-santo*[130] permanecendo no *Barracão* por quatro anos.

Depois de deixar o Terreiro de *Pai Arô*, conhece *Pai Kendala de Oyá*[131] que, na época estava em visitação a Vitória/ES para atender *filhos-de-santo* residentes na região. Com ele, Pai Sandro realiza as obrigações de *sete*[132] sendo *confirmado*[133] para o posto de *Babalorixá,* e depois a de quatorze anos[134], permanecendo sob a tutela do *pai-de-santo* por dezesseis anos até a ocasião de sua morte.

Atualmente Pai Sandro é *filho-de-santo* de *Mãe Kita de Oyá*[135] também pertencente à nação Efon que, no passado, segundo a hierarquia do Candomblé, era *avó-de-santo* do entrevistado e antiga *mãe-de-santo* de *Pai Kendala de Oyá*, falecido em 2009.

A partir das entrevistas realizadas com Pai Sandro, ao longo da pesquisa, a seguir será apresentado o quadro dos principais eventos destacados pelo sacerdote em sua trajetória de vida. Logo em sequência, as genealogias consanguínea e de pertencimento religioso do sacerdote ao Candomblé Efon.

---

[130] Tempo de iniciada no Candomblé. A obrigação de três anos também é chamada de *Odu Etá* nos Terreiros de Candomblé *Efon* e *Ketu*.

[131] Nome de registro Alcimar de Souza Martins. *Babalorixá* pertencente ao Candomblé de Nação Efon que possuía seu Terreiro instalado em Belford Roxo/RJ e que frequentemente se dirigia à RMGV para atender seus *filhos-de-santo* residentes na região. Faleceu em 2009.

[132] A obrigação de sete anos também é chamada de *Odu Ejé* no Candomblé de *Nação Efon* e corresponde ao rito de passagem em que o *Yaô* ou *filho-de-santo* atinge sua maioridade ritual vindo a se tornar *Ebome*, que significa “filho mais velho do Terreiro”. Consiste no principal rito do Candomblé depois da *feitura-de-santo*.

[133] Indicado mediante assembleia ou festa pública.

[134] Também conhecida no Candomblé de *Nação Efon* por *Odu Merilá.* Nos Terreiros de *Nação Ketu*, recebe o nome de *Odu Iká*.

[135] Nome de registro: Claudete Silva do Nascimento. *Iyalorixá* residente do Rio de Janeiro onde possui seu Terreiro de Candomblé de Nação Efon há vários anos. Atualmente presta atendimento aos seus *filhos-de-santo* distribuídos nas regiões Sul e Sudeste do país.

Tabela 12 - Principais fatos ocorridos na trajetória religiosa de Pai Sandro

Ano	***Realizações***	***Sacerdote responsável***	***Local***
1986	Levado pelos parentes, passa a frequentar o *Centro Espírita Orixalá*, Terreiro de Umbanda que a família ajudou a estruturar.	Senhor Oloídes, tio paterno de Pai Sandro e responsável por conduzir os trabalhos religiosos no Terreiro de Umbanda frequentado pela família.	Localizado na Barra do Jucu, Vila Velha/ES.
1986	No mesmo ano, Pai Sandro migra para o Terreiro de Umbanda do *Caboclo Sumaré*, onde permanece por seis anos.	Dona Titéia, hoje falecida.	Antigo Terreiro situado na Barra do Jucu, Vila Velha/ES.
1989	É submetido ao *jogo de búzios* pela primeira vez, sendo iniciado logo em seguida no Candomblé Angola para o *Orixá Jagun*.	*Rogério de Iansã* e sua *filha-de-santo*, *Moxidenãn.*	Terreiro de Candomblé pertencente a Pai Rogério de Iansã no bairro Vista da Serra, no município da Serra/ES.
1990	Migra para o Terreiro de *Pai Arô de Logun-Edé*, onde realiza a obrigação para o *Orixá Oxoguian* e depois de algum tempo a obrigação de três anos - *Odu Etá.*	*Pai Arô de Logun-Edé.*	Terreiro de Candomblé, na época de tradição Efon, localizado no bairro Santa Paula localizado no município de Vila velha/ES.
1992	Funda seu próprio Terreiro de Umbanda, onde passa a orientar *filhos-de-santo*, chegando a possuir mais de 60 seguidores.	*Pai Sandro de Jagun.*	*Ibase Omó Jagun*, Terreiro localizado no Bairro Planeta, localizado no município de Cariacica/ES.
1996	Realiza o *Odu Ejé* com *Pai Kendala de Oyá* e recebe o título de *Babalorixá*, passando a iniciar pessoas no Candomblé.	*Pai Kendalá de Oyá*, *Babalorixá* pertencente à Nação Efon, possuía o seu Terreiro no Rio de Janeiro. Falecido em 2009.	*Ibase Omó Jagun*, Terreiro localizado no Bairro Planeta, no município de Cariacica/ES.
2003	Obrigação de 14 anos - *Odu Merilá.*	*Pai Kendalá de Oyá.*	*Ibase Omó Jagun*, Terreiro localizado no Bairro Planeta, Cariacica/ES.
2014	Realização de Ebós e *Bori*	*Mãe kita de Oyá, Iya*lorixá pertencente à Nação Efon, filha-de-santo do falecido Waldomiro Baiano no Rio de Janeiro.	*Ibase Omó Jagun*, Terreiro localizado no Bairro Planeta, Cariacica/ES.

Tabela 13 - Genealogia consanguínea de Pai Sandro

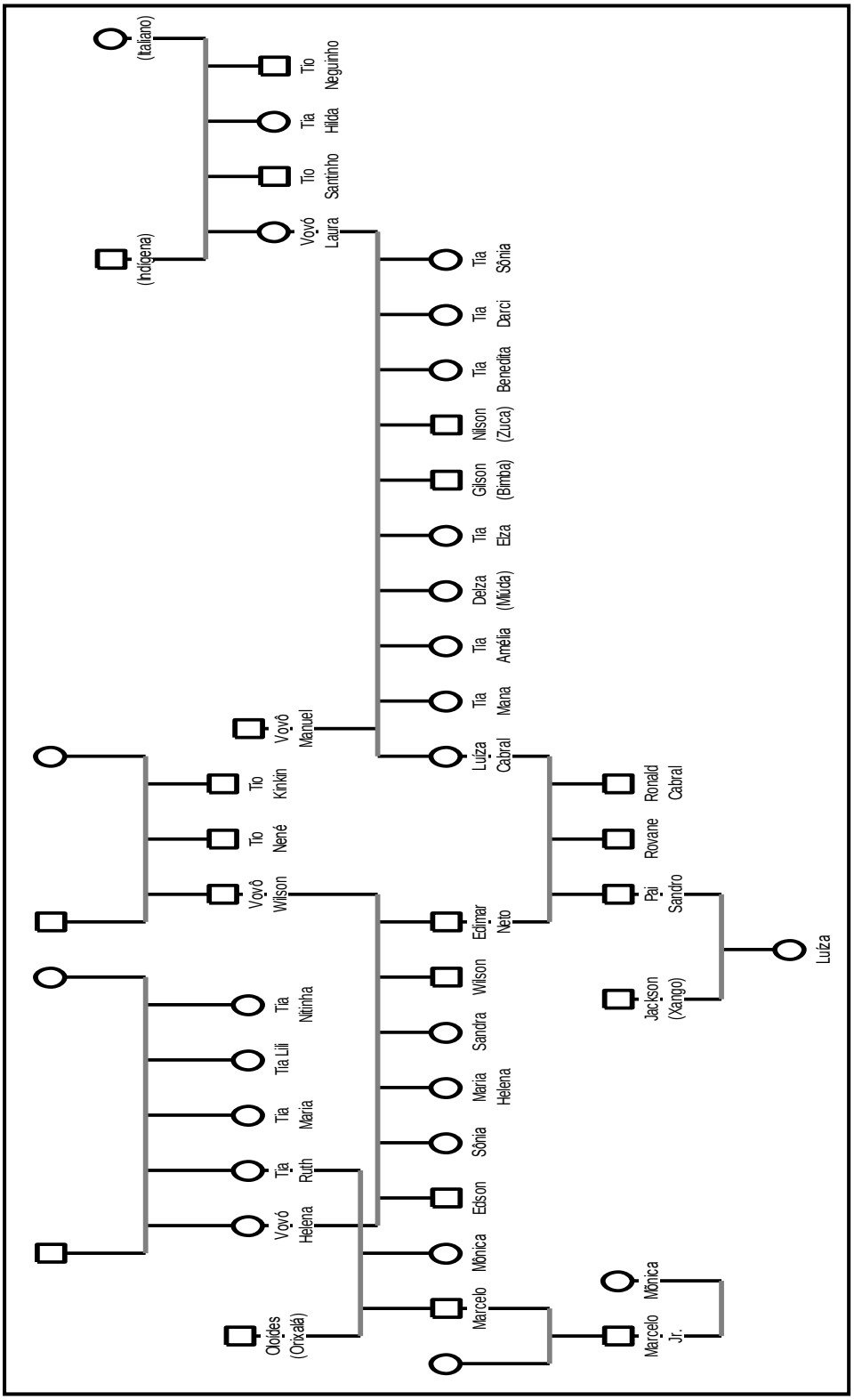
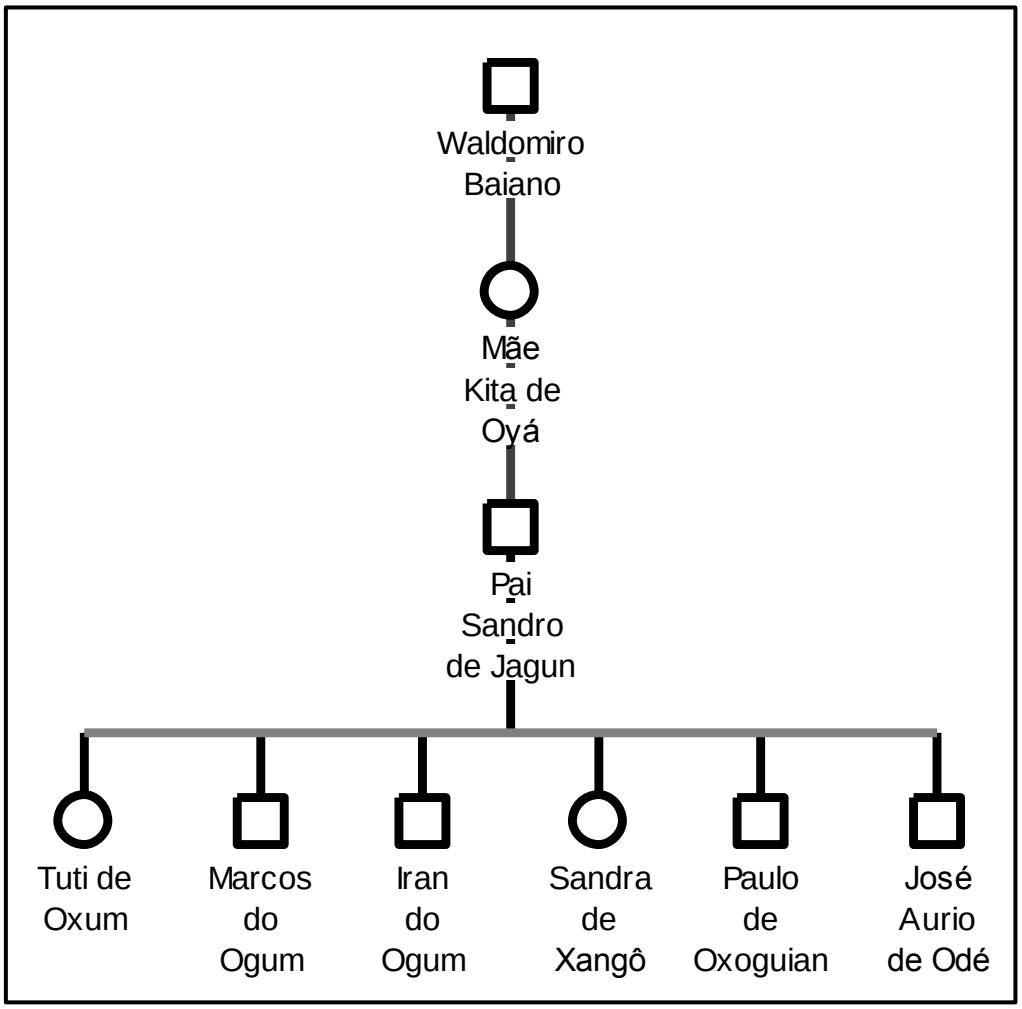


Tabela 14 - Genealogia atual de Pai Sandro nas RMAs na RMGV



1- Waldomiro Baiano[136] (Salvador/BA). Faleceu em 2007.

2- Mãe Kita de *Oyá* (Rio de Janeiro).

3- Pai Sandro de Jagun (Cariacica). Umbanda e Candomblé.

4- Tuti de *Oxum* (Vila Velha). Acompanha há 18 anos – Umbanda.

5- Marcos do *Ogum* (Cariacica). Acompanha há 14 anos – Umbanda e Candomblé.

6- Iran do *Ogum* (Brasília). Acompanha há 12 anos – Umbanda e Candomblé.

7- Sandra de Xangô (Cariacica). Acompanha há 10 anos - Candomblé.

8- Paulo de Oxoguian (Cariacica). Acompanha há 1 ano – Umbanda e Candomblé.

9- José Aurio de Odé (Cariacica). Acompanha há 1 ano – Umbanda e Candomblé.

[136] Nome de registro: Waldomiro Costa Pinto. Também conhecido como *Waldomiro de Xangô*, *Waldomiro Baiano* ou simplesmente *Baiano*. Importante personalidade do Candomblé da Bahia. Na década de 1940, muda-se para o Rio de Janeiro e lá funda o *Ilê Babá Ogún Megégé Axé Barú Lepé* – Terreiro de Candomblé de Xangô – na Baixada Fluminense.

3.1.3. Pai Carlão de Oyá: “Eu sou Nagô-Vodun!”

O surgimento do Opô[137]

> Os homens reclamavam muito da distância dos *Orixás*, pois eles viviam no *Àiyé* e os Deuses no *Òrun* distante um do outro. Os homens não viam mais os Deuses. Nunca mais sentiram sua presença. *Orunmilá,* comovido com as lamentações dos homens, resolveu intervir. Chamou os elementares ou Deuses da natureza e dizendo logo em seguida: *“homens reclamam da distância entre o Àiyé e o Òrun. O que nós vamos fazer”*? Todos os *Orixás* começaram a pensar sobre o caso. Foi quando *Oyá* levantou e disse: *“Eu tenho a solução. Vamos criar uma ponte entre o Àiyé e o Òrun. Vamos criar um vínculo de forma que nós possamos através dele encontrar o homem”.* Depois da declaração todos concordaram dizendo: *“Sábias palavras Oyá, sábias palavras”*. Então, *Oyá* providenciou um *Akoko* e travando as suas raízes no *Àiyé* deixou que suas folhagens atingissem o *Òrun* formando uma grande escada simbólica. A partir daquele dia, os *Orixás* passaram a visitar os homens e tomá-los em possessão. E os homens, por sua vez, puderam reencontrar seus ancestrais, abraçando, beijando e amando-os incondicionalmente. *(Itan de Orunmilá contado por Pai Carlão de Oyá, 18 de setembro de 2015).*

Oyá Daokolê[138], Pai Carlão de Oyá ou simplesmente Pai Carlão, são os nomes religiosos com que Carlos Henrique Januário é conhecido na RMGV, onde vive há quase trinta anos. Nasceu no dia 19 de fevereiro de 1947, no Bairro de Santa Tereza[139], localizado na cidade de Belo Horizonte/MG. Bisneto da negra escravizada Zumira dos Moraes, de Nova Lima/MG, neto da negra ventre livre Filó[140] e filho do comunista Henrique Januário, Pai Carlão desde a adolescência aprendeu a conciliar seu posicionamento político ao religioso, tomando como modelo para sua vida as trajetórias de seus dois parentes consanguíneos de mais empatia. A partir dos dezessete anos de idade, em pleno período da ditadura militar no Brasil, integrou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB) e com vinte e dois foi iniciado no Candomblé Nagô. Como consequência de suas ações políticas ligadas ao PCB, foi perseguido, preso,

---

[137] Na simbologia da cultura Nagô, refere-se ao elo ou coluna vertical que une o Terreiro de Candomblé no *Àiyé* ao mundo dos Orixás no *Òrun.*

[138] Segundo o Pai Carlão, seu *Omoruncó* (nome ritual) significa “Pessoa que faz tudo rapidamente”.

[139] Bairro tradicional da cidade de Belo Horizonte conhecido por sua beleza arquitetônica e pelas atividades culturais diversificadas, como Casas de Serestas e Bares, servindo de inspiração e até abrigo para poetas e artistas famosos no passado, fato esse que rendeu ao bairro o nome de “Cidade Boêmia”.

[140] A avó Filó ou simplesmente Filó, era como Pai Carlão reconhecia a sua avó paterna cujo nome de registro era Filomena Cândida de Moraes, filha de Zumira dos Moraes.

torturado e obrigado a viver longe de sua esposa e de seus filhos em diversas cidades do Brasil e América Latina, refugiando-se da opressão. Na década de 1990, funda seu Terreiro de Candomblé em Cariacica/ES e depois de viver algum tempo em Bournemouth[141] com a família, migrou novamente para a RMGV permanecendo desde então.

Graduado em História e aposentado como cozinheiro, Pai Carlão atualmente distribui seu tempo entre as atividades de conferencista em congressos e eventos educacionais relacionados à Cultura Africana e Afro-brasileira; a militância política em organizações sociais locais como o FOMAC, Instituto de Desenvolvimento Estadual das Matrizes Africanas (IDEMAFRI)[142] e frente Lésbicas Gays Bissexuais e Transsexuais (LGBT); e o exercício religioso no seu próprio Terreiro de Candomblé, onde ocupa o posto de *Babalorixá.*

O Terreiro de Candomblé de tradição *Nagô-Vodun* do *Asè Osumarê*, *Ilê Ónminira Ase Ósumarê*[143]*,* está localizado na Rua Pinheiros, número 3, Bairro Vila Independência, no município de Cariacica/ES. Segundo Pai Carlão, seu *Ile Asè* foi fundado em abril de 1991, ocasião em que deu uma grande festa pública no Terreiro em homenagem ao *Orixá Ogum*[144].

Na contemporaneidade, o Terreiro congrega cerca de 50 *filhos-de-santo*, destes apenas 15 frequentam-no assiduamente. Seu calendário anual de festas está distribuído da seguinte forma:

---

[141] Pai Carlão morou com sua esposa e filhos na cidade de Bournemouth, no sul da Inglaterra, entre os anos de 2001 e 2005. Durante esse período, trabalhou como chefe de cozinha atendendo à restaurantes e buffets da cidade.

[142] O IDEMAFRI é uma instituição criada pelos membros do FOMAC, cujo lançamento oficial aconteceu no dia 23 de maio de 2015. Informações detalhadas sobre o surgimento do IDEMAFRI estão no capítulo IV desta dissertação.

[143] Expressão em Ioruba que significa *"Casa da liberdade com a força de Ósumaré"*. Nome dado ao Terreiro por Pai Carlão em homenagem ao bairro Liberdade em Salvador/BA, que segundo o sacerdote acredita, é o maior bairro negro fora da África existente. Já a designação *Asè Ósumaré* tomada isoladamente, traz referência à *família-de-santo* (ritual) de pertencimento a qual Pai Carlão está associado (*Terreiro de Ósumaré* em Salvador/BA).

[144] Divindade africana cultuada pelos membros das religiões Afro-brasileiras relacionada à guerra, a *abertura de caminhos* e etc. É reconhecido como o *"Senhor dos caminhos"*, que tem seu desígnio junto a outros Orixás, como *Exu* por exemplo.

Tabela 15 - Calendário de festas do *Ilé Ónminira Ase Ósumaré* no ano de-2015

Comemoração	***Mês do ano***
Festa de *Ogum*	Março
Festa de Odé e *Ossain*[145]	Julho
Festas do Olubajé	Agosto
Festa de Xangô	Dezembro
Ebô para receber e presentear o ano novo	No final do ano

As entrevistas com Pai Carlão foram realizadas, majoritariamente, em sua residência que fica localizada no mesmo terreno em que se encontra o seu *Barracão* de Candomblé, onde é responsável por dirigir as cerimônias e rituais religiosos. A paciência e a prontidão que demonstrou em atender as solicitações, tanto da pesquisa etnográfica, quanto em responder as minhas dúvidas pessoais relacionadas ao Candomblé, contribuíram para gerar um ambiente de confiança e respeito mútuo facilitando a obtenção de dados e a análise do campo.

O meu primeiro encontro com Pai Carlão, ocorreu no dia 02 de abril de 2015, por ocasião de uma reunião dos integrantes do FOMAC realizada no mesmo Terreiro de Candomblé que dirige. Depois disso, passamos a nos encontrar em diversos eventos realizados na RMGV.

Pai Carlão narra o seu pertencimento religioso no Candomblé a partir da *Dona Filó*[146], sua avó paterna com quem conviveu importante período de sua infância. Ela, apesar de ser católica, serviu como influência para o entrevistado. Segundo ele relata, desde criança acostumou-se a ouvir as histórias que sua avó contava sobre o tempo em que os negros escravizados viviam em regime de opressão nas senzalas. Não demorou muito para que ele se identificasse com as personagens das histórias e procurasse cada vez mais se aproximar das questões culturais envolvendo a tradição africana.

[145] Orixá ligado ao saber das ervas medicinais.

[146]Filomena de Moraes era negra *ventre-Livre* e filha de Zumira dos Moraes, escrava na região de Nova Lima/MG e bisavó de Pai Carlão, conforme o entrevistado afirma.

Na relação constituída entre Pai Carlão e sua avó no passado, ainda pesava o fato de seu parente ser remanescente de negro ventre livre e mascar fumo como acredita-se que os *Bantus*[147] faziam, características essas destacadas pelo entrevistado em seu relato.

Sobre o local de nascimento de seu pai consanguíneo e a importância arrebatadora de sua avó durante o período de sua infância, Pai Carlão relembra com saudosismo:

> Meu pai tinha origem em Nova Lima *[MG]* e a mãe dele também. E a mãe dele se não me engano, a minha avó, ela seria descendente Bantu porque ela tinha o hábito de mascar fumo. Isso é um hábito muito comum entre os negros Bantu da época. A minha mãe vem de Curvelo*[MG]*. Ela branca, se casou com meu pai negro. E o meu interesse pela cultura africana veio de minha avó porque ela ficava muito ali em casa. Ela contava coisas que na época eu era muito criança, eu não entendia bem porque ela era ventre livre, mas apesar de ser ventre livre ela morava com a mãe na senzala. A mãe não era ventre livre *[como ela]*. Ela era ventre livre e a mãe escrava. A mãe dela se chamava Zumira dos Moraes porque negro não tinha sobrenome. O sobrenome do negro era o sobrenome do senhor ao qual ele pertencia. Ela nasceu naqueles recantos ali de Nova Lima. Na região do Retiro e se chamava Filomena de Moraes. E o meu avô, ele trabalhava na Mina do Morro Velho. Veio a se contaminar com o bacilo de Koch, que ainda hoje causa vítimas na região devido ao excesso de aspiração do arsênico e silício da mina. Eu não conheci o meu avô. Ele faleceu antes do meu nascimento. Mas ela *[a avó]* fez parte da minha infância. *[…]* Ela não me contava sobre religião. Ela me contava história da juventude dela. Da infância dela. Ela era católica. Extremamente católica. Praticamente todo negro naquela época era católico. Mas ela tinha história pra contar. *[…]* Ela contava muitas histórias da senzala e eu ficava assim, na minha mente infantil, imaginando *[…]*. Ela contava que não existiam prato, nem nada. Eles faziam o angu com sobras de carne, de sebo, essas coisas de lá. Faziam aquelas bolas de angu e colocavam as bolas na mão de todo mundo pra almoçar e jantar. Aí então eu comecei a me interessar: *"Por que esta escravidão? Por que essa pele desta cor? E por que o escravo? Por que e tal"?* (Pai Carlão de *Oyá*, 14 de março de 2015).

Se por um lado a aproximação com a avó acontecia, por outro os conflitos com os pais devido às divergências de opinião quanto à questão religiosa também entravam em curso causando-lhe atrito.

> Aí começou uma polêmica da minha vida. A minha mãe católica, o meu pai membro do PCzão. O PC[148] velho. É o PCB e não o PCdoB

[147] Referência ao patrimônio cultural transplantado para o Brasil a partir da diáspora africana nos dois primeiros séculos do regime escravista. Período de predominância dos Africanos subsaarianos.

[148] Partido Comunista.

> de Amazonas *[João Amazonas[149]]*. O PC velho de Luiz Carlos Prestes. Então meu pai não acreditava nisso. Ele dizia: *"Deus não existe"!* E minha mãe dizia: *"Deus existe! Deus está te olhando lá de cima anotando o que você faz, o que você não faz"*. E eu felizmente fui, não sei se é genético ou de que forma foi que aconteceu […]. Aí eu comecei a desconfiar que o meu pai era quem estava certo. Tanto que eu sou comunista até hoje, apesar de religioso. Mas eu não acredito em Deus. Não acredito nos santos católicos. Não acredito em nada! Absolutamente eu sou Nagô! Eu desde criança me voltei para isso. Eu me institucionalizei como Nagô! E sou Nagô! Então desde jovem eu percebi isso. Foi aí que eu procurei o Candomblé. (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

Pouco tempo depois, ainda no período de sua infância, um fato inusitado ocorrido com Pai Carlão na presença de amigos o coloca em envolvimento direto com as divindades do Candomblé conduzindo-o cada vez mais próximo da religião. O episódio ocorreu no trajeto de volta para casa depois de ter participado de uma sessão de matinê no "Cinema do Horto", em Belo Horizonte/MG. Sobre esse acontecimento, ele relata:

> Eu morava no *[bairro]* Pompéia. Foi há cinquenta e cinco anos por aí. Eu morava no bairro Pompéia, que só tinha uma igreja e duas casinhas ao redor. E tinha o Cine Horto e o Cine Independência em Belo Horizonte. *[…]* Então, às vezes, mamãe ou papai dava a gente aquelas moedinhas pra gente ir na matinê. A gente ia a pé. Da Pompéia lá pro Horto era só descer. Atravessava a linha de trem *[…]* que fazia o *"trem doido[150]"*. Numa dessas idas pro cinema, deu uma tempestade e todo mundo entrou num alpendre. Eu ouvi bater: *"Ta, ta ta..."*. Eu fiquei olhando. Eu tinha acho que onze, doze anos na época. Eu era imberbe! Bem garotinho mesmo. Então, eu tô escutando aquilo, aí eu cheguei na janela e fiquei olhando aquelas senhoras de branco. Os atabaques batendo aquele som. Aquilo entrou em meus ouvidos... Eu fiquei olhando e falei: *"Mas o que será isso? O que será isso?"* Aí veio lá de dentro esse senhor é... falecido hoje. O *omoruncó* dele é *Odé Olojukan[151]*. Ele é falecido. E ele veio virado de santo. E quando ele veio e *saldou*[152] e todo mundo viu que é ele. Com aquele grito que a maioria dos *Orixás* têm. Que o pessoal chama de *ilá,* mas o nome do grito é *Kê*. Aquilo eu comecei a ficar tonto e desmaiei. Acordei com o pessoal batendo a mão em meu rosto. Mas uma coisa tão estranha que eu até hoje não sei te explicar.

---

[149] Político progressista e guerrilheiro revolucionário, João Amazonas de Souza Pedroso ingressou no Partido Comunista Brasileiro, em 1935. No ano de 1943 foi eleito para compor o Comitê Central do partido e em 1961 deixa seu cargo sob forte conflito.

[150] Refere-se à linha de trem "Rio-Barbacena", que, no passado, serviu para transportar pessoas de diferentes localidades diagnosticadas de "doentes mentais" para o Hospital Psiquiátrico de Barbacena/MG.

[151] Carlos Ribeiro da Silva, *filho-de-santo* de *Xica de Mineiro* de Salvador (BA). Morava em Salvador e depois de auxiliar a sua *mãe-de-santo* na obrigação de *Yaterê*, resolveu fundar um Terreiro no São Benedito, região rural limítrofe a capital Belo Horizonte/MG. Também era reconhecido no meio religioso por *Carlos Ketu*. Hoje é falecido.

[152] Momento em que os Orixás saldam a porta do Terreiro.

> Eu sei explicar a possessão pelo ancestral, mas não sei te explicar o que aconteceu ali comigo. Não sei. Não sei te explicar porque tive um desmaio. E eu nunca tive desmaio antes e nem depois disso. Foi o primeiro e o último. Então, eu comecei a perguntar o que quê era aquilo. Que lugar era aquele. E o pessoal me falou: *"Ah isso aqui é o Candomblé de Angola"*. O nome da dona da *Casa* era Geralda, que, mais tarde, veio receber o nome de *Yaterê*[153], iniciada por "Xica de mineiro". Então, aí eu gostei daquela sensação de estar ali. Me foi agradável de forma tal que não tem explicação. É como se eu... Eu não acredito também em reencarnação. Eu acredito em herança biológica, herança celular. Eu não acredito em reencarnação. Não tem esse negócio de espírito, de alma. É tudo balela. Mas eu acredito em herança biológica. Eu conhecia aquilo de algum lugar. Aí eu procurei me aproximar desse pessoal. Fui lá, conversei com a Dona Geralda que o omoruncó dela é *Yaterê*, e aquele negócio todo e comecei a frequentar a *Casa* dela. (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

Conforme pode ser percebido no trecho da entrevista anterior, Pai Carlão aponta seu pertencimento atual ao Candomblé como produto da herança biológica compartilhada por seus ancestrais mais antigos no continente africano. Nesse sentido, a figura da avó paterna, sua parente negra ventre livre, que viveu na senzala, serve ao entrevistado como ligação mais próxima e fidedigna desse seu ideal.

Passado o incidente ocorrido no dia da matinê no cine, Pai Carlão, sem o consentimento da mãe consanguínea, Dona Enoe Leite Januário[154], começou a frequentar o Terreiro de Candomblé, localizado nas redondezas no município de Santa Luzia/MG que, na época, era região rural de São Benedito, próximo à capital mineira.

> Aquele rapaz que estava virado de *Odé* naquela época da matinê, ele era de Salvador. Ele tinha vindo junto de sua *mãe-de-santo* para dar um *Bori* nessa *Yaterê*, por algum motivo. Então, ele decidiu construir uma *Roça* lá no São Benedito. São Benedito, naquela época, era só mato. Não tinha ônibus, não tinha nada. A gente pegava o ônibus alí na Pampulha até Santa Luzia, descia na entrada de Venda Nova e acabava de chegar a pé na *Casa* dele. Olha o sacrifício que a gente fazia. Na época, era um sacrifício terrível, mas eu era jovem. Jovem é uma coisa maravilhosa. Foi então que eu frequentei a *Casa* dele por muito tempo. Eu fui *Abiãn* da *Casa* uns dez anos. Mas naquela época era praticamente impossível *fazer santo* por que hoje é tudo muito fácil. Naquela época, era uma fortuna em dinheiro para *fazer santo.* (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

---

[153] Conhecida como Dona Geralda. Era *filha-de-santo* de *Xica de Mineiro* de Salvador (BA) e dirigia o Terreiro de Candomblé Angola no bairro Horto, em Belo Horizonte/MG. Hoje é falecida.

[154] Nessa época, o senhor Henrique Januário, pai do entrevistado, já era falecido a cerca de nove anos.

A iniciação ritual de Pai Carlão no Candomblé acontece depois que ele retorna de uma breve estadia em Salvador/BA, após ter deixado o antigo Terreiro, em São Benedito, onde frequentou quase dez anos.

Segundo o entrevistado relatou, a sua iniciação no Candomblé foi antecedida por caso de doença levando-o a buscar tratamento médico sem conseguir o efeito almejado. A cura foi encontrada apenas depois que resolveu integrar-se de uma vez por todas ao Candomblé. No ano de 1969, foi realizada sua *feitura-de-santo* no Terreiro conhecido por *Roça Branca*, local onde se praticava um misto entre os cultos africanos, do qual *Pai Londeji de Logun-Ede*[155] ainda hoje é Babalorixá.

> Depois de morar no bairro da Liberdade em Salvador, eu voltei para casa. Passado algum tempo, eu arrumei uma namorada em BH que hoje ela é minha ex-esposa. Convivemos uns trinta anos juntos, tendo seis filhos lá em BH. Eu comecei a namorar essa menina e ela era feita de *Ogum*. Eu não tinha *feito o santo*. Tanto que ela hoje é minha *Ebome*. Ela é mais velha de santo do que eu. Naquela época, não se deixava uma mulher barriguda. Então, me casei com ela. Aí o que que aconteceu? Eu tive uma crise de depressão sem origem específica. Hoje eu sei que não havia uma depressão. Não me lembro, na época, de nada que me tivesse causado. Eu tive uma depressão muito séria. Eu fiquei internado no Galba Velloso[156], na subida da Pampulha, por três vezes. Então, o *irmão-de-santo* dela *[namorada]* falou*: "Olha, você tem que fazer santo! Você chegou numa situação de santo".* E eu falei: *"Fazer santo. Com quem eu vou fazer santo"?* E ele respondeu: *"Vai lá pra Casa que a gente conversa"*. Aí eu fui para a *Casa* dele e fiz o santo com ele. Ele é de *Logun-Edé* e seu nome é Marco Antônio Pimenta de Carvalho. Atualmente ele não está tocando mais porque está muito velhinho, mas de vez em quando o pessoal se reuni lá e faz uma "coisinha". O seu Terreiro fica em Belo Horizonte, no bairro Floramar. Para mim, foi muito bom. Eu nunca mais senti mal. Pode ver que os remédios que eu tomo são para pressão alta. Não tomo mais nada. Nunca mais tive depressão. Não importa se depois nós tenhamos nos desligado por motivos pessoais. Mas se ele tiver aqui agora eu saio da cadeira e vou pro chão *bater a cabeça*[157] para ele. Sempre vou tomar *Motumbá*[158]. Eu vou respeitá-lo pelo resto da vida. (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

---

[155] Corresponde ao nome religioso de Marco Antônio Pimenta de Carvalho. *Babalorixá* responsável por iniciar Pai Carlão no Candomblé. O Terreiro conhecido pelo nome "Roça Branca" fica localizado no bairro Floramar, Belo Horizonte/MG.

[156] Antigo hospital psiquiátrico de Belo Horizonte localizado na região da Pampulha.

[157] O mesmo que prestar reverência. No Candomblé, é regra que o iniciado sempre que encontre o responsável pelo sua iniciação, realize esse ato em forma de gratidão.

[158] Saudação do Candomblé *Ketu* e *Efon*. Relativo a "*pedir à bença*" aos mais *velhos-de-santo*.

Depois de iniciado no Candomblé, uma nova fase foi inaugurada na trajetória de vida de Pai Carlão. O entrevistado apontou que o seu envolvimento–com os partidos comunistas da época levaram-no a viver longe da família e do Terreiro por vários anos[159]. Após ter vencido essa etapa, que teve duração de quase trinta anos, aos poucos, retomou os antigos vínculos ligados ao Candomblé.

Refletindo sobre seu duplo pertencimento atual, as tendências políticas de esquerda e ao Candomblé, a partir das heranças trazidas por seus parentes, Pai Carlão comenta:

> Olha que dissenso este meu. Um macumbeiro[160] Trotskista! Mas não teve jeito. Não podia ter sido diferente! Minha avó Filó, coitada, uma pessoa espetacular. Eu amo aquela mulher. Ainda hoje eu penso nela. Ela me ensinou muita coisa, do jeito dela, mas ela me ensinou. Meu pai, então, nem se fala. Eu devo a minha vida a ele. Desde pequeno ele me incentivou a ler e estudar… Para você ter uma ideia, com cinco ou seis anos ele me dava coisa pra ler. Ele era comunista fanático. Comunista mesmo! Então, o que aconteceu? Eu sou assim! Mas, mesmo dentro do Candomblé, eu sou muito radical. Acho que eu sou muito mais radical dentro do Candomblé do que politicamente. Eu gosto das coisas certas. (Pai Carlão de *Oyá*, 05 de outubro de 2015).

Pai Carlão conta que depois de fundar seu Terreiro de Candomblé em Cariacica/ES, com a ajuda de *Londejí de Logun-Edé*, que veio de Belo Horizonte/MG para *plantar o Asè da Casa*[161]*,* passou a se sentir desamparado pelo mesmo e procurou ajuda com *Paulo do Ogum*[162] por intermédio de *Pai Marcelo Benikan*[163]*.* Este último, na época *filho-de-santo* do *Babalorixá* carioca, também era *zelador-de-Orixá* recém-chegado à RMGV.

Passado algum tempo morando com a família no sul da Inglaterra, onde trabalhou como cozinheiro, Pai Carlão retorna à RMGV permanecendo desde então. Segundo o sacerdote relatou, depois dessa etapa de sua vida, passou a

---

[159] O envolvimento de Pai Carlão com a política é tratado na segunda seção deste capítulo.

[160] Categoria nativa empregada de forma genérica que reúne todos os praticantes das Religiões de Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras.

[161] Estabelecer a ligação com os antepassados responsáveis por “dar viva ao Terreiro de Candomblé”.

[162] Nome de registro: Paulo César Gagger. Tem seu Terreiro de Candomblé instalado em Mariópolis, no Rio de Janeiro. O *Babalorixá* possui muitos *filhos-de-santo* na RMGV, o que, por sua vez, faz com que visite a região com certa frequência durante o ano.

[163] Citado no capítulo I quando é tratado sobre a influência do Candomblé Capixaba.

se dedicar de forma exclusiva ao exercício religioso em seu Terreiro de Candomblé e a participação política na região onde reside.

Em seguida, apresenta-se uma tabela construída a partir dos principais acontecimentos destacados por Pai Carlão durantes as entrevistas sobre sua trajetória religiosa. Em sequência, serão exibidas às genealogias consanguínea e de pertencimento religioso do sacerdote no Candomblé Nagô.

Logo depois das tabelas, passaremos para a próxima seção, onde serão apresentados os históricos de participação política dos três agentes sociais do Candomblé responsáveis pelo surgimento do FOMAC na RMGV.

Tabela 16 - Principais fatos ocorridos na trajetória de Pai Carlão no Candomblé

Ano	***Realizações***	***Babalorixá responsável***	***Local***
1959	Primeira experiência no Candomblé. Episódio ocorrido após a matinê no "Cine Horto".	O fato aconteceu no Terreiro de *Yaterê*, onde *Odé Olojukan* estava incorporado no *Orixá*.	Bairro Horto, em Belo Horizonte/MG.
1960 a 1968	Passou a acompanhar o Terreiro de *Odé Olojukan*, onde permaneceu longo tempo na condição de *Abian*.	*Odé Olojukan*, natural da BA, que na ocasião anterior, estava em BH para ajudar na obrigação de *Yaterê*.	São Benedito, na época região rural próxima a Belo Horizonte/MG.
1969	Iniciação no Candomblé devido a problemas de saúde.	Terreiro "Roça Branca", dirigido por *Londeji Logun-Edé*, *filho-de-santo* de *Italegí*[164], *neto-de-santo* de *Miguel Grosso*[165] (BA) e bisneto de *Olegário de Vodun Aziri*[166] (BA).	Bairro Floramar em Belo Horizonte/MG.
1970 a 1990	Obrigações de santo de 1, 3 (Odu Etá) e 7 anos (Ejê).	*Londeji Logun-Edé.*	Belo Horizonte/MG.
1991	Fundação do *Ilé Ónminira Ase Ósumare,* Terreiro de Candomblé de Nação Nagô-Vodun.	*Londeji Logun-Edé*. Veio de BH acompanhado de *Sesilandê*, seu *filho-de-santo*, para "arrumar" a *Casa*.	O Babalorixá veio de BH para ajudá-lo a inaugurar o Terreiro em Cariacica/ES.
1992	*Obrigação-de-santo*[167]	Paulo do *Ogum*	Rio de Janeiro.

[164] *Italegí* era residente em Montes Claros/MG. Hoje é falecido.

[165] Trata-se da mesma pessoa citada por Mãe Anajete. Também está presente no capítulo I desta dissertação, relacionado com a formação do Candomblé Capixaba (MARCIEL, 1993).

[166] Possuía seu Terreiro de Candomblé em São Felix, no Recôncavo Baiano. Hoje falecido.

[167] Rituais para as divindades.

Tabela 17 - Genealogia consanguínea de Pai Carlão

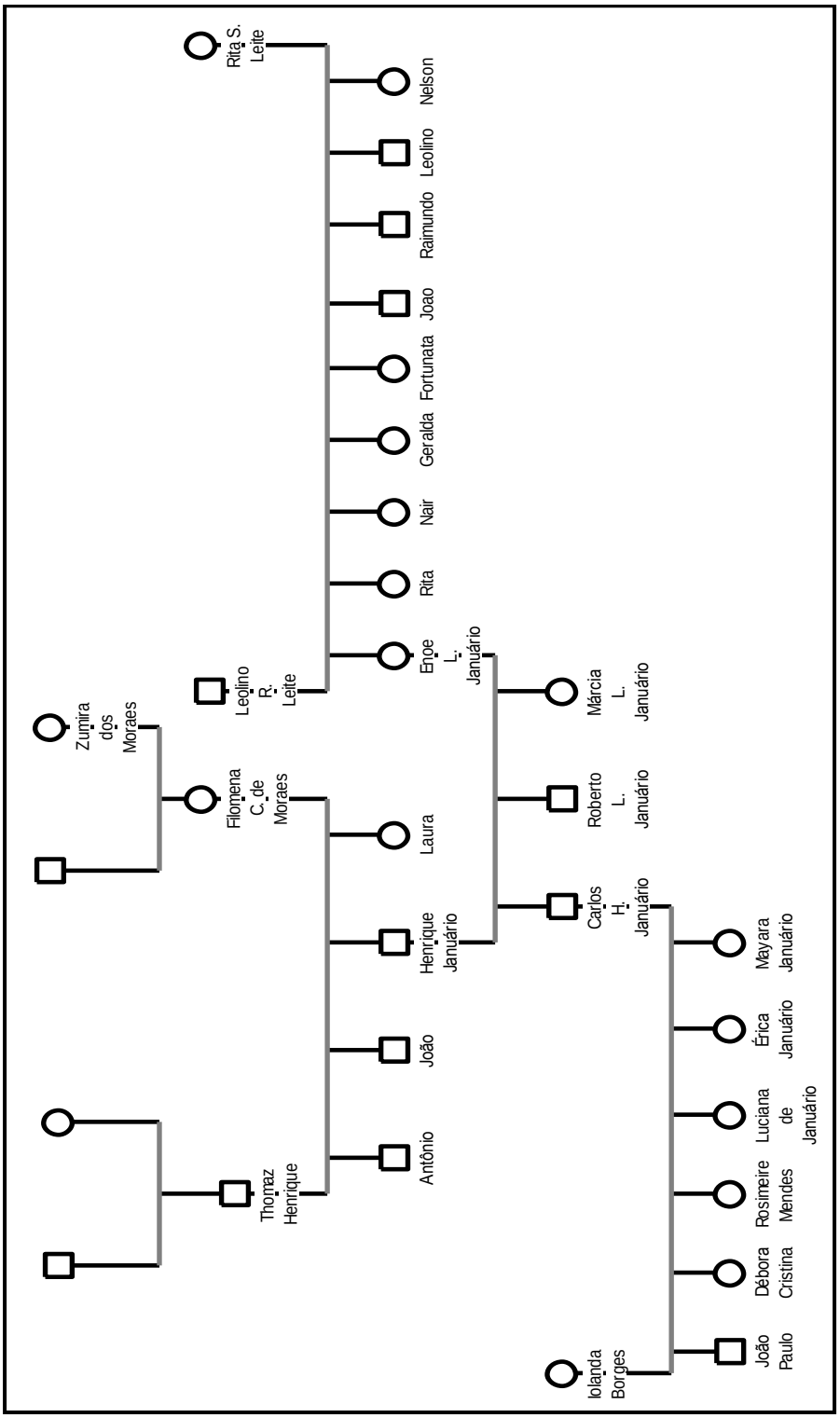
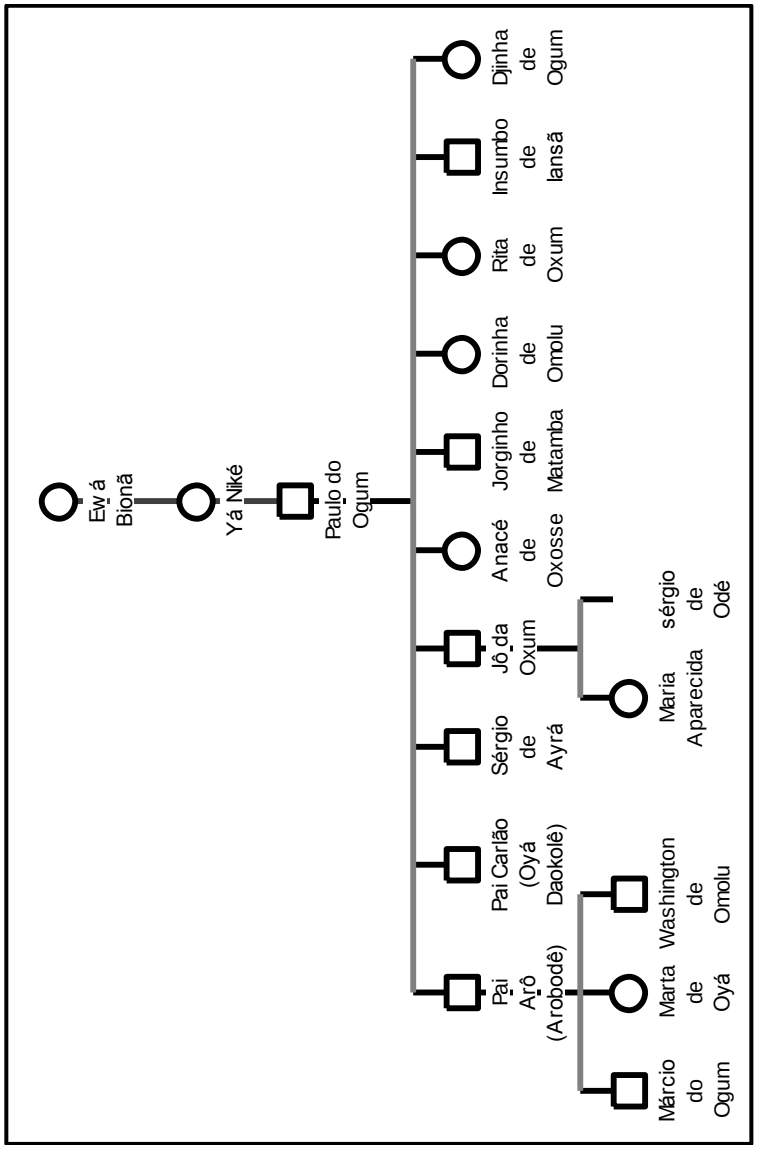


Tabela 18 - Genealogia atual de Pai Carlão no Candomblé na RMGV



1- Cotinha de Ewá – Ewá Bionã (BA)
2- Theodora de Yemanjá – Yá Niké (BA)
3- Paulo do Ogum (RJ)
4- Arobodê * (Vila Velha/ES)
5- Carlão de Oyá** (Cariacica/ES)
6- Sérgio de Aiyrá (Vila Velha/ES)
7- Jô da Oxum (Vila Velha/ES)
8- Anacé de Oxóssi (Vila Velha/ES)
9- Jorginho de Matamba*** (Vila Velha/ES)
10- Dorinha do Omolú (Vitória/ES)
11- Rita de Oxum (Serra/ES)
12- Insumbo de Iansã (Cariacica/ES)
13- Djinha de Ogum (Serra/ES)
14- Márcio do Ogum (Vila Velha/ES)
15- Marta de Oyá (Vila Velha/ES)
16- Washington Omolu (Guarapari/ES)
17- Maria Aparecida (Guarapari/ES)
18- Sérgio de Odé (Vila Velha/ES)

* Possui outros quatro *filhos-de-santo* com Terreiro aberto: dois em SP; um na BA e outro em MT.
** *Filho-de-santo* de Paulo do *Ogum* desde 1992.
*** Possui dois *filhos-de-santo* com Terreiro aberto, ambos em MG.

3.2. Os lugares de participação política dos sacerdotes

Após termos tomado ciência das trajetórias de vida dos principais sacerdotes que congregam o FOMAC, com destaque aos seus respectivos períodos de infância, primeira experiência com o universo religioso Afro-brasileiro, a abrangência da herança ancestral em suas vidas, o conflito instaurado com os pais consanguíneos diante do "destino traçado" do filho(a) junto as RMAs, o percurso percorrido por cada um deles até a iniciação ritual no Candomblé, momento de fundação dos Terreiros e, por fim, a atual posição que ocupam no campo religioso instituído do município de Cariacica/ES. Vamos agora nesta seção retratar as trajetórias dos três sacerdotes entrevistados no que concerne o envolvimento de cada um deles no campo político da municipalidade que culminaram, em última instância, na constituição do FOMAC e nas ações políticas decorridas após o surgimento da instituição na RMGV.

3.2.1. O vento semeador de vida: Pai Carlão de Oyá

Oyá a dona dos ventos

> "O rei *Ajagunã*, um *Orixá funfun*, ele viu *Oyá* trabalhando com *Ogum*, ajudando *Ogum* na forja, soprando a forja para ele criar as ferramentas da agricultura, ferramentas que algumas pessoas procuravam a titulo de guerrear e etc. E ele se apaixonou por ela e a roubou. E levou *Oyá* para a casa dele. Após esse sequestro, *Ogum* ficou só e sem ter como utilizar a forja, sem quem soprasse as brasas para ele modelar o ferro. Passado algum tempo, o rei *Ajagunã* precisou de novas espadas e procurou *Ogum* para encomendá-las na mão do ferreiro, pois aproximava-se um *[exército]* inimigo e ele precisava dessas espadas e *Ogum* falou: *"Eu não posso fazê-las, a pessoa que soprava minha forja você mesmo a sequestrou. Se você mandar ela de volta eu farei as espadas"*. Aí o rei *Ajagunã* disse: *"Não, mandá-la de volta não. Mas eu vou pedir a ela que lá de casa sopre a sua forja"*. E assim foi feito. Mas *Oyá* às vezes soprando a forja ela se cansava ou cochilava e isso fazia com que o vento diminuísse, ou de repente ela acordava assustada e soprava com mais força o que fazia com que o vento fosse mais violento. Aí estava criado uma das "situações" do vento. Porque o vento para o africano não é só uma questão de calor, de frente fria com frente quente. O vento é um semeador de vida. Porque existem muitas sementes que são levadas pelo vento. Inclusive o pólen e vários outros tipos de sementes que o vento leva para longe e etc. Então *Oyá* com essa "situação" de trabalhar na forja do ferreiro ela criou um tipo de movimento que existe no mundo inteiro que é o vento. ora calmo, ora

> violento, ora extremante violento... Toda essa "situação" vem dos movimentos de *Oyá* soprando a forja do ferreiro *Ogum*" (Pai Carlão de *Oyá*, 08 de dezembro de 2015).

A inserção de Pai Carlão no campo político, segundo ele afirma, tomou como espelho a figura do pai consanguíneo. Desde muito tempo, antes mesmo de seu nascimento, o senhor Henrique Januário, pai do entrevistado, já possuía envolvimento com partidos políticos de sua época, principalmente com o antigo PCB - o "PCzão" em Belo Horizonte – levando-o a participar ativamente das ações do partido.

Pai Carlão lembra que a partir da infância, conforme ia aprendendo sobre política na convivência com o pai biológico, sua empatia com os ideais comunistas e o drama familiar devido o posicionamento divergente dos pais sobre a questão religiosa também seguiam o mesmo curso.

Depois de ser iniciado no Candomblé, treze anos após o falecimento do pai biológico[168], um novo marco é estabelecido na trajetória de vida de Pai Carlão no que diz respeito à participação no campo político. Conforme o entrevistado relatou, depois dessa época passou a integrar várias organizações de tendência comunista. Primeiro em Belo Horizonte/MG, cidade onde nasceu e viveu com a família, e depois em diferentes cidades do país durante o período da ditadura militar[169]. Atuou em articulações políticas que agiam na clandestinidade e de grande aversão à milícia como o antigo PCB de Luiz Carlos Prestes, União da Juventude Socialista (UJS), Movimento Revolucionário 08 de Outubro (MR8), Partido Liberdade e Luta (LIBLU), Centelha e outros.

Graduado em História, durante o período da Ditadura Militar no Brasil, foi perseguido, preso e obrigado a viver distante de sua família se refugiando em países da América Latina como Chile, Argentina, Nicarágua e Uruguai.

> Então depois dessa época *[iniciação no Candomblé],* eu comecei... eu entrei pra partidos de esquerda. Eu fiz parte do Centelha, do LIBLU, PCB, do PCdoB, MR8... No MR8 eu fui me desligando dos partidos que eu não concordava. Mas tudo clandestino, todos clandestinos na época. Eu conheci a 4ª Internacional que era um

[168] Henrique Leite Januário, pai biológico do entrevistado, falecido em 1960.

[169] Sobre o período que viveu em outros estados longe de sua família, Pai Carlão em vários momentos da entrevista se emocionou solicitando que não continuássemos com o tema.

> movimento Trotskista e entrei na 4ª internacional e estou até hoje. Então, a polícia me perseguia muito. Eu fui muitas vezes preso, apanhei muito, sofri muito. Então, comecei a fugir daqui pra ali, pra acolá e mantendo a minha mãe. Mantendo a minha família... Devo muito a minha mãe... Hoje ela é falecida... Porque ela cobriu a minha falta financeiramente com meus filhos e minha esposa na época. Eu fugi! Fui pra Nicarágua na época do Sandinismo[170]. Aquele negócio todo e Cuba eu rodei por lá também. Mudei até de nome. Usei por muito tempo o nome de meu avô paterno. Thomaz Henrique era o nome dele… Aí eu comecei a vender as coisas na rua: churrasquinho, cachorro quente... Aí eu fiquei no Brasil e comecei a viajar vendendo essas coisas e mandando dinheiro pra casa para sustentar minha família. Tentava me aproximar dos meus filhos de uma forma que eles não pudessem ser molestados pela ditadura. Na época lá em Belo Horizonte era o DOPS - Departamento de Ordem Social e Política. Mas atrás do DOPS tinha vários outros segmentos de tortura e busca. Então eu evitava o máximo de colocar minha família em jogo com essa situação. Então a minha iniciação *[política]* foi essa. (Pai Carlão de *Oyá*, 14 de março de 2015).

Passado o período da opressão militar no Brasil e ainda bastante abalado com a experiência adquirida no regime autoritário, decide reavaliar e restringir sua participação política passando a apoiar movimentos locais. Contudo, diferente de outrora, sem muito envolvimento com os mesmos. Como Pai Carlão ressaltou na entrevista, assim foi com o PT; o movimento LGBT e o Movimento Negro depois da democratização.

> Depois que tudo passou e eu retornei para junto de minha família e de meus cinco filhos, eu esfriei um pouco. Eu vivi muita coisa com a Ditadura. Eu sofri muito e vi muitos amigos meus serem levados pra nunca mais retornar. A gente quando é jovem não está nem aí para essas coisas. Mas depois a gente se coloca a pensar sobre o vivido e aí que a coisa pega. Foi muito triste! Muito triste! Então hoje eu fico assim… eu apoio, participo e se precisar eu vou a movimentos e tudo, mas não como antigamente, não como eu fiz no passado, de sair de casa, largar mulher e filhos e daí uma semana depois estar em outro lugar, outro país até e passar meses fora de casa longe da família… tô velho agora! Tô com quase 70 anos. Eu não aguento mais. (Conversa com Pai Carlão em momentos livres). (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

Com o surgimento do FOMAC em 2014, outra fase se inicia quanto à participação de Pai Carlão no campo político na RMGV. Entre as motivações que o levaram a participar da organização formada por membros de Terreiros, ele destaca a intolerância religiosa e a discriminação sofrida pelos praticantes das RMAs.

[170] Augusto César Sandino liderou a Revolução Sandinista na Nicarágua entre os anos de 1978 a 1990.

> Quando surgiu o fórum, foi no ano passado, eu não estava no Brasil, eu estava fora *[…]*. Quando eu voltei o pessoal já tinha tido umas duas ou três reuniões. Foi aí que eles me convocaram para essas reuniões, participar e tal. A princípio, eu como sempre, eu sou um pouco radical. *[…]* Então á princípio eu fiquei muito reticente pra participar desse Fórum. E falei: *"Ah... eu não vou me dar bem com esse pessoal do espiritismo"*, mas aí eu fui na primeira reunião. Fiquei calado, carrancudo... escutando e tal. Aí o quê que aconteceu? "Só os idiotas olham sempre numa só direção". O quê que aconteceu? A mesma discriminação que eu sofro quando eu entro na padaria, quando eu entro na farmácia… um cutuca o outro e diz: *"Macumbeira! Macumbeiro!"*. Os Umbandistas também sofrem. Os "isso" também sofrem. Os "aquilo" também sofrem. Então, eu pensei comigo assim: *"Oxe, Peraí! Apesar de distintos, quando se refere à discriminação e a intolerância religiosa é a mesma coisa! Então eu tenho que estar aqui!"*. Independente entendeu? Da atitude que eles têm dentro das *Casas* deles, esse é um direito deles, entendeu? Não é o meu espaço, mas eles têm o espaço deles. E a discriminação que eu sofro é a mesma que eles sofrem. Intolerância religiosa. E é bem-sofrido. É bem doída essa intolerância religiosa. Hoje não mais, porque quando você se torna é... porque em algum momento da vida com a idade você se torna "Free", você se torna livre. E aí com essa liberdade que o Comunismo me deu isso não me afeta... toda essa intolerância não tem sentido! Mas nós não podemos deixar essa intolerância. Eu já vi isso! A história não muda! A história é repetitiva. Só muda a data. *[…]* Agora, hoje nos estamos vendo os "New Pentecostais". A intolerância religiosa dentro desse cristianismo. (Pai Carlão de *Oyá*, Idem).

Segundo foi apontado por Pai Carlão no momento da pesquisa, após o lançamento do Fórum, vários convites foram destinados a ele objetivando sua participação no campo político de Cariacica/ES, a maioria deles encaminhados por agentes já bem posicionados na municipalidade. Nesse sentido, ele relembra o primeiro convite recebido por intermédio de Adriana Silva em comum consenso dos demais membros do Fórum para integrar-se, juntamente com Pai Sandro, o CONEGRO no município de Cariacica/ES. Ocasião em que os dois novos conselheiros, junto de outros indicados, passaram pelo "Curso de formação em Direitos Humanos" ministrado por funcionários da PMC. O evento de formatura e posse dos novos conselheiros ocorreu em 2014 e foi marcado pela realização de cerimônia oficial com a presença do prefeito, na sede da prefeitura.

No ano de 2015, outros três convites chegaram até Pai Carlão em consonância com sua integração ao FOMAC. O primeiro deles relativo ao Conselho Municipal de Educação de Cariacica (COMEC), em que, novamente ao lado de Pai Sandro, assume assento no conselho passando a contribuir com

a questão educacional do município. Ao relatar sobre o fato, Pai Carlão destacou:

> Eu acho que a minha indicação e a de Sandro *[Pai Sandro]* ao COMEC se deve basicamente por dois motivos. O primeiro, sem dúvida nenhuma, devido ao grande déficit de nossos professores da rede de ensino de Cariacica em tratar tanto da Cultura Africana quanto das Religiões de Matrizes Africanas. A segunda nem se fala, é pior ainda, a maioria deles se hostilizam quando ouvem falar de Matrizes Africanas. É muito o preconceito e a discriminação contra o negro e sua cultura. E acaba que a questão religiosa vai junto. O segundo, é que não existe pessoas mais bem qualificadas para falar desse tema do que nós que vivemos seu ensinamento cotidianamente, nós que somos iniciados no *Orixá* e praticamos nossa religião nos Terreiros e isso foi visto no curso bem sucedido que ministramos, eu e Sandro na Secretaria de Educação de Cariacica. Havia muita gente no dia, acho que mais de sessenta professores e todos gostaram do curso. Sabe por quê? Porque tratamos da prática! Contamos um pouco do que vivemos nos Terreiros. Mas mesmo assim na hora do lanche muitos se recusaram a comer o *acaçá com leite*[171] que eu e Sandro levamos para distribuir entre os professores. Muitos ficaram com receio e não quizeram experimentar. (Pai Carlão de *Oyá*, 08 de dezembro de 2015).

O segundo convite veio com o *"I Colóquio dos Povos e Comunidades de Matrizes Africanas: A arte de curar e a arte de cuidar nas religiões de Matriz Africana"* [172], a partir da nomeação de Pai Carlão ao cargo de presidente do IDEMAFRI. Instituição formada em sua totalidade por integrantes do FOMAC que teve seu lançamento substanciado pelo evento realizado no Museu Capixaba do Negro (MUCANE) na capital Vitória/ES.

O terceiro também ocorreu na ocasião da realização do evento no MUCANE, no qual, mediante consenso dos presentes, Pai Carlão foi eleito para representar os Povos e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas na Subcomissão Estadual da Verdade da Escravidão Negra no Brasil – Seção Espírito Santo (SEVENB-ES). Organização constituída junto a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em respostas as demandas sociais do Movimento Negro Nacional, cuja campanha de amplo aspecto abrangia vários estados brasileiros.

No caso específico do estado do Espírito Santo, a SEVENB-ES foi constituída a partir de esforços reunidos entre alguns advogados da Ordem

---

[171] Espécie de mingau endurecido feito com farinha de milho de canjica branca. Usualmente nos Terreiro de Candomblé são feitos com água e servido como oferenda para as divindades.

[172] Detalhes sobre o *I Colóquio das Matrizes Africanas* estão no capítulo IV da dissertação.

local, pesquisadores de temas afins e membros dos movimentos sociais da região.

A subcomissão formada inicialmente teve o advogado Carlos Roberto com presidente, o professor doutorando José Elias como relator e vários convidados ligados às organizações civis da região, no qual se encontrava Pai Carlão representando os membros das RMAs do estado do Espírito Santo. A cerimônia de posses dos conselheiros da SEVENB-ES aconteceu no dia 27 de maio de 2015 na sede da ordem em Vitória/ES e contou com a presença dos senhores Marcus Vinicius Furtado Coelho (presidente do Conselho Federal da OAB), César Colnago (vice-governador do município de Vitória/ES), representantes dos movimentos sociais e de organizações afins.

A seguir serão tratados os lugares de participação política de Mãe Anajete e sua contribuição para o surgimento do FOMAC.

3.2.2. O trovão que caminha com o Vento: Mãe Anajete de Nzaze

Nzumba

Zumba e um Alode
Zumba e um Alode
Zaze kibuco
Que Sambangolê
Zumba e um Alode

A mais velha dos Nkise *[tradução]*

Vovó é a mais velha
Vovó é a mais velha
Que traz o raio da sorte
Na Angola
Vovó é a mais velha
(Cantiga entoada por Mãe Anajete de Nzaze, 12 de março de 2016)

A trajetória de Mãe Anajete no campo político iniciou-se na década de 1980 com sua filiação ao PMN, por intermédio de uma pessoa conhecida que, na época, era candidato ao cargo de vereador do município de Cariacica.

Segundo ela relatou em entrevista, depois que começou a ajudar o Deraldo[173] em sua campanha, ela passou a conhecer o partido, que encontrava-se em crise devido ao número reduzido de associados. Resolveu, então, filiar-se ao PMN.

Depois de sua filiação, Mãe Anajete passou a frequentar as reuniões do partido. Em 2012, mais de três décadas após sua filiação, a pedido de Janete Sá[174], participou do seu primeiro pleito eleitoral, não obtendo êxito em sua campanha para o cargo de vereadora do município de Cariacica/ES[175].

> Eu não sei há quantos anos… Em 1980, eu me filiei ao PMN pra ajudar um amigo nosso. Aí me filiei ao PMN. Eu sou o filiado mais antigo do PMN *[ES]*. Eu vou fazer trinta e seis *anos-de-santo* este ano. Então, são mais de trinta anos no partido. É isso mesmo. Foi em oitenta e um, oitenta e dois... Eu me filiei ao PMN pra ajudar ele e fiquei. Nunca desfilei. Aí o PMN veio e disse: *"A senhora vai se candidatar?"*. Eu não fiz campanha. Não fiz nada. Tive duzentos votos. Aí eu acho que isso chamou a atenção deles. Porque eu nunca fiz campanha. Nunca botei um santinho, nunca botei um cartaz, não botei nada! Só o pessoal que me conhecia que votou em mim. (Mãe Anajete de Nzaze, 08 de março de 2016).

Em 2008, outro importante convite foi expedido à Mãe Anajete. Dessa vez, pelo Instituto Latino Americano de Tradições Afro-Bantu[176] (ILABANTU), por intermédio de *Taata Katuvanjesi*[177], coordenador da instituição no estado de São Paulo.

> Eu conheci o *Taata Katuvanjesi* já tem uns doze anos. Foi em 2004. Katuvanjesi é de São Paulo, de Itapecerica da Serra. Ele é um grande representante de nossa religião dentro do Brasil. Ele foi à África, já trouxe até o Rei do Congo aqui. Então, assim, é uma pessoa que

---

[173] A entrevistada não soube precisar o sobrenome. Nenhuma referência foi encontrada sobre a lista de nomes dos candidatos que participaram do pleito eleitoral para o cargo de vereador do município de Cariacica/ES, ocorrido no ano de 1982.

[174] Deputada Estadual pelo PMN e liderança do partido que, em 2012, foi eleita para assumir o seu terceiro mandato junto a Assembleia Legislativa do Espírito Santo (ALES). Em 2014, foi reeleita para o mesmo cargo.

[175] Mãe Anajete disputou o seu único pleito eleitoral como candidata do PMN em 2012, mais de três décadas depois de sua filiação ao partido.

[176] A ILABANTU refere-se à uma organização não governamental formada a partir da reunião de vários sacerdotes, cujas práticas religiosas em seus respectivos Terreiros de Candomblé compreendem a tradição Bantu. A organização foi fundada em 1985 e tem como objetivo principal o fortalecimento institucional e político dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana em comum acordo com os dispositivos legais que visam garantir a igualdade racial da população.

[177] Nome de registro: Walmir Damasceno. Sacerdote responsável pelo *Nzo Tumbansi,* Terreiro de Candomblé de Nação Angola, localizado em Itapecerica da Serra, São Paulo/SP.

> politicamente trabalha o Brasil todo. Então, eu fui visitar o *Barracão* de *Katuvanjesi*, isso há uns doze anos atrás. Eu conheci ele pela internet e ele me fez o convite para ir no Candomblé. E, chegando lá, eu vi o quanto a trajetória política dele era forte. Coisa que não tinha no Espírito Santo o povo de São Paulo da Bahia é muito... sabe? Aí ele começou a mostrar pra mim o quanto a gente poderia correr pela nossa religião. Aí teve um congresso de povos tradicionais, Ciganos e todos nós em Brasília[178]. Aí ele pegou e me colocou. Como no Espírito Santo só tinha ido esse dois meninos daqui, que sempre vão e não tinha comunicado a ninguém, eu fui pelo Estado da Paraíba do Norte[179]. A ILABANTU me levou pelo Estado da Paraíba do Norte. Aí eu fui nesse congresso primeiro. Aí eu comecei a participar da ILABANTU e a minha filiação veio após, em 2008. Tem sete a oito anos que eu sou filiada. Dalí nós começamos e todo congresso que tinha eu estava engajada. Aí, quando eu cheguei de Brasília, eu procurei a prefeitura de Cariacica. Foi onde eu conheci a Adriana. (Mãe Anajete de Nzaze, Idem).

Através de sua aproximação com a ILABANTU, Mãe Anajete passou integrar o circuito de debate, tanto no âmbito nacional quanto estadual, vindo a participar de vários eventos no passado em que as temáticas da Igualdade Racial e dos Direitos dos Povos Tradicionais estavam em pauta. Na totalidade, Mãe Anajete, segundo relatou em entrevista, teve sua presença garantida através da ILABANTU em cinco conferências nacionais e três estaduais (duas em Aracruz e uma na Serra). Sobre a participação nos eventos nacionais, ela destacou:

> Eu participei de todos dos Congressos dos Povos Tradicionais. Foram cinco congressos. Em todas as regiões nós participamos. Se eu não estou enganada, eles aconteceram de dois em dois anos. Nós tivemos um em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e no Espírito Santo que foi o último em 2015[180]. Nesse eu também participei. Participei também de três estaduais que tivemos aqui. Duas em Aracruz, em 2013[181] e outra em Nova Almeida[182], na Serra, que foi do CONSEA. Porque eu sou do CONSEA representando os Povos de Comunidades Tradicionais. E tivemos também um municipal. Também participei do Intermunicipal que aconteceu em Cariacica.

---

[178] I Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (I CONAPIR), ocorrida no período de 30 de junho a 2 de julho de 2005, em Brasília. O tema do encontro foi “Estado e sociedade construindo a igualdade racial”.

[179] Antiga denominação do atual Estado da Paraíba.

[180] O 5º Encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais da Região Sudeste ocorreu entre os dias 16 e 18 de setembro de 2015, em Vitória/ES.

[181] O 1º Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo ocorreu no Serviço Social do Comércio (Sesc) de Aracruz/ES entre os dias 23 e 24 de março de 2012 e o encontro do CONSEA no mesmo ano.

[182] A IV Conferência Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional do Espírito Santo ocorreu entre os dia 26 e 28 de setembro de 2011, no município da Serra/ES.

> [...] Dos Eventos nacionais que participei, o que mais me chamou a atenção foi o primeiro. Ele foi em Brasília e eu vi a força de nosso povo. Na época, eu não andava com o meu cabelo do jeito que eu ando hoje. Quando eu cheguei à Brasília, o meu cabelo era o menor que tinha. Então, foi assim... eu me senti em casa porque eu era tão criticada com o meu cabelo aqui. Agora cada vez eu alvoroço mais o meu cabelo. Então, o nosso povo mostrou quem era. Nosso povo dançou. Nosso povo mostrou a força que nós temos. Porque nós somos muitos neste Brasil. Tem muita, muita gente mesmo. Então, eu fiquei, assim, encantada com o compartilhamento, com a união. Mesmo a gente sendo de outro estado, a gente passou a se conhecer. Cada um mandar alguma coisa, dar uma informação foi muito importante.
>
> [...] Eu lembro que teve a ex-ministra Luiza Bairros[183]. Ela até faleceu agora neste ano. Ela pegou um dos *pai-de-santo [para criticar].* Ele pediu que acabasse com a intolerância religiosa. Aí, ela disse o seguinte: "*Nós não temos que acabar com a intolerância religiosa. A intolerância religiosa parte do evangélico para você e de você para o evangélico. Você também é intolerante. Nós temos que colocar para o nosso povo é o reconhecimento. Porque intolerantes todos nós somos".* Então, essa parte foi muito chocante. Eu achei muito interessante a colocação dela. (Mãe Anajete, Idem).

E, sobre as estaduais, acrescentou:

> Depois que eu conheci Adriana tentamos novamente no seminário que teve em Aracruz. Aí, chegando lá, Adriana só mandou o povo dela, mas eu consegui ir novamente pela ILABANTU. Não consegui, aqui em Cariacica, nada. Tinha uma rejeição muito grande. E novamente eu fui. E foi a Mãe Néia[184] quem foi representando. Mas ela não trouxe nada para os povos de Terreiro. Não fez uma reunião, não fez nada. Aí eu fui e procurei a Adriana novamente. Procurei ela e disse: "*Adriana, está acontecendo o seguinte, nós de Cariacica não temos nada! Não temos nada de povos de Terreiro registrado. E precisamos começar a trabalhar, a procurar esse povo de Terreiro de Cariacica".* Aí nos duas nos unimos. Isso tem quatro anos. Isso antes do Fórum.
>
> No evento que aconteceu em Aracruz, os *pais-de-santo* que estavam presentes era eu, Mãe Neia, Pai Rogério e só. Também tinha os ciganos, os pescadores, quilombolas, pomeramos, índios e só. Tinha os negros da UNEGRO[185] e do Kisile. Eles estavam lá. E estava cheio de gente. Tem uma briga danada por causa da Adriana. A briga todo foi o seguinte. Ela não queria que nós fossemos. Então, ela se uniu com Mãe Néia e com os gêmeos. Ela não queria que o pessoal de Cariacica fosse, você acredita? Aí ela levou os gêmeos Geovan e Jeová, que sempre estão juntos, e levou Mãe Neia. Então, quando eles foram nesse evento, eu fui depois porque eu fui pela ILABANTU.

[183] Luiza Helena de Bairros foi Ministra-chefe da Secretária de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil entre o período de 2011 e 2015.

[184] Nome de registro: Edneia Cabral da Silva. Sacerdotisa pertencente à Nação Angola. Tem o Terreiro de Candomblé *Inzo Alafin de Kukueto*, localizado no município da Serra/ES.

[185] União dos Negros pela Liberdade.

> Não consegui, eles não trouxeram nada para nós e aí eu fui. E nessa que eu fui e vi as informações eu comecei a trabalhar por Cariacica. Do povo de Terreiro que estava lá, quem falou foi Pai Rogério e Ogan Marcos. Marcos ficou muito aborrecido também. Ele falou da influência da prefeitura e dos conchavos. Porque, de certa forma, aconteceu uma exclusão com o povo de Terreiro. Teve uma exclusão. Teve o encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais e o povo de Terreiro não foi convidado. Eu fui de enxerida. Nós entramos - com se diz: pelos cantos. Conseguimos a da intermunicipal aqui. Nós que fomos. Aí a eleição seria de uma forma: o povo de Terreiro votava em povo de Terreiro e nós éramos a maioria *[a família-de-santo de Mãe Anajete no evento]*. Mas, quando chegou lá, Adriana modificou e botou para todo mundo votar em todo mundo para tirar os delegados. Então, Mãe Neia e Jeová foram eleitos como delegados. Tanto que eles foram e não trouxeram nada de Brasília para nós. E foi isso que aconteceu. Adriana desvirtuou tudo na época e terminou que nós aqui de Cariacica não fomos. Então, foi uma coisa para desvirtuar totalmente a gente de Cariacica, para a gente não participar. Teve um movimento no início que eles se juntaram. O quê que aconteceu? Não sei quem fez a cabeça deles, eles se juntaram como o pessoal do Kisile, os quilombolas e o pessoal do Funk, que também estava lá. Aí eles se uniram e excluíram a gente até na parte de projetos e voz mesmo. E aí, com o passar dos dias, eles viram que só foi gente inteligente. Então, a gente tinha proposta e tinha ideia. Então, começaram a se aproximar. Nisso o que mudou não foi o fato da gente pegar e impor nada. Foi o que a gente falava. Foi uma questão de mostrar inteligência e chegar num senso comum. Mas no início alguém já tinha desvirtuado tudo e a gente andava como excluído. Isso dentro do seminário que foi de três dias. O primeiro dia que aconteceu isso. Aqui de *Casa* tinha dez pessoas, mas no total o povo de Terreiro era uns quinze. Agora no total do evento tinha mais de duzentas pessoas. O segmento que tinha mais gente era o Funk e o movimento negro do Kisile. Na verdade, houve uma união entre a UNEGRO, os quilombolas e o Kisile. Isso para derrubar a gente. Eles tinham número, mas parecia que eles não *haviam* nada preparado. E nossa ideia era o compartilhamento. Tudo que viesse *[do evento]* que fosse compartilhado não só com a gente, mas com todos os povos de Terreiro. Quando nós começamos a ajudar o povo cigano que nós fossemos incluídos em sustentabilidade, porque só nós e o povo cigano não estávamos incluído em sustentabilidade *[...]* porque, como o povo cigano, nós fabricamos tudo que é usado dentro do *Barracão*. Inserir todo mundo no banco alimentar. Quando eles viram que a gente estava preparado, isso começou a mudar. Mas a gente não conseguiu ir para o seminário devido à manipulação de algumas pessoas do movimento negro contra o povo de Terreiro de Cariacica, em especial. (Mãe Anajete, Idem).

No que tange o plano local, três outros convites para integrar o campo da municipalidade são também conferidos à Mãe Anajete. O primeiro ocorreu em 2013, ligado ao Conselho Municipal dos Direitos da Mulher (COMDIM), no qual ocupa o cargo de conselheira titular.

> No conselho da mulher de Cariacica tem três anos já. Foi desde 2013. Na época, eu fui até a prefeitura porque tive alguns problemas

> na família e então, a antiga conselheira-chefe que me atendeu me disse que o conselho estava parado e que ia acontecer uma reunião para convocar novas conselheiras. Aí então, ela me perguntou se eu gostaria de participar. Aí eu fui. Aí nós fizemos a reunião e a Adriana foi chamada também porque ela estava participando. Aí teve a eleição e nós estamos até hoje. Mas é uma dificuldade danada. A coordenadora agora é até a Laís. (Mãe Anajete, Idem).

O segundo convite foi realizado pelo FOMAC, instituição formada por membros de Terreiro que ajudou a constituir no passado. Sua participação na organização do fórum teve duração de apenas alguns meses. Segundo a entrevistada apontou, os motivos que levaram seu afastamento do Fórum estavam ligados ao período em que esteve enferma e a desentendimentos com alguns dos membros do grupo, cuja motivação do conflito era as disputas que se seguiam pela liderança. Contudo, seu afastamento não foi completo, pois ainda vem acompanhando as atividades do FOMAC junto à PMC, no que diz respeito ao cadastro dos membros dos Terreiros do município e ao alvará de funcionamento dos mesmos[186].

O terceiro convite veio através de Adriana da Silva, presidente da UNEGRO, para se integrar na instituição, fato que ocorreu em 2014, logo após o lançamento do FOMAC na sede da PMC.

Na seção seguinte, serão apresentados os lugares de participação de Pai Sandro no campo político do município de Cariacica/ES.

3.2.3. O guerreiro que veste branco: Pai Sandro de Jagun

> **Olubajé**
>
> Aràayé aje nbo,
> Olubajé aje nbo
> Aràayé aje nbo
> Olubajé aje nbo
> Olubajé aje nbo
> Olubajé aje nbo Aràayé.

[186] As negociações que pretendem a realização do cadastro dos membros dos Terreiros do município e a emissão de um alvará de funcionamento dos Terreiros em Cariacica estão no capitulo IV da dissertação.

O Senhor dos domínios da terra *[tradução]*

Povo da Terra vamos comer e adorá-lo
O Senhor convidou a comer
Povo da Terra vamos comer e adorá-lo
O Senhor convidou a comer
O Senhor convidou a comer
O Senhor convidou o povo da terra para comer
(Cantiga de Terreiro entoada por Pai Sandro, 22 de abril de 2016)

O histórico de participação política de Pai Sandro, como ele mesmo relatou nas entrevistas, iniciou-se mediante o advento das negociações que antecederam a elaboração do *"I Seminário dos Povos e Comunidades de Matrizes Africanas"*, realizado em Cariacica/ES. O evento reuniu governistas e representantes de Terreiros em geral, em sua maioria, domiciliados no próprio município.

Entre as motivações elencadas por Pai Sandro que contribuíram para o seu ingresso no campo político da municipalidade são ressaltadas o aumento da influência da bancada evangélica na política em contrapartida à ausência de representantes das RMAs e o consecutivo acirramento da tensão entre os dois grupos no município de Cariacica. Conflito esse, principalmente evidenciado nos imperativos presentes na legislação e no comportamento político leviano adotado pela municipalidade quanto ao trato com os membros das *doutrinas espíritas*[187] que tem incidido de forma arbitrária ao livre exercício dos afro-religiosos.

> A Igreja avançou politicamente. A Igreja hoje, se você prestar atenção, a Igreja tem voz de comando dentro do mundo político e nós não temos. Não só a Católica como também as Evangélicas. Então, quer dizer, nós temos aí presidente de partido a nível nacional evangélico. Aí é que tá. Se você vai à câmara de vereadores de Cariacica, você tem evangélico. Você vai à Prefeitura o vice-prefeito é evangélico. Olha nossa questão hoje dentro de Cariacica. Nós não temos hoje uma granja que venda um bicho vivo. Marcos de *Ogum*, meu *filho-de-santo*, na semana passada foi levar os *Yaôs* dele em Maricará[188] e foi barrado como eu em outra vez, como eu comentei com você. Depois de vinte e três anos, eu frequentando o mesmo ambiente, com todo respeito à natureza, eu nunca deixei resíduos lá. É um crime ambiental isso? A gente tem que agir dentro da lei. Marcos foi barrado! Então quer dizer, e aí? Se a religião ela precisa do bicho vivo como é que essa religião vai funcionar? É o critério da

[187] Categoria empregada por Pai Sandro para designar, de modo genérico, todos aqueles(as) que se auto denominam membros das Religiões de Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras.

[188] Área rural do município de Cariacica/ES rico em recursos naturais e com grande concentração de sítio e fazendas produtoras de espécies animais e vegetais.

> religião e deve ser respeitado! Então qual a nossa proposta? A gente precisa de ter lá dentro um representante. Esse representante ele vai fazer uma lei, um decreto, aí vão contestar. E a pressão pública? Então haverá briga. Porque desde que vire pelo menos um documento, um decreto municipal, pra gente já é boa ajuda. E aí, quem que vai fazer esse casamento com Matrizes Africanas? Um evangélico? Ele não vai fazer. (Pai Sandro, 22 de abril de 2016).

Pai Sandro também destaca o descompromisso do poder público com os povos tradicionais no que diz respeito à concessão de direitos básicos como saneamento básico, abastecimento de água e pavimentação de ruas e calçadas. Segundo ele afirma, tal comportamento evidencia a tentativa de grande parte dos políticos, de primeiro cercear para depois expulsar os Terreiros de seu espaço originário em direção à regiões mais isoladas do meio urbano.

> Hoje nós não temos recursos para registrar essas *Casas*. Por exemplo, eu procurei registrar a minha *Casa*, mas eu tive problemas aqui. Eu tenho três CEP's[189] nessa "Rua". Então quer dizer, lá quando entra na receita federal não bate nenhum dos três. Isso é um problema que a prefeitura vai ter que resolver. Tem que conversar e dizer qual o motivo. Também tenho problema com o IPTU. Não só eu, mas outras *Casas* também. Os bairros são todos asfaltados menos as ruas que contém *Casas Espíritas*. Isso acontece com oitenta por cento (80%) das *Casas*. Todos eles passam por esse mesmo problema que eu. (Pai Sandro, 20 de março de 2015).

No que concerne à superioridade do número de políticos evangélicos na câmara legislativa de Cariacica e a dificuldade encontrada pelos membros dos Terreiros em ter sua agenda política cumprida no município, Adriana da Silva corrobora com Pai Sandro ao apontar:

> Você solicita uma emenda e não consegue porque você não é daquele partido. Às vezes, a gente sofre muito isso. *[...]* E assim a gente começou a travar esse debate com as Matrizes Africanas. E começamos a orientar as Matrizes Africanas que da mesma forma que nos temos uma câmara com 60% da população evangélica de Cariacica, as Matrizes Africanas deviam também começar a disputar essas eleições. Eu acho que essa percentagem é até maior se bobear. (Adriana Silva, 25 de novembro de 2015)

Os motivos destacados por Pai Sandro que o conduziram à política, como pude perceber com a pesquisa, são os mesmos que foram empregados

[189] Código de Endereçamento Postal.

no momento da constituição do FOMAC. Em síntese, eles são: a busca pelo reconhecimento religioso, o combate à intolerância religiosa e a garantia da reprodução cultural via inserção dos membros dos Terreiros no campo político da municipalidade[190]. Desse modo, atrelado ao exercício de presidente do FOMAC, Pai Sandro passou a ter sua inserção no campo por meio da participação em conselhos municipais e partidos políticos.

Após o lançamento do fórum, o primeiro convite direcionado a Pai Sandro foi para ocupar uma cadeira como conselheiro do CONEGRO e o segundo, meses depois, para assumir a vice-presidência do mesmo. Nessa ocasião, Adriana da Silva junto a outros membros do referido conselho coloca em votação um requerimento para garantir a permanência de membros das Matrizes Africanas no conselho, sendo aprovado pela maioria. A posse dos novos integrantes aconteceu em 2014 e foi marcada por cerimônia oficial realizada na sede na PMC. Entre os novos integrantes do CONEGRO estavam Pai Sandro com titular e Pai Carlão como seu suplente. Em 2015, Pai Sandro é eleito vice-presidente do conselho ficando Adriana da Silva com a presidência.

> Depois de muito em breve eu fui chamado pra ser, fazer parte da Comissão do Negro de Cariacica *[CONEGRO]*. Deram uma cadeira para as Matrizes Africanas. Eu fui lá receber também homenagem, receber o certificado. Hoje, eu sou o vice-presidente da Comissão do Negro. Eu faço parte também de toda estrutura desse conselho. Eu faço parte desse corpo estrutural do Conselho do Negro. (Pai Sandro, 20 de março de 2015).

Também em 2015, outras três oportunidades de participação no campo político surgiram para Pai Sandro em decorrência da influência do cargo de presidente que ocupa no FOMAC. A primeira junto ao COMEC[191] como conselheiro titular ao lado de Pai Carlão e depois, já em evento realizado no MUCANE no mesmo ano, o de conselheiro do IDEMAFRI[192]. A terceira, referente à participação de Pai Sandro na política partidária do município, veio a se concretizar em outubro de 2015 a partir de sua filiação ao PCdoB de

[190] As campanhas e as realizações do FOMAC são tratadas no capítulo IV da dissertação.

[191] Referido por Pai Carlão na seção anterior.

[192] Onde ocupa o atual cargo de Tesoureiro. Também já mencionado por Pai Carlão.

Cariacica. Nessa ocasião, a convite de Adriana da Silva[193], Pai Sandro consegue reunir um grupo expressivo de membros de Terreiro ligados ao FOMAC para realizar uma filiação em massa ao partido. O fato ocorreu no Sítio Torezani[194], sendo antecedida por duas plenárias prévias no "Plenarinho de Campo Grande[195]" onde todos puderam explicitar seus interesses.

Sobre o seu envolvimento com o PCdoB e as negociações que antecederam a filiação em massa de membros nos Terreiros ao partido em Cariacica, Pai Sandro relatou:

> Hoje, politicamente fortalecido, porque hoje não invadimos um espaço político, mas fomos convidados. Hoje já é o PCdoB Cariacica. Hoje é o PCdoB. Quando nós resolvemos revitalizar o PCdoB, que foi uma proposta, assim, para nós, é um partido de pé no chão que fala em nome do povo. É um partido realmente pequeno que, pra gente iniciar, a gente tem que vir por essas bases. Não adianta a gente assumir um grande partido e não ter possibilidade nenhuma de um ganho. Um ganho de quê? Um ganho primeiramente de levantar o dedo e ser ouvido. Então, já que o PCdoB ele estava sem nenhuma articulação política, o que a gente fez? Eu recebi o convite pra bater um papo com a Adriana. Ela fazia parte da diretoria e me convidou para participar de uma reunião, que o antigo presidente é ... o mandato dele já estava passando da data e tudo. Que estava até o Coutinho[196]. O Coutinho é o anterior ao Milton[197]. Milton era o presidente, se eu não me engano, e a Adriana estava como vice. Então, para o momento de preparar todo esse amarrado de situações políticas que ocorre para todo o partido. Aí, eu fui à reunião e falei: *"Bom, qual é a proposta do partido? Porque nós, povos de matrizes africanas, nós temos nossas necessidades. Se o partido resolver abraçar as nossas necessidades, nós vamos vestir a camisa e vamos levantar a bandeira, e aí?"*. *"Ah, mas qual é a proposta de vocês?"*. *"A nossa proposta? Nossa proposta hoje é buscar pra gente o respeito, o reconhecimento da nossa religião, a nossa liberdade de culto, entendeu? Tem inúmeras situações que, se eu for abrir o leque, senhores, nós vamos ficar aqui o dia todo falando". Aí articulamos. "Nós temos 24 Casas, isso te ajuda?"* Imagina 24 *Casas* com no mínimo 70 pessoas dentro delas. 20 fora parentes amigos e vizinhos. É um volume politicamente. Aí, trouxe a proposta pro grupo. A proposta do partido era realmente a legitimidade. Isso ficou bem claro. O partido estava precisando de pessoas para integrar o grupo.

---

[193] Dentre as principais ocupações de Adriana Silva no campo político da RMGV, estão a de presidente da UNEGRO, há 11 anos, conselheira do CONEGRO de Cariacica, gerente da GEPPIR da PMC e, mais recentemente, o de diretora do PCdoB a nível estadual.

[194] O Sítio Torezani fica localizado no Bairro Campo Novo, periferia do município de Cariacica/ES. Trata-se de uma propriedade particular que, com frequência, é utilizada para atender o público contratante para sediar eventos e atividades em geral.

[195] Prédio pertencente à PMC onde acontecem reuniões e encontros.

[196] José Carlos Coutinho. Filiado ao PCdoB na cidade de Cariacica/ES desde 10/03/1990 e ex-presidente municipal do partido.

[197] Milton David Thomazzini, atual presidente do PCdoB no município de Cariacica/ES.

> O partido foi maravilhoso, porque nós conseguimos fazer uma plenária bacana, que até o presidente do partido a nível estadual foi nos conhecer de perto. Ele já chegou assim, olhando o povo de branco. Aí, logicamente, que eu tive meu momento de fala, agradecendo o povo pela oportunidade, o calor humano e a presença. Foi no plenarinho ali em Campo Grande, próximo à Pracinha. Aí, ele compreendeu também as nossas necessidades. Eu acho que o PCdoB ele tem uma característica, ele tem uma ligação. Porque o PCdoB […] ele dá oportunidade ao indivíduo, ao militante a falar esclarecidamente aquilo que ele precisa e o que ele sente. Ele é um partido que sempre te ouve. Ele cria possibilidades pra você. Outro partido eu não tive essa experiência. Lógico que quanto partido, eu agora sou vice-presidente do partido. (Entrevista realizada com Pai Sandro, 08 de dezembro de 2015).

Poucos meses depois de se filiar ao PCdoB de Cariacica, a partir de uma assembleia realizada junto aos membros do partido de esmagadora maioria representada pelos integrantes dos Terreiros, Pai Sandro é eleito para ocupar o cargo de vice-presidente do partido no município[198].

Conforme pode ser percebido no trecho da entrevista de Pai Sandro e, de um modo geral, relacionado com o histórico de participação dos outros dois sacerdotes entrevistados, o surgimento do FOMAC contribuiu de maneira considerável para a inserção dos mesmos no campo político estabelecido no município de Cariacica/ES. Novas brechas foram criadas possibilitando que os membros dos Terreiros ocupassem posições nunca antes almejadas. Da mesma forma, novas alianças com políticos profissionais, conselhos municipais, partidos políticos e prefeitura foram promovidas, cujos resultados apontam para a elevação do capital político dos sacerdotes envolvidos e melhor posicionamento no campo politico municipal.

Neste percurso, rumo à integração política relatada pelos sacerdotes, o papel desempenhado por aliados foi imprescindível. No capítulo seguinte, trataremos da rede de apoiadores que possibilitaram a conjuntura política favorável que resultou no surgimento do FOMAC no município.

---

[198] Em 2016, Pai Sandro promove uma migração em massa de membros de Terreiros – cerca de 95 integrantes - filiados ao PCdoB para o PPS, partido do atual prefeito Juninho em Cariacica, saindo como candidato ao cargo de vereador do município no pleito eleitoral do mesmo ano. Segundo o sacerdote relatou em entrevista, os motivos que levaram-no a mover essa ação estão relacionados com conflitos envolvendo a decisão dos líderes do antigo partido que concordava com a candidatura do zelador, mas não tinha interesse em financiar sua campanha e a conflitos gerados com Adriana da Silva envolvendo a atuação do FOMAC no município.

4. Nome, prestígio de sacerdote, Terreiro e Asè: do universo relacional ao universo da representação pública

Este capítulo tem por finalidade descrever a criação do FOMAC como um evento significativo para a organização da representação política e da formulação dos discursos em torno da política partidária dos *pais* e *mães-de-santo* e de seus Terreiros no universo da disputa político-partidária no município de Cariacica/ES.

Em sentido amplo, os debates em torno da criação e funcionamento do FOMAC configuram a existência de um emergente campo político-religioso, ainda que os capitais disputados sejam incipientes para seus agentes.

Os candomblecistas com quem tenho relação na RMGV já se candidataram em outros pleitos – esse é o caso dos precursores Pai Rogério de Iansã e Mãe Anajete que lançaram suas candidaturas no processo eleitoral de 2012 -, mas a bandeira erguida atualmente para "tratar dos interesses da religião" parece suscitar interrogações distintas de uma candidatura individual (ainda que do ponto de vista prático todas sejam), pois há um excedente simbólico recuperado nas atuais anunciações dos candidatos[199].

Esse excedente simbólico apresentado faz convergir dois temas já tratados anteriormente: os lugares de participação política dos sacerdotes, onde foi apresentado o campo interinstitucional, no qual os *sacerdotes* exercitam o que consideram a participação política e, o segundo, o debate sobre os significados atribuídos ao campo pelos sacerdotes em relação ao espaço político.

No capítulo anterior, busquei mostrar que a participação em conselhos municipais como CONEGRO, COMEC e COMDIM; a inserção no Movimento Negro Capixaba através da UNEGRO; a aproximação com a OAB através da SENVEB-ES; o lançamento do IDEMAFRI; e a filiação recente ao PCdoB chegando ao posto de vice-presidente do partido três meses depois do

[199] No pleito eleitoral de 2016 tivemos quatro novos candidatos representantes dos Terreiros na RMGV. Eles foram: Pai Sandro de Jagun (PPS), Mãe Leida de *Oxum* (PPS), Mãe Vera de *Oyá* (PCdoB) e Mãe Djinha de *Ogum* (PMN). Os três primeiros integrantes do FOMAC sendo que os dois deles em Cariacica (Pai Sandro e Mãe Leida) e outro em Vitoria (Mãe Vera). Mãe Djinha veio como candidata no município da Serra. Todos eles lançaram suas candidaturas para o cargo de vereador não obtendo êxito no final da campanha eleitoral.

ingresso. Esses acessos ocorrem apenas devido à construção de alianças entre agentes da administração pública e membros dos Terreiros que tiveram como realização inicial o surgimento do FOMAC. Deste modo, o entendimento dos sacerdotes sobre “participação política”, que inicialmente se restringia em assumir acentos em conselhos e ajudar na promoção de eventos, foi gradualmente acrescido levando-os hoje a almejar cargos políticos na administração pública, como de vereadores e secretários, ao lado do atual prefeito Juninho.

De outro lado, ao descrever as memórias e trajetórias dos *zeladores*, foi nosso intuito adentrar na objetivação do capital social e político de cada *sacerdote* para descrever como cada um deles se posiciona no jogo de forças definido por agentes públicos e partidários da PMC. A memória e as conjunturas nas quais são apresentadas sugerem a construção de um capital específico que apoia os sacerdotes em sua trajetória fora dos Terreiros.

No presente capítulo, a criação do FOMAC foi tratada como um evento conjuntural que, de um lado, pôde ser compreendido como resultado da articulação entre uma estrutura partidária profissional que buscava arregimentar novos membros representativos na sociedade e, de outro, uma maneira pela qual os sacerdotes buscavam manter o controle, sob sua ótica, do jogo de posições políticas no próprio campo religioso Afro-brasileiro das representações civis. Certamente, tais movimentos não são expressos nessa linguagem, mas no que Bourdieu (1989) classificou como uma denegação do interesse que orienta os agentes para comportamentos específicos que justificam suas posições sociais.

Assim, as lutas políticas, observadas como um movimento “para fora” – a partir de bandeiras civis -, podem ser maneiras de rearticular relações de poder “para dentro” – a partir da eleição pública de Religiões de Matrizes Africanas “mais significativas” e/ou “expressivas” da “tradição africana”.

Nesse sentido, podemos ver os três capítulos em conjunto, uma vez que eles representam uma maneira específica de tratar o plano político por parte dos *pais* e *mães-de-santo*, ou seja, rompendo com as representações civis do “passado” e arquitetando novas representações civis sob a ótica de temas contemporâneos como o reconhecimento das relações étnico-raciais, da

intolerância religiosa e de gênero e das Ações Afirmativas para as Políticas de Promoção das Igualdades.

Algumas questões aqui postas orientam o capítulo. Em primeiro lugar, quais recursos foram necessários para organizar as identificações dispersas dos sacerdotes em torno de uma representação pública que englobasse suas religiões e sua nova inserção no ambiente político?

Em segundo, que tipo de nova organização será reelaborada pelos sacerdotes em torno de uma identificação híbrida entre religião e política e como ela será reinserida no universo dos Terreiros?

Em meio às tensões próprias dos agenciamentos político-partidários, os *pais* e *mães-de-santo* conseguiram articular a vocação religiosa e, ao mesmo tempo, empregar os capitais religiosos e simbólicos na nova organização política?

Por fim, não se trata de considerar as RMAs como algo estático e que não acompanha as transformações na organização de sua membresia, mas também os novos capitais sociais que se deve observar para se manter no mundo social das demais religiões.

Atualmente, o Fórum congrega 24 Terreiros em Cariacica/ES e uma parcela expressiva do número de praticantes das religiões Afro-brasileiras residentes no município. No entanto, esse contingente populacional representado ainda é muito reduzido se considerada a totalidade de Terreiros existentes na RMGV.

Estima-se o número total de Terreiros domiciliados apenas em Cariacica, entre os de Umbanda e de Candomblé, possa chegar a mais de 150 de maioria umbandista. Se fizermos uma média de 50 membros por *Casa*, teremos um total equivalente de 7.500 votos, o que pode, em determinadas coligações, eleger um vereador, um deputado estadual, ou mesmo ainda constituir-se como um eixo fiel da balança em uma eleição para prefeito.

4.1. Das Federações aos Conselhos

A linguagem política nos Terreiros não é algo novo. A própria auto imagem dos candomblecistas relacionam seus ancestrais às pessoas que mantiveram suas crenças e religiões ao custo de muito sacrifício pessoal e estratégias, às vezes públicas, outras mais dissimuladas, junto à polícia e políticos.

A história do fortalecimento dos Terreiros registra a presença de sacerdotisas em eventos públicos, como o ocorrido durante o II Seminário Afro-brasileiro no ano de 1937, no qual Eugênia Ana dos Santos, Mãe Aninha, fundadora do Terreiro de candomblé *Ile Axé Opô Afonjá*, participou do II Congresso Afro-Brasileiro em Salvador, Bahia, falando sobre alimentação litúrgica.

Uma das formas que se cristalizaram a propósito do aspecto representacional dos Terreiros foram as Federações que, copiando um modelo republicano, buscavam organizar o espaço religioso desde uma perspectiva civil associativa. A estrutura baseada na imagem da união das *Casas* em torno de um presidente para a possível redistribuição de bens e prerrogativas do universo religioso assemelhava-se mais a um tipo de cartório que sancionava ou não as *Casas* que se filiassem mediante uma quantia anual, cedendo a elas um certificado com brasão da república.

Tais títulos eram automaticamente dependurados nas *Casas*, especialmente nas de Umbanda, para legitimar os cultos e seções ordinárias das *Casas*, configurando uma relação hierárquica e um tipo de relação bastante subalternizada em termos de auto representação pública. Não há pesquisas sobre esse fenômeno no estado do Espírito Santo, mas em São Paulo, Lísias Negrão afirma que a Umbanda chega a 94,1% das *Casas* registradas em cartório, 4,7% de Centros Espíritas e 4,2% de Candomblés, (NEGRÃO, 1996, p. 99).

Alguns adeptos repetem que a importância das Federações formadas por membros das Religiões Afro-brasileiras está associada às ações desenvolvidas quanto à proteção dos Terreiros contra a perseguição policial e manutenção dos cultos, tendo em vista a forte intolerância religiosa

ocasionada, principalmente, com o avanço do protestantismo a partir da década de 1970. No entanto, outros reclamam do agenciamento de tais federações apenas com relação a ganhos financeiros.

Durante pesquisa desenvolvida na RMGV, Cleber Maciel (1992) destacou a presença de seis associações formadas por membros dos Terreiros contemporâneos de sua época. A partir dos dados fornecidos pelo autor e atualizados com a ajuda dos sujeitos da pesquisa, aponta-se para a construção das seguintes tabelas formadas pelas Instituições que se serviram em algum momento do status de representantes legítimos dos afro-religiosos na região assinalada.

Tabela 19 - Situação atual das organizações que congregam os membros dos Terreiros na RMGV, cujas datas de fundação antecedem o ano de 1990

Instituições indicadas Maciel (1992)	Balanço atual
1) Federação Espirita do Estado do Espírito Santo (FEEES) Fundada em 1954[200].	Presidida atualmente por Dalva Silva Souza e dedicada exclusivamente ao kardecismo. Articula-se de maneira autônoma.
2) Federação Espiritossantense de Cultos e Entidades Afro-Brasileiras do Espírito Santo (FESCEAB). Fundada em 01/05/1975. Presidida no passado por Ogan Nilton Dario[201].	Depois do afastamento do presidente Ogan Nilton Dario e os anos que se seguiram na inatividade, Pai Rogério de Iansã, em 2015, assumiu a presidência junto de Ogan Marcos de Odé, como vice em plenária realizada no MUCANE, incorporando a Federação ao CONSERMAES[202].
3) Sociedade Espírita Brasileira (SESBRAS) Fundada durante o final da década de 1970, cuja sede era em São Torquato –	Inativa.

[200] Não há consenso quanto à data de criação da federação. Para título de análise, considerou-se a data de registro informada pelos entrevistados, muito embora os documentos analisados apontem para período anterior ao referido.

[201] O Ogan Nilton Dario presidiu a FESCEAB desde a sua fundação até 2010. Com seu afastamento e consecutivo abandono das atividades, primeiro em decorrência de problemas de saúde e depois devido a sua conversão à doutrina evangélica, a federação fica inativa por anos, perdendo sua importância junto ao público afro-religioso.

[202] Conselho Sacerdotal de Religiões de Matriz Africana e Ameríndia do Estado do Espírito Santo.

Vila Velha/ES. Presidida por Francisco Natalino de Jesus.	
4) União Espírita Capixaba (UNESCAP) Fundada em 1979, segundo os entrevistados. Presidida no passado por Ogan Orlando Santos.	Com o falecimento do Ogan Orlando Santos, em 2013, agrava-se a crise pela qual a instituição vinha passando nos últimos anos, resultando em sua atual inatividade.
5) Federação Espírita Umbandista do Espírito Santo Fundada no final da década de 1980. Presidida no passado por Silvino Fontes.	Inativa
6) Sociedade Cultural de Estudos das Seitas Africanistas no Brasil (S'CEABRA) Fundada em 03 de junho de 1989. Presidida por Ogan Levindo.	Desde 2006, passa a atender pelo nome de **Federação Espírita do Brasil (FEB),** sendo presidida pela *Ekede* Neusa de *Oxum*, esposa de Ogan Levindo de *Logun-Edé*.

De maneira geral, as instituições formadas por membros dos Terreiros em exercício na atual RMGV podem ser separadas em dois grupos distintos com base no tempo de existência e histórico de participação nos campos político e religioso da região.

No primeiro lote, encontram-se as duas mais antigas instituições, cujas datas de fundação nos remete à época anterior à década de 1990. Elas são a FESCEAB, fundada em 01/05/1975[203] e presidida até 2012 pelo Ogan Nilton Dario e a FEB, cuja denominação anterior era S'CEABRA, fundada em 1978, sendo presidida por mais de três décadas por Ogan Levindo de *Logun-Edé*[204]. Atualmente a presidência da Federação é ocupada por Mãe Neuza[205], esposa do referido *Ogan*.

[203] A FESCEAB é tida pelos membros do Candomblé mais antigos como a federação que mais contribuiu com o fortalecimento das Religiões Afro-brasileiras na RMGV, sendo a aquisição da estátua de Iemanjá no Píer de Camburí o seu maior triunfo. Depois do ano de 2010, o Ogan Nilton Dario deixa o Candomblé e se converte ao protestantismo, abandonando a presidência da FESCEAB. Em 2015, o então vice-presidente da federação, Pai Rogério de Iansã, reunindo esforços, realiza plenária no MUCANE sendo eleito presidente da federação.

[204] Nome de registro: José Levindo Sobrinho. Tanto o Ogan Levindo, como sua esposa, a *Ekede* Neuza, foram iniciados por *Tata Geneir* em São Gonçalo/RJ, cujo Terreiro de Candomblé era ligado ao *Asè Osumaré*. Em 1988, já fixados no estado do Espírito Santo, o Casal cria a S'CEABRA, alternando-se na presidência desde então até os dias de hoje.

[205] Nome de registro: Neusa Maria Herbst Levindo.

No segundo grupo, estão as instituições mais recentes, cujas datas de fundação são posteriores ao ano de 1990. Elas são: CONSERMAES, criado em 2006; Fórum Estadual de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana (FONSANPOTMA)[206], criado em 2012, coordenado por Ogan Marcos de Odé no Espírito Santo; FOMAC de 2014, que é presidido por Pai Sandro de Jagun; e o IDEMAFRI de 2015, presidido por Pai Carlão de Oyá.

Tabela 20 - Organizações que congregam os membros dos Terreiros na RMGV, cujas datas de fundação são posteriores ao ano de 1990

Instituições Recentes	Balanço atual
Conselho Sacerdotal de Religiões de Matriz Africana e Ameríndia Do Estado do Espírito Santo (CONSERMAES). Data de fundação: 2006. Presidente: Pai Rogério de Iansã Vice-presidente: Ogan Marcos de Odé	Fundada na Assembleia Legislativa de Vitória, em 2006, onde Pai Rogério de Iansã foi eleito presidente. Devido a dificuldades internas, permaneceu inativo até 2015, data em que uma nova assembleia foi organizada no MUCANE com o objetivo de eleger novos representantes e retomar os trabalhos do conselho.
Fórum Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional dos Povos Tradicionais de Matriz Africana - Subdivisão no ES (FONSANPOTMA-ES) Criado em 2012. Coordenada no ES por Ogan Marcos de Odé.	O FONSANPOTMA subdivisão no ES surgiu em 2012 a partir do 4º Encontro Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional da População Negra e dos Povos e Comunidades Tradicionais, que ocorreu em Salvador/BA.
Fórum de Matrizes Africanas de Cariacica (FOMAC) Fundado em 29 de março de 2014. Presidente: Pai Sandro de Jagun. Vice presidente: Mãe Michelle de Oxum (Umbanda).	Abrange os Terreiros de Umbanda e de Candomblé localizados no município de Cariacica/ES. Tem como objetivo promover ações contrárias à intolerância religiosa e buscar o reconhecimento das religiões de Matrizes Africanas na RMGV.
Instituto de Desenvolvimento Estadual de Matrizes Africanas (IDEMAFRI) Fundado em 2015. Presidente: Pai Carlão de *Oyá* Vice presidente: Babá[207] Aurio de Odé	Fundado em evento realizado no MUCANE, onde Pai Carlão de Oyá foi eleito presidente. O Instituto surgiu a partir da articulação dos membros do FOMAC.

[206] A Instituição, sob voga da questão alimentar dos Povos Tradicionais, tem contribuído com o debate sobre as políticas públicas direcionadas aos integrantes dos Terreiros na região.

[207] O mesmo que *Babalorixá*. Abreviação do termo.

Com o auxílio das duas tabelas apresentadas, é possível perceber que das seis instituições pesquisadas por Cleber Maciel no passado, três delas atualmente se encontram inativas e outras três passaram por recentes reestruturações em suas bases objetivando melhor se adaptarem à demanda de seu público alvo.

Relativos à crise sucessória, os fatos ocorridos com a FESCEAB e a UNESCAP mostram como as crises representam um grande problema enfrentado pelos membros das Federações, fazendo com que muitas delas passem por longos períodos de inatividade ou mesmo que sejam extintas.

Os recentes casos envolvendo duas conhecidas Federações na RMGV servem para mostrar a gravidade da questão. O primeiro refere-se à FESCEAB que, depois de longo período em inatividade, realizou uma assembleia no MUCANE em julho de 2015 com seus associados na expectativa de retomar os trabalhos. Nessa ocasião, o vice-presidente Pai Rogério de Iansã, mediante os vários anos que se seguiram desde o afastamento do Ogan Nilton Dario, liderou uma ação de integração da FESCEAB ao CONSERMAES, tentativa explicita de unir esforços para não deixar a Federação mais antiga criada por membros do Candomblé na região morrer de uma vez por todas.

O fato é que a partir do modelo federativo despontaram-se outras formas de representação baseadas em modelos que se apresentam como mais “democráticos” e “transparentes”, ao mesmo tempo em que parecem copiar modelos de governança adotados nos últimos anos dos governos petistas. Neste sentido, é preciso olhar também para a periferia da proposta de estudo da presente dissertação e considerar que a legislação relativa aos Povos e Comunidades tradicionais provocou alguns deslocamentos no campo religioso estrito senso. A exemplo disso, pode-se mencionar a criação da Comissão Nacional de Desenvolvimento sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais no ano de 2004; o decreto de lei 6040/2007; a aprovação do estatuto da igualdade racial de 2010; entre outras. Além disso, destacam-se as várias conferências regionais estaduais e nacionais relativas aos povos de Terreiros no Brasil que, certamente, provocaram o deslocamento do centro de gravidade político em tais contextos.

Os documentos referidos são o resultado das lutas sociais dos diferentes grupos, cujas inscrições identitárias giram em torno das RMAs, indígenas e quilombolas, mas também a cristalização de tais demandas em uma linguagem de governo e de direitos culturais. Creio que uma descrição da criação do FOMAC, possa lançar algumas novas perspectivas sobre os modos de agenciamento político dos candomblecistas.

4.2. Os apoiadores do FOMAC

A ideia de criação do FOMAC surgiu a partir do I Seminário Municipal de Povos e Comunidades de Matrizes Africanas, realizado em 2014 no município de Cariacica. O evento conseguiu reunir agentes políticos de diferentes interesses partidários para discutir a questão racial-religiosa e suas implicações no campo político do município.

Entre os participantes do seminário realizado na sede da PMC, estavam funcionários do Estado, integrantes do Movimento Negro Capixaba (MNC) e demais lideranças da sociedade civil organizada, e em maior número os membros dos Terreiros de Umbanda e de Candomblé residentes do município.

Em meio aos apoiadores do FOMAC que contribuíram ativamente para o surgimento da instituição, cuja presença no seminário também foi registrada, destacaram-se o prefeito de Cariacica Juninho, eleito em 2012, que, segundo Pai Sandro de Jagun: *"Foi a nossa liberdade de ação. Ele abriu as portas e nisso nós montamos o Fórum";* Adriana da Silva, gestora da Gerência de Políticas de Promoção e Igualdade Racial (GEPPIR) da prefeitura de Cariacica/ES, presidente da UNEGRO-ES desde 2004 estando atualmente no seu segundo mandato, presidente estadual e vice-presidente municipal do PCdoB no Espírito Santo; e a ex-senadora Ana Rita, que procurou o grupo para propor seu apoio através da criação de emendas parlamentares de incentivo às organizações formadas a partir dos membros dos Povos e Comunidades Tradicionais similares ao FOMAC.

Para fins da pesquisa, foram priorizadas as contribuições dos dois primeiros por considerar que proporcionaram a criação de alianças servindo de

alavanca para os membros do Fórum, no que se relaciona à sua inserção no campo político.

Considerado pelos membros do FOMAC como o seu principal aliado no meio político, o prefeito Juninho, que se auto define como negro, "evangélico" e membro do Movimento Negro na RMGV, foi eleito em 2012 pelo PPS com maioria absoluta de votos[208]. Desde o início de seu mandato procurou garantir a agenda política construída na gestão municipal anterior, no período de governo de Helder Salomão[209].

Na atual gestão, o prefeito Juninho priorizou a extensão do atendimento às "novas demandas sociais" que emergiram no período de seu governo. Aspectos relativos ao tipo de "atendimento diferenciado" dispensado pelo novo prefeito às minorias sociais de Cariacica podem ser encontrados em relação às populações Negra, LGBT, de mulheres e de Matrizes Africanas residentes no município.

No que tange aos membros dos Terreiros, três posicionamentos políticos adotados pelo prefeito durante o seu governo se destacaram. O primeiro refere-se à isenção da taxa de IPTU aos moradores, cujas ruas onde suas residências estão localizadas não são pavimentadas, mediante confirmação de renda de até três salários mínimos e outros pré-requisitos para a garantia do benefício. A medida que foi outorgada poucos meses depois que assumiu a prefeitura, fez cumprir uma de suas promessa construída ainda durante o período de sua campanha eleitoral em 2012.

A medida do prefeito atingiu grande número de Terreiros no município, pois como asseverou Pai Sandro em entrevista: *"80% das ruas dos bairros de Cariacica são asfaltadas, menos as ruas que contém Casas Espíritas".* E acrescentou: *"Não só eu, mas todos os outros membros do FOMAC passamos pelo mesmo problema".*

---

[208] Segundo noticiaram os jornais na época das eleições, trata-se do candidato ao cargo de prefeito mais votado do Brasil em 2012, atingindo uma marca de 85,43% dos votos válidos do município de Cariacica nas eleições desse ano.

[209] Helder Ignácio Salomão foi eleito prefeito do município de Cariacica/ES pelo PT durante dois mandatos consecutivos: de 2004 a 2012. Logo em seguida, em 2014, foi eleito deputado federal depois de passar dois anos na Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos do Espírito Santo.

O segundo que trouxe um impacto inesperado com caráter inovador à RMGV, se comparado com a anterior, está relacionado com o Projeto de Mapeamento das *Casas* de Religiões Afro-brasileiras e de sua população praticante domiciliada no município[210]. O projeto teve seu lançamento no I Colóquio das Matrizes Africanas de Cariacica realizado no MUCANE, em 2015, e contou com a colaboração incondicional dos membros do FOMAC na elaboração do projeto com garantias de que a parceria fosse reforçada no momento de sua execução programada para o final do ano.

O terceiro que também segue engendrado ao anterior refere-se à construção de uma pauta de negociações com os agentes políticos da municipalidade, incluído aí os membros do FOMAC, com objetivo de criar uma campanha de conscientização no município em defesa da liberdade religiosa e contrária à intolerância que atinge os membros das Religiões de Matrizes Africanas.

O resultado dessa pauta em conjunto com os integrantes do FOMAC pôde ser visto através da realização de eventos públicos em determinadas datas comemorativas no município. Na totalidade, desde o início do trabalho de pesquisa, foram realizados cinco eventos públicos: o I e o II Arraiá das Matrizes Africanas que ocorreu em anos consecutivos, sendo o primeiro realizado em julho de 2014 junto à programação festiva que culmina com o aniversário do município; a I festa de Yemanjá que se realizou em espaço cedido pela prefeitura no bairro Porto Velho próximo à margem esquerda do Rio Santa Maria, o I Colóquio das Matrizes Africanas referido anteriormente e o Lançamento do IDEMAFRI [211].

No que diz respeito às contribuições de Adriana da Silva ao FOMAC, essas se iniciam antes mesmo do surgimento da instituição em 2014. Segundo a entrevistada relatou, logo após ter assumido a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial em Cariacica/ES[212], em 2013, passou a promover o diálogo

---

[210] Detalhes sobre o Projeto de Mapeamento do município de Cariacica serão tratados no capítulo IV desta dissertação.

[211] Os eventos realizados pelos membros do FOMAC são tratados no IV capítulo desta dissertação.

[212] Adriana da Silva assumiu a “Secretaria da Promoção da Igualdade Racial de Cariacica” em 2013, em substituição ao seu antigo gestor, o Senhor Edison Francisco Monteiro que faleceu neste mesmo ano. Decorrido algum tempo, a secretaria é extinta sendo criada outra

entre a prefeitura e as pessoas ligadas aos movimentos sociais encontrando muita resistência, no princípio, em conseguir informações sobre os membros dos Terreiros e números de *Casas*.

> Quando eu entrei na gestão em 2013 nós fizemos uma pesquisa exatamente dessa população negra do município com alguns recortes e nós não conseguimos. Nós começamos pelo Cadastro Único (Cad-Único[213]). O Cadastro Único tem lá suas temáticas e nós começamos. Então, tem lá Indígenas tantas famílias, Ciganos tantas famílias e aí quando chegamos nas Matrizes Africanas estava não existe essa população. Zero, zero, zero. Isso foi preocupante para nós. Como que não existe essa família? Por isso que o primeiro projeto que nós iniciamos pós-conferência[214] foi exatamente com as Matrizes Africanas. Devido a essa "não existência" da população para a prefeitura. Aí nós começamos a pautar essa questão do Desenvolvimento Sustentável dos Povos de Matrizes Africanas e começamos a levantar esse debate. (Adriana da Silva, 25 de novembro de 2015).

Segundo a servidora pública entrevistada, no início a ação da prefeitura causou "estranhamento" entre os membros das *Casas* da região, pois muitos deles diziam estar "acostumados" a serem negligenciados pelas agências do Estado. Depois passaram a tratá-la com desconfiança apenas se redimindo com a realização do I Seminário.

Sobre o início dos trabalhos de articulação com os membros dos Terreiros, desenvolvidos a partir da ação da prefeitura que antecederam a realização do I Seminário das Matrizes Africanas em 2014, os sacerdotes retrataram:

> Eu fiz a mobilização. Eu comecei com o Aurio[215]. Tentamos, sentamos, e nada! Aí eu chamei o Pai Sandro e ninguém queria, mas

---

denominada "Gerência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial de Cariacica" em 2014, com a nova gestão do prefeito Juninho eleito no último pleito.

[213] Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (extinto em 2016, após o impedimento da presidenta Dilma Rousseff) o "Cadastro Único é um instrumento que identifica e caracteriza os mais pobres e permite conhecer a realidade socioeconômica das famílias de baixa renda. Por meio de um sistema informatizado, o governo federal consolida os dados coletados no Cadastro Único para formular e implementar políticas específicas, que contribuem para a redução das vulnerabilidades sociais a que essas famílias estão expostas". O Cad-Único era uma porta para cerca de 20 programas sociais e estimava-se que atendia 27 milhões de pessoas. Fonte: http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2015/maio/cadastro-unico-e-porta-de-entrada-para-20-programas-sociais-do-governo-federal. Acessado em 16 de Agosto de 2016.

[214] III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (III CONAPIR) que aconteceu durante os dias 5 e 7 de novembro de 2013 em Brasília.

[215] Nome de registro José Aurio Loureiro Pereira *(Odé Ibodjo)*. Babá Aurio de Odé deixa o Terreiro *Ile Asè Tafa Awure* no município da Serra/ES, em 2015, onde Pai Washington de

> mesmo assim eu ia com Pai Aurio. *[…]* Foi muito difícil. Nos fomos de *Casa* em *Casa*, eu e a Adriana da prefeitura. Então, eu pegava a Adriana porque a prefeitura não deu combustível para isso. Fui na *Casa* de Aurio, fui na *Casa* de Sandro, fui na *Casa* de todos aqueles que estavam mais próximos para a gente ter esse conhecimento. Que agora a gente vai para o interior do município, eu e a Adriana, para buscar as *Casas* do interior. Cariacica é muito grande e tem pessoas nossas que vivem em lugares isolados e não participa dessas coisas. Muitos nem sabem o que está acontecendo aqui. A Adriana é uma pessoa que ela é da UNEGRO, mas eu penso que ela se preocupa muito com essa parte das Matrizes Africanas. (Mãe Anajete, 08 de maio de 2015).
>
> O Fórum surgiu de um seminário. Eu havia recebido diversos convites de participar do grupo, mas eu nunca acreditei nessa questão política. Esse grupo era da Adriana Silva. Ela é da prefeitura de Cariacica. Ela faz parte da Secretaria da Igualdade Racial. Aí ela começou com essa proposta do Fórum. Eu não a conhecia. Já tinha tido uma reunião na *Casa* do Zé Aurio e na *Casa* da Anajete. Anajete sempre me convidou e eu me mantive fora porque eu não acreditava nessa proposta. Recebi o convite de fazer uma reunião aqui em *Casa*. Como eu vi ser coisa séria eu .... assim, eu Sandro, eu tenho aquela necessidade de assumir o compromisso e não medir esforços pra chegar ao denominador comum. Então, comecei a me desempenhar. Resolvemos preparar um seminário para a prefeitura. (Pai Sandro, 20 de abril de 2015).
>
> Quando eu voltei o pessoal já tinha tido umas duas ou três reuniões. Foi aí que eles me convocaram para essas reuniões. A princípio, eu como sempre, eu sou um pouco radical. *[…]* Então, em princípio eu fiquei muito reticente em participar desse Fórum e falei: *"Ah... eu não vou me dar bem com esse pessoal"*. Mas aí eu fui na primeira reunião, calado, carrancudo, escutando e tal. Aí o que quê aconteceu? Só os idiotas olham numa direção só sempre. O que quê aconteceu? A mesma discriminação que eu sofro quando eu entro na padaria, quando eu entro na farmácia... - um cutuca o outro *[e diz]*: *"Macumbeira, macumbeiro"*- os umbandistas também sofrem. Os isso também sofre. Os aquilo também sofre. Então, eu pensei comigo assim: *"Oche pera aí! Apesar de distintos, quando se refere à discriminação e a intolerância religiosa a coisa é a mesma. Então eu tenho que estar aqui". Independente da atitude que eles têm dentro da Casa deles, esse é um direito deles, não é o meu espaço, mas eles têm o espaço deles, a discriminação que eu sofro é a mesma que eles sofrem: intolerância religiosa e é bem sofrido. "É bem doída essa intolerância religiosa"*. Aí comecei a participar das reuniões e estou até hoje. (Pai Carlão, 14 de maio de 2015).

Os três trechos destacados, retirados das entrevistas dos sacerdotes agentes da pesquisa, concordam com as ideias iniciais de "estranhamento" e de "desconfiança" com que os membros dos Terreiros receberam a ação conduzida pela prefeitura de Cariacica, na pessoa de sua então secretária de

---

Oxossi *(Odé Mikansile)* é o *Babalorixá* responsável, para depois de alguns meses realizar *obrigação-de-santo* com Pai Sandro de Jagun em Cariacica/ES, passado a ser *filho-de-santo* desse.

Políticas de Promoção da Igualdade Racial, Adriana da Silva, diante a inexistência de experiência semelhante ocorrida no município no passado.

Outro aspecto que pode ser frisado a partir dos trechos, diz respeito ao modo com que as populações mais afastadas do círculo de debate político percebem os profissionais da política, incluindo aí os próprios funcionários das prefeituras e as federações, a partir das experiências adquiridas no cotidiano específico destas comunidades. Percepção essa, de maneira geral negativa, que desqualifica o outro sob a premissa do julgamento de ser enganador e de usar o próximo em benefício próprio para depois deixá-lo.

No que tange às negociações principiadas por Adriana da Silva com os agentes políticos dos Terreiros do município, o primeiro ato foi a organização de um comitê gestor para a elaboração do I Seminário das Matrizes Africanas de Cariacica. Essa etapa trouxe como efeito esperado o empoderamento dos sacerdotes envolvidos nos trabalhos do comitê, tornando possível assim a construção de lideranças a partir de alianças, e a composição partidária da coligação do prefeito voltada, principalmente, mas não exclusivamente, para o campo político municipal, isto é, "para fora" dos Terreiros originários. A partir desses dois pontos que se engendram, tratou-se de disseminar a ideia do Fórum entre os sacerdotes[216] responsáveis pelos Terreiros localizados no município para capilarizar as iniciativas da prefeitura.

Por outro lado, os sacerdotes ansiosos pela integração política, encontraram o meio de aumentar seu capital político através da familiarização com o espaço da municipalidade, ao mesmo tempo em que promovendo aliança com o prefeito e pessoas influentes conseguiram avanço no "tabuleiro politico" municipal.

Na próxima seção, serão tratados os recursos reunidos em torno dos sacerdotes que possibilitaram: em primeiro lugar, o seu ingresso no campo político da municipalidade e, em segundo, sua parceria na organização do seminário junto à PMC, que serviram de base para o lançamento do FOMAC.

[216] Empregado como sinônimo de *Pai* e *Mãe-de-santo*. Fazendo uma analogia com o termo *zelador(a),* indica aquele(a) que zela, que cuida dos Orixás e das pessoas, no nosso caso dos *filhos-de-santo*.

4.3. O Fórum e as condições de sua emergência

O FOMAC surgiu em resposta aos desdobramentos do *"I Seminário Municipal de Povos e Comunidades de Matrizes Africanas",* realizado em 29 de março de em 2014, bem como do reposicionamento de alguns *pais* e *mães-de-santo* diante do que consideram como sua representação civil.

O seminário foi organizado a partir dos trabalhos realizados pelo comitê gestor liderado por Adriana da Silva[217], responsável na época pela Secretaria de Promoção da Igualdade Racial da prefeitura, e contou com a participação de Mãe Anajete, Babá Aurio de Odé, Mãe Michelle de Oxum, Pai Sandro, entre outros *pais* e *mães-de-santo* de Umbanda e do Candomblé, no município de Cariacica/ES, que integraram-se gradualmente às ações do referido comitê.

Nota-se também que a realização da III Conferência Nacional de Promoção da Igualdade Racial (III CONAPIR), ocorrida no ano anterior e do II Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais, em 2014, fomentaram uma série de debates, acenando para os *Babalorixás* e *Iyalorixás* capixabas as possibilidades de ingresso no mundo político-partidário colocando em cena nomes, prestígios de sacerdotes e de Terreiros.

A III CONAPIR ocorreu em Brasília entre os dias 05 e 07 de dezembro de 2013 e reuniu delegações provenientes de todos os estados do país[218], tendo como objetivos principais reafirmar e ampliar o compromisso do governo e da sociedade brasileira com as políticas de enfrentamento ao racismo e de promoção da igualdade racial.

Também se somou ao foco central da conferência, afetando, deste modo, os membros dos Terreiros em todo o território brasileiro, os lançamentos do diagnóstico das Políticas de Promoção da Igualdade Racial no país e do

---

[217] Adriana da Silva assumiu a "Secretaria da Promoção da Igualdade Racial de Cariacica" durante o governo do prefeito Elder Salomão, em 2013, em substituição ao seu antigo secretário, o Senhor Edison Francisco Monteiro, falecido nesse mesmo ano. Em 2014, decorrido algum tempo, a secretaria foi extinta dando lugar outra denominada de "Secretaria de Igualdade Racial de Cariacica", na gestão do prefeito Juninho, eleito no pleito de 2012.

[218] Na totalidade, a delegação do estado do Espírito Santo enviada para participar da III CONAPIR foi composta por 28 delegados. Entre eles, destacam-se Adriana da Silva, Mãe Néia de Yemonjá (Edinéia Cabral da Silva) e sua *filha-de-santo Dandara* (Dandara Gaspar Pereira), e Leonor Araújo (professora da UFES iniciada no Candomblé que, na época, exercia o cargo de Subsecretária de Movimentos Sociais do Governo do Estado). A lista com todos os nomes dos delegados do ES encontra-se nos anexos.

Sistema de Monitoramento desenvolvido pelo órgão federal, que priorizou a juventude negra e a população quilombola.

O II Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais, realizado também em Brasília no ano seguinte, servindo-se do modelo da III CONAPIR, teve como objetivo principal fazer a avaliação da Política Nacional de Desenvolvimento para os Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) e de seus instrumentos de implantação com busca no aprimoramento e ampliação das políticas.

Somados ao debate desenvolvido no plano federal, três outros eventos realizados localmente previnem a população quanto à tônica desenvolvida nacionalmente. Segundo uma ordem cronológica de acontecimentos, o primeiro refere-se à criação da Comissão de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo (CEPCT), que aconteceu em 2013, em decorrência das reivindicações que compõem a Carta de Praia Formosa, elaborada pelos representantes dos Povos Tradicionais durante o I Encontro Estadual, realizado pela SECULT, em Aracruz/ES[219] no ano de 2012. A comissão formada tinha por finalidade coordenar a elaboração e acompanhar a implementação da Política Estadual de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

O segundo se refere à Conferência Intermunicipal de Promoção da Igualdade Racial[220], em 2013. Esse evento teve como objetivo a construção do diagnostico das Políticas de Promoção da Igualdade Racial desenvolvidas nos municípios de Cariacica e Vila Velha. Além disso, serviu para a proposição de agenda política estadual e como eletiva para a seleção dos delegados para apresentar os resultados do encontro na III CONAPIR em Brasília programada para o mesmo ano.

A Conferência Intermunicipal trouxe como tema principal “A construção das propostas para o avanço das políticas publicas” e teve como resolutiva a seleção de 10 propostas construídas a partir do debate promovido no encontro,

[219] O I Encontro Estadual dos Povos e Comunidades Tradicionais do Espírito Santo ocorreu no SESC de Santa Cruz entre os dias 23 e 25 e março de 2012, em Aracruz/ES. O evento também é retratado por Mãe Anajete, que participou do evento.

[220] A Conferência Intermunicipal foi realizada na unidade da APAE do município de Cariacica, nos dias 09 e 10 de agosto de 2013.

das quais na pesquisa destacaram-se três, em que a identificação com os membros das RMAs foi citada de forma explicita ou mostrou-se subentendida no contexto quanto à integração do coletivo apresentada nos incisos da proposta. Elas são:

1) Implementar políticas estabelecidas no ordenamento jurídico nacional para os Povos e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas;

2) Fomentar pesquisas científicas através de editais que tenham como foco a população afrodescendente do município e que considere os saberes tradicionais;

3) Reconhecimento de casamentos e batizados realizados nas *Casas* de RMAs com valor legal, como nas igrejas católicas e protestantes;

Segundo dados divulgados pelas agências do estado, participaram da Conferência Intermunicipal 277 pessoas dos municípios de Cariacica e Vila Velha. Dentre elas estavam políticos, funcionários das prefeituras, integrantes de movimentos sociais e membros dos Terreiros da região em número bastante reduzido.

> A proposta de trabalhar com as Matrizes Africanas ela surge a partir da Conferência que foi nos dias 9 e 10 de agosto de 2013. A Conferência ela foi intermunicipal entre Cariacica e Vila Velha e a maioria da nossa população foi de Matrizes Africanas, porém, de Vila Velha. De Cariacica, naquela época, participou apenas 3 ou 4 lideranças. Foi Jeová e Jeovan com mais alguns *filhos-de-santo* da *Casa* deles e Mãe Anajete. De Cariacica eram só essas representações. E depois, agente começou pegando todo o relatório da conferência, as pautas e começamos a fazer uma análise de toda essa política, o quê que nós tínhamos que fazer. Porque quando eu entrei na gerência não havia nenhum arquivo sobre as Matrizes Africanas deixado pela gerência passada. Isso quando Edson ainda era o gerente. (Adriana da Silva, 25 de novembro de 2015).

Contudo, a percepção de Mãe Anajete contraria a defesa da gestora pública, pois, segundo a sacerdotisa, o baixo número de membros dos Terreiros na conferência justifica-se pelo interesse do grupo majoritário - formado pelos próprios funcionários das prefeituras e integrantes das diversas frentes do Movimento Negro da RMGV (inclusive vários funcionários municipais são lideranças do Movimento Negro) - por monopolizar o debate em proveito próprio.

Mãe Anajete acrescenta ainda que tratava-se de uma estratégia adotada com frequência pelas lideranças do Movimento Negro, cujos efeitos imediatos, facilmente identificáveis, foi a restrição da participação e do acesso direto ao debate no momento em que ele acontece, seguida da exclusão imposta aos dos demais grupos, como os membros de Terreiros.

> Sobre a intermunicipal, ela aconteceu aqui no município de Cariacica e não veio nenhum representante das Matrizes Africanas de Vila Velha, porque eles não foram avisados. De *pai e mãe-de-santo* tinha eu e os gêmeos[221] só. Isso foi em Cariacica em 2013. Foi uma conferência de direitos humanos e o pessoal de Vila Velha não foi porque eu acredito que eles não foram avisados, porque a manipulação ocorre dessa forma. Manipulação no sentido que falo é o de não divulgar, de não levar o povo mesmo. Porque quando você sai, vamos supor, quando eu vou *[em contrapartida]* vai oito representando a secretaria. Aí o quê que eles fazem? Aí eles levam marido, levam amigos e leva todo mundo e fica com a vaga do *povo-de-santo*. Mais eu brigo pela minha vaga. Eu sempre vou. Aí quer dizer, não avisa. Tinha umas 100 pessoas e aconteceu na APAE[222] de Cariacica. Teve a fala do Juninho, prefeito de Cariacica. O Vice-prefeito também falou, mas assim, foi mais o pessoal da prefeitura quem estava no evento. Das 100 pessoas que estavam presente, 60% eram pessoas ligadas à prefeitura e 40% movimento social de maioria do Movimento Negro. E não é só com a gente eu eles fazem assim. O mesmo acontece com os ciganos, indígenas e outros mais. Só o pessoal das prefeituras e do Movimento Negro participam dos eventos. Nós temos que brigar para ter acesso o que deveria ser público. (Mãe Anajete, 08 de março de 2016).

A acusação da *mãe-de-santo* ganha relevância quando na análise da versão final emitida pelos organizadores da III CONAPIR, referente à lista de delegados convocados para participar da conferência em Brasília, constata-se que dos 28 delegados eleitos para integrarem o referido evento, apenas 7% (2 delegados) eram representantes dos Terreiros. O restante, 93% (26 delegados) tiveram suas convocações atreladas a órgãos públicos e/ou Movimentos Sociais (Negro e Quilombola).

Na lista de convocação dos delegados não foi identificada nenhuma representação dos indígenas, ciganos, paneleiras, pescadores e catadores de

[221] Os gêmeos Jeová e Jeovan, membros das Religiões de Matrizes Africanas e residentes em Cariacica. Apresentam amplo histórico de participação no campo política com projeções internacionais. Entretanto, recai sobre eles a crítica de agirem politicamente em benefício próprio e não em nome do grupo formado pelo conjunto de membros de Terreiro.

[222] Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais.

caranguejos, que residem no estado. Por outro lado, foi contemplado quase exclusivamente os movimentos sociais - Negro e de Mulheres.

Considerando somente os 26 delegados, 76% (20 delegados) tinham na época relação trabalhista com algum órgão da administração pública na RMGV e apenas 14% (6 delegados) tinham sua prática política exclusivamente ligada aos Movimentos Sociais.

A análise permitiu, também, observar que os 20 delegados identificados como funcionários da administração local possuíam duplo pertencimento, isso é, estavam vinculados a órgãos públicos e movimentos sociais. Desse montante, apenas 55% (11 delegados) foram eleitos para ocupar as vagas destinadas ao poder público, enquanto que o restante, 45% (9 delegados), utilizaram-se da vinculação aos movimentos sociais como garantia de participação no referido evento em Brasília.

Outros aspectos que contrariam as informações “oficializadas” através de órgãos públicos ou seus funcionários, podem ser encontrados no trecho da entrevista de Mãe Anajete sobre a Conferência Intermunicipal que ocorreu em 2013. Entres esses aspectos destacam-se a somatória do número de participantes do evento, a procedência dos membros dos Terreiros participantes e a quantidade de sacerdotes presentes na ocasião do encontro.

Ao serem confrontadas as duas versões apresentadas (oficiais e da *mãe-de-santo*) levantou-se o questionamento quanto ao alcance e a eficácia das ações perpetradas pelas agências de Estado quanto à objetivação das metas estabelecidas nos Programas de governo que perpassam pelas Políticas Afirmativas de Promoção da Igualdade Racial.

Contudo, mesmo que tenham ocorrido falhas graves na dinâmica de realização da Conferência Intermunicipal, a sua importância quanto a organização associativa do FOMAC é apresentada como consenso entre os entrevistados da pesquisa.

Somado ao contexto dos dois eventos anteriores realizados na RMGV (o II Encontro de Povos e Comunidades Tradicionais e a Conferência Intermunicipal), ocorreu o Encontro Regional Sudeste de Povos e

Comunidades Tradicionais[223], organizado pela Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT) realizado em Vitoria/ES no ano de 2014.

Os objetivos principais do encontro foram avaliar e aprimorar a implementação da PNPCT, com ênfase no acesso aos territórios e regularização fundiária. Além disso, avaliar a atuação e o funcionamento da CNPCT em sua conformação atual.

O resultado do encontro se consumou com a elaboração de uma carta de caráter propositivo que, em síntese, apontava para o reconhecimento do espaço/território que integram os Povos e Comunidades Tradicionais de Terreiros na sua totalidade simbólica, a partir da demarcação dos espaços e da garantia do Estado quanto aos incentivos de preservação e reprodução cultural.

No que tange ao I Seminário Municipal de Povos e Comunidades de Matrizes Africanas, que serviu de base para o lançamento do FOMAC, entre as pessoas convidadas para palestrar no evento, além dos políticos profissionais do estado, estava a secretária nacional de Políticas para Comunidades Tradicionais da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) Silvany Eudenio Silva, os professores doutores em Antropologia da UFES Osvaldo Martins de Oliveira e Cleyde Rodrigues Amorin e a gerente da GEPPIR do município de Cariacica, Adriana da Silva.

O objetivo do seminário, de acordo com os sujeitos da pesquisa, foi a criação de uma pauta política na municipalidade de fomento e fortalecimento de políticas públicas voltadas para os Povos e Comunidades Tradicionais de Matrizes Africanas na região, bem como o lançamento do FOMAC com o apoio dos *pais* e *mães-de-santo* residentes do município.

A abertura do seminário ocorreu, como é de costume em outros eventos realizados nas prefeituras, com a execução do hino nacional brasileiro seguido das falas de representes do estado. Logo em seguida, foi promovida uma cerimônia ecumênica, conduzida por lideranças de três designações religiosas distintas, na qual todos os três puderam expressar sua religiosidade livremente.

[223] O Encontro Regional Sudeste de Povos e Comunidades Tradicionais ocorreu na capital Vitória/ES entre os dias 16 e 18 de setembro de 2014.

Entre eles, estava Pai Sandro de Jagun representando os membros das RMAs no município de Cariacica.

Logo após as apresentações culturais[224], ocorridas depois da manifestação dos três lideres religiosos, Silvany Eudenio Silva foi a primeira a discursar no evento. O tema de sua palestra foi direcionado para o I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades de Matrizes Africanas de 2013, no qual a discursante trouxe a emergência do estado em objetivar sua responsabilidade para com as Comunidades de Matrizes Africanas (CMAs), domiciliada no município através do incremento de ações políticas que busquem o reconhecimento, a valorização e o desenvolvimento das mesmas.

Nesse intuito, a palestrante destacou a importância das lideranças revogarem o título de "Comunidades Religiosas"[225] passando a utilizar a titulação de CTTs para melhor se adequarem às exigências do Estado e, assim, assegurarem os incentivos garantidos pela legislação brasileira.

Segundo a secretária nacional de Políticas para Comunidades Tradicionais da SEPPIR destacou, o título de "Comunidade Religiosa de Matrizes Africanas" inviabiliza a obtenção dos recursos disponíveis na união para o incremento de políticas públicas para atender a população, uma vez que o estado deve garantir a sua laicidade. Por outro lado, aconselha a adoção do título de CTTs, no qual a questão do pertencimento religioso não está posto de forma explícita, medida essa que objetiva não eximir o estado de seu compromisso.

Os próximos a discursarem foram os professores da UFES. Osvaldo Martins de Oliveira, servindo-se de exemplos encontrados em outras regiões do país, salientou a importância da identificação dos membros das CTTs e da execução da Lei nº 10.639/2003[226] no sistema de ensino. Nesse sentido, destacou a necessidade de realizar o mapeamento das mesmas na RMGV, a exemplo dos mapeamentos realizados em outros estados brasileiros, como

[224] Apresentação de banda de Congo de Roda d'água e do grupo de capoeira local.

[225] Relativo aos Terreiros que congregam a população de afro-religiosos.

[226] Lei que estabelece a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" na educação nacional.

forma de conhecer as Comunidades e, assim, salvaguardar os direitos adquiridos através da implementação de políticas públicas que efetivamente venham atender as reais necessidades da população em questão.

O palestrante também destacou a necessidade de introduzir a temática das Comunidades Tradicionais no currículo escolar, bem com o acompanhamento das ações pertinentes ao ensino, como forma de combater a discriminação e a intolerância religiosa aos quais os praticantes das RMAs são vitimizados socialmente.

Cleyde Rodrigues Amorim[227], por sua vez, tratou das ações desenvolvidas a partir da UFES junto aos membros das Comunidades Afro-religiosas na região, como o Projeto Africanidades, que busca realizar a cartografia social de todos os Terreiros de Candomblé existentes nos sete municípios que constituem a RMGV, que teve início no ano de 2014.

Adriana da Silva, gerente da GEPPIR, no momento do debate, ponderou sua fala em defesa das CTTs. Por outro lado, apontou as dificuldades encontradas durante sua gestão na prefeitura de Cariacica/ES quanto à quantificação e objetivação do total de integrantes que compõem essas comunidades no município e na RMGV com um todo.

Segundo ela relatou:

> *"Cariacica não possui um cadastro único (CAD-ÚNICO) dos Povos de Matrizes Africanas. Essa ausência de dados impossibilita a Gerência de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e a própria prefeitura de Cariacica de ter conhecimento da realidade dessa população"*. (Adriana Silva, 25 de novembro de 2015).

E acrescentou: *"O primeiro passo para mudar essa realidade no município foi aproximar esse segmento da gestão por meio da Conferência Intermunicipal de igualdade Racial, realizado no ano de 2013"*.

Durante a realização da entrevista para a pesquisa em 2015, quando questionada sobre a declaração dada no episódio do Seminário sobre a ausência de dados das CTTs, Adriana da Silva assegurou ainda que a carência se justifica principalmente pela forte resistência que o tema encontra na administração pública atual do município.

[227] Além de coordenar o Projeto Africanidades junto com o Prof. Dr. Osvaldo Martins de Oliveira, foi responsável por coordenar o NEAB-UFES ao longo de 2013-2016, onde, em parceria com outros professores da universidade, ajudou a desenvolver inúmeras ações de fomento às comunidades negra e Afrodescendente.

A gerente da GEPPIR aponta que a grande influência da bancada evangélica na câmara dos vereadores tem inibido com frequência ações e projetos que buscam atender as CTTs fazendo com que o racismo institucional sobressaia diante da real necessidade do município e de sua população.

A entrevistada definiu o racismo institucional como a prática de hierarquização entre as raças que ocorre nas repartições e órgãos públicos, nos quais as ações e projetos concernentes à população Negra e Afrodescendente encontram enorme resistência para serem aprovados e/ou morosidade na sua execução.

O ingresso dos Terreiros nas conferências regionais, sob a ótica da organização político-partidária já preexistente, seguiu a tendência nacional que organizou as conferências e causou um intenso *fuxico* entre os *pais* e *mães-de-santo* de todo o país, sendo visto em vários níveis.

Pai Sandro*,* em entrevista posterior, assim se referiu ao seminário que deu origem à articulação política do FOMAC e às expectativas geradas a partir do evento:

> O seminário na prefeitura foi um encontro de dirigentes do governo federal, estadual e municipal. Fizemos um culto ecumênico, onde eu fiz a parte do *Babalorixá*. Tinha um padre e um pastor de igreja. Cada um fez a sua fala, sua reza. O nome do evento foi o *"I Seminário das Matrizes Africanas de Cariacica"*. Foi na sede da prefeitura. Nesse seminário que nós fizemos, nós fizemos atividade cultural e capoeira. O prefeito veio com a comitiva. Porque ele não anda só. Vieram os assessores, deputados, vereadores e, então, ele participou do culto, da dança e da capoeira. Fizemos um *Xirê*[228]*,* mas eu não quis o *Xirê* cantado. Eu quis o *Xirê* só o toque, o ritmo, pra não ser invasor. Essa é sempre a minha proposta: não invadir o espaço de ninguém; deixar sempre as pessoas à vontade. Fizemos o seminário e, nesse seminário, nasceu o Fórum. Nesse seminário, no mesmo dia. Porque o grupo ficou grande.
>
> *[...]* O Fórum foi uma proposta tirada na hora pela SEPPIR que tinha representante aqui. Na realidade, a prefeitura foi a ponte pra gente. O prefeito, ele foi nossa liberdade de ação. Ele abriu as portas. Nisso, nós montamos o Fórum. Eu fiquei como presidente, vice-presidente Michelle que é umbandista aqui em Vila Prudêncio. Nós montamos toda uma mesa jurídica. Começamos a fazer reuniões nas *Casas*.
>
> *[...]* Na verdade, quando nós iniciamos essa proposta *[do Fórum]*, foi uma proposta não de soluções. É financeira? Cesta básica? Arrumações[229]? Nada disso. Nós fomos em busca do reconhecimento da nossa religião (Pai Sandro, 20 de março de 2015).

[228]Sessão de culto. Também serve para designar a formação circular formada pelos membros na ocasião das celebrações nos Terreiros.

[229] Reformas dos Terreiros. Melhorias na estrutura arquitetônica.

Nota-se que Pai Sandro acena para uma ruptura com o modelo exclusivamente assistencialista atribuído pelo Estado (e apropriado pelas lideranças mais antigas de membros dos Terreiros na RMGV) às CTTs que inviabiliza a realização de um projeto político mais amplo de inclusão social dos afro-religiosos.

Desse modo, enquanto o modelo de negociações que vigente entre as agências políticas constituídas na relação Partido-Terreiro é pautado na concessão de benefícios como "Cesta básica", investimento para realização de oficinas, entrega de máquinas de costura e "Arrumações" para os membros de Terreiros, a perspectiva do sacerdote tendeu a afirmar a busca do reconhecimento das RMAs que contrasta com os quadros atuais de discriminação e cerceamento que vem sofrendo os afro-religiosos no estado do Espírito Santo e no país como um todo.

No entanto, tal perspectiva pelo "reconhecimento" também pode ser vista, segundo seus relatos, como uma campanha que visa a integração dos membros do Terreiro no campo político municipal como meio de fazer frente aos políticos protestantes a partir da busca por paridade de condições.

> Neste momento, na prefeitura, quando estávamos terminando o seminário, foi constituído o Fórum. Porque o seminário veio falar de Matrizes Africanas a nível municipal, estadual e nacional. Teve uma palestrante da SEPPIR. E, naquele momento, nós lançamos o Fórum por que? Porque era a proposta perfeita de fortalecimento a nível político. Então, dalí nós conseguimos muita coisa. Conseguimos o apoio da prefeitura. O respeito da prefeitura.
>
> Então, hoje nós temos um acesso bacana à prefeitura junto ao prefeito. Criamos um vínculo de intimidade porque hoje é... em julho vai ter os festejos de Cariacica. Ele quer unificar o nosso festival de quadrilhas com as festas de Cariacica. Que desta vez ele disse que quer bancar. Por quê? Porque assim como nos emprestou o espaço no ano passado, quando ele chegou na prefeitura, a gente estava limpando o espaço. Ele achou aquilo assim divino. "*Por quê que esse povo trabalha com essa humildade? Não bateram na minha porta pra pedir um real pra bancar a festa"*. E ele até falou: *"Sandro eu estou amanhã na prefeitura. Vai ter uma festa, uma parada Gay, a prefeitura proporcionou noventa e dois mil reais (R$: 92.000,00) para o evento e vocês não me pediram nada, por que"?* Falei assim: "*É aí que tá, prefeito. Porque'? Por que a nossa proposta não é chegar para o senhor e achar que o grupo está atrás da prefeitura que a gente quer alguma coisa. Nós não queremos lucro. Nós queremos a nossa liberdade de culto como o senhor ofereceu o seu espaço e a gente fez o que tinha que fazer. Nós não estamos atrás de cesta básica, de isenção de nada. Nós estamos atrás de nossos direitos. E isso o senhor já está nos dando". [repetindo a falo do prefeito acrescenta] "Não, mas a prefeitura está aberta pra vocês"*. *"Prefeito*

> *só agradeço"!* Depois em muito em breve eu fui chamado para fazer parte da Comissão do Negro de Cariacica. Deram uma cadeira para as Matrizes Africanas. Eu fui lá receber também homenagem dele. Receber o certificado. Hoje eu sou até vice-presidente também da Comissão do Negro *[CONEGRO]*. Eu faço parte também de toda estrutura desse Conselho. (Pai Sandro, Idem).

Sobre o período que compreendeu a articulação do seminário e o surgimento do FOMAC, Pai Sandro narra seu ingresso no ambiente político a partir de dois planos de intervenção importantes. O primeiro deles é a agência da SEPPIR no plano da municipalidade, mediante palestras e reuniões sobre a agenda da promoção da Igualdade racial e o segundo se confunde como a própria agência dos sacerdotes nos domínios da participação política e religiosa que ainda estava por se formar.

Segundo Pai Sandro acredita, o seu ingresso no campo político partidário do município de Cariacica dependeu, de certa maneira, de alguns membros da PMC, de sua reputação/prestígio junto aos demais membros dos Terreiros do município e do envolvimento do seu Terreiro em assuntos "políticos", coisa que já havia acontecido com outros sacerdotes.

A marca da institucionalização se fez quando Pai Sandro aceitou realizar um seminário inter-religioso. A sua participação no evento consistiu em "ajudar na preparação de um seminário para a prefeitura" organizado como "*um encontro de dirigentes do governo federal, estadual e municipal. Fizemos um culto ecumênico, onde eu fiz a parte do Babalorixá. Tinha um padre e um pastor de igreja. Cada um fez a sua fala. Sua reza* (Ibid).

O FOMAC é constituído por *pais* e *mães-de-santo* que possuem seus respectivos Terreiros localizados no município de Cariacica/ES[230]. Até o fim do ano de 2014, o Fórum havia conseguido a adesão de 17 Terreiros entre os de Umbanda e de Candomblé residentes no mesmo município, onde se estima que haja mais de 150 *Casas* em funcionamento.

Os principais membros do Fórum na época de sua fundação eram Mãe Anajete Nzaze[231], Babá Aurio de Odé, Pai Sandro de Jagun, Mãe Michelle de

---

[230] Entretanto, na atualidade, eu tenho visto que alguns *filhos-de-santo* participam assiduamente das reuniões e, até mesmo, ocupam algum cargo administrativo no FOMAC. Esses são os casos respectivos da *Ekede* Édna de Odé, a atual secretária do fórum, e da *filha-de-santo* Simone de Yemanjá, que ocupa o atual cargo de tesoureira.

[231] No início de 2015, Mãe Anajete deixa de frequentar as reuniões do FOMAC limitando-se a participar de eventos políticos em que sua presença é solicitada para representar as

Umbanda, Mãe Ivonete de Umbanda, Mãe Vera de *Oyá*, Mãe Leida de *Oxum* e Pai Carlão de *Oyá*.

Somado aos integrantes dos Terreiros, também se encontravam os apoiadores do FOMAC, cujos exercícios na política ficam concentrados a partir da administração pública centrada na PMC e/ou Movimento Negro Capixaba, principalmente a UNEGRO.

Uma semana após a realização do seminário, correu a reunião de fundação do FOMAC no *Ilê Asè Lufan*[232], Terreiro de Candomblé de Nação *Ketu,* onde *Pai Cajá de Oxalufan*[233] é o Babalorixá responsável por conduzir os rituais religiosos. A escolha do Terreiro de *Pai Cajá de Oxalufan* para sediar a reunião de fundação do FOMAC ao invés de outro se justifica, conforme pôde ser percebido na pesquisa, por duas razões. A primeira motivada pelo comportamento amistoso do sacerdote que consegui fazer do seu Terreiro um espaço receptivo e conciliador que, com frequência, é acessado por outros sacerdotes da RMGV em ocasiões de festas e cerimonias religiosas.

A segunda, de certa maneira também engendrada na anterior, está relacionada com a falta percepção de neutralidade conferida a Pai Cajá e estendida ao seu Terreiro pelos demais membros do FOMAC diante das escolhas políticas pessoais dos membros do grupo. Essa percepção contribuiu para disseminar a ideia de “espaço neutro” entre os membros do Fórum na ocasião de escolha do local para sediar a reunião. Mesmo que não tenha surgido de maneira explícita, ainda pesou o fato de que Pai Cajá é um membro do Candomblé Capixaba residente no município e que, em somatória de atribuições, foi iniciado em *Oxalufan*, Divindade do panteão iorubano ligado à promoção da paz entre os demais *Orixás*. Por outro lado, pode-se também atribuir a escolha do Terreiro por acolher os sacerdotes que acenavam para uma maior proeminência no cenário político eleitoral futuro, tal como Pai Sandro, Mãe Vera e Mãe Anajete.

Comunidades de Matrizes Africanas em geral e, especificadamente, a Nação do Candomblé Angola no estado do Espírito Santo.

[232] Casa de força de Oxalá.

[233] Nome de registro: Fábio Vieira dos Santos. Natural de Campos dos Goitacazes (RJ), migrou para o município de Cariacica desde criança e, em 1999, fundou o seu Terreiro de Candomblé localizado na Rua Viana, bairro Vista Linda/Caçaroca, no município de Cariacica (ES).

Participaram da reunião de fundação do FOMAC nesse dia, além de Pai Cajá e a *família-de-santo* do seu Terreiro, Mãe Anajete de Nzaze, Pai Sandro de Jagun, Pai Carlão de *Oyá*, Babá Aurio de Odé, Mãe Ângela de Yemanjá, Mãe Vera de *Oyá*, Mãe Leida de *Oxum*, Ogan Edimar, Mãe Michelle, *Ekede* Edna, Simone de Yemanjá, Adriana da Silva da PMC, entre outros.

O encontro também foi marcado pela distribuição dos cargos entre os sacerdotes, a fim de compor o corpo jurídico responsável pela instituição do FOMAC. Através de eleição direta, na qual apenas os sacerdotes tiveram direito a voto na sessão, a composição eleita para a direção do Fórum ficou da seguinte forma: Presidente Pai Sandro, Vice-presidente Mãe Michelle, Secretária geral *Ekede* Édna, Tesoureira Simone de Yemanjá e, o restante dos sacerdotes presentes assumiram cargos de conselheiros do Fórum.

Na organização da trajetória política do Fórum, Pai Sandro em seu relato destacou a parceria dos sacerdotes mais próximos a ele, utilizando a expressão "estão conosco" para referir-se a eles, o que por sua vez reflete na organização formal do Fórum e nas tensões geradas ao grupo depois de sua criação.

> No dia do Seminário nós resolvemos lançar o Fórum. Teve a proposta de um lançamento e na semana seguinte teve uma reunião na *Casa* de Seu Cajá que é um dos *pais-de-santo* que está conosco e que tem sua *Casa* ali em Vista Linda. Lá, nós resolvemos tirar a mesa jurídica desse Fórum, foi a reunião de Fundação. Aí nesse dia na *Casa* de seu Cajá, que foi *[feita]* uma votação e aí me deram a oportunidade de atuar como presidente do Fórum.
>
> *[…]* Nós tínhamos naquele dia vinte sete pessoas entre *pais*, *mães* e *filhos-de-santo* da *Casa*. Porque até então a gente estava chamando dirigentes. (Pai Sandro, Idem).

Contudo, depois de ocorrida a eleição do FOMAC e os membros eleitos passarem a exercer suas funções junto ao Fórum, a escolha da presidência que antes parecia ser o consenso entre todos, pois além da candidatura de Pai Sandro não haviam inscritos, uma série de tensões foram geradas nos bastidores fazendo com que alguns membros diminuíssem sua frequência de participação às reuniões e atividades ou abandonassem o Fórum.

Com a fundação do FOMAC, foi estabelecido um calendário quinzenal de reuniões entre os seus membros. Inicialmente, as reuniões eram realizadas na sede da PMC em uma pequena sala emprestada aos membros do Fórum.

Com o tempo, cerca de quatro meses depois, elas passaram a ser realizadas nos Terreiros associados ao Fórum. Desta maneira, a cada 15 dias um Terreiro diferente recebia os demais membros da instituição.

A estratégia adotada pelos membros de passar a realizar as reuniões do FOMAC nos Terreiros associados, ao invés da sala cedida na prefeitura, possivelmente foi motivada por três aspectos relevantes. O primeiro refere-se à necessidade de coesão entre os membros associados, tendo em vista as tensões existentes no grupo que tinham como epicentro a concorrência pelo controle do FOMAC. O segundo, diz respeito à busca pela identidade e autonomia do grupo em relação à tendência eminente de partidarização como meio de se manter no campo político municipal. O terceiro aspecto revela-se como uma tática que busca equilibrar as relações de poder entre os diferentes sacerdotes e suas *Casas* ao fundar-se no princípio de circularidade dos membros, replicando, de certa forma, o que já acontece na organização ritual do Candomblé (no *Xirê)* e na vizinhança, onde se encontram as *Casas,* ou seja, a troca ou alternância de ritmos e de dança a partir de uma ordem pré-estabelecida de evocações registradas por meio do culto. Munidos dessa ideia de circularidade, os membros do FOMAC passaram a prática o que imprimiu uma lógica diferenciada ao grupo distinta daquela que os acompanhava desde o início da fundação do Fórum.

A esse propósito, destaca-se a própria visão de mundo dos sacerdotes sobre o que são as relações de poder e como eles podem interferir nelas e, de outro, a própria organização simbólica das *Casas* que tem como base a comensalidade e a reciprocidade que faz “girar a vida” dos Terreiros.

Na próxima seção, serão apresentados os principais agentes sociais responsáveis pelo surgimento do FOMAC, bem como suas trajetórias de vida e histórico de participação no campo político da RMGV.

Tabela 21 - Relação dos delegados do Espírito Santo convocados para participar da III CONAPIR que ocorreu em Brasília no ano de 2013

RELAÇÃO DOS DELEGADOS DA III CONAPIR --- VERSÃO FINAL		
Espírito Santo		
	Nomes dos delegados	**Segmento**
1	Adriana Silva	Poder público
2	Antônio Carlos do Nascimento	Sociedade civil
3	Beatriz Elias da Silva e Souza	Sociedade civil
4	Celita Costa da Silva	Sociedade civil
5	Charlene Bicalho	Poder público
6	Dandara Gaspar Pereira	Sociedade civil
7	Edinéia Cabral da Silva	Sociedade civil
8	Fatima Tolentino	Poder público
9	Gutemberg Evangelista Guedes	Sociedade civil
10	Iracema de Paula de Lima Freitas	Poder público
11	Janete Vilela da Paschoa	Poder público
12	Jonatas Correia Nery	Sociedade civil
13	Leila Souza Santos	Poder público
14	Leonor Franco de Araújo	Poder público
15	Manoel Alves de Oliveira	Poder público
16	Maria da Penha Gaspar Pereira	Sociedade civil
17	Mario Cezar do Nascimento Moreira	Sociedade civil
18	Micheline dos Santos Sobrinho	Sociedade civil
19	Olindina Serafim Nascimento	Sociedade civil
20	Reginaldo Lucas Loureiro	Sociedade civil
21	Renata Marisa Silva da Luz	Poder público
22	Selma dos Santos Dealdina	Poder público
23	Silvana Ribeiro da Silva	Sociedade civil
24	Thalison Almeida da Silva	Sociedade civil
25	Valdeni Andrelino	Poder público
26	Vanda Vieira de Souza	Sociedade civil
27	Welington Barros Nascimento	Sociedade civil
28	Weverton Pereira de Oliveira	Sociedade civil

Figura 2 – Fonte: SEPPIR, 2013.

4.4. A organização do FOMAC

Diferente do momento de seu surgimento, o Fórum em outubro de 2015 era formado por integrantes reunidos em 24 Terreiros associados, entre os de Candomblé e de Umbanda no município de Cariacica/ES. Esse dado informa que em 15 meses de exercício, os membros do FOMAC conseguiram um saldo positivo de no mínimo 7 novos Terreiros associados. Número que, mantendo-se a média indicada anteriormente de 50 membros por cada Terreiro, consiste em uma adesão de 350 pessoas.

Na composição do FOMAC no momento de sua fundação em 2014, segundo a distribuição das *Casas* associadas por modalidade de culto (Candomblé ou Umbanda) e a Nação de pertencimento (para o Candomblé) obedecia ao seguinte ordenamento: 9 *Casas* pertencentes ao Candomblé Ketu, 3 *Casas* pertencentes ao Candomblé Efon e 1 *Casa* pertencente ao Candomblé Angola, que na somatória equivale à 14 *Casas* de Candomblé. Somado ao montante, encontramos mais 4 *Casas* de Umbanda, totalizando ao final 17 *Casas* associadas ao FOMAC. Os dados fornecidos permitem a construção da seguinte tabela:

Tabela 22 - Distribuição dos Terreiros associados ao FOMAC em 2014, de acordo com a modalidade de culto e Nação do Candomblé

Modalidade Afro-religiosa	***Nº de Terreiros***	***Nação do Candomblé***	***Sacerdote***	***Nome do Terreiro***
Candomblé	13 Terreiros	1 Angola	Mãe Anajete de Nzaze	Nzo Ngunzo Nganga Kilumino Nkise Nzaze
		3 Efon	Pai Sandro de Jagun Pai Marcos de *Ogum* Mãe Vera de *Oyá*	Ibaxe Omo Jagun Ibaxe Omim Togun Ayê Ile Axe *Oyá*
		9 Ketu	Pai Carlão de *Oyá* Pai Ari de *Oxum* Babá Aurio de Odé Mãe Leida de *Oxum* Pai Kajá de *Oxalufan* Mãe Neusa de *Oxum* Babá Paulo de Oxoguian Doté Rodrigo de *Omolu*	Ile Ominirá Ile Omo *Oxum* Ile Axe Ofaniré Ile Ase Oxun Ile Axe Lufan Ibase Yaba Bomim Ile Axe Oló Atori Mimo Ile Axé *Omolu (em construção)* Ile Axe Akin Yasaba

			Mãe Adeci de Yemonjá	
Umbanda	4 Terreiros		Mãe Michelle Mãe Ivonete Mãe Osmarina Mãe Jô d'Xango	- Fraternidade Espírita Vovó Catarina. - Casa Oxóssi da Pedra Branca. - Centro Estrela Guia. - Casa Espírita Caridade Luz Divina.

De acordo com a tabela apresentada, um aspecto relevante ainda a ser considerado, refere-se ao fato de que dos 13 sacerdotes indicados como pertencentes ao Candomblé, 10 deles destacam-se por possuírem duplo pertencimento religioso, isto é, praticam tanto os rituais de Umbanda quanto os do Candomblé em seus Terreiros. Entretanto, quando questionados sobre o seu duplo pertencimento religioso, os sacerdotes fazem questão de afirmar apenas o segundo. Ou quando admitem pertencer aos dois, em regime de exceção, os sacerdotes são taxativos em afirmar que as duas práticas rituais ocorrem em cerimônias religiosas distintas e que inexiste ligação entre os rituais em seus Terreiros.

De fato, a dualidade do pertencimento religioso que se liga à maioria dos sacerdotes do Candomblé na RMGV é uma característica relevante que pôde ser percebida no campo de pesquisa. Tomando como base as informações dos três sacerdotes pesquisados, dois deles - Mãe Anajete e Pai Sandro - afirmam possuir duplo pertencimento religioso (Umbanda e Candomblé), enquanto Pai Carlão afirma pertencer apenas ao Candomblé.

A partir do conhecimento da dualidade ritual praticada nos Terreiros, tendo em vista o momento atual em que acontece a construção de alianças e participação dos sacerdotes no campo político do município de Cariacica, a questão que se coloca está relacionada à relevância depositada pelos sacerdotes na filiação ao Candomblé em detrimento de sua outra filiação na Umbanda. Esse fato percebido no campo aponta para a existência de uma hierarquização dos cultos Afro-brasileiros que transcende o espaço do Terreiro afetando a escolha dos sacerdotes "selecionados" para construir alianças no meio político.

A ideia de hierarquização das Religiões Afro-brasileiras empregada no campo de pesquisa que se relaciona com o comportamento dos sacerdotes

nos momentos de negociações no meio político, fundamenta-se nos ideais de pureza e de tradição defendidos por cada um deles.

Sobre a hierarquização das RMAs, Capone (2004) referindo-se ao campo religioso Afro-brasileiro defende a tese de que os ideais de pureza e de tradição vinculados ao Candomblé de tradição Nagô, cujo epicentro religioso é a Bahia em detrimento dos demais encontrados no país, fundamenta-se na diversidade, hibridismo e na bricolagem religiosa. A autora acrescenta ainda, que tais ideários contaram com a ajuda de intelectuais que pautaram seus estudos nos Terreiros de Candomblé da Bahia ao longo do século passado e, por sua vez, veio influenciar o atual "projeto de reafricanização" que ocorre nos Terreiros de todo o país a partir do modelo Nagô.

A tese defendida por Capone (idem) encontra tripla ressonância no campo pesquisado onde pôde ser percebida a proeminência do Candomblé Nagô (*Ketu, Efon*) presente nas relações entre os membros de Terreiros: de modalidades religiosas distintas, de Nações do Candomblé distintas e entre Afros-religiosos e campo político partidário.

A aplicação desse pensamento no campo político de Cariacica atrelado ao pertencimento étnico dos membros dos Terreiros residentes no município resultou na maior propensão dos agentes dos partidos políticos em construir alianças com os brancos dos Terreiros de Candomblé de tradição Nagô em detrimento aos demais sacerdotes negros e a preferência desses últimos em relação aos sacerdotes da Umbanda. Esse fato em parte justifica as alianças construídas entre os políticos da prefeitura e os membros do FOMAC em que Pai Sandro é lançado.

Sobre a dificuldade encontrada pelos membros do FOMAC em ampliar o número de Terreiros associados e a perspectiva de vislumbre almejada com a realização dos projetos em parceria com a PMC, Pai Sandro relatou:

> Eu vejo agora por exemplo, essa proposta da prefeitura de buscar as *Casas* via comissão e o prefeito já disse que vai dar alvará de funcionamento para as dezessete (17) *Casas*. Vai servir de incentivo para os outros levantarem o dedo e quererem fazer parte do Fórum porque isso vai ser divulgado. Porque também, as pessoas hoje não acreditam que o FOMAC é uma verdade. Porque já houve tantos movimentos e eles não chegaram a lugar nenhum. Então, hoje as pessoas tem receio: *"Ah! Eu vou na reunião nada! Eles não vão chegar a lugar nenhum"!* Então, olha só, vai ter o alvará de

> funcionamento que uma comissão será formada, vai vir o CRAS[234] de novo, vem agora o mapeamento das *Casas* que a gente já está divulgando nas *Casas*, inclusive nas lojas de artigos religiosos da Vila Rubim. Então, todos os *Clientes* que são de Cariacica já vão receber o cartãozinho com o endereço do Fórum, endereço de e-mail e contato. Divulgação! Isso no site da prefeitura também é lançado. Se você entrar lá no site da prefeitura tem todas as ações do Fórum. Aí vem também a Ufes com a cartografia social. Então, são quatro situações documentadas que eu acredito que o povo agora vai abrir os olhos e levantar o dedinho sim! Então, quando o mapeamento chegar, eu acredito que a metade já vai está procurando o FOMAC porque estamos ramificando. (Pai Sandro, 20 de março de 2015).

No trecho da entrevista destacado, Pai Sandro aponta como justificativa do lento ritmo das adesões dos membros dos Terreiros ao FOMAC a desconfiança e a falta de credibilidade na nova organização por parte dos afro-religiosos do município. Esses sentimentos radicados na população atual que, segundo os relatos dos entrevistados apresentados nas seções anteriores, se originam a partir dos abusos cometidos pelas federações, associações e organizações similares na RMGV no passado.

Outro aspecto apresentado no trecho destacado se relaciona com o sentimento de otimismo com que os sacerdotes em geral receberam os novos empreendimentos promovidos pelo FOMAC a partir da parceria construída com os agentes políticos de Cariacica. Dessa forma, percebeu-se com a pesquisa que de alguma maneira a ideia de ampliação retida pelo presidente do FOMAC está atualmente atrelado ao apoio da prefeitura. Pois como Pai Sandro observa: *"então quando o mapeamento chegar eu acredito que a metade já vai está procurando o FOMAC"*.

No que diz respeito aos os pré-requisitos necessários para o ingresso dos novos associados, o regimento do FOMAC estabelece que para participar do Fórum basta pertencer a algum Terreiro localizado no município de Cariacica/ES, cujo sacerdote responsável pelo Terreiro também seja sócio da instituição.

Quanto à composição e distribuição de cargos no FOMAC, elas pouco se assemelham ao modo adotado pelas organizações convencionais, uma vez que todos os sacerdotes receberam titulações no Fórum. A composição dos

[234] Centro de Referência de Assistência Social.

cargos em 2014 ficou da seguinte maneira: 1 presidente, 1 vice-presidente, 1 secretario geral, 1 tesoureiro e 16 conselheiros.

Segundo aponta Marshall Sahlins (1997:114), a partir do conceito de indigenização, o que se assiste na realidade é uma intensa dialética de circulação cultural entre o Fórum e os órgãos representantes do Estado na região, na qual as práticas e as ações dos povos tradicionais são reinventadas ganhando novas funções sociais.

Por outro lado, o fato de todos os sacerdotes terem recebido cargo no Fórum indica a dificuldade dos membros dos Terreiros em criar mecanismos de diferenciação com base na questão política, uma vez que no plano da prática religiosa eles se encontram equiparados. Considerando-se esse aspecto peculiar da instituição, verificou-se as constantes negociações que se seguiram nas reuniões do grupo e a fragilidade dos cargos ocupados que sofrem constantes ameaças.

Na seção seguinte será tratada a relação estabelecida entre os membros do FOMAC com as demais associações, formadas pelos afro-religiosos que congregam a RMGV. Para isso foi privilegiado a percepção dos membros do Fórum em relação aos membros das outras instituições.

Tabela 23 - Organização por atribuição dos cargos e filiação religiosa dos membros de Terreiro associados ao FOMAC em 2014

Presidente
Pai Sandro de Jagun (Candomblé Nação Efon)

Vice presidente
Mãe Michelle (Umbanda)

Secretario geral
Ekede Édna (filha-de-santo de Pai Sandro de Jagun)

Tesoureiro
Simone (filha-de-santo de Pai Sandro de Jagun)

Conselheiros
Mãe Anajete (Angola), Pai Carlão (Ketu), Pai Ari (Ketu), Babá Aurio (Ketu), Mãe Leida (Ketu), Pai Kajá (Ketu), Mãe Adeci (Ketu), Mãe Vera (Efon), Mãe Ivonete (Umbanda), Babá Paulo (Ketu), Doté Rodrigo (Ketu), Pai Marcos (Efon), Mãe Osmarina (Umbanda), Mãe Neusa (Ketu), Mãe Jô d'Xango (Umbanda).

4.5. O FOMAC e os Outros

Diferente do amolduramento das associações religiosas formadas por membros das RMAs no passado, que se baseavam na burocratização dos Terreiros por meio das federações, a proposta do Fórum teve como motivações, de um lado, a busca de um modelo de organização horizontalizado que permitisse o menor desnivelamento entre os diferentes sacerdotes que integram o FOMAC, possibilitando, assim, que os interesses dos associados fossem tratados de modo direto sendo dispensada a existência de mediadores, de outro, a inserção na política partidária através constituição de candidaturas próprias.

Corroborando com a ideia inicial expressa, os três agentes da pesquisa concordam também que a opção pela implantação do Fórum, ao invés das convencionadas federações, se justifica pela impropriedade e pelo engessamento das atuais organizações federativas no que tange ao atendimento das demandas dos afro-religiosos na região. Da mesma forma, a opção pela organização do Fórum também está relacionada com a necessidade dos membros de fugir dos sentimentos de desconfiança e negação que recaem sobre as lideranças das antigas federações na RMGV, levando-as ao atual desgaste em que se encontram no meio social.

No entanto, contrário à posição defendida pelos membros do FOMAC, no cenário nacional há organizações federativas que conseguiram modificar o escopo de sua atuação e contemplar uma militância jurídica e política em sua agenda social. Este é o caso da Federação das Religiões Afro-Brasileiras (AFROBRAS) no Rio Grande do Sul, que em sua página no Facebook reúne informações sobre festas, críticas à legislação que inibe a liberdade religiosa, acrescida de informações sobre a agenda política dos Terreiros e programação de seminários, oficinas e palestras.

Contudo, o que é mais comum na literatura é a cópia do sistema político partidário que se organiza em torno do candidato que detém o monopólio político - sempre um não religioso - e seus eleitores que dão a este seus votos para tratar de interesses nem sempre evidenciados como religiosos. A perspectiva aqui analisada busca descrever as condições sociais e políticas que levam um candidato sacerdote a se candidatar, e sua perspectiva de rompimento com uma representação estritamente política.

A ideia de fundar o FOMAC surgiu já em meio à disputa política por quadros da eleição de 2016, como podemos visualizar diante da movimentação política partidária e alianças políticas entre governo federal e os níveis estaduais e municipais que precedeu sua criação, cujas Conferências Nacionais contra o racismo são o maior exemplo disso.

O FOMAC surge de forma providencial no único seminário das Matrizes Africanas realizado em Cariacica/ES, conforme já descrito anteriormente, com objetivos explícitos de buscar o reconhecimento das Religiões Afro-brasileiras e

combater a intolerância religiosa sofrida pelos membros dos Terreiros no município.

Para os agentes pesquisados, o “reconhecimento das Religiões Afro-brasileiras” supera a liberdade de exercício religioso restrita nos Terreiros, estando intimamente implicados com a ampliação dos direitos dos afro-religiosos de exercitar sua religiosidade livremente no espaço público como matas, cachoeiras, lagos, rios e praias constitui parte imprescindível para a reprodução sadia dos rituais religiosos, sem que para isso sofram algum tipo de infortúnio causado por outrem.

Questionado no momento da entrevista sobre o que vinha a ser “reconhecimento das Religiões Afro-brasileiras” e as motivações empregadas nessa frente de luta, Pai Sandro argumenta da seguinte forma:

> É o reconhecimento da religião. A liberdade de culto. Xô preconceito! Por que o evangélico ele pode se trajar de evangélico e o *espírita*[235] não pode usar o seu branco? Não pode usar o seu *fio-de-conta* e seu *pano-de-cabeça*? *[...]* Então, o quê que acontece? O primeiro ato é buscar realmente estrutura para os povos *[de Matrizes Africanas*]. Nós vamos procurar se existe essa lei que proíbe as granjas de ter bicho vivo para vender pra gente. O porquê disso? Para trazer realmente as nossas necessidades para o público em si. Trazer para a mídia! A religião é isso e não posso negar. Porque que eu vou mudar o critério da minha religião? Por quê? Porque que o bicho é proibido de vender? Porque que a gente tem que agir agora clandestinamente? Ter que comprar bicho escondido? Porque que não pode ir ali na cachoeira? Porque que não tem ambiente específico para os povos de Matriz Africana exercitar sua cultura toda? É uma cultura, entende? Então, nós vamos em busca de nossas realizações. Logicamente que muita gente vai contestar, mas estamos nos preparando para isso também. (Pai Sandro, 08 de dezembro de 2015).

Outro aspecto que aparece no relato da entrevista de Pai Sandro que também está relacionado com as motivações que levaram a constituição do FOMAC, diz respeito aos imperativos da lei que proíbe a comercialização e transporte de animais vivos fazendo afetar de maneira em geral todos os

[235] No contexto em que foi utilizado pelo sacerdote serve para designar todos(as) aqueles(as) que comungam da crença nas divindades que organizam os diferentes modalidades de culto praticados nas Religiões Afro-brasileiras.

membros das Religiões Afro-brasileiras na RMGV, principalmente aqueles que estão ligados aos Terreiros de Candomblé e de Umbanda Africanizada[236].

No entanto, essa não é a primeira e nem a única instituição política criada por integrantes de Terreiro que atua na região assinalada. Da mesma maneira que o FOMAC, outras cinco instituições podem ser encontradas atualmente na região em pleno exercício. Grande parte delas inclusive, com mais tempo de existência e melhor posicionadas no campo religioso local do que o Fórum. Estes sãos os casos das federações e do conselho sacerdotal criados no passado.

Contudo, a crise sucessória motivada por migração religiosa e ou morte não são os únicos problemas enfrentados pelas associações que congregam os membros dos Terreiros da região metropolitana na atualidade. Ainda pesam sobre as instituições as alegações feitas pelos membros que integram as comunidades de Terreiro que apontam para o sIlencio e a passividade de seus líderes em relação aos casos de intolerância religiosa ocorrido contra os Afros-religiosos, a ausência de valor legal na emissão de registros e o enriquecimento ilícito por parte de alguns a partir da extorsão de recursos financeiros mediante ameaça ou chantagem emocional dirigida aos associados. Alegações que de forma combinada contribuíram para disseminar o clima de desconfiança e inconformismo entre os membros dos Terreiros, fazendo-se desgastar a imagem das federações na RMGV. A esse respeito Pai Carlão e Pai Sandro em comum acordo relataram:

> As Federações Espíritas são como determinadas instituições religiosas. Verdadeiros caça-níqueis. Você paga certa quantia e recebe um papel que não tem validade jurídica. Põem aquele papel na parede e todo o mês você paga determinado valor. Então as federações elas não estão inseridas com a gente *[FOMAC]* exatamente por esse motivo. Porque a gente vem contra tudo isso. A gente quer a legalidade e as federações não dão legalidade a ninguém. Você é registrado como membro de uma Federação Espírita eu não sei para quê. Elas te dão um papelzinho e uma carteirinha e pronto. Nada mais acontece. *[...]* Outra situação é que as federações não estão gostando muito da nossa evolução porque nós estamos retirando *Clienteс* delas. Porque nós não cobramos nada e elas cobram. Então o Fórum hoje não é bem visto pelas federações exatamente por esse motivo. Porque daqui a pouco todas as *Casas*

[236] A Umbanda Africanizada se diverge da Umbanda Branca pela grande influência do Candomblé presente nos seus rituais, conforme tratando anteriormente no capítulo I dessa dissertação.

> estarão registradas com seu CNPJ[237], com seu estatuto, com suas atas e a Federação vai fazer o quê? Pra que ela serve? (Pai Carlão, 14 de maio de 2015).

> Existem as federações espíritas que impõem situações dentro das *Casas*. Eles cobram taxas anuais para te dar um crachá e um "alvarazinho" de parede. Mas eles não têm credibilidade e não tem, digamos assim, um respaldo. Um suporte dentro da lei. Então o que acontece? As pessoas vão lá, se inscrevem nessas federações e elas não dão retorno nenhum. Então o quê que essas pessoas falam? *"Ah esse grupo [FOMAC] deve ser desses grupos da Federação. Que a gente não chega a lugar nenhum. A gente só gasta dinheiro"*. Porque hoje anualmente uma *Casa* Espírita paga uma Federação dessas que eu não tenho inscrição nenhuma ou vinculo algum, seiscentos e cinquenta reais por ano *[R$: 650,00 ano]*. Pra vim aqui o presidente da Federação, pegar o microfone para vender meias palavras. Depois colocar uma faixa e sair dizendo que você tem direito daquilo e daquilo e daquilo. Mas ele mesmo, por trás dele não tem nenhuma lei que o ampare como pessoa, digamos assim. Dentro do direito de estar exercendo aquela função. Então as pessoas se afastam mesmo! Como eu conheço muita gente que se afastou. *[…]* Quer dizer, a Federação ela não tem esse amparo da prefeitura de dar alvará pra ninguém. A prefeitura é quem dá o alvará de funcionamento para as *Casas*. (Pai Sandro de Jagun, 20 de março de 2015).

Outro aspecto pertinente destacado pelos três entrevistados da pesquisa diz respeito à rivalidade com as Federações em função do aumento da concorrência por filiados, principalmente no município de Cariacica, com o surgimento do FOMAC. Contudo, visto o mesmo caso de outro ângulo, o que de fato está em disputa é o poder de legislar pelos afro-religiosos nas negociações com o as agências do estado distribuídas localmente.

O conflito entre os membros do Fórum com as lideranças das Federações, como pôde ser percebido no campo, acontece de várias formas. As mais comuns estão relacionadas com o silenciamento que, por sua vez, vem acompanhado da não participação de eventos e reuniões promovidos pelo grupo rival, e o ataque indireto por meio de críticas e afrontas.

Durante a realização da pesquisa, pude acompanhar dois casos ocorridos em que a rivalidade entre os dois grupos se fez presente. O primeiro deles refere-se ao evento de lançamento do IDEMAFRI, realizado no dia 23 de maio de 2015, no MUCANE, na capital Vitória/ES. No dia do evento, registrei que não havia nenhum membro de Federação entre os participantes e que as

[237] Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica.

falas dos convidados, todos moradores de Cariacica e partidários do FOMAC, sempre evocavam a necessidade de promoção do Instituto, uma vez que inexistia organização formada por “gente de Terreiro” capaz de levar a cabo as demandas do “povo de axé”. Nesse dia, fizeram uso do microfone Pai Sandro de Jagun, Mãe Vera de Oyá e Pai Ari de Oxum. Todos eles em suas falas retravavam a situação de desamparo em que o *povo-de-santo* se encontrava na RMGV, apontando a necessidade de fortalecimento do grupo a partir da união e do consenso, embasando-se em casos de intolerância experienciados em suas práticas religiosas e no avanço do protestantismo no campo político.

O segundo ocorreu no mesmo espaço do MUCANE, no dia 28 de agosto de 2015, cerca de três meses depois do primeiro. Dessa vez, tratava-se da realização de uma reunião conjunta promovida pelos membros do CONSERMAES e da FESCEAB[238], que foi dirigida a todos os afro-religiosos residentes na RMGV. Cerca de trinta pessoas compareceram ao encontro, sendo que nenhuma delas possuía ligação com o FOMAC ou qualquer outra associação formada por membros de Terreiro na região, exceto as duas promotoras do encontro. Da mesma maneira do encontro dos partidários do FOMAC, a reunião dirigida por Pai Rogério de Iansã trouxe a mesma tônica dirigida para a necessidade de fortalecimento das comunidades formadas pelos afro-religiosos. Em defesa das duas organizações que preside, o sacerdote levantou críticas às demais associações existentes que, segundo ele, negam-se a unir forças no combate à intolerância religiosa e à desmoralização das RMAs orquestradas pelos protestantes.

Sobre a rivalidade entre as Federações e FOMAC no município de Cariacica, Mãe Anajete argumentou:

> A Federação, ela fala que o pessoal não deve ir para o Fórum porque eles vão ser prejudicados. Fala que, se o pessoal for para o Fórum, eles vão perder suas *Casas,* que quando chover, vão botar o povo desabrigado dentro de nossas *Casas,* que a UFES vai pegar o pessoal e quando vier gente de fora, vai usar nossa *Casa* como lugar artístico e mais aquele monte de coisa. Mas você sabe como funciona as federações. Ela não dá direito nenhum e usa desses artifícios para amedrontar o povo e muitos acabam acreditando nisso, principalmente o povo que é mais antigo, que já sofreu muito com a discriminação religiosa. (Mae Anajete, 08 de maio de 2015).

[238] Conforme tratado anteriormente (Idem), Pai Rogério de Iansã é o atual presidente das duas associações que ajudou a fundar.

Por outro lado, sobre as acusações feitas pelos afro-religiosos às Federações, o atual vice-presidente da FESCEAB, Ogan Marcos de Odé[239], admite que algumas lideranças ligadas às Federações cometeram práticas que rivalizam com os interesses coletivos de seu público alvo. Também acrescenta que algumas instituições ainda hoje persistem em não mudar sua conduta e continuam a reproduzir o mesmo modelo do passado. Esse Modelo, que segundo a fala do entrevistado, resume-se em "*encher os bolsos de dinheiro e não fazer nada para o povo-de-santo"* e, com isso, aumenta ainda mais a descrença nas Federações.

Em comum acordo com as alegações feitas pelos três sacerdotes entrevistados na pesquisa, Ogan Marcos de Odé acrescenta que os efeitos desastrosos gerados pelo comportamento leviano dos líderes das federações são de difícil reparação e compactuam igualmente para a disseminação do clima de desconfiança presente em grande parte dos candomblecistas e umbandistas na RMGV.

Quanto à relação entre as federações, o próprio Ogan Marcos de Odé relatou:

> A relação é totalmente torta. Por quê? Vou ser sincero, torta porque infelizmente nossos amigos, eles criaram as federações para o seu bel prazer, exceto a Sociedade Espírita Brasileira (SESBRAS). Será que é esse mesmo o nome dela? Aquela que ficava ali em São Torquato *[Vila Velha/ES]*. Essa, eu me lembro desde criança que chegou a fazer alguma coisa para a comunidade. O resto apenas usou do *povo-de-santo* para ganhar dinheiro. (Ogan Marcos de Odé, 08 de Abril de 2016).

Contudo, conforme pode se perceber no trecho destacado da entrevista de Ogan Marcos de Odé, além do conflito constituído entre a Federação e os membros das comunidades que congregam os Terreiros distribuídos na RMGV, existe também aquele que é concomitantemente reforçado entre as federações que está relacionado com a incapacidade de mobilização dos grupos formados a partir dos Terreiros em prol de um projeto político compartilhado, que atenda às especificidades do *povo-de-santo* na promoção de resultados tangíveis.

[239] Além da vice-presidência na FESCEAB, Ogan Marcos exerce o cargo de presidente do FONSANPOTMA-ES, Vice-presidente do CONSERMAES, representante do Conselho municipal do Negro na Serra/ES, entre outros.

Sobre a dificuldade de mobilizar o *povo-de-santo,* Ogan Marcos justificou:

> Nós estamos tentando um objetivo principal. O objetivo, assim, que é um sonho que eu vou dizer pra você das duas entidades *[que represento]*. É conseguir criar um meio de encontrar, de um encontro periódico pro povo de Terreiro nosso. Porque em São Paulo a gente tem e é isso assim, maravilhoso. Uma vez por mês encontrar o povo de Terreiro, de dois em dois meses, ou o que eles mesmos vão sugerir. Mas nossa dificuldade é que *A* não gosta de *B*, *C* não vai porque *D* foi e nessa a gente vai tentar trazer esse povo para essas reuniões justamente com esse objetivo. Seja ali acolá desse povo de Terreiro do Espírito Santo. Tá difícil da gente conseguir isso. (Ogan Marco de Odé, Idem).

De acordo como o trecho de entrevista evidenciado, Ogan Marcos pautou a insucesso das Federações em mobilizar os membros dos Terreiros na RMGV a partir dos conflitos de ordem interpessoal existentes na relação entre os afro-religiosos. Em nenhum momento da entrevista coloca em questão a o modo com que o líderes das Federações têm buscado criar estratégias para se adaptar às novas demandas presentes na atualidade.

Referindo-se á relação estabelecida entre as Federações e o FOMAC, Ogan Marcos acrescenta:

> É uma pena que as novas instituições sigam esse modelo de integração. A iniciativa do FOMAC é ótima, mas por que se fechar no município de Cariacica? Fiquei sabendo por outras pessoas que também existe o Instituto. Eles também montaram um Instituto. Parabéns! Porque não convidou a gente? Eu não fui convidado! Querem fazer como as outras ao invés de construir junto. É uma pena que pensem assim. (Ogan Marco de Odé, Idem).

Como aparece assinalado na entrevista, o silenciamento do outro e a não comunicação entre as distintas lideranças das associações afro-religiosas competem com o sucesso das organizações no que se refere ao seu alcance nos campos religioso e político na RMGV. Esse comportamento reproduz as relações interpessoais entre sacerdotes, nas quais o Terreiro vizinho é visto como concorrente e não como aliado.

Vimos neste capítulo que o surgimento do FOMAC foi possível devido à ação conjunta de diferentes agentes envolvidos que, a partir do jogo de interesses que de um lado apontava para a atual gestão do prefeito de Cariacica desejosa por ampliar seu eleitorado e, de outro, para os membros

dos Terreiros que perceberam na aproximação com a prefeitura a oportunidade de construírem suas próprias candidaturas. Somado a esse contexto de alianças políticas, ainda encontramos, como pano de fundo utilizado pelos membros dos Terreiros para justificarem sua intervenção no campo político da municipalidade, a inoperância das antigas Federações diante das demandas atuais dos membros das RMAs.

Do conjunto formado pelas seções que integram o capítulo, tentou-se mostrar que o surgimento do FOMAC veio ao encontro a um quadro conjuntural promovido no cenário nacional a partir do governo PT, sendo sua maior contribuição o desenvolvimento das Políticas de Promoção da Igualdade Racial que conseguiu abranger as CTTs e, que na localidade pesquisada esse veículo encontrou respaldo nos interesses dos grupos envolvidos corroborando para o ingresso dos membros dos Terreiros no campo político.

No capítulo seguinte serão apresentadas as realizações que mais se destacaram dos membros do FOMAC ocorridas no período compreendido desde seu surgimento, em março de 2014, até outubro de 2015.

5. O trabalho social de visibilidade do FOMAC: “foi aí que começou a luta”

O Capítulo anterior teve a intenção de tornar conhecida a importância das Federações formadas pelos membros de Terreiro na RMGV no que diz respeito à proteção e a defesa da religiosidade Afro-brasileira; os principais apoiadores do FOMAC; a conjuntura favorável criada no campo político que possibilitaram o surgimento do Fórum; o modo pelo qual os membros dos Terreiros estão organizados a partir da instituição do Fórum; e o conflito instaurado com os membros das demais associações formadas por afro-religiosos na RMGV no que concerne, principalmente, a disputa pelo poder de mediação com o Estado, mediante a construção de um processo de identificação religiosa e, também, política.

O presente capítulo tem como objetivo descrever como as campanhas desenvolvidas pelos membros do FOMAC, em parceria com outras agências na RMGV, constituíram sua agenda política alicerçando-se no combate à intolerância religiosa no município de Cariacica, na busca pelo reconhecimento das RMAs e na valorização da cultura ancestral africana compartilhada entre os membros das CTTs.

Outro objetivo do capítulo foi descrever como os sacerdotes produziram controle mediante a instituição de Fóruns de debates que, embora em muitas ocasiões pareça que não resultem em nenhum fim, mostraram como os mesmos colocaram sob seu controle as ações de agentes políticos profissionais - como os assessores do prefeito, candidatos políticos, e etc. Ou seja, trata-se de descrever como os sacerdotes construíram sua posição social diante as relações de força que o campo político apresenta, investindo seu tempo e sua reputação no desenvolvimento de um espaço social que não é mais aquele de seu ofício religioso, tampouco da representação política no sentido restrito.

O resultado dessa pauta desenvolvida em conjunto com os integrantes FOMAC pôde ser visto através da realização de campanhas distribuídas em diferentes encontros organizados na RMGV, tendo ocorrido sua maioria no município de Cariacica/ES. Dessa forma, durante o período compreendido pela

pesquisa - datado entre o surgimento do FOMAC em março de 2014 até outubro de 2015, os membros do fórum tiveram seu empenho concentrado em sete ações distintas. A primeira delas por uma adesão ao que ficou denominado de “Mapeamento das Casas” e depois as demais que seguiram-se em ramificação à primeira: a elaboração do “Alvará de Funcionamento das Casas”, realização do I e II “Arraiá das Matrizes Africanas”, I Festa de Homenagem a Yemonjá das Matrizes Africanas de Cariacica, I Colóquio das Matrizes Africanas e o Lançamento do IDEMAFRI.

Ambas as campanhas ocorreram no mesmo espaço de tempo da realização da pesquisa e proporcionaram um clima de otimismo e de grande mobilização entre os membros dos Terreiros. De um lado eles encontraram sua motivação no sequenciamento de reuniões realizado com os agentes da municipalidade e, de outro, na relevância conferida as reivindicações das CTTs que puderam ser transformadas em pauta frequente nos encontros.

A seguir passaremos a tratar das campanhas realizadas pelos membros dos Terreiros em parceria com seus apoiadores, nas quais o FOMAC e a PMC puderam ser os principais órgãos subsidiários.

5.1. O Projeto de Mapeamento das Casas: “Eu não quero que seja ‘Alavantú e Anarriê’”

Concebida como magia negra, produção do mal e bastante disseminada pela mídia na sociedade brasileira, o ódio contra a Umbanda e o Candomblé legitimado, aos olhos dos cristãos pela figura de *Exu*, corporifica a verdadeira *guerra religiosa*[240] de evangélicos contras os Afro-brasileiros (PRANDI, 2005, p.96).

Segundo asseguram os entrevistados da pesquisa, a guerra religiosa promovida pelos evangélicos contra os membros dos Terreiros constitui o principal conflito que atinge os afro-religiosos na contemporaneidade. Motivo pelo qual os congregados do FOMAC têm realizado ações no município de

[240] Grifo da pesquisa a partir do texto do autor.

Cariacica com o objetivo de combater à intolerância religiosa. A primeira delas está relacionada com as negociações que visam o mapeamento das *Casas*.

A construção do Projeto de Mapeamento das *Casas* sucedeu uma série de reuniões realizadas entre os membros do FOMAC e os agentes do município. No início de 2014, os encontros aconteceram na sede da prefeitura de Cariacica obedecendo a um calendário quinzenal de reuniões organizado a partir da comissão formada pela gerente da GEPPIR e membros do Fórum. Depois, já no final de 2014, os encontros passaram a ser realizados nos Terreiros, obedecendo a um escalonamento seletivo alternado, no qual a cada reunião um Terreiro diferente servia para o encontro e, assim, procurava-se atender a todos os associados. Nessa segunda fase de articulação nos Terreiros alterou-se também a rotina dos trabalhos, passando os encontros a serem mensais.

Sobre as negociações iniciais com o prefeito, a partir dos trabalhos realizados junto à comissão de fomento ao mapeamento das *Casas*, Pai Sandro relatou:

> Vai vir uma comissão da prefeitura para fazer a visitação às *Casas*. Para obter informações sobre as necessidades das *Casas* e das Comunidades. O prefeito já está montando uma equipe. *[Isso]* foi na minha última reunião com ele. Hoje, o Cad-Único veio aqui atrás da gente porque nós não constamos em dados nenhum. Não existem dados sociais. Hoje, eles querem agrupar dados dos Povos de Matrizes Africanas. Então vamos ser dados. Então o Cad-Único veio, os CRAS... Hoje nós temos o mapeamento solicitado pelo prefeito. Ele quer saber quem são essas *Casas*. Ele está custeando isso. Eu já estive com o coordenador do trabalho. Já tivemos uma reunião porque eu quero conhecer de perto esse trabalho. Na verdade, eu vou participar desse mapeamento. Eu quero estar de perto com a confecção desses documentos porque eu quero que seja feito a verdade. E eu acho que tem que ter uma proposta de como também entrar nessas *Casas*. Essas *Casas* e essas pessoas merecem respeito. Eu não posso achar que isso vai ser uma estrutura de um senso comum, entende? Então tem hoje a proposta da Ufes. A Ufes também está vindo para Cariacica para fazer uma Cartografia Social. Então eu também tenho uma preocupação de como receber a Ufes porque é um documento. Eu não quero que seja “Alavantú e Anarriê”. “Ah, mas você se coloca como o sabe tudo!” Não! Da minha religião eu sei. Da minha religião eu entendo e eu sei defender a mim e ao grupo. (Pai Sandro de Jagun, 20 de março de 2015).

A pesquisa pôde acompanhar as reuniões dos membros do FOMAC ocorridas no período compreendido entre março de 2015 a outubro do mesmo ano. Na somatória foram três encontros realizados, sendo dois deles ordinários

conforme o calendário de encontros pré-estabelecido pelos participantes e, outro, de caráter extraordinário. Esse último realizado no *Ibase Omo Jagun*, Terreiro de Candomblé localizado no bairro Planeta, que Pai Sandro dirige.

Os momentos das reuniões foram importantes, pois a partir deles foi possível conhecer as campanhas desenvolvidas pelos agentes políticos dos Terreiros e também a maneira com que as negociações eram construídas com a agência do Estado representada pela prefeitura do município.

Outro aspecto menos evidente, mas que é bastante relevante no contexto local, é a própria dinâmica da organização da reunião. A maneira pela qual os *sacerdotes* quase ofuscam o abismo que existe entre os campos político profissional dos agentes partidários e religioso caracterizado pelos afazeres dos *zeladores*. Foi de muita valia especialmente observar como alguns *sacerdotes* chamam a si as tarefas de mediador, embaixador, ou como descreveu Bourdieu (1989) "porta-voz", afirmando, por exemplo, que quer "*estar de perto com a confecção desses documentos. Porque eu quero que seja feito a verdade"* (Pai Sandro, 2016).

Quem fala, quando fala ou como emposta a voz são observações que me deram pistas importantes sobre esses pequenos espaços em que são reelaborados as tensões e as relações de poder. Tratou-se de visualizar, durante as reuniões, as maneiras pelas quais os sujeitos buscam angariar mais prestígio por meio da postura de sua voz e dos conhecimentos que tem sobre o assunto, ainda que superficiais. A reunião foi, para mim, um momento de perceber como os *sacerdotes* se movimentam tanto em relação às tensões políticas de Estado, quanto de suas próprias perspectivas religiosas.

A primeira reunião ocorreu no dia 02 de março de 2015 no *Ilé Ónminira Ase Ósumaré*, Terreiro de Pai Carlão que fica localizado no Bairro Vila Independência, Cariacica/ES. Nesse dia participaram do encontro dezoito pessoas incluindo o pesquisador. Na totalidade dos 17 Terreiros associados ao FOMAC na época, apenas 8 - aproximadamente 47% - estavam representados no encontro.

Entre os presentes estavam o Pai Carlão - anfitrião do Terreiro, Pai Sandro de Jagun - presidente do FOMAC, Mãe Anajete de Nzaze, Mãe Leida

de *Oxum*, Mãe Vera de *Oyá*, Mãe Ivonete, Mãe Michelle, Pai Ari da *Oxum* e Adriana da Silva - gerente da GEPPIR no município de Cariacica.

O objetivo do encontro era fazer a adaptação do questionário do Cadastramento Único (CAD-ÚNICO), que comumente é utilizado pela equipe de agentes sociais da prefeitura de Cariacica, às demandas das CTT's para viabilizar a o mapeamento das *Casas*.

Importante destacar também que o projeto de mapeamento foi proposto pela primeira vez na Conferência Intermunicipal realizado na APAE de Cariacica em 2013 – e reforçado no Seminário ocorrido em 2014 na sede da prefeitura - que desde aquela época sinalizava para a aplicação de questionários com o objetivo de criar um banco de dados sobre os membros das CTT's existentes no município em questão. Contudo, o que parece apenas um levantamento censitário, pode conter outros interesses e a constituição de uma disputa política mais ampla se levada em consideração a conjuntura pela corrida eleitoral que se avizinhava em 2016.

Observa-se, desse modo, que o interesse pelo mapeamento se relaciona a dois eventos correlacionados. Em primeiro lugar, à linguagem que tornou a "visibilidade" das RMAs uma das bandeiras dos movimentos que giram em torno das *Casas* atrelado a uma espécie de capital político dos *zeladores*. Tal interesse se prende também, e este é o segundo ponto, ao agenciamento das novas formas de identificação dos povos e comunidades tradicionais a nível nacional e que está pautado pelo reconhecimento das práticas e saberes tradicionais. Neste sentido, o que ficou convencionado em Cariacica como Mapeamento, é uma pálida ideia do que a Comissão Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais pretende quando se refere à Cartografia Social. Essa última é voltada para os modos próprios pelos quais os diferentes grupos estabelecem sua relação com o tempo, o espaço e seus direitos.

Segundo a agente da prefeitura entrevistada, Adriana da Silva, o objetivo do "mapeamento" era primeiro produzir informações sobre os membros dos Terreiros para alimentar o banco de dados da prefeitura e, depois, a partir da coleta, inserir essa população nos programas sociais inscritos junto à Secretaria de Desenvolvimento Social do município, como Bolsa Família, Tarifa social de Energia, Programa Minha Casa Minha Vida e outros.

Pelo que foi detectado, o “mapeamento” proposto pelos agentes políticos da prefeitura de Cariacica estava mais voltado para a realização de uma espécie de censo religioso que tinha como objetivo integrar tais coletivos às políticas públicas do município. Ademais, nota-se que, no período da pesquisa, estava em andamento outro Mapeamento das *Casas* de Candomblé na RMGV, promovido pela UFES, por meio do Projeto Africanidades e com mais afinidade à perspectiva da Cartografia Social.

Quanto à realização do encontro na *Casa* de Pai Carlão, o salão do Terreiro antes projetado para celebrar o culto aos *Orixás*, foi “arrumado” com mesas justapostas umas às outras e colocadas, propositalmente, numa das extremidades do pequeno salão próximo aos atabaques para servir de sede da reunião buscando, assim, melhor acomodar os visitantes. Devido ao atraso de alguns membros e a incerteza do grupo quanto a vinda de outros, a reunião, prevista para as 19 horas, apenas pôde ter seu início quarenta minutos depois do horário previsto. Fato que, por sua vez, proporcionou um breve momento de interação entre os diferentes agentes que compõem a comissão responsável pela elaboração do projeto de mapeamento, ao contribuir para a aproximação de membros de Terreiros distintos e desses com a prefeitura na figura de Adriana da Silva.

Depois de muita troca de cumprimentos e conversa amistosa, a reunião teve seu início. Adriana da Silva foi a primeira a se pronunciar ao grupo, o que à primeira vista causou certo constrangimento à maioria dos presentes, devido à quebra de decoro da agente da prefeitura no que se relaciona ao desrespeito à *hierarquia-do-santo* que engendra e organiza as relações interpessoais nos Terreiros.

Segundo esse código simbólico prescreve, o sacerdote responsável pelo Terreiro é sempre o primeiro a se manifestar em reuniões em sua *Casa*. Também é ele quem determina o horário de início e fim das jornadas de trabalho, sendo comum nesse espaço, em caso de encontros com outros sacerdotes, os visitantes acenarem com olhar para o sacerdote hospedeiro e ele, então, fazer a saudação inaugural e, com seu consentimento, permitir o início do encontro.

Em antecipação a agente da prefeitura agradeceu a Pai Carlão por ter disponibilizado o espaço para o recebimento dos convidados e, logo em seguida, passou a tratar da pauta proposta para a ocasião. O principal ponto levantado foi a necessidade de adequação do questionário empregado no Cad-Único às particularidades do público alvo formados pelos membros de Terreiros a serem mapeados.

A reunião seguiu com a leitura do referido questionário pela agente da prefeitura e o debate entre o grupo nos momentos de discordância dos itens. Pai Sandro e Mãe Leida foram os dois que mais suscitaram o debate em meio às proposições defendidas insistentemente por Adriana, com base no Cad-Único.

O ponto do questionário que mais promoveu debate entre os membros participantes foi a concepção de família trazida no documento oficial - especificamente a composição familiar - que não contempla, segundo os presentes ao encontro, o modelo de família extensa existente no Terreiro que se baseia na crença da descendência comum a partir dos ancestrais africanos.

A contradição apresentada entre as partes foi importante, pois se fez explicitar o posicionamento distinto sobre a questão do mapeamento entre os membros dos Terreiros e a agente da prefeitura. Se de um lado os primeiros almejam por meio do mapeamento o reconhecimento de sua religião e a maior visibilidade para suas *Casas*, de outro, o parecer da representante da prefeitura aponta para a produção de dados técnicos para servir de base a ações de intervenção na área da assistência social.

A reunião também foi marcada pelo conflito entre dois dos sacerdotes presentes na ocasião do encontro. Entre as alegações expostas que ensejaram o conflito foi destacado a saída de um *filho-de-santo* de um Terreiro e sua imediata inserção em outro, desrespeito o ritual de iniciação que o *filho-de-santo* em questão foi submetido no primeiro.

O encontro terminou com um jantar oferecido por Pai Carlão aos convidados, cujo cardápio servido naquela noite foi feijoada acompanhada de suco de goiaba servido gelado.

A segunda reunião do Fórum ocorreu no dia 28 de maio de 2015, quase dois meses depois da anterior, no *Ibase Omó Jagun,* Terreiro de Candomblé onde Pai Sandro é responsável por conduzir os trabalhos religiosos.

O motivo do atraso quanto à realização das reuniões do grupo pôde ser atribuído, conforme foi percebido com a pesquisa, a duas ordens de conflitos que se seguiram após a realização do I Colóquio das Matrizes Africanas, ocorrido no MUCANE, no dia 23 de abril de 2015. A primeira envolvendo os integrantes do FOMAC que, deixando-se influenciar com a repercussão positiva do evento no museu, adotaram um modelo de comportamento mais centrado em si mesmos, desejosos por mais prestígio e autonomia em relação ao grupo. Essa etapa também é marcada pelo momento de maior desmobilização dos membros do Fórum, no qual a formação de subgrupos de consenso e o afastamento de alguns membros do Fórum - como Mãe Anajete, *Dote*[241] Rodrigo de Omolu e outros - constituíram ameaça constante à manutenção do cargo de presidente do Fórum.

A outra variante do conflito envolveu os integrantes do FOMAC que buscavam por autonomia para conduzir as campanhas do Fórum no município e os agentes da prefeitura partidários do atual prefeito que pretendiam arregimentar os membros dos Terreiros através de intervenções feitas no FOMAC fazendo, assim, alicerçar o controle do grupo.

As tensões que derivaram desse período foram percebidas pela pesquisa de várias formas, sendo a mais comum o impedimento de intermediários nas negociações com o prefeito que fundamentou a imposição dos membros do grupo de vedar a participação de pessoas não associadas às reuniões do FOMAC. Outras vieram por meio de ofensas diretas dirigidas a funcionários da prefeitura sob alegação de que eles estavam usando os membros do Fórum para se promoverem diante do prefeito.

No encontro realizado no dia 28 de maio de 2015, estavam presentes, além de Pai Sandro zelador dos Terreiros, Pai Carlão, Mãe Leida, Mãe Vera de *Oyá*, Baba Michelle da Umbanda, Mãe Ivonete da Umbanda, Pai Ari, Baba

[241] O termo *Dote* serve para designar o sacerdote responsável pelo Terreiro de Candomblé de *Nação Jeje*. A denominação tem o mesmo valor que *Babalorixá* nas *Nações Ketu* e *Efon.* O seu correspondente na *Nação Angola* é *Tata*. Contudo, popularmente todos são reconhecidos *como pai-de-santo.*

Aurio, Pai Paulo de *Oxoguian*, Adriana da Silva e alguns *filhos-de-santo* que acompanhavam seus respectivos sacerdotes.

A pauta da reunião foi a mesma da seção anterior que ocorreu na *Casa* de Pai Carlão, isso é, a continuação da leitura do questionário aplicado no Cad-Único seguido do debate com os membros participantes na busca de melhor adequação do documento oficial às demandas dos afro-religiosos que integram as *Casas*.

Dado o momento de iniciar o encontro, o primeiro a se antecipar conduzindo os trabalhos daquela noite foi Pai Sandro. Em sua saudação de abertura cumprimentou a todos os presentes e logo em seguida retomou a leitura do questionário, dando sequência à reunião com normalidade.

O comportamento exibido por Pai Sandro nesse encontro, diferente do ocorrido na reunião anterior em que a agente da prefeitura passou a condução do debate, serviu para demonstrar a crescente busca por autonomia do grupo avesso à tentativa e controle da prefeitura na pessoa de sua representante. Ao mesmo tempo funcionou como meio de reafirmar a hierarquia do Terreiro ou *lei-do-santo* – estendido na ocasião aos membros das demais modalidades das RMAs presentes no encontro – que pressupõem a subjugação das pessoas que não possuem pertencimento religioso ao culto realizado nos Terreiros em detrimento “aos de casa” nesse espaço.

Mediante o andamento do debate na reunião, um ponto central que surgiu no encontro dizia respeito ao despreparo dos funcionários da prefeitura lotados na Secretaria de Desenvolvimento Social, responsável por fazer a aplicação do questionário do Cad-Único, em adentrar as *Casas* para realizar o cadastramento dos membros. Segundo levantado por Mãe Leida de *Oxum* e ratificado pelos demais membros presentes, os profissionais da prefeitura não possuem os atributos necessários que estão embasados no conhecimento trazido pela convivência, no respeito às Religiões Afro-brasileiras e aos seus membros nos Terreiros para efetuarem o mapeamento nas *Casas*, uma vez que o número de evangélicos nesse setor da prefeitura era expressivo.

Outro aspecto que também colocado em destaque na reunião pelos membros do FOMAC se referiu aos déficits a serem promovidos pelo “mapeamento” - ao invés dos benefícios originários suscitados no momento de

seu lançamento – caso se persista a intenção da prefeitura de visitar as *Casas* para fazer o cadastro de modo restritivo aos sacerdotes em negligência aos demais membros da *família-de-santo* do Terreiro.

Em resposta aos questionamentos que surgiram no encontro, já no fechamento da reunião com os membros do Fórum, ficou acertado entre os presentes o agendamento de reuniões com o prefeito e sua equipe técnica a fim de solucioná-los, assegurando, assim, a execução do projeto de mapeamento das *Casas*.

Outra resolução tirada da reunião em comum acordo entre os presentes foi a seleção e a subsequente formação da equipe da prefeitura responsável por aplicar o questionário nas *Casas*. Dessa forma, ficou decidido em ata que os membros do FOMAC teriam autonomia para supervisionar o processo de seleção dos candidatos e, ainda, seriam responsáveis por ministrar o curso de formação da nova equipe no que tange à cultura negra e às RMAs. Além disso, ficou acordado que os agentes do fórum fariam o acompanhamento nos Terreiros.

A agente da prefeitura, por sua vez, concordando com a proposta dos membros do FOMAC, sugeriu uma reunião entre esses juntamente à equipe do Cad-Único, na prefeitura, com o objetivo de esclarecer eventuais dúvidas quanto o questionário a ser empregado no "mapeamento", o que obteve consenso entre o grupo. Depois disso, todos participaram de um lanche coletivo e a reunião foi encerrada.

No próximo encontro realizado, que se seguiu em caráter extraordinário, não trouxe como pauta o "mapeamento das *Casas*", sendo a questão recobrada pelos membros em breves momentos durante a reunião. Ocasiões específicas em que, de forma explicita, os agentes do Fórum declararam livremente sua incerteza quanto a real possibilidade de realização do empreendimento assegurado pela agente da prefeitura.

Até o término da pesquisa de campo, o "mapeamento das *Casas*" não havia se iniciado, ficando, por tanto, sua realização adiada para o início do ano de 2016[242].

[242] O "mapeamento das *Casas*" ocorreu em momento posterior da pesquisa, tendo seu início no dia 05 de abril de 2016 e o seu término no dia 21 de setembro do mesmo ano. O encerramento dos trabalhos de visitação aos Terreiros pelos agentes da prefeitura foi marcado pela

5.2. Elaboração do “Alvará de funcionamento”: a busca do Reconhecimento das *Casas*

Diferente da campanha anterior, a dinâmica adotada para a construção do que se convencionou nomear de “Alvará de funcionamento das *Casas*”, foi desenvolvido a partir de uma comissão excepcional formada pelo prefeito Juninho, membros da Secretaria de Desenvolvimento Social, da GEPPIR e o presidente do FOMAC, Pai Sandro de Jagun.

As reuniões ocorreram, em sua maioria, no gabinete do prefeito. Entretanto duas delas tiveram sua realização no consultório localizado no Parque Moscoso, em Vitória/ES, onde Pai Sandro exerce o ofício de psicólogo.

As reuniões da comissão eram exclusivas aos seus membros e, por esse motivo, as informações referentes às mesmas foram obtidas através dos entrevistados da pesquisa, principalmente Pai Sandro e Adriana da Silva. Isso ocorreu através de alguns encontros esporádicos e duas reuniões do FOMAC em que eles estavam presentes.

A proposta inicial de construção de algum tipo de certificação oficial – ou seja, emitido a partir da prefeitura – a ser utilizada para atestar a existência dos membros das CTTs no município de Cariacica, surgiu atrelada à ideia de “mapeamento das *Casas*” na Conferência Intermunicipal realizada em 2013. O seu principal objetivo era o reconhecimento das *Casas* e o combate à intolerância religiosa a qual os membros das RMAs são vítimas no município.

Com o surgimento do FOMAC, a campanha por reconhecimento ganha repercussão e nova versão entre os membros dos Terreiros associados ao Fórum que, apropriando-se da ideia inicial, a transforma em pauta de reivindicação e alavanca para inserção no campo político.

Nessa transição, a antiga noção de reconhecimento ganha novos atributos ao ser ressignificada pelos membros dos Terreiros, segundo pôde ser percebido com a pesquisa, passando a agir em nome da valorização das CTTs

---

realização de um evento patrocinado pela PMC, no Plenarinho de Campo Grande. Ocasião em que o prefeito em exercício, Bruno Polez do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), esteve presente (pois Juninho estava afastado em virtude da campanha eleitoral) junto aos agentes do Cad-Único que foram responsáveis pelo mapeamento, membros dos Terreiros mapeados e outros. No evento, os sacerdotes receberam carteirinhas de identificação indicando seu pertencimento às CTT’s emitido pela prefeitura.

e das RMAs, no que diz respeito à busca pela seguridade do Estado quanto ao livre exercício religioso no município de Cariacica/ES.

A primeira reunião dos membros do FOMAC ocorreu no *Barracão* de Pai Sandro de Jagun, no dia 4 de setembro de 2015. Compareceram ao encontro nessa noite apenas três sacerdotes associados ao Fórum acompanhados cada qual de um ou mais *filho-de-santo*. Estavam presentes ao encontro, além de Pai Sandro de Jagun, Mãe Ivonete e Babá Aurio de Odé. Na totalidade se reuniram naquela noite dez membros de Terreiro, incluindo o pesquisador. Entre os motivos relatados pelo presidente do FOMAC para justificar a ausência da maior parte dos associados estavam o agendamento emergencial da reunião sem consulta prévia dos envolvidos quanto à sua disponibilidade e o mau tempo que anunciava forte temporal para a noite do encontro.

Devido à falta de quórum, em consulta aos dois membros do FOMAC presentes, Pai Sandro deliberou a não realização da reunião. Em vez disso, resolveu aproveitar o momento para trazer notícias sobre o resultado das reuniões da comissão formada pelo prefeito para elaboração do documento de certificação das *Casas*.

Em seu depoimento aos presentes, Pai Sandro relatou que a comissão já vinha se reunindo antes mesmo do II Arraiá das Matrizes Africanas e que o grupo já havia se reunido três ou quatro vezes para tratar da questão. Relatou também que no último encontro ocorrido no gabinete do prefeito ficou decidido, mediante a aprovação de todos os presentes, que a certificação dos Terreiros será pautada em duas ações distintas. A primeira referente à convocação de plenária na câmara dos vereadores do município para o lançamento da campanha através do “Selo de Intolerância Zero”.

O objetivo do lançamento, segundo apontou Pai Sandro, foi o de causar a sensibilização da população quanto a questão da intolerância religiosa no município e, ao mesmo tempo, pretendia-se criar subsídio na sociedade - através da adesão popular – como forma de substanciar a tomada de decisão do prefeito.

A segunda ação seria o recebimento de carteirinha de identificação pelos sacerdotes - mediante participação prévia no cadastramento do Cad-Único via “mapeamento das *Casas*” – a ser emitido pela prefeitura.

Pai Sandro argumentou que a deliberação por essas ações, a partir dos membros da “comissão excepcional do reconhecimento das *Casas*”, se deveu à inexistência de lei municipal que regulamenta a ação do órgão público quanto à emissão de alvará de funcionamento à instituições religiosas, incluindo os Terreiros.

Em defesa da proposta da prefeitura, Pai Sandro relatou:

> Esse documento é importante porque nós não temos nada que ampare nossa religião e nossas *Casas* aqui no município. Será o primeiro documento emitido pela prefeitura. Nós queremos deixar de ser invisíveis, deixar de ser clandestinos aos olhos do cidadão comum e dos evangélicos, principalmente. E o documento emitido pela prefeitura, ele tem o seu valor. Vai nos ajudar, também, a ter a nossa liberdade contra a intolerância religiosa que sofremos. Isso é apenas o começo e nós não podemos recusar essa ajuda. (Pai Sandro, reunião do FOMAC, 04 de setembro de 2015).

Outro aspecto relevante, que também aparece no relato do sacerdote sobre seu apoio conferido à ação do prefeito, está relacionado com os conflitos com os grupos evangélicos. Dessa forma, o “reconhecimento” das *Casas* e dos sacerdotes vem constituir uma necessidade de defesa - mesmo que efêmera e sem qualquer tipo de garantia concreta – dos membros das RMAs contra os ataques dirigidos pelos evangélicos no município.

Sobre a guerra declarada pelos evangélicos contra os afro-religiosos no município de Cariacica, Mãe Anajete relatou:

> Porque você pode ter certeza, se continuar como esta a força dos evangélicos, o quê que vai acontecer com a gente? Nós vamos perder nosso espaço. [...] É a perseguição! Eles jogam pedra, eles jogam paralelepípedo no meu *Barracão*. Eu jamais vou chegar numa igreja e vou fazer isso! Porque eu acho que o Deus que tem lá tem cá também. (Mãe Anajete, 08 de março de 2016).

5.3. I e II Arraiá das Matrizes Africanas

O Arraiá das Matrizes Africanas compreendeu um festival de quadrilha organizado pelos membros do FOMAC em parceria com agentes da prefeitura. O evento foi realizado nos anos de 2014 e 2015, no pátio ao lado do prédio da

PMC, em culminância às comemorações do aniversário do município que sempre acontece durante o mês de Julho.

A ideia de organizar o Arraiá a partir da temática das RMAs, segundo apontou Pai Sandro, partiu de sua autoria sendo a iniciativa lançada durante a reunião de planejamento do calendário festivo do município que aconteceu em 2014. O encontro de organização do calendário foi na sede da prefeitura e contou com a participação do prefeito Juninho, gestores públicos de várias secretarias e integrantes do FOMAC.

A iniciativa foi aprovada na reunião de planejamento e trouxe como objetivo, conforme apontou Adriana da Silva, garantir a visibilidade dos membros das CTTs dando assim, seguimento à proposta inicial do grupo de combate à intolerância religiosa no município.

Sobre a proposta de realização do Arraiá, Adriana da Silva relatou:

> Nós tivemos dois festivais de quadrilhas em Cariacica. Depois do Seminário[243] foi aí que começou a luta. Passamos a construir a ideia principal naquele primeiro momento, que era dar visibilidade as Matrizes Africanas. Esse era o nosso primeiro objetivo. Então foi daí que nós construímos o I Seminário[244]. A partir do I Seminário veio à proposta das Matrizes Africanas. Aí a gente pensou: *"Qual a próxima ação que vem aí? Quadrilha! Nós estamos no mês de julho... Espera aí! Por que nós não vamos fazer uma quadrilha das Matrizes Africanas? A gente aproveita essas festas temáticas, pensar e inserir né"?* E daí veio à proposta do pessoal do Fórum de fazer no dia da festa do município o Arraiá das Matrizes Africanas. Foi uma proposta do Fórum e o pessoal todo: *"Vamos construir com o Fórum, vamos construir"...* [...] E aí a gente começou a pautar as quadrilhas das Matrizes Africanas e, a partir das quadrilhas, a gente começou a pensar em novas ações. (Adriana da Silva, 25 de novembro de 2015).

Contudo, "aos olhos" do presidente do FOMAC, a importância do Arraiá das Matrizes Africanas não se restringiu apenas ao ato de apresentação do grupo e da organização da feira no dia da festa, pois ela está relacionada à constituição do sentimento de pertencimento dos distintos agentes que compõem as CTTs no município e, ao mesmo tempo, servir de motivação para os afro-religiosos quanto o fortalecimento da instituição do FOMAC junto à

[243] Conferência Intermunicipal realizado em 2013 entre os municípios de Cariacica e Vila Velha.

[244] Seminário que deu origem ao FOMAC realizado em 2014 na sede da prefeitura de Cariacica.

municipalidade no que tange a participação dos membros no campo político local.

O Arraiá das Matrizes Africanas, realizado em sua primeira versão no dia 19 de julho de 2014, ocorreu cerca de três meses depois do surgimento do FOMAC e contou, além do festival de quadrilha em estilo africano organizado com pelos membros do fórum - onde o grupo pôde apresentar-se vestido com roupas do Terreiro -, com feira típica, apresentações de grupos de capoeira e outras atrações culturais.

O segundo Arraiá, que se realizou no dia 18 de julho de 2015, seguindo o mesmo modelo de apresentação do ano anterior, contou com programação mais elaborada, pois na feira de alimentos, no dia da festa, foi posto à venda produtos diversos. Além de comidas temáticas comumente encontradas em eventos de quadrilhas, também se achavam disponíveis pratos típicos da culinária africana presentes nos Terreiros de Candomblé, como por exemplo, Xinxim, Vatapá, Acarajé, Cuscuz, Quindim e outras.

No festival de quadrilhas também pôde ser percebidas alterações em relação ao evento ocorrido no ano anterior. Essas variaram tanto em números de grupos participantes do festival quanto ao incremento de premiações aos finalistas do concurso. As premiações aos grupos participantes seguiram-se com prêmios em dinheiro respeitando o seguinte ordenamento dos jurados: o grupo de maior destaque conquistaria o primeiro lugar e receberia a premiação de R$: 500,00; o segundo e o terceiro, respectivamente, R$: 300,00 e R$: 200,00.

O evento também contou com a participação de grupos de quadrilhas de outros municípios para concorrer aos prêmios do festival. Destaque nesse caso para o grupo formado pelo *Taata Nkise Jerdan de Matamba*[245] e seus *filhos-de-santo* que veio do município da Serra/ES.

Outro aspecto relevante do evento realizado em 2015 foi que todo dinheiro arrecadado pelos membros dos Terreiros, mediante acordo em reunião do Fórum, tinha como objetivo o custeio das dispensas geradas para a

[245] Sacerdote responsável pelo *Nzó Mukíria Matamba*, Terreiro de Candomblé de Nação Angola localizado no município da Serra/ES, fundado em 2012. Além de dirigir o exercício religioso no Terreiro também desenvolve trabalhos artísticos engajados com jovens e adolescentes em situação de risco social por meio da *Companhia de Dança Motumbaxé*.

institucionalização do IDEMAFRI e planejamento das atividades da organização.

Sobre a organização dos dois festivais de quadrilha, Pai Sandro relatou:

> Montamos uma quadrilha com às mulheres todas vestidas de baiana e os meninos vestidos de *Babalorixá*. Tudo custeado por nosso bolso. Nós criamos a situação. Bancamos outras quadrilhas para nos visitar. O prefeito só nos cedeu o espaço ali em Alto Laje. Conseguimos bancar por quê? Porque a gente começou a fazer rifa, almoço de confraternização para arrecadar fundos pro evento. (Pai Sandro de Jagun, 20 de março de 2015).

5.4. I Festa de Yemanjá de Cariacica

Outro evento também organizado pelos membros do FOMAC, voltada para a agenda política no município, diz respeito a I Festa de Yemanjá realizada no dia 02 de fevereiro de 2015. Diferente dos grupos tradicionais de Terreiros residentes nos munícipios vizinhos que todos os anos nessa mesma data promovem a Festa de Yemanjá em pontos planejados de sua orla, em Cariacica nunca havia se realizado as comemorações.

Participaram da homenagem à Yemanjá em Cariacica nesse ano cerca de 50 pessoas, entre eles membros dos Terreiros do município, agentes da prefeitura, *Clientes* e amigos dos sacerdotes.

A ideia da realização da Festa de Yemanjá no próprio município vai ao encontro a uma antiga demanda dos membros dos Terreiros de Cariacica que desde o passado vem buscando meios para prestar homenagens à divindade ligada ao elemento água na própria região onde residem.

Durante conversa informal realizada em seu Terreiro antes da entrevista que se seguiu no dia 20 de março de 2015, Pai Sandro relatou as dificuldades encontradas pelos afro-religiosos em realizar sua prática nos espaços públicos no município. Isso devido, entre outros motivos apontados, à inexistência de estrutura básica para acolher o público em Cariacica e a dificuldade encontrada para acessar os espaços dos municípios vizinhos, o que, por sua vez, tem

trazido consequências trágicas às RMAs, como a não realização de determinados rituais, a exemplo dos *Balaios de Yemanjá*[246].

> Os membros dos Terreiros nunca havia tido um momento como este em Cariacica. Sempre que se chegava à data de prestar homenagem à *Yemanjá* nós tínhamos de nos dirigir para os municípios próximos que tem praia com aquele monte de coisas, ou então fazer os balaios no Terreiro mesmo e entregar depois da data no mar. Isso geralmente no fim de semana. Mas olha, era uma trabalheira danada sair daquí de Cariacica com aquele monte de gente, tudo mundo vestido de branco e as mulheres montadas de baiana, de pano na cabeça, aquele monte de coisa que a gente leva e pegar um ônibus no terminal. Era impossível! Tínhamos que fretar uma van ou ônibus para levar os balaios e deixar para se arrumar lá no local. Muitos Pais e Mães-de-santo que eu conheço preferiram deixar até de fazer os *balaios*. E isso é muito ruim porque na verdade a gente está perdendo cada vez mais um pouco de nossa cultura que é ancestral. (Conversa informal realizada com Pai Sandro no dia 20 de março de 2015).

Para além dos aspectos apresentados pelo sacerdote no trecho de entrevista anterior, ele acrescenta que, entre os principais impedimentos para a festa ser realizada em Cariacica, segundo apontou o presidente do FOMAC, estavam a inexistência de orla marítima no município como dificultador natural, a desmobilização coletiva dos membros dos Terreiros em buscar solução para a questão e, por fim, o distanciamento entre esses com os políticos da prefeitura, o que, por sua vez, inviabilizava por completo a realização do projeto da festa.

A I festa de Yemanjá realizada em Cariacica por intermédio dos membros do FOMAC que aconteceu em 2015 no espaço cedido pela prefeitura localizado no bairro Porto de Santana, próximo à margem esquerda do Rio Santa Maria[247], foi antecedida por reuniões de negociação com o próprio prefeito do município e sua equipe de gestores. Segundo indicado pelos entrevistados da pesquisa, a realização da festa de Yemanjá, em conjunto com o Arraiá das Matrizes Africanas tratado na seção anterior, são ações específicas complementares que estão engendradas ao projeto político de

---

[246] Entrega de presentes a divindade do culto Afro-brasileiro. *Yemonjá* como é reconhecida nos Terreiros de Candomblé de Tradição Yorubana é comumente relacionada ao elemento água, ao equilíbrio das emoções humanas, ao dom de discernir entre o certo e o errado, a clara vidência, etc. No Candomblé dos Nagôs (Ketu, Efon e Jeje) responde pela seguinte saudação: *Odò Ìyá!* No Candomblé Angola responde pelo nome de *Kaiá.*

[247] O Rio Santa Maria separa o município de Cariacica da capital Vitória.

maior alcance que busca o reconhecimento das Religiões de Matrizes Africanas e dos membros das CTTs no município.

Sobre o processo de negociação com a agência da municipalidade e as dificuldades encontradas na data para a realização da festa no espaço cedido pela prefeitura, Pai Sandro relatou:

> É uma proposta, assim, que busca o reconhecimento e que tem dado certo. Quer dizer, fizemos a I Festa de Yemanjá em Cariacica no dia 02 de fevereiro deste ano de 2015 e não será a última. A ideia de fazer a festa de Yemanjá, ela começa nessa primeira reunião que tivemos..., assim, aliás, nunca tivemos porta fechada com o prefeito. Todas as nossas solicitações foram atendidas, exceto em nossa festa de Yemanjá, que nós solicitamos a pedido do prefeito o ambiente em si, iluminação e banheiros químicos e que teve algumas falhas. Mas o prefeito já também solicitou ao Fórum que fizesse um documento pra ele tratar dessas situações e buscar o porquê que nós não fomos atendidos. Isso ele já deu atenção. Por que que o grupo do Fórum de Matrizes Africanas não foi atendido cem por cento conforme ele mesmo solicitou? Teve falhas. Se foram humanas ou não vamos saber disso depois. Mas que ele já pediu, ele já veio se retratar e tudo. Por quê? Porque ele já soube que não foi de grande satisfação pra gente. O culto em si foi perfeito, mas nós ficamos no escuro. Nós tivemos que ascender os faróis dos carros. Na hora de entregar o balaio nas águas já estava todo mundo no escuro. E não tivemos a distribuição da água conforme ele tinha solicitado a CESAN[248]. Ficamos sem água pra beber mesmo. Os banheiros químicos chegaram na hora do evento. A limpeza pública, conforme ele solicitou do ambiente, não foi feita. Nós estávamos no meio do lixo. Mas mesmo assim fizemos a festa. Pelo contrário, até a nossa sujeira, porque a gente levou peixada pra distribuir com arroz e etc, até a nossa sujeira - pratinhos e garfos descartáveis - nós não deixamos lá no local. A gente levou sacola pra recolher e deixamos vários sacos fechado. Quer dizer, pegamos um ambiente sujo e entregamos limpo. Entregamos limpo. Essa é a proposta. Mostrar clareza, respeito, educação ao ambiente e às pessoas. (Pai Sandro, 08 de dezembro de 2015).

[248] Companhia Espírito Santense de Saneamento.

5.5. I Colóquio das Matrizes Africanas de Cariacica

> Tudo parecia correr bem naquela manhã de outono. O MUCANE [249] mais parecia um Terreiro de Candomblé em dia de festa, pois tamanha era a euforia e a movimentação de pessoas paramentadas com *roupa-de-santo*[250]. Gente dos mais diferentes status sociais reunidos com o propósito de reafirmar seu prestígio perante do grupo. Entre os presentes encontravam-se os membros do FOMAC, do Conselho Municipal do Negro de Cariacica (CONEGRO), integrantes da UNEGRO-ES, funcionários públicos de varias instâncias (PMV[251], PMC, NEAB-UFES, SEPPIR), agentes do Sistema Único de Saúde (SUS) e *macumbeiros* em geral instalados na região. Antes mesmo de chegar ao museu, de longe era possível perceber o entra e sai de pessoas na portaria. Todos bem trajados pareciam aguardar ansiosos pelo início dos trabalhos. Os umbandistas, mais tímidos e retraídos, em sua maioria, aguardavam pelo início do Colóquio acomodados no auditório, enquanto que os membros do Candomblé, mais acostumados com a "festa", exibiam com requinte suas indumentárias luxuosas com delicados arranjos e tecidos bordados em Richelieu. As numerosas e coloridas contas a adornar o pescoço davam-lhes o toque final. De maneira geral, todos se cumprimentavam, arquitetavam estratégias em falas articuladas e posavam para fotos como a um espetáculo. O evento todo se assemelhava a uma grande festa de Terreiro no qual os sacerdotes de maior status social eram sempre os mais visados em suas performances *(Anotações do caderno de campo sobre o Colóquio das Matrizes Africanas realizado no MUCANE em 23 de maio de 2015).*

No sábado, dia 23 de maio de 2015, os membros do FOMAC juntamente aos integrantes da UNEGRO, funcionários das prefeituras municipais de Cariacica e Vitória, do Sindicato dos trabalhadores de saúde ES, membros dos Terreiros e convidados se reuniram no MUCANE para promover o I Colóquio dos Povos e Comunidades de Matrizes Africanas com o tema *"Arte de curar e a arte de cuidar nas Religiões de Matrizes Africanas: o que nos faz o que somos ao nascer é o que herdamos de nossos antepassados".* Cerca de 50 pessoas compareceram ao evento, sendo o público em sua grande maioria formada por membros dos Terreiros de Candomblé e Umbanda do município de Cariacica.

Para promover o debate sobre o tema, o evento teve como palestrante Andrey Roosewelt Lemos (Departamento de Apoio à Gestão Participativa do

---

[249] O Museu Capixaba do Negro fica localizado na Avenida República, na capital Vitória/ES. Parte central da RMGV.

[250] Roupas típicas utilizadas nas dependências do Terreiro. De modo geral, as *Iyabás* (mulheres, mães do Asè) são trajadas de *baiana* (longos vestidos rodados), *camisu* (camisa com renda e manga), *pano da Costa* (espécie de echarpe) e *Ojá* (Torso). Os *Omo* (*filhos-do-Asè,* homens) calça amarrada com cordão e camisa de mangas.

[251] Prefeitura Municipal de Vitória.

Ministério da Saúde); Ubiraci Matilde (Conselheira Nacional de Saúde e Coordenadora do Comitê de Saúde da população negra da BA); Maria Diana Cerqueira Sales (prof.ª e pesquisadora do curso de Farmácia Generalista e orientadora no Curso de Mestrado em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM); e Henriqueta Sacramento (médica especialista em homeopatia e mestranda em Políticas Públicas e Desenvolvimento Sustentável). A coordenação da mesa foi feita pela Prof.ª Heloisa Ivone da Silva Carvalho, diretora de Cultura e Educação da UNEGRO/ES.

Os objetivos principais do Colóquio, segundo pôde ser percebido ao longo de sua programação, estavam relacionados à promoção das CTTs, sendo utilizada para essa finalidade as temáticas do saber medicinal fitoterápico geracional praticado, ainda hoje, pelos afro-religiosos. Além disso, o fortalecimento do debate sobre as políticas públicas voltadas para os membros dos Terreiros existentes na RMGV, em destaque para aquelas que priorizam a questão da saúde dos afro-religiosos.

O Colóquio teve seu início com a execução do hino nacional brasileiro composto de ritmos regionais variados, que foi exibido no auditório com a ajuda de um projetor, seguido da formação de uma mesa de abertura.

Além dos palestrantes convidados para discursar na ocasião do evento, também se apresentaram junto à composição da mesa de abertura Pai Sandro de Jagun (Presidente do FOMAC), Adriana da Silva (Gerente da GEPPIR da prefeitura de Cariacica, Diretora Estadual do Partido PCdoB e Presidente da UNEGRO), Welington Barros do Nascimento (Coordenador do MUCANE e também integrante do UNEGRO) e Ilma Viana (Conselheira do museu e Gerente do Instituto Elimu Professor Cleber Maciel).

Durante sua fala inicial, Pai Sandro de Jagun destacou que não apenas a questão da saúde relativa ao “saber de cura”, proporcionado pelo manuseio do conjunto de ervas empregadas nos Terreiros, deva ser objeto de interesse, pois conforme ele afirmou “*os próprios membros das Religiões Afro-brasileiras*

não encontram seguridade social para exercer sua prática religiosa na região onde moram, trabalham, votam, estudam, rezam e criam suas famílias"[252].

O Coordenador do MUCANE, Wellington Barros do Nascimento, centralizou sua fala nos proventos advindos através da troca de saberes com a população negra em geral que não se limita à questão da saúde preventiva e ressaltou a importância da aquisição de políticas públicas que visam à valorização e a reprodução sadia das práticas e saberes dos Povos de Matrizes Africanas.

A gerente da GEPPIR, Adriana da Silva, por sua vez concebeu a importância do Colóquio como meio de resgatar e valorizar o conhecimento tradicional a partir da promoção de trocas de informações e experiências entre os *sacerdotes,* responsáveis pelo conhecimento tradicional, e os pesquisadores, técnicos, e trabalhadores da saúde. Segundo a mesma destacou:

> *"Nós precisamos nos unir contra todo tipo de discriminação, seja ela de raça, sexo, gênero ou religião. E podemos fazer isso valorizando o conhecimento do nosso povo negro, promovendo eventos como esse que está acontecendo aqui no MUCANE e lutando por políticas públicas..."*. (Trecho retirado do discurso de Adriana da Silva, MUCANE, 23 de maio de 2015).

Após as falas de todos dos componentes da mesa de abertura, deu-se início a exposição dos palestrantes convidados. Nessa ocasião cada um deles, devidamente fundamentados em seus respectivos históricos de afetamento com as CTTs, puderam conduzir seus discursos.

O conceito de afetamento adotado busca a noção empreendida por Marcio Goldmam (2003) que ressalta a necessidade do pesquisador de sair de sua condição própria por meio de uma relação de afeto com o nativo a ponto de promover uma condição outra. Em outras palavras, se metamorfosear com a ajuda do outro.

O primeiro a discursar foi Andrey Roosewelt Lemos, representante do Ministério da Saúde. Em sua fala destacou a carência de políticas públicas e de programas sociais que visam à área da saúde da população negra e dos afro-

[252] Momento final do discurso de Pai Sandro na mesa de abertura do Colóquio que causou grande euforia entre os participantes do evento.

religiosos nos Terreiros. Salientou ainda sua preocupação, enquanto gestor da saúde e integrante de movimentos sociais (Negro e LGBT), a grande incidência de AIDS[253] e HIV[254] entre a população negra e as dificuldades encontradas entre os agentes do SUS em efetuar o acompanhamento devido aos pacientes nas áreas periféricas. Também ressaltou o despreparo dos agentes das unidades de saúde nessas áreas em alcançar os membros dos Terreiros devido, sobre tudo, ao forte preconceito e à discriminação aos praticantes das Religiões Afro-brasileiras.

A Conselheira Nacional de Saúde e Coordenadora do Comitê de Saúde da população negra da Bahia, Ubiraci Matilde, por sua vez reforçou o discurso de Andrey R. Lemos destacando a necessidade de mobilização da população negra na tentativa de pressionar o Estado com o propósito de garantir a seguridade social dos cidadãos. Destacou, também, a relação íntima entre a saúde da população negra e o Estado de bem-estar social ao declarar em plenária, embasado na constituição brasileira, que "*é dever do Estado propiciar a garantia de direitos e a equidade social a todos os brasileiros, independente de raça, cor, sexo, idade ou religião que possam apresentar*".

A Professora e pesquisadora da EMESCAM, Maria Diana Cerqueira Sales, pautou-se em sua experiência obtida junto às CTTs durante a construção de sua tese de doutoramento[255] e no seu trabalho junto aos discentes na unidade de ensino onde atua. Em sua declaração, trouxe à tona ao público a importância das *ervas*[256] e suas múltiplas aplicações nos casos observadas em sua pesquisa. Além da sua manipulação, destacou ainda o saber medicinal fitoterápico que é transmitido entre as gerações nessas comunidades e que, ainda hoje, é recorrência primária em casos de patologias.

Concluiu sua participação apontando possibilidades vislumbres de compartilhamento dessa tradição com a população em geral através de

---

[253] Síndrome da Imunodeficiência Adquirida.

[254] Vírus da imunodeficiência humana.

[255] Intitulada "Avaliação e caracterização de insumos bioativos da aroeira (*schinus terebinthifolius raddi*) com potencial econômico para o desenvolvimento tecnológico de bioprodutos" e apresentada em 2013 ao Programa de Pós-Graduação em Biotecnologia da Rede Nordeste de Biotecnologia (RENORBIO) do Ponto focal Espírito Santo da UFES.

[256] Categoria nativa aplicada a qualquer tipo de planta a ser utilizada no Terreiro.

parcerias a serem construídas entre os membros dos Terreiros e os agentes das Unidades de Saúde (US) em áreas periféricas sob a supervisão do Estado.

Um episódio relevante ocorrido durante o Colóquio que coloca em xeque o estereótipo formado a partir de senso comum sobre os membros das RMAs, diz respeito ao histórico de envolvimento dos palestrantes com o meio. Dos cinco convidados a discursar no Colóquio - todos intelectuais ilustres e ocupantes de elevados cargos públicos - um deles (Andrey Roosewelt Lemos) explicitamente se declarou candomblecista desde vários anos sem ao certo especificar o tempo de sua filiação. Outros dois (Ubiraci Matilde e Maria Diana Cerqueira Sales) mesmo não declarando publicamente suas respectivas filiações religiosas, por inúmeras vezes deixaram transparecer em suas falas a grande empatia para com os Terreiros e seus membros. Ocasiões essas que sempre vinham precedidos por curtos relatos de memória sobre a ligação com os mais sábios do Terreiro.

Após o término das declarações emocionadas dos palestrantes, o otimismo tomou conta do auditório abrindo espaço para a participação do público presente. O primeiro a se antecipar à frente de todos foi Pai Geraldinho Ty Oxum[257] que, apoderando-se do microfone, trouxe aos presentes algumas de suas experiências de cura obtidas através de ervas por intermédio de entidades da Umbanda. Reforçando a importância do emprego das ervas nos Terreiros, concluiu sua fala apontado para a necessidade de preservação e mapeamento dos lugares de extração das ervas, bem como a produção de estudos voltados para os benefícios da medicina fitoterápica utilizada pelos afro-religiosos.

Mãe Vera de Oyá[258] e Pai Ari de Oxum[259] foram os próximos a se manifestarem no auditório do MUCANE. A primeira, além de explicitar sua

[257] José Geraldo das Mercês Junior, natural de Vila Velha/ES, é sacerdote do *Ylè Àse Ìyà Omim Osum Ìjimum* (Nação Ketu) fundado em 2008. Terreiro de culto misto (Umbanda e Candomblé) localizado no Bairro Nova Valverde no município de Cariacica. Apesar de ter participado do seminário de fundação do FOMAC realizado na PMC (2014) apenas em 2015 passou a participar das atividades da instituição. Além de Babalorixá também possui formação superior em Biologia.

[258] Vera Maria Das Dores Calazans, natural de Nazaré das Farinhas (BA), *Iyalorixá* responsável pelo *Ilê Àse Oloroque Omo Oju Oyá* (Nação Efon) fundado em 1970. Terreiro de culto misto (Umbanda e Candomblé) localizado no Bairro Vista Linda, município de Cariacica. No histórico de participação política do sacerdote na RMGV se destacam os cargos de delegada da UNESCAP (década de 1980); Membro da UNEGRO (2004), conselheira do Fórum Capixaba

vivência no Terreiro a partir do manuseio de ervas, lembrou a todos o saber ancestral de cura praticado nos Terreiros por Caboclo e Preto-Velho. Pai Ari de Oxum, por sua vez, endossou a fala da *Iyalorixá* passando a entonar cantigas de Terreiro que retratavam a importância das ervas, e, dançando acompanhado de Mãe Vera, embalou todo o auditório com a sua performance.

Findado as contribuições dos sacerdotes deu-se início ao almoço que foi servido numa outra ala do museu.

5.6. Lançamento do IDEMAFRI

Hino da Umbanda "Bandeira de Oxalá"

Refletiu a luz divina
Com todo seu esplendor
vem do reino de Oxalá
Onde há paz e amor

Luz que refletiu na terra
Luz que refletiu no mar
Luz que veio de Arruanda
Para tudo iluminar

Umbanda é paz e amor
Um mundo cheio de luz
É a força que nos dá vida
e a grandeza nos conduz.

Avante filhos de fé,
Como a nossa lei não há.
Levando ao mundo inteiro
A Bandeira de Oxalá!

Durante o I Colóquio dos Povos e Comunidades de Matrizes Africanas realizado no MUCANE, em 23 de maio de 2015, e dando seguimento ao evento

---

em Defesa da Liberdade e da Tolerância Religiosa de Vitória (2009) e conselheira do FOMAC desde a sua fundação em 2014. Em outubro de 2015, junto de outros membros de Terreiro, filiou-se ao PCdoB de Cariacica com intenção declarada, desde essa época, de vir com candidata do partido no próximo pleito eleitoral.

[259] Ari Pinheiro é natural do Rio de Janeiro e sacerdote responsável pelo *Ilê Asé Omo Oxum* (Nação Ketu). Terreiro Misto (Umbanda e Candomblé) fundado em 1990 que se localiza no Bairro Campo Verde, município de Cariacica/ES. Pai Ari acompanhou o FOMAC desde sua fundação onde ocupa o cargo de Conselheiro (2014).

no período da tarde, os membros dos Terreiros sob a liderança de Pai Sandro de Jagun promoveram o lançamento do IDEMAFRI[260].

Nessa segunda etapa da programação do Colóquio se reuniram no auditório do museu cerca de 25 pessoas. Entre os presentes estavam os Integrantes do FOMAC, os membros dos Terreiros do município de Cariacica ligados ao FOMAC e alguns poucos convidados.

A abertura da sessão posterior ao almoço, diferente da anterior que se iniciou com a execução do hino nacional brasileiro, ocorreu uma sequência de cânticos típicos dos Terreiros Afro-brasileiros. Nessa ocasião Pai Geraldinho Ty Oxum, acompanhado de Mãe Vera de Oyá e Pai Ari da Oxum[261], conduziram a apresentação colocando-se a frente do grupo para entoar várias cantigas da Umbanda e do Candomblé.

A primeira canção a ser entoada foi o hino da Umbanda *"Bandeira de Oxalá"*, o que causou certo constrangimento entre os membros do FOMAC que, em sua maioria, eram integrantes do Candomblé. Esse episódio foi acompanhado por um intenso *fuxico* que, invadindo todo o auditório, fez com que alguns participantes se retirassem retornando apenas ao fim da apresentação. Outros, por sua vez, permaneceram imóveis assistindo a tudo sem se manifestarem em recusa ao envolvente clima de euforia que, motivado pelos cânticos e danças dos três apresentadores, embalava a pequena plateia do museu naquela tarde.

Findado a apresentação do grupo, a agente a GEPPIR, Adriana da Silva, reavendo o microfone, passou a ditar os objetivos programados para os trabalhos do grupo no período da tarde. Conforme ela relatou na ocasião, os objetivos principais do encontro eram o lançamento do IDEMAFRI e a eleição dos membros dos Terreiros para sua composição. Seguido desses dois, outros de importância secundária foram elencados pela representante da prefeitura: a escolha do membro do FOMAC para representar os Povos e Comunidades

---

[260] Na época apresentado ao público como *Instituto Estadual das Matrizes Africanas*. A nomenclatura atual adotada, IDEMAFRI, apenas passa a vigorar depois da construção do seu estatuto, no final de 2015.

[261] Ari Pinheiro é natural do Rio de Janeiro e sacerdote responsável pelo *Ilê Asé Omo Oxum* (Nação Ketu). Terreiro Misto (Umbanda e Candomblé) fundado em 1990 que se localiza no Bairro Campo Verde, município de Cariacica/ES. Pai Ari acompanhou o FOMAC desde sua fundação onde ocupa o cargo de Conselheiro.

Tradicionais de Matrizes Africanas na SEVENB-ES e a divulgação dos detalhes sobre o plano de execução do “Projeto de Mapeamento das *Casas*” no município de Cariacica/ES, previsto para setembro de 2015.

Após a apresentação dos objetivos, Pai Sandro passou a coordenar os trabalhos de lançamento do IDEMAFRI. Em seu relato inicial, o sacerdote procurou destacar a importância do empreendimento do Instituto para o fortalecimento político do grupo no que tange a busca por investimentos públicos que beneficiem às CTTs e atuem no combate à intolerância religiosa sofrida no âmbito estadual.

> Estamos aqui hoje reunidos esta linda tarde de sábado na baia de Vitória para promover o lançamento do Instituto de Desenvolvimento Estadual de Matrizes Africanas. O Instituto se trata de uma organização política de abrangência estadual que junto ao Fórum vai buscar investimento do estado e das prefeituras dos municípios na promoção de políticas públicas e fazendo de fato que elas cheguem até as nossas *Casas*. Seja onde for nós temos esse direito de ser amparados pelo governo! Então, esse é o objetivo principal do Instituto. Para estarmos aqui hoje, para fazer esse lançamento do Instituto, nós seguimos todos os trâmites legais, tudo conforme diz a lei. Um mês antes visitamos o máximo de *Casas* que conseguimos. Até Pai Carlão, Mãe Michelle, Mãe Ivonete e outros membros do Fórum também ajudaram fazer isso. Visitamos as *Casas* e entregamos o convite de convocação a eles para estarem aqui hoje com a gente. As *Casas* que não puderam nos receber, porque estavam fechadas e o responsável ausente, nós colamos o convite nas portas dos Terreiros. O convite também dizia que aqueles que quisessem formar chapas para concorrer à direção do Instituto também poderiam participar do processo, mas ninguém se manifestou. Então, quer dizer, fizemos tudo certinho conforme manda a lei e ninguém quiz. (Pai Sandro, ocasião do lançamento do IDEMAFRI no MUCANE, em 23 de maio de 2015).

Em sequência, Pai Sandro convocou os integrantes da única chapa inscrita e, sob aclamação dos presentes, a mesma foi eleita. A distribuição dos cargos no Instituto ficou da seguinte forma: presidência e vice-presidência a cargo de Pai Carlão e Babá Aurio de Odé respectivamente; 1ª e 2ª secretária Mãe Leida de Oxum e Simone de Yemonjá, *filha-de-santo* de Pai Sandro; 1º e 2º tesoureiro Pai Sandro e Pai Ari da Oxum e, como conselheiros, Ogan Renato (irmão consanguíneo de Mãe Vera de Oyá), Mãe Michelle e outros três que estavam ausentes ao encontro cujos nomes não foram divulgados.

Encerrada a apresentação dos componentes da chapa eleita para atuar no IDEMAFRI, os membros retornaram aos seus acentos na plateia e Pai

Sandro passou a indicação do membro do FOMAC para ocupar cadeira na SEVENB-ES[262] a pedido prévio dos integrantes da referida comissão e depois ao detalhamento do plano de execução do “Projeto de Mapeamento as *Casas*”.

[262] A instalação da SEVENB-ES seguiu os mesmos moldes da Comissão Nacional, sendo composta por advogados da OAB-ES, pesquisadores da temática, membros do Movimento Negro, representantes dos quilombolas e das CTT’s. Entre os objetivos da comissão estavam o resgate histórico da escravidão negra ocorrida no Espírito Santo e a busca por apoio para o incremento de políticas inclusivas no estado, tendo em vista a reparação dos crimes praticados contra a população negra e seus descendentes. O lançamento da SEVENB-ES ocorreu no dia 27 de maio de 2015 e contou com a presença de Pai Carlão e Ogan Renato para representar as CTT’s a nível estadual, a partir da indicação do FOMAC.

6. Considerações Finais

A dissertação propôs descrever os motivos que contribuíram para a mudança de comportamento dos membros dos Terreiros que permitiram o abandono à sua antiga posição privado nos “bastidores” para se lançarem diretamente no campo político institucional.

A alteração do comportamento político dos membros dos Terreiros, segundo a tese desenvolvida na dissertação, foi atribuída ao panorama favorável proporcionado pelo período de governo do Partido dos Trabalhadores (PT), que se estendeu de 2002 até o ano de 2016[263], através do desenvolvimento das Políticas de Promoção da Igualdade Racial que engendrou a elaboração da Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais.

O conjunto de políticas públicas nacionais pôde ser capitaneado na municipalidade por meio de realizações de Conferências, Seminários, reuniões e etc que, subsidiados de um lado pela ação de políticos profissionais - que buscavam arregimentar novos membros representativos na sociedade - e, de outro, pelos sacerdotes - que tinham como objeto de interesse o controle das posições políticas no campo afro-religioso local no que tange às representações civis -, conseguiu promover o “chamamento” dos afro-religiosos para a ocupação do campo político na região, tendo como marco inicial o surgimento do FOMAC.

Procurou-se evidenciar que o Candomblé é uma religião complexa e engendrada na *hierarquia-do-santo*, a qual organiza as relações entre os membros dos Terreiros tanto “para dentro” quanto “para fora” do grupo afro-religioso. Dessa forma, ela também se mostrou presente no FOMAC, incorporada no membro afetado, e nas ações realizadas pelos agentes dos Terreiros, aos quais encontram no campo a figura do sacerdote como pilar de continuidade desse seu universo simbólico compartilhado.

[263] O período de governo do PT teve o seu início com a eleição do presidente Lula em 2002 e o seu término em 2016 como o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que foi reeleita em 2014.

Vimos que, paralelo às trajetórias religiosas descritas a partir dos sacerdotes entrevistados pela pesquisa, também se encontra o histórico de participação no campo politico, cujo efeito direto do surgimento do FOMAC pôde ser sentido com a intensificação do segundo a partir de 2014.

Sobre a organização do FOMAC, procurou-se destacar a forma com que os afro-religiosos perceberam o momento conjuntural em que estavam inseridos na contemporaneidade no que se refere aos campos afro-religioso e político que serviram de base para a institucionalização do Fórum, bem como, a partir desse, a realização de eventos e ações na RMGV.

Retomando a questão central, os motivos que conduziram os membros dos Terreiros a buscarem suas próprias candidaturas ao invés de eleger um candidato não pertencente à CTTs para apoiá-lo, como era no passado, a pesquisa identificou alguns aspectos que somados conferiram êxito à ação dos sacerdotes no município de Cariacica/ES.

O primeiro deles está relacionado com a criação de uma legislação de amparo específica para os Povos e Comunidades Tradicionais no cenário nacional que também pôde sentida nos planos estadual e municipal, as quais os membros dos Terreiros conseguiram acessar através do FOMAC e da aproximação com políticos profissionais da região.

Outro aspecto que também contribuiu para a inserção dos membros dos Terreiros nos campos político institucional e partidário está relacionado com o aumento do número de candidatos evangélicos eleitos nas últimas eleições, contribuindo diretamente para o fortalecimento de sua bancada política que, no município pesquisado, segundo os sacerdotes relataram durante as entrevistas, tem contribuído para o acirramento o conflito entre protestantes e afro-religiosos percebidos, por sua vez, na morosidade ou recusa em atender as demandas dos membros dos Terreiros na região.

Somado ao anterior, os sacerdotes entrevistados também apontaram a inexistência de políticos ligados aos Terreiros que possam fazer frente ao poder da bancada evangélica e à inaptidão dos membros das Federações que, na atualidade, não conseguem cooptar associados em prol dos interesses dos afro-religiosos em sua busca por garantias constitucionais e pelo combate à intolerância religiosa.

Por fim, a subjugação dos membros da CTTs pelos integrantes dos movimentos negros que, utilizando-se de estratégias como a privatização de informações e do acesso aos centros de debate, tem ocasionado o alijamento dos membros dos Terreiros na região pesquisada.

7. Referências

ALMEIDA, Elga Lessa de. A inserção de políticas públicas étnicas para Terreiros de Candomblé na agenda brasileira: os entrecruzamentos entre o global e o local. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Salvador, 2011.

ASAD, Talal. A construção da religião como uma categoria antropológica. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 19, n. 19, p. 263-284, mar. 2010. ISSN 2316-9133. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/44990>. Acesso em: 07 nov. 2016.

BARREIRA, Irlys; FIRMO, B. I. A. A representação como espelho: universo cultural e político das candidaturas populares. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 26, p. 149 – 161,1994.

BARROS, José Flávio Pessoa de. A fogueira de Xangô. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BARTH, Fredrik; LASK, Tomke. O Guru: o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2005.

BATISTA, Milena Xibile. Angola, Jeje e Ketu: memórias e identidades em Casas e Nações de Candomblé na Região Metropolitana da Grande Vitória(ES). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2014.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 183-191.

_____. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAPONE, Stefania. A busca da África no Candomblé: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa: Pallas, 2004.

DAMATTA, Roberto. A Casa e a “Rua”: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro, Guanabara, 1987.

DE SALES JÚNIOR, R.. O Terreiro e a cidade: ancestralidade e territorialidade nas políticas de ação afirmativa. Estudos de Sociologia, Local de publicação 2, jan. 2015. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revsocio/index.php/revista/article/view/391/326>. Acesso em: 07 Nov. 2016.

FELDMAN-BIANCO, Bela; RIBEIRO, Gustavo Lins. Antropologia e poder: contribuições de Eric R. Wolf. Brasília: Ed. da UnB; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Ed. da UNICAMP, 1992.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos: Revista de Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. Revista de Antropologia, São Paulo, USP, 2003, v. 46 nº 2.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia

LEACH, Edmund Ronald. Sistemas políticos da alta Birmânia: um estudo da estrutura social Kachin. São Paulo: EDUSP, 1996.

MACIEL, Cleber. Candomblé e Umbanda no Espírito Santo: Práticas culturais, religiosas, afro-capixabas. Vitória-ES: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné, Melanésia. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. Vol. II. E.P.U/EDUSP: São Paulo, 2003.

Ministério do Desenvolvimento Social. http://mds.gov.br/area-de-imprensa/noticias/2015/maio/cadastro-unico-e-porta-de-entrada-para-20-programas-sociais-do-governo-federal. Acessado em 16 de Agosto de 2016.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo. São Paulo: Edusp, 1996.

ORO, Ari Pedro. Políticos e Religião no Rio Grande do Sul – Brasil. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 7, n.15, p 161 -179, Julho de 2007.

PIERUCCI, A. F. Religião como solvente – uma aula. Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, n.75, p.111-127, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/ n75/a08n75.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2014.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Reencantamento e dessecularização: a propósito do auto-engano em sociologia da religião. Novos Estudos do CEBRAP, n. 49, p. 99-117, nov. 1997.

PRANDI, Reginaldo. As Religiões Afro-brasileiras e seus seguidores. Revista Civitas, Porto Alegre, v,3, nº1, jun. 2003.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos *Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 18ª edição, 2014

PRANDI, Reginaldo. Os segredos guardados – *Orixás* na alma brasileira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. A produção ritual da candidatura política. Cadernos de Campo, São Paulo, n. 23, p. 1-381, 2014.

SAHLINS, M. 1990 [1987] *Ilhas de história,* Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001 [1995] *Como pensam os "nativos",* São Paulo, Edusp.

SAHLINS, Marshal. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção”. In: Mana - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.

SALES, Nívio Ramos. Búzios: a fala dos *Orixás*: caídas, significados, leituras. Rio de Janeiro, Pallas, 2ª edição, 2010.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. Religião e Política no Candomblé, em São Paulo: Debates sobre uma problemática histórica e um discurso político. XI Simpósio Nacional da Associação Brasileira de História das Religiões – “Sociabilidades Religiosas: mitos ritos e identidades”; Goiania, maio de 2009.

SANTOS, Juana Elbein dos. Os nago e a morte: Pade Asese e o culto Egun na Bahia. 4. ed. - Petropolis: Vozes, 1986.

SAYAD, Abdelmalek. A Imigração. Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

SODRÉ, Muniz. O Terreiro e a Cidade – A forma social negro-brasileiro. Petrópolis, RJ. Ed Vozes Ltda. 1988.

VALLADO, Armando. Lei do santo: poder e conflito no candomblé. Rio de Janerio: Pallas, 2010.

8. Vocabulário

A

ABASSA: Equivalente a Terreiro.

ABIAN: Pessoa apontada pelo *jogo-de-búzios* para ser iniciada no Candomblé.

ADOXÚS: Aqueles que entram em transe ou incorporam as divindades do Candomblé.

ÀIYÉ: Lugar de morada dos *Orixás*.

AJAGUNÃ: Na mitologia africana refere-se ao guerreiro filho de *Obatalá*. Esse último, um *Oxalá* muito velho.

AKOKO: Importante erva que é utilizada nos Terreiros.

ANCESTRALIDADE: Termo que traduz a crença na continuidade da vida que coloca o presente em íntimo contato com o passado, com projeção para o futuro; Ideia de *"princípio contínuo e inacabado"*.

ANGOLA: Nação do Candomblé. Tradição cultural dos Povos Bantu.

ANGOLA-BANTU: Modalidade ritual específica do Candomblé Angola.

ANOS-DE-SANTO: Tempo de iniciação no Candomblé.

ARRUMAÇÕES: Reformas dos Terreiros. Melhorias na estrutura arquitetônica.

ASÈ: O termo é utilizado para designar a força ou energia que descende dos ancestrais africanos. Ideia de fluxo de energia em movimento.

ASÈ-DA-CASA: A expressão serve para designar o tipo de energia que circula no Terreiro. Essa é determinada a partir da família ritual que descende o Terreiro.

ASÈ OSUMARÊ: Modalidade ritual do Candomblé de Nação Ketu que traz como referência ao *Terreiro de Ósumaré* em Salvador/BA.

ASSENTAMENTO: Objeto sacralizado que serve como representação da divindade.

B

BABÁ: O mesmo que *Babalorixá*. Abreviação do termo.

BABALORIXÁ: Posto masculino mais alto da hierarquia do Terreiro. Corresponde aquele que é responsável pela realização dos rituais no Terreiro de Candomblé *Nagô* (*Ketu*, *Efon* e *Ijexá* etc). Equivalente a sacerdote.

BAIANOS: Divindade cultuada nos Terreiros e presente em várias modalidades das Religiões Afro-brasileiras, sendo mais comum na Umbanda.

BAMIRÊ: Refeição coletiva.

BANHO DE DESCARREGO: No contexto dos Terreiros, tem o mesmo valor que "banho de limpeza" ou "purificação".

BANTU: Referência ao patrimônio cultural transplantado para o Brasil, a partir da diáspora africana nos dois primeiros séculos do regime escravista. Período de predominância dos africanos subsaarianos.

BARRACÃO: Sinônimo de Terreiro, Casa, ou Roça. Lugar de culto às divindades.

BOIADEIRO: Divindade cultuada nos Terreiros e presente em várias modalidades das Religiões Afro-brasileiras, sendo mais comum na Umbanda.

BORI: Ritual de fortalecimento do *Orí* ou cabeça da pessoa para receber o *Asè* ou força proveniente do *Orixá*.

BORI ODU: O mesmo que obrigação de 21 anos no Candomblé de Nação Ketu.

C

CABOCLO: Divindade cultuada nos Terreiros e presente em várias modalidades das Religiões Afro-brasileiras, sendo mais comum na Umbanda. Referência aos grandes índios do passado, ao conhecimento ancestral e a manipulação de ervas para a cura.

CANDOMBLÉ: Religião de origem africana que se formou no Brasil a partir do contexto da diáspora. Também designa o local de culto.

CASA: Sinônimo de Terreiro, Barracão ou Roça. Lugar de culto às divindades.

CATIMBOZEIRO: Uma espécie de Xamã.

CENTRO: O mesmo que Centro Espírita.

CENTRO ESPÍRITA: Sinônimo de Terreiro, Casa, Centro, Tenda, Tenda Espírita ou Roça. Lugar de culto às divindades da Umbanda.

CHEFE DO TERREIRO: Sinônimo de *mãe-de-santo*, zeladora, sacerdotisa quando feminino e pai-de-santo, zelador e sacerdote quando masculino.

CIGANO(A): Divindade cultuada nos Terreiros, presente em várias modalidades das Religiões Afro-brasileiras, sendo mais comum na Umbanda.

CLIENTE: Pessoas que buscam os serviços espirituais oferecidos no Terreiro.

COBRANÇA DE ORIXÁ: O mesmo que obrigações junto às divindades do culto.

CONSULENTE: Pessoas que buscam o Terreiro para fazer consultas ao *jogo de búzios* do sacerdote. Em certa medida pode-se considerar o mesmo que Cliente.

D

DAOMEANOS: Candomblés de Nação Jeje.

DECÁ: Nome da obrigação de sete anos no Candomblé da Nação Ketu.

DONE: Cargo de sacerdotisa do Terreiro de Candomblé da Nação Jeje.

DOTE: Cargo de sacerdote do Terreiro de Candomblé da Nação Jeje.

E

EBÓ: Rituais feitos nos Terreiros.

EBOME: Filhos-de-santo que já passaram pela obrigação de sete anos.

EFON: Nação de Candomblé.

EJÈ: Designação de *sangue*. Também pode significar “confusão” variando para isso o contexto em que o termo é empregado.

EKEDE: Cargo de confiança com atribuições específicas destinados às mulheres do Candomblé que não entram em transe.

ENCRUZILHADA: Referência ao espaço público e a rua. Também serve para designar caminho ou trajetória.

ENTIDADE: Sinônimo de divindades.

ESOTÉRICO: Pessoa que pratica a doutrina da “comunhão do pensamento”, ou seja, a ligação com os astros.

ESOTERISTA: Sinônimo de Esotérico.

EXU: Divindade cultuada pelos membros das religiões Afro-brasileiras relacionada ao espaço da rua e a atividade de comunicação.

F

FAMÍLIA-DE-SANTO: Corpo de iniciados membros do Terreiro.

FAMÍLIA-DO-ASÈ: O mesmo que *família-de-santo* do Terreiro. Também serve para designar os demais membros das Comunidades de Terreiro.

FAMÍLIA DO ILE ASÈ: Corpo de iniciados de determinado Terreiro.

FAZER DESPACHO: O mesmo que entregar oferendas.

FEITICEIRO: Aquele(a) que possui o conhecimento ou os fundamentos necessários para interceder na vida de outrem.

FEITIÇO: Poder de intervenção, popularmente conhecido como "magia".

FEITURA-DE-SANTO: Ritual de iniciação no Candomblé. Admite como sinônimos as expressões: *fazer-o-santo*, *raspar-a-cabeça* e outros.

FILHO-DO-ASÈ: Sinônimo de *filho-de-santo.*

FILHO-DE-SANTO: Membro do Terreiro.

FUXICO: Importante instrumento de comunicação empregado pelos membros dos Terreiros que, segundo a pesquisa, pode ser equiparado como um catalisador social com poder de promover alteração nas relações pessoais na *família-de-santo*. Está relacionado com as campanhas contestatórias, fofocas e informações contrárias.

G

GIRA: Sessão de culto. Também serve para designar a formação circular formada pelos membros na ocasião das celebrações nos Terreiros.

GONGÁ: Sinônimo de Terreiro, Casa, Tenda Espírita ou Roça. Lugar de culto às divindades. Termo específico utilizado pelos umbandistas. Também serve para designar o Altar sagrado (mesa onde ficam as imagens) na Casa de Umbanda.

H

HIERARQUIA-DO-SANTO: Conjunto de normas e códigos de conduta que regulamenta e organiza o convívio social nos Terreiros de Candomblé.

I

IANSÃ: Iansã, Matamba ou *Oyá* são denominações distintas que servem para indicar a divindade conhecida como a "Dona dos Raios e dos Ventos" responsável pelo movimento e transformação dos seres vivos. Comumente tem sua figura assimilada ao búfalo.

IBÁS-DE-SANTO: Assentamentos e estátuas para representação das divindades religiosas.

IBASE: Sinônimo de Terreiro, Barracão ou Roça. Lugar de culto às divindades.

IDADE-DE-SANTO: Refere ao tempo de iniciação no Candomblé.

IJEXÁ: Nação de Candomblé.

ILÁ: Som que o *filho-de-santo* emite no momento inicial do transe. Corresponde ao "grito de guerra dos *Orixás*".

ILE: Tanto pode indicar casa ou morada como local de realização de culto. Nesse último caso, similar a Terreiro, Barracão, Roça ou Casa.

ILE ASÈ: Expressão iorubana equivalente a Terreiro, Barracão, Roça ou Casa de culto.

INCORPORAR: Entrar em transe ficando sob a influência de alguma divindade.

IRMÃO-DE-SANTO: Filhos-de-santo membros de um mesmo Terreiro.

ITAN: Histórias africanas comumente reproduzidas nos Terreiros que dizem respeito aos feitos dos *Orixás*.

IYABÁS: Faz referência às mulheres do Asè, às divindades femininas.

IYALORIXÁ: Cargo de sacerdotisa do terreiro de Candomblé Nagô (*Ketu, Efon* e *Ijexá*).

IYÁS: Abreviação de *Iyalorixá.* Também pode designar *"mãe".*

J

JAGUN: Divindade do Candomblé ligado a terra e a cura de doenças. Qualidade do *Orixá Omolu.*

JEJE: Nação do Candomblé ligada aos *Voduns*.

JOGO-DE-BÚZIOS: Instrumento de comunicação com as divindades do culto utilizado pelos sacerdotes nos Terreiros de Candomblé.

K

KETU: Nação do Candomblé. Também pode se referir à cidade africana.

KITEMBO: Divindade do Candomblé Angola. Também conhecido como *Nkise* rei da Angola.

L

LEI-DO-SANTO: Sinônimo de hierarquia do Terreiro.

LOGUN-EDÉ: Divindade do Candomblé ligado a *Oxóssi* e a *Oxum*.

M

MACUMBEIRO: Nomenclatura genérica que reúne todos os praticantes das Religiões de Matrizes Africanas ou Afro-brasileiras.

MÃE-DE-SANTO: Denominação usual de *Iyalorixá*.

MARUJO: Divindade presente na Umbanda.

MATAMBA: Correspondente a Iansã ou *Oyá* nas Religiões Afro-brasileiras. Divindade ligada aos Raios e aos Ventos. Comumente tem sua figura assimilada ao búfalo.

MOTUMBÁ: Saudação do Candomblé *Ketu* e *Efon*. Relativo a "pedir à benção" aos mais *velhos-de-santo*.

MUZENZA: Designação dada aos recém-iniciados no Candomblé Angola. Equiparado aos Yaôs no Candomblé Nagô.

N

NENGUA: Corresponde a *mãe-de-santo* no Terreiro de Candomblé Angola.

NKISE: Divindade do Candomblé Angola. Equivalente aos *Orixás* no Candomblé Nagô.

NZAZE: Divindade do Candomblé Angola. Nkise ligado ao elemento fogo e a justiça.

NZO: O mesmo que Terreiro, Barracão ou Casa. Usado pelos membros do Candomblé Angola para designar o lugar onde se realizam aos rituais.

O

OBÁ: Divindade do Candomblé ligada à água turbulenta, ao fogo e a guerra. Também é considerada como a esposa de Xangô – divindade do trovão.

OBRIGAÇÃO-DE-SANTO: Rituais para as divindades.

ODÉ: *Orixá* ligado à fartura, as matas e a caça. Também conhecido como Oxóssi.

ODU: Mapa astral de uma pessoa. No Candomblé tem referencia ao caminho ou destino traçado para cada *filho-de-santo*.

ODU EJÉ: Nome da obrigação de sete anos no Candomblé da Nação Ketu.

ODU ETÁ: Nome da obrigação de três anos no Candomblé da Nação Ketu.

ODU IKÁ: Nome de obrigação de quatorze anos no Candomblé da Nação Ketu.

ODU MERILÁ: Nome da obrigação de sete anos no Candomblé da Nação Efon.

OFERENDA: Equivalente a presente. Geralmente são ofertados alimentos às divindades.

OGAN: Cargo de confiança com atribuições específicas destinados aos homens do Candomblé que não entram em transe.

OGUM: Divindade do Candomblé ligado a "guerra" e a "abertura de caminhos".

OLODUMARE: Divindade suprema do Candomblé Yorubano. "O senhor de tudo".

OMOLOCÓ: Terreiro misto em que as práticas rituais da Umbanda se juntam ao do Candomblé.

OMOLU: Divindade do Candomblé ligado ao elemento terra e ao poder da cura.

OMORUNCÓ: Nome ritual recebido no Terreiro de Candomblé.

ORI: Relativo à cabeça.

ORIXÁ: Divindade do Candomblé de Tradição Yorubana (*Ketu, Efon e Ijexá*).

ORIXÁ DE CABEÇA: Divindade na qual o filho-de-santo foi iniciado no Candomblé. O mesmo que Orixá de frente.

OSSAIN: Orixá ligado ao saber das ervas.

OXOGUIÃ: Orixá ligado ao elemento ar. Na mitologia Yorubana é representado pelo jovem guerreiro filho de *Oxolufã,* o patrono da paz.

OXÓSSI: Assim como *Odé*, Orixá ligado à fartura, as matas e a caça.

OXUM: Divindade do Candomblé ligada aos rios. No Candomblé Ketu recebe os títulos de *"Senhora dos encantos"* e *"Rainha do Reino dos Pássaros".*

OYÁ: Correspondente a *Iansã* ou *Matamba* nas Religiões Afro-brasileiras. Divindade ligada aos Raios e aos Ventos.

P

PAI-DE-SANTO: Termo popular empregado para designar o sacerdote do Candomblé. Equivalente a *Babalorixá* (Ketu), *Taatá* (Angola) ou *Doté* (Vodun).

PERÍODO DE FUNÇÃO: Período de tempo em que dos membros do Terreiro e reúnem para preparar os rituais e as festas púbicas.

POMBAGIRA: Divindade cultuada nos Terreiros ligados à rua. Correspondente feminino de *Exu*.

POVO-DE-SANTO: Referência ao conjunto dos membros das Comunidades Tradicionais de Terreiro (CCTs) residentes em dada região.

PRETO VELHO: Divindade cultuada nos Terreiros, presente em várias modalidades das Religiões Afro-brasileiras, sendo mais comum na Umbanda. Referência aos anciões, ao saber ancestral.

Q

QUALIDADE DE ORIXÁ: Referente ao tipo específico de divindade.

QUIMBANDA: Umbanda com grande influência do Candomblé. Também recebe a denominação de Umbanda Africanizada.

R

RAIZ-DO-ASÈ: Tronco originário, descendência, *família-de-santo* de pertencimento.

ROÇA: Sinônimo de Terreiro, Casa ou Barracão. Lugar de culto às divindades.

RODA: Sessão de culto. Também serve para designar a formação circular formada pelos membros na ocasião das celebrações nos Terreiros.

T

TEMPO-DE-SANTO: Tempo de iniciação no Candomblé contabilizado em anos e ou número de obrigações realizadas no Terreiro.

TENDA: Relativo à Tenda Espírita.

TENDA ESPÍRITA: Sinônimo de Terreiro, Casa, Centro, Centro Espírita. Termo comumente utilizado por membros da Umbanda.

TERREIRO: Sinônimo de Casa, Barracão ou Roça. Lugar de culto às divindades.

TERREIRO DE CANDOMBLÉ: Lugar de culto às divindades do Candomblé (*Orixás, Nkises e Voduns*).

TRABALHOS ESPIRITUAIS: Relacionado com os serviços religiosos prestados pelos sacerdotes como a consulta ao jogo de búzios, a realização de *Ebó* e *Bori*.

TRADIÇÃO YORUBA: Patrimônio simbólico ensinado nos Terreiros Nagôs.

U

UMBANDA: Reconhecida como a “religião brasileira” por excelência por se tratar do sincretismo entre as três principais matrizes religiosas existentes no Brasil: Indígena, Europeia e Africana.

UMBANDA AFRICANIZADA: Umbanda com forte influência do Candomblé. Também denominada de Quimbanda.

UMBANDA BRANCA: Umbanda com grande influência da teologia do Espiritismo kardecista.

V

VELHO-DE-SANTO: Com maior tempo de iniciação no Candomblé.

VODUN: Divindades do Candomblé daomeano (Jeje).

X

XIRÊ: Sessão de culto. Também serve para designar a formação circular formada pelos membros na ocasião das celebrações nos Terreiros.

Y

YAÔ: Refere-se aos iniciados do Candomblé. Também indica aqueles que ainda não completaram o ciclo ritual de sete anos.

YEMANJÁ: Divindade do Candomblé ligada ao elemento água. Seu culto traz grande referência com o mar e os serem que habitam este ambiente. No Candomblé recebe os títulos de “Senhora do Orí”, “Dona da vidência” entre outros.

Z

ZELADOR(A): O mesmo que sacerdote, *pai* ou *mãe-de-santo*.

ZELADORES-DE-ORIXÁ: Sacerdote do Terreiro.

ZELADORES-DE-SANTO: Equivalente a *zelador-de-Orixá*.